

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS  
LIDA CAMPEIRA NOS CAMPOS DOBRADOS DO ALTO CAMAQUÃ



Imagem: Guilherme Santos/Sul21

Volume I  
Apresentação  
Ficha de Identificação Sítio  
Ficha de Identificação Ofícios e Modos de Fazer

Pelotas - 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS:  
LIDA CAMPEIRA NOS CAMPOS DOBRADOS DO ALTO CAMAQUÃ

## **Relatório Final**

- I62 Inventário Nacional de Referências Culturais : lida campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã / coord. Flávia Maria Silva Rieth... [et al.] ; bolsistas Mateus Fernandes da Silva, Leonardo Sapucaia ; consultores Adriano Simon, Marília Floôr Kosby, Daiane Loreto de Vargas – Pelotas : Ed. da UFPel, 2021.  
3 v. : il. color. - Bibliografias. – Diversos colaboradores de instituições do Rio Grande do Sul e IPHAN. Inclui anexos.
- 1.Patrimônio imaterial. 2.INRC. 3.Lida campeira. 4.Pampa.  
I.Rieth, Flávia Maria Silva. II.Silva, Mateus Fernandes da.  
III.Sapucaia, Leonardo. IV.Simon, Adriano. V.Kosby, Marília Floôr.  
VI.Vargas, Daiane Loreto de.

CDD: 305.8098165



## **Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira**

### **Equipe Técnica:**

#### **Coordenação do INRC Lida Campeira**

Profa. Dra. Flávia Maria Silva Rieth (UFPEL) - Doutora em Antropologia Social - UFRGS

#### **Equipe de Pesquisa**

Dr. Daniel Vaz Lima - Doutor em Antropologia - UFPel

Me. Vagner Barreto Rodrigues - Mestre em Antropologia - UFPel

Ma. Miriel Bilhalva Herrmann - Mestra em Antropologia - UFPel

Ma. Andreia Sá Brito (UNIPAMPA) - Mestra em Extensão Rural - UFSM

Dr. Felipe Leindecker Montebianco (UNIPAMPA) - Doutor em Geografia - UFSM

#### **Bolsistas de Iniciação Científica**

Mateus Fernandes da Silva (Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS/2020 e CNPq/2021) - Bacharelado em Antropologia - UFPel

Leonardo Sapucaia (Bolsista de Iniciação Científica UFPel/2020 e FAPERGS/2021) - Bacharelado em Antropologia - UFPel

#### **Consultores**

Dr. Adriano Simon (Consultor em Geografia - UFPEL) - Doutor em Geografia - UNESP

Dra. Marília Floôr Kosby (Consultora em Etnologia Afro-Americana - UFRGS) - Doutora em Antropologia Social - UFRGS

Dra. Daiane Loreto de Vargas (Consultora em Extensão Rural - UFRB) - Doutora em Extensão Rural - UFSM

#### **Colaboradores**

Alberto Rodrigues (Palmas - Bagé), Ana Sonaglio (Emater/RS-Ascar), Andrea Madruga (Fio Farroupilha - Piratini), Berenice Medeiros (Palmas - Bagé), Cristiane Medeiros (Palmas - Bagé), Daiane Loreto de Vargas (UFRB), Débora Lima (Porto Alegre), Demétrio Xavier (Guaíba), Dieder Damé (ACAF - Canguçu), Fabiani Franco (Comunidade Quilombola de Palmas - Bagé), Guilherme Santos (Sul21), Helenito Franco, Igor Vaz, Juliana dos Santos Nunes (PPGAnt - UFPel), Luciene Mourige Barbosa (PPGAnt - UFPel), Márcia Colares (Palmas - Bagé), Marília Floôr Kosby (UFRGS), Mário Witt (Três Estradas - Lavras do Sul), Rafael Torma, Vanda Rosa Peligrinote Tarouco (Piratini), Vera Colares (Palmas - Bagé), Vherá Xunú (Terra Indígena Itapuã - Pindó Mirim)

#### **IPHAN-RS**

Ma. Beatriz Muniz Freire - Mestra em Educação - PUC-RJ

Dr. Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias - Doutor em Antropologia Social - UFRGS



## Sumário

### Volume 1

<b>Apresentação.....</b>	<b>7 - 18</b>
<b>Ficha de Identificação F10: Sítio.....</b>	<b>19 - 86</b>
<b>Ficha de Identificação F60: Ofícios e Modos de Fazer</b>	
N1: Pastoreio de Bovinos.....	87 - 170
N2: Pastoreio de Ovinos.....	171 - 242
N3: Pastoreio de Caprinos.....	243 - 304
N3.1: Pastoreio de Caprinos na Comunidade Quilombola de Palmas.....	305 - 332
N4: Lida Caseira.....	333 - 404
N5: Artesanato em Lã.....	405 - 474









## **Apresentação: Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã (INRC Lida Campeira)**

O presente relatório constitui a finalização do projeto “Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) - Lida Campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã”, que se constituiu como uma extensão do “Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – Lida Campeira na região de Bagé-RS”, submetido ao Iphan no ano de 2013. A extensão é o resultado de articulações com a Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC), iniciadas em 2015. A ADAC é uma rede associações comunitárias, envolvendo cerca de 1500 famílias, distribuídas pelos municípios da parte alta da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, com o objetivo de “apoiar e promover a preservação do patrimônio histórico, do meio ambiente, das culturas étnicas e produtivas do Alto Camaquã” (BORBA, 2016: 207).

O argumento inicial para a extensão do INRC Lida Campeira acompanha a narrativa dos/das interlocutoras/es sobre o Alto Camaquã, nos *campos dobrados* da Serra do Sudeste, considerada uma das regiões mais conservadas do bioma Pampa e, ao mesmo tempo, a “mais pobre” e “atrasada” do Rio Grande do Sul. Tal leitura se dava em função de um histórico de fracassos na implementação dos projetos de desenvolvimento para a inserção do território no sistema-mundo moderno/colonial, sustentados em padronizações exógenas e descontextualizadas (NESKE, 2014; BORBA, 2016). Por conseguinte, o contexto de debate acadêmico e de orientação para elaboração de políticas públicas em que o projeto se inseriu, era de que havia um histórico de negação e de invisibilidade das populações tradicionais – os pecuaristas familiares, as comunidades indígenas, os quilombolas, entre outros – bem como um histórico de pressões econômicas e de exclusão sociopolítica destas populações, por manterem saberes e manejos sustentados mais nas interações inventivas e criativas com os ecossistemas do que na maximização do lucro (EIDT; UDRY, 2019).

O conjunto de Fichas que compõem o relatório – de Identificação do Sítio; de Identificação dos Ofícios e Modos de Fazer; de Contatos; de Questionários; de Registros Audiovisuais e de Bibliografia – propõe identificar, registrar e documentar tal referência cultural, evidenciada na seguinte noção norteadora: “*camperear em campos lisos é diferente de camperear em campos de pedra*”<sup>1</sup>. Esta frase, dita pelos interlocutores nas primeiras experiências em campo, mostra que os saberes pecuários estão diretamente relacionados à diversidade de campos existentes na pampa. Ou seja, uma diversidade não apenas de ecossistemas, mas de sociabilidades entre humanos, bichos e campos, constituídas ao longo de muitas gerações coabitando *no* e *com* os territórios.

Nesse sentido, a diversidade de formações campestres se deu a partir de três categorias construídas junto aos interlocutores e interlocutoras. Assim, tem-se os “*campos limpos*” ou “*lisos*”, que são áreas planas, cujos horizontes compõem-se por pequenas ondulações, chamadas de “*coxilhas*”. Os campos são “limpos” em função do predomínio de uma diversidade de gramíneas; por conseguinte, tem os “*campos banhados*” onde, pela proximidade com o lençol freático, emergem veias d’água, ou tremedais, que vertem na terra formando áreas úmidas; por fim, tem-se os “*campos sujos*” ou “*dobrados*”, que caracterizam o território do Alto Camaquã, um mosaico de campos e matos, marcados por emaranhados de banhados, rios, pedras, peraus íngremes e “*guaritas*”, formações rochosas que se misturam a uma vegetação herbácea e de gramíneas, associada a uma vegetação arbórea de pequeno e de médio porte.

Embora utilize-se a denominação “*campos sujos*”, a noção de sujeira, antes vista como algo depreciativo, ganha um aspecto político da existência de uma riqueza de fauna e de flora conservadas e integradas aos modos de viver e de habitar das populações tradicionais. Tal diversidade de gramíneas e de outras plantas possibilita aos bichos criados no Alto Camaquã, bem como os grupos humanos, um rol de saberes a respeito daqueles que são próprios para

---

<sup>1</sup> Como nos lembra Schlee (2019a), camperear é realizar qualquer atividade de campo na lida com gado. O autor registra, também, campeirear.

consumo, tais como as carquejas e as macelas para “chás” (infusões), e quais não devem comer, tais como a embira-branca (*Daphnopsis brasiliensis*) e o mio mio (*Baccharis coridifolia*), entre outras plantas tóxicas. Por isso que “*não se come as plantas que o gado não come*”. Destacamos, neste sentido, a relação entre o manejo da pecuária e o manejo do campo, que referencia o lugar como uma maternidade da pampa, nascedouro de animais para todos os lugares, justamente pela vida que comporta e pelas aprendizagens que possibilita para os animais e os humanos de reconhecimento do que comer e do que não comer.

Os *campos dobrados* da Serra do Sudeste são, também, um local estratégico para diversos povos e comunidades tradicionais ao longo da formação sociocultural da região e apresenta grupos pecuaristas familiares, quilombolas e indígenas que convivem historicamente com a conservação da biodiversidade. A principal atividade é a pecuária de “*cria*”, em que são cuidadas as vacas para parir os terneiros, que, por sua vez, são vendidos para pecuaristas de outras localidades, que fazem a “*engorda*”. A lida com os rebanhos bovinos, ovinos e caprinos costuma ser desempenhada pelos membros da família, com a ajuda esporádica dos vizinhos. Entidades, como Embrapa e Emater, entre outras, prestam assessoria técnica periódicas aos pecuaristas familiares, por meio do desenvolvimento de projetos, de consultoria ou do fornecimento de equipamentos.

Abre este relatório a Ficha de Sítio e Entorno da região do Alto Camaquã ou Serra do Sudeste – que contempla os municípios de Bagé (Sede, Distrito de Palmas e Rincão do Inferno), Caçapava do Sul (Sede, Guaritas e Vila Progresso), Canguçu (Sede, Coxilha do Fogo e Vila Silva), Encruzilhada do Sul, Lavras do Sul (Três Estradas e Corredor dos Munhós) Piratini (Alto da Figueira, Barrocão e Estrada 392), Pinheiro Machado, Santana da Boa Vista (Serra dos Vargas), Jaguarão, Candiota, Hulha Negra e Dom Pedrito. Os *campos de pedras* ou *sujos* estão etnografados a partir das relações entre campo/mato, “*as casa*” e as bacias hidrográficas, cujas nascentes estão no território.

Ambientes pastoris que ganham vitalidade com as águas, como a Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã ou do Rio Santa Maria, através de seus arroios, sangas e mananciais, ameaçados por projetos de monocultivo e de mineração. Assim, destacam-se os caminhos da pampa em que humanos, bichos, doces, frutas e plantas que circulam na região, demonstrando a riqueza e pluralidade de relacionamentos que constituem a pampa e o Sul enquanto uma “área cultural” (LEAL, 2019).

Por conseguinte, conforme a demanda dos/as interlocutores/as destacam-se cinco atividades que compõem a pecuária extensiva no sítio e entorno: a lida caseira, o pastoreio de bovinos, o pastoreio de ovinos, o pastoreio de caprinos e o artesanato em lã, bens que se somam aos ofícios das lidas em *campos lisos*, descritas na fase anterior: a doma, a troperiada, a guasqueria, a esquila, o ofício do alambrador, o pastoreio de bovinos, o pastoreio de ovinos e a lida caseira – de modo a compor modos de vida pecuários como bens culturais de natureza imaterial, em uma pampa pluriversa (KOTHARI; SALLEH; ESCOBAR et al, 2021). Registramos, ainda, a carneada e o universo da cutelaria, a agricultura de cercado e a produção tradicional de erva-mate, como bens associados à *lida campeira*. Tem-se a indicação de aprofundamento da pesquisa destes bens associados, destacando as relações entre os saberes e fazeres agrícolas e pecuários, sublinhando a relação com as plantas na pampa.

As relações entre ambiente, humanos, bichos e coisas evidenciam os processos de transformação do ambiente campestre para o pastoril (MONTEBLANCO, 2021), identificando a *lida campeira* como um saber-fazer que é vivido histórica e territorialmente. Nesse sentido, acompanhamos o argumento de Alvarez (2013), no qual a autora aborda a aprendizagem em uma

atmósfera-tierra que se percibe multi-sensorialmente a la vez, el olfato, el tacto, la vista y el oído. La *recorrida* es una oportunidad de experiencia directa a través de la cual los más nuevos aprenden con otros a *educar su atención* en las relaciones entre humedad y sequedad del aire, la luz, el viento, el pastoreo y la convivencia entre varios herbívoros. (p. 137)

Uma *lida brabíssima*, em razão de acompanhar os ciclos de natureza, épocas de frio intenso, vento, estiagem, calor abrasivo, chuvas – que alimentam, por exemplo, o Rio Camaquã e a vazão de suas águas –, bem como os processos de asselvajamento dos animais não humanos. Uma lida experiada na criação de animais, de aprendizagens mútuas e de afecção. Conforme Laís, pecuarista familiar em Lavras do Sul, “*a lida não é força. É jeito.*” Atenta para os cuidados com os animais da criação, Laís aprendeu com o sogro a benzer para curar bicheira, ferida em animais e humanos, na qual se localizam varejas ou larvas. Ao mesmo tempo em que, em Palmas, os animais encontrados mortos em campo aberto são colocados no mato para alimentar os predadores e proteger o restante da criação. Aprende-se com os predadores a observar os animais e a agir, a “*saber o que fazer*”, diante das situações em que estão em risco a vida de humanos e de outros animais. Logo, na lida aprende-se as coisas da vida e da morte, a partir de uma malha de relações, múltiplas e distintas, que operam com um saber construído na vivência em campos naturais.

A partir da relação entre a *lida campeira* e o ambiente da pampa, observa-se a preocupação com a diminuição dos campos nativos de criação, bem como de sua biodiversidade, em razão da monocultura, como a de soja, a de eucalipto, a de pinus, e da mineração. Atividades que acarretam a ruína do ambiente campestre e, por conseguinte, da pecuária extensiva (MONTEBLANCO, 2021; RODRIGUES, 2021).

As 100 fichas de contatos indicam nossas interlocuções com campeiros e campeiras, artesãs e artesãos, indígenas, quilombolas, trabalhadores e trabalhadoras rurais, proprietários e proprietárias de terras – de grandes, médias, propriedades familiares e/ou de usufruto coletivo como os Quilombos – viventes da pampa detentores da cultura campeira. Registramos nestas fichas, também, algumas de nossas relações institucionais, por intermédio de associações e organizações representantes das populações tradicionais na pampa, via representantes sindicais, de organizações ambientais, de

assistência técnica e de produtores rurais. Ressalta-se, neste sentido, a parceria com a Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC), proponente desta extensão por intermédio da Associação para a Grandeza e União de Palmas/ Bagé (AGRUPA), entidades engajadas em proposições regionais, a partir da valorização das experiências locais do Alto Camaquã. São pessoas que constituem uma malha (INGOLD, 2015) de relações, de múltiplas ordens, considerando aqui, igualmente, o papel fundamental das universidades e instituições de ensino: Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), que se engajam no movimento de conservação do bioma pampa e das potencialidades dos modos de viver pecuários. Assumimos a perspectiva de uma Antropologia colaborativa com a participação dos interlocutores e interlocutoras, pois foram diversas colaborações efetuadas no Inventário.

Os 30 Questionários tratam de evidenciar algumas das trajetórias dos/das detentores e correspondem aos momentos de entrevistas que se somam ao trabalho de campo, ocasiões que privilegiamos as narrativas sobre as trajetórias de vida dos interlocutores e interlocutoras de modo a identificar os detentores deste saber. Conforme a metodologia do INRC, estas trajetórias se cruzam com as formas de aprendizagem do bem, com quem aprendeu, o contexto, as coisas (materiais) que estão relacionadas ao bem inventariado e ao conhecimento que se vive na lida. Registramos que, em função da pandemia de Covid-19, as saídas de campo foram interrompidas, intensificando-se os momentos de entrevistas online, realizadas pela plataforma da Webconf, disponibilizada pela UFPEL. E que a nossa participação nos grupos de whatsapp possibilitou e intensificou a relação com os/as interlocutores/as do Inventário em relações de reciprocidade, de trocas



de informações e registros audiovisuais, bem como o envio do material para autorização, pautando-se pela ética na pesquisa antropológica.

A Ficha de Registros Audiovisuais compreende fotografias e desenhos. Mais do que representação, este material contribuiu para a reflexão sobre as relações entre os entes que compõem a lida. Uma maneira de perceber a parceria, por exemplo, entre humanos, cavalos e cachorros em aprendizagens mútuas para o manejo dos animais; as relações com os predadores; o quanto as cabritas são animais do mato; a coexistência de rebanhos de bovinos e ovinos em campo aberto; os *cercados*, “*as casa*”, os currais e os bretes que conformam o ambiente. Conforme mencionado anteriormente, algumas destas imagens foram produzidas pela equipe de pesquisa durante o trabalho de campo nas diferentes localidades, outras foram fornecidas pelos interlocutores com registro de autoria. Em seu conjunto, apresentam uma pampa imaginada e vivida na relação entre humanos, outros animais, coisas e ambiente em um processo histórico que produz a pampa e os modos de bem-conviver pecuários.

A Ficha da Bibliografia que contempla as nossas referências e produções é aqui pensada pela potencialidade de apresentar uma rede de pesquisadores que pensaram ou pensam a pampa. Lida no conjunto do Inventário abre-se para outras narrativas sobre a história regional, trazendo as muitas experiências que vivenciam ou vivenciaram o Brasil meridional. Neste sentido, apontamos, também, para o quanto se faz importante pensar este Inventário em sua articulação com outros Inventários, como o INRC Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo, o INRC Massacre de Porongos, o INRC das Tradições Doceiras na Região de Pelotas e Antiga Pelotas, o INRC do Município da Lapa, entre outros já produzidos no Sul, de modo a valorizar as diferentes vivências, em um processo de identificação, documentação e reconhecimento do patrimônio cultural imaterial brasileiro. Reapresentamos, em Anexo, o conjunto das produções da equipe da extensão do INRC da Lida Campeira no Alto Camaquã, composto por artigos, material audiovisual, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e projetos de pesquisa

que documentam este processo de inventariar os saberes e fazeres pecuários identificando os seus detentores/as. Assim, o material deste Relatório ganha em amplitude e possibilidades de aprendizagens ao apresentar as diferentes experiências etnografadas em campo.

Por fim, registramos, a partir da pesquisa de Aldyr Garcia Schlee (2019a: 194), que a palavra campo tem, pelo menos, vinte acepções:

**CAMPO** (BRAS) *S.m.* - Extensão de terreno geralmente plano e dominado por pastagens. // Propriedade rural (PA, JV, AF, SL, IP, EV) // A campanha (AL, JH, SL, DA, IP, EV). // Pl.- Pastagens (SL, EV). I COST: Nomeiam-se na campanha os diferentes tipos de campo de acordo com suas características e possibilidades de utilização: *campo coberto* (o mesmo que campo sujo); *campo de lei* (o mesmo que campo flor), *campo de invernada* [expressão n/d. us. c/ PLAT] (campo próprio para se engordar o gado); *campo de pastoreio* [expressão n/d. us. c/ PLAT] (campo 194 próprio para apascentar o gado); *campo dobrado* (campo encoxilhado, com muitas ondulações); *campo fino* (campo limpo, sem macega e de grama macia); *campo flor* [expressão n/d. us. c/ PLAT] (campo de excelente qualidade); *campo frouxo* (campo que comporta pouco gado); *campo grosso* (campo coberto de pastos altos e duros); *campo limpo* (campo de pastagem forte e uniforme); *campo nativo* (campo natural, não cultivado); *campo parelho* (campo plano ou com um só tipo predominante de pastagem); *campo potreiro* (campo repleto de grama); *campo sujo* (campo dominado por macega, → chilca e outros tipos de vegetação) [VABL registra esta LOC com hífen: *campo-sujo*; mas deixa *campo limpo* sem hífen, tal como NDLP, enquanto DHLP prefere ambas sem hífen. Outras LOC aqui anotadas sem hífen estão também com hífen no VABL: *campo-dobrado*, *campo-nativo* e *campo-parelho*]. AME: *campo de invernada*, *campo de pastoreo*, *campo flor* (PVRC). *campo afora* ou *campo fora* (sem rumo determinado (SL), a perder-se vista); *campo de Nossa Senhora* (campo mal cuidado e como que abandonado); *cortar campo* (buscar o caminho mais curto); (SL) *queimar campo* (mentir). I CRE: Para impedir a queima de campo, detendo e extinguindo um incêndio nos pastos secos, o procedimento habitual era o de arrastar couros molhados por onde avançasse o fogo; a crença popular é de que melhor resultado se obtém degolando éguas, abrindo-as pela metade e passando-lhes o lado da carne sobre as labaredas, em toda a orla da queimada. I HIST: *Campos neutrais* foi como se chamaram os campos compreendidos entre a Lagoa Mirim e o Oceano Atlântico, do banhado do Taim ao arroio Chuí, quando Portugal e Espanha por ali estabeleceram entre si uma zona neutra, através do tratado de São Ildefonso, em 1777. A área, que aos poucos foi passando ao domínio português, corresponde agora ao extremo sul do

Brasil e do Rio Grande do Sul, incluindo os atuais municípios de Chuí e Santa Vitória do Palmar, além de parte de Rio Grande. u FRAS: *abrir campo* (adiantar-se, distanciar-se); *abrir, largar ou sair campo fora* (afastar-se, fugir) (SL); *a campo* (sem resguardo, à intempérie); *a campo raso* (a céu aberto); *campo adentro* (fora de lugares urbanizados); *cortar campo* (atalhar); *estar campo afora* (estar fora de seu leito, rio ou arroio); *ganhar campo* (desaparecer); *queimar campo* (SL) (inventar, mentir).

Tal diversidade de sentidos foi apontada por Schlee em uma das últimas conversas com o grupo do INRC Lida Campeira, que consta entre os agradecimentos do *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense*. Com esse relatório, buscamos retribuir o agradecimento.

Percorremos estes caminhos da pesquisa com os viventes da pampa brasileira, dimensionando a diversidade deste ambiente pastoril.

Agradecemos a acolhida e a aprendizagem, cientes de que temos muito ainda a percorrer e a salvaguardar na pampa.

Profa. Dra. Flávia Maria Silva Rieth

Coordenadora do Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira  
Departamento de Antropologia e Arqueologia  
Instituto de Ciências Humanas  
Universidade Federal de Pelotas









<b>INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS</b> <b>Ficha de Identificação</b> <b>Sítio</b>	CODIGO DA FICHA					
	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-
	UF	Sítio-	Loc	Ano	Ficha	No.

### 1. Localização

<b>Denominação do Sítio</b>	Alto Camaquã/RS	
<b>Outras denominações</b>	Serra do Sudeste	
<b>Estado</b>	Rio Grande do Sul, Brasil	
<b>Municípios / UF Sítio e Entorno</b>	Arroio Grande, Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Herval, Jaguarão, Lavras do Sul, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista.	
<b>Distrito ou subdistrito</b>		
<b>Localidades Inventariadas</b>	<b>No sítio</b>	Bagé (Sede, Corredor da Lexiguana e Distrito de Palmas) Caçapava do Sul (Sede, Guaritas e Vila Progresso) Canguçu (Sede, Coxilha do Fogo e Vila Silva) Encruzilhada do Sul Lavras do Sul (Três Estradas, Corredor dos Munhós) Pinheiro Machado Piratini (Alto da Figueira, Barroçõ e Estrada 392) Santana da Boa Vista (Serra dos Vargas)
	<b>No entorno</b>	Arroio Grande Herval Jaguarão Pelotas

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

## 2. Fotos

Obs: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar Ficha “Anexo: Registros audiovisuais”.

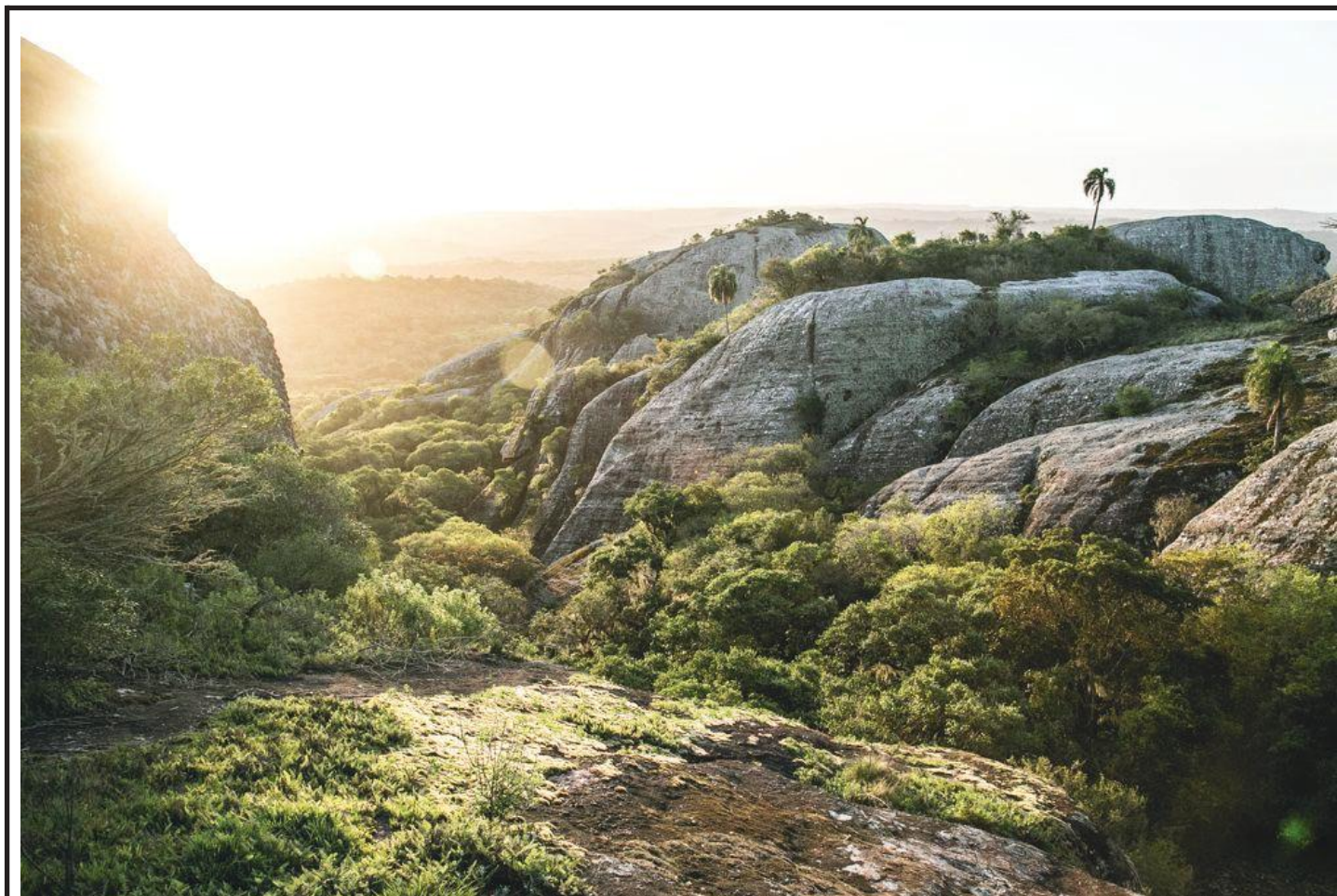


Imagem 1: Corredor da Lixiguana, localidade de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Corredor da Lixiguana, localidade de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 3: Corredor da Lixiguana, localidade de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

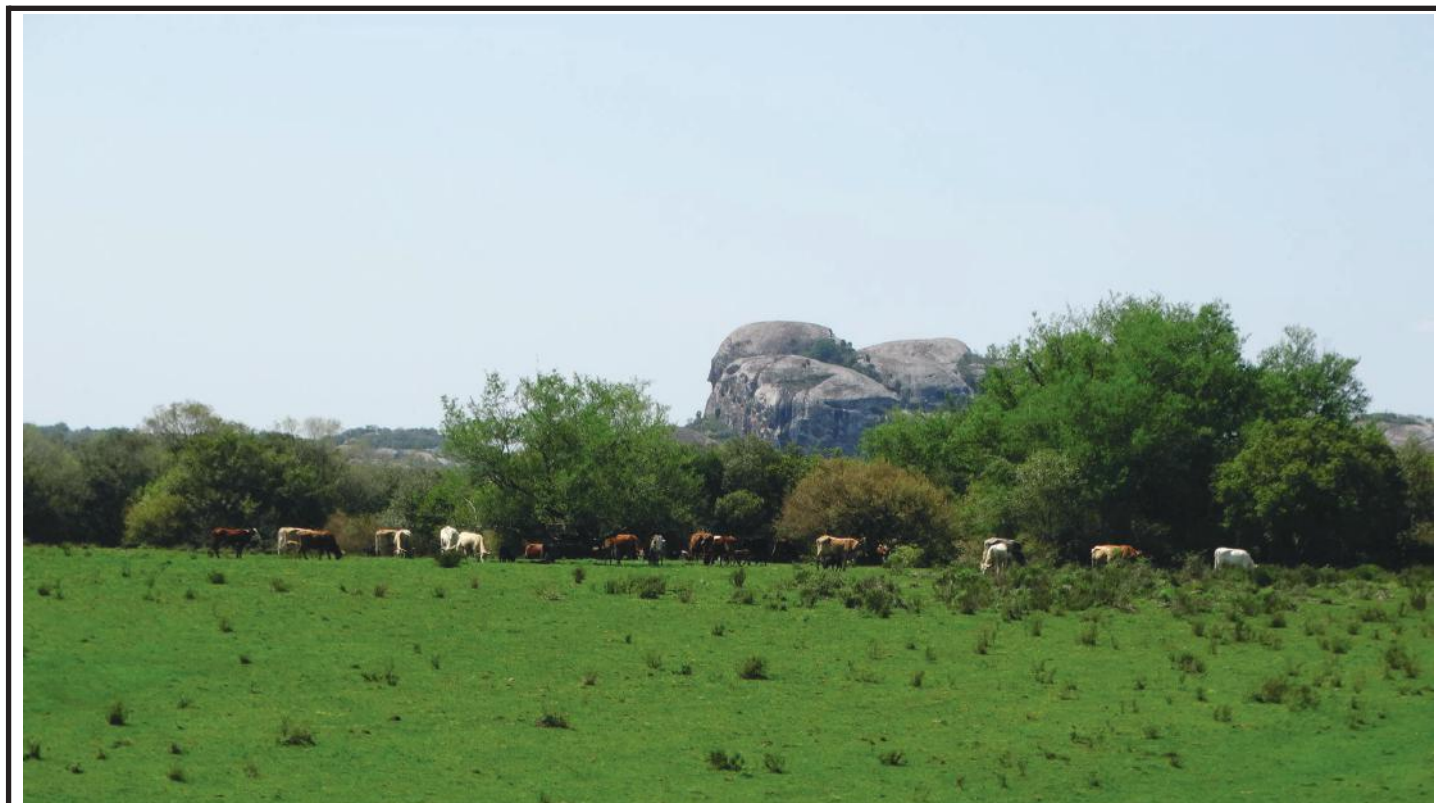


Imagem 4: Corredor da Lixiguana, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Daniel Vaz Lima.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

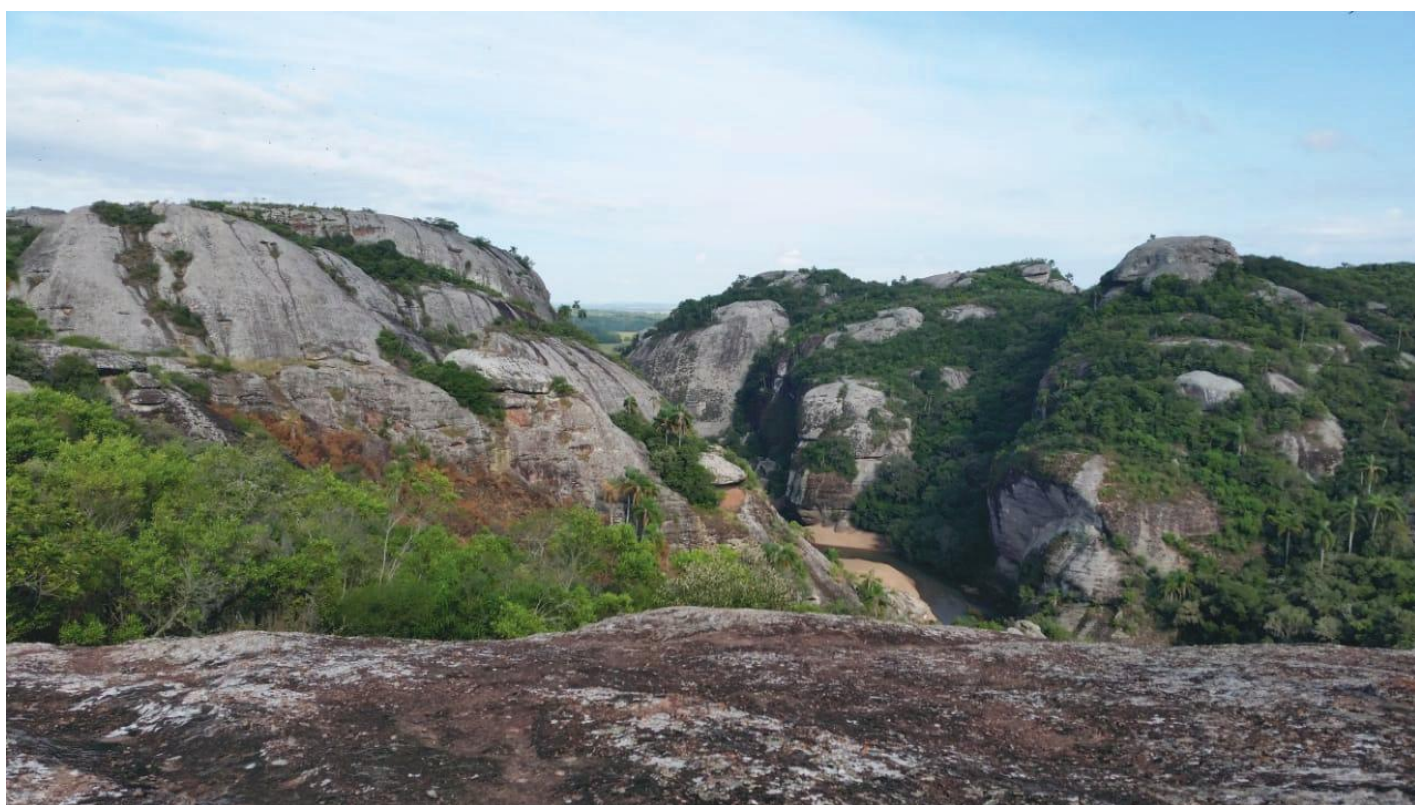


Imagem 5: Vale do Rincão do Inferno, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Márcia Colares.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-



Imagem 6: Estrada do Velhaco, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Clara Vaz.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 7: Campo dos Camundongos, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Igor Silveira Luiz Vaz.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-



Imagem 8: Quilombo de Palmas, localidade de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-



Imagem 9: Quilombo de Palmas, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Cláudia Affonso (cedida por Fabiani Franco).



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 10: Quilombo de Palmas, localidade de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 11: Localidade de Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige Barbosa.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 12: Localidade de Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige Barbosa.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 13: Localidade de Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige Barbosa.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 14: Localidade de Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige Barbosa.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 15: Localidade de Caxilha das Flores, Canguçu.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 16: Localidade de Coxilha das Flores, Canguçu.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 17: Localidade de Coxilha das Flores, Canguçu.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 18: Localidade de Coxilha das Flores, Canguçu.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 19: Quinto Distrito, Piratini.

Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	–

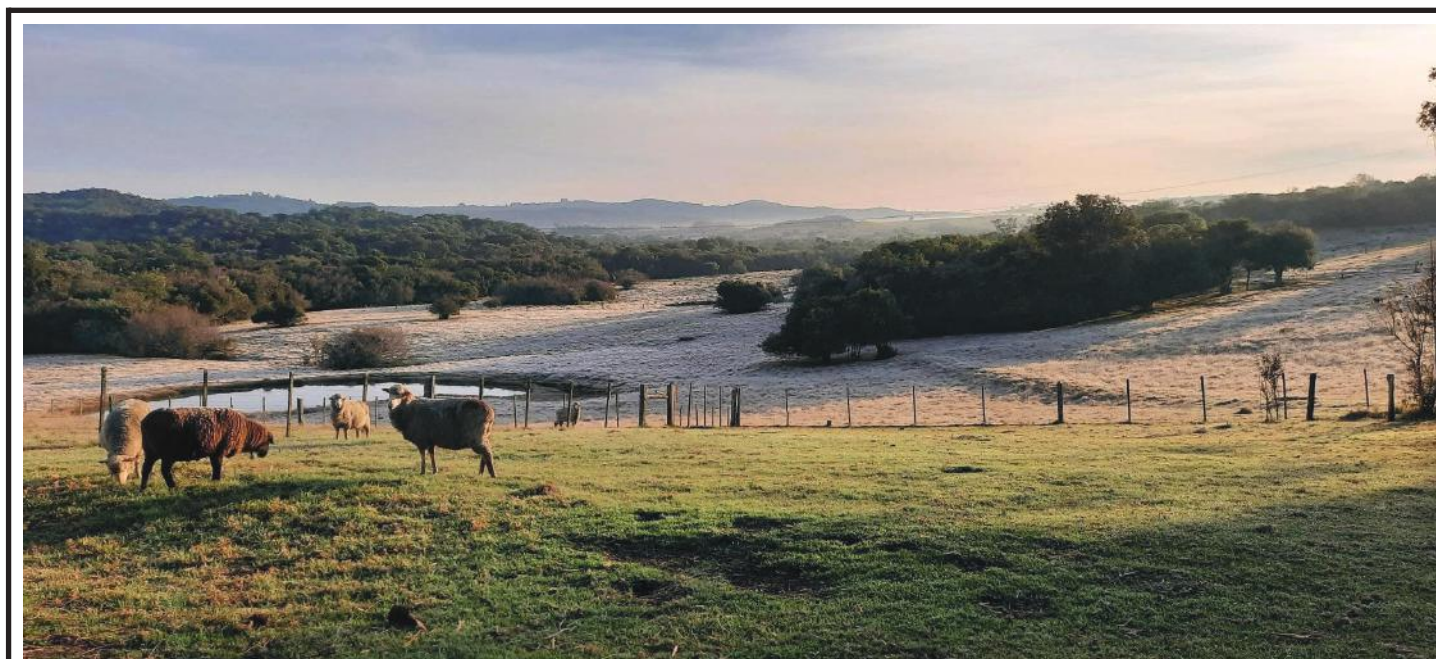


Imagem 20: Quinto Distrito, Piratini.

Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.

### 3. Referências culturais

Obs.: Para lista completa dos bens inventariados, consultar o Anexo 3: Bens culturais inventariados.

<p><b>Síntese</b></p> <p>O Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira (INRC Lida Campeira) constituiu-se, a partir da demanda da Prefeitura de Bagé, da cedência de metodologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e da realização, por meio do Bacharelado em Antropologia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), com coordenação da antropóloga Dra. Flávia Maria Silva Rieth. O INRC tem como objetivo identificar, documentar e produzir conhecimento para fins de Registro da <i>lida campeira</i> na Pampa enquanto Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro. O trabalho de campo foi executado na região de Bagé, a partir de 2010, e teve sua extensão para a região do Alto Camaquã, a partir de 2016. Desde então, os pesquisadores acompanham as atividades realizadas pelos detentores e detentoras. São proprietários de terras – de grandes extensões, de médias, de propriedades familiares ou de uso comunitário, como no caso das Comunidades Quilombolas – e/ou peões campeiros, trabalhadores e trabalhadoras rurais no sul do Rio Grande do Sul, que desempenham ou desempenharam as atividades de doma, de pastoreio, de esquila, o ofício do guasqueiro, a tropeada, o artesanato em lã e a lida caseira.</p>
--

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

Como a pesquisa do INRC Lida Campeira demonstra, a *lida campeira* é um processo dinâmico, que envolve populações tradicionais distintas, como pecuaristas familiares, quilombolas e populações indígenas, pouco consideradas ao longo da formação histórica do Estado brasileiro. O Inventário aponta, ainda, para a diversidade sociocultural e ambiental da pampa em sua relação com a complexa formação da “área cultural” do Sul que não coincide, necessariamente, com os limites políticos do estado do Rio Grande do Sul “ou mesmo os da nação Brasil” (LEAL, 1997) e não se encontra devidamente contemplada nas representações oficiais.

O INRC Lida Campeira nos campos dobrados do Alto Camaquã parte da premissa de pensar os saberes e fazeres pecuários, a partir da relação entre humanos, outros animais, coisas e ambiente, evidenciados pela presença da pecuária extensiva de caráter familiar nos campos nativos da região. A relação com o ambiente ganha relevância ao observarmos as diferenças entre os manejos nos campos lisos e nos “*campos dobrados*”, ou nos “*campos de pedras*” do Alto Camaquã, na Serra do Sudeste, pampa brasileira. Assim, nessa segunda fase do Inventário, a partir de pesquisas etnográficas e bibliográficas, a equipe selecionou, junto aos interlocutores e interlocutoras, como referências culturais os seguintes ofícios: Artesanato em Lã, Lida Caseira, Pastoreio de Ovinos, Pastoreio de Caprinos e Pastoreio de Bovinos.

#### 4. Descrição do Sítio

Obs: Para lista completa das fontes inventariadas, consultar a ficha “Anexo: Bibliografia”.

**4.1. Localização**

Quando se fala em “Complexos Territoriais”, relata-se a respeito das diferentes manifestações socioculturais que se estruturam espacialmente e que produzem redes de relações e cooperações que se utilizam dos elementos físico-naturais e contribuem para a organização de uma paisagem demarcada e fortemente influenciada pela intrínseca relação dos elementos da natureza (que evoluem e modificam-se no tempo longo, geológico, que escoam) e do tempo humano (que está em constante modificação e aprimoramento). De acordo com Neske, Marques e Borba (2014), o território Alto Camaquã está localizado na região fisiográfica denominada Serra do Sudeste, no Bioma Pampa. Do ponto de vista político-administrativo, o Alto Camaquã pertence à Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, no terço superior da bacia. Nesse território, os pecuaristas familiares constituem a principal representação socioprodutiva, sendo que as propriedades rurais com até 50 hectares ocupam 60% do total de estabelecimentos e apenas 10% do total da área geográfica dos municípios, o que corresponde a 65% da população rural local.

O Alto Camaquã, no extremo sul do Brasil, é um exemplo de Complexo Territorial onde articulam-se fenômenos físicos vinculados à zona de nascentes da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, importante área de recarga dessa que é uma das principais bacias do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, o Alto Camaquã se constitui em uma porção singular de um Bioma Pampa não intacto, mas com grande preservação de elementos bióticos e abióticos, que condicionam



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

historicamente suas estruturas às ações humanas. Ao longo do tempo, as práticas sociais atrelaram processos de ocupação vocacionados, basicamente, à *lida campeira*, em uma paisagem exclusiva, repleta de composições próprias, temporalidades e conexões. Essas particularidades devem ser mantidas, pois constituem-se no que existe de mais original na paisagem Gaúcha, na paisagem pampeana. A seguir, serão descritos aspectos que pretendem analisar esses complexos que (co)existem nesse recorte espacial chamado Alto Camaquã.

**4.2. Paisagem natural e meio ambiente**

Os municípios que compõem o Alto Camaquã estão inseridos no Bioma Pampa, A pampa é um bioma campestre, temperado e subtropical que cobre mais de 750.000 km² da América do Sul, com planície costeira e interiorana que compreende a totalidade do território da República Oriental do Uruguai, as províncias mais orientais da República Argentina e a “metade sul” do estado do Rio Grande do Sul. Segundo dados do IBGE, a pampa corresponde a 176.496 km² do Rio Grande do Sul, 63% da extensão do território estadual ou 2,07% do território brasileiro.

Na pampa, predominam planícies, que, em sua vastidão, ultrapassam e confundem as fronteiras geopolíticas platinas e foram alvo de disputa, de tensão e de indefinição ao longo das formações históricas nacionais. A ocupação colonial dessa região foi relativamente tardia, tendo se intensificado a partir do final do século 18, valendo-se da presença de grandes rebanhos bravios (*ganado cimarrón*) que viviam soltos pelos campos. A Pampa gaúcha corresponde ao cruzamento de formações ecológicas, que constroem uma paisagem única, onde o fluxo entre os elementos que a compõem (campos, mata ciliar, capões de mato e mata de encosta) é intenso.

O Alto Camaquã, como o nome sugere, corresponde à parte alta da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, um zona singular dessa grande ecorregião ou bioma pampiano, onde a excepcional combinação entre os elementos abióticos e bióticos proporciona uma particularidade paisagística que representa um importante valor ao patrimônio natural, histórico e sociocultural, algo para ser preservado, segundo apontam Figueiró, Sell, Losekann et al. (2011).

No âmbito da diversidade de geografias que dão unidade à Pampa enquanto região, os municípios abrangidos pelo Alto Camaquã estão inseridos especificamente em duas ecoprovíncias, chamadas por Sell (2017) de “Pampa Serrano” e “Pampa dos Matacões”. Trata-se de duas unidades subregionais interpretadas pela autora a partir do critério geodiversidade (relação entre geologia, geomorfologia, solos e recursos hídricos).

O “Pampa Serrano” é caracterizado pela autora como uma ecoprovíncia de serras e cerros cristalinos com mosaicos campo-floresta e formações arbustivas, abrangendo principalmente os municípios de Caçapava do Sul, Lavras do Sul e Santana da Boa Vista. Sua mais importante característica física é exatamente a alta geodiversidade, talvez a maior encontrada no todo do Pampa, composta de rochas metamórficas, vulcânicas e sedimentares antigas (como as

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Guaritas, de Caçapava do Sul). Para Sell (2017), é essa significativa geodiversidade, que implica em rochas com diferentes resistências ao intemperismo químico, associada aos processos de soerguimentos ocorridos ao longo do tempo geológico, a base da explicação do relevo irregular que caracteriza a zona, com cerros e serras de forte declividade. Essa geodiversidade é a base, também, de uma significativa diversificação dos solos que se desenvolvem sobre essas distintas bases rochosas, que vão desde os ausentes ou muito delgados, sobre granitos, quartzitos ou arenitos, até solos profundos e bem estruturados sobre as rochas vulcânicas ou metamórficas. Segundo a autora, é por isso que é comum de se observar nessa ecoprovincia tanto os cerros com grandes matacões graníticos arredondados, quanto vales fluviais de solo fértil, cristas de quartzito ou de xisto, além de cerros vulcânicos com disjunções colunares, ou ainda formas de relevo ruiformes produzidas sobre arenitos e conglomerados muito litificados. A autora frisa, ainda, que essa geodiversidade implica, também, em maior diversidade florística e fisionômica, com gramíneas, leguminosas, arbustos, florestas de encosta e de galeria, além de significativa ocorrência de cactáceas e bromeliáceas.

Já o “Pampa dos Matacões”, é lido por Sell como o Pampa dos cerros e planaltos graníticos com floresta estacional, abrangendo os municípios mais a oriente do Alto Camaquã, sobretudo Canguçu e Encruzilhada do Sul. Diferencia-se do Pampa Serrano, principalmente, pela menor heterogeneidade geológica representada pelo domínio granítico e pela maior presença de formações florestais. Conforme a autora, essa relativa homogeneidade do substrato, somada ao caráter relativamente recente da exposição dessas rochas em superfície em termos de tempo geológico, faz com que toda essa zona seja uma área alta (chegando a 500 metros de altitude) e plana, o que a diferencia, também, do Pampa Serrano. As rochas graníticas desta ecoprovincia afloram na forma de grandes concentrações de matacões arredondados, entremeados de floresta, segundo descreve a autora, que frisa, ainda, que essa herança fisionômica originalmente florestal pode ser atestada, inclusive, na toponímia, dado que os indígenas se referiam a essa região como *caa-guaçú*, que pode ser entendida como “mato grande” (do Tupi-Guarani “ka’a” – mato, erva + “guaçú” – grande, muito), expressão adaptada pelos colonizadores e que hoje dá nome a um dos seus municípios mais representativos, Canguçu.

Esses atributos da Pampa Serrana e da Pampa dos Matacões se revestem de grande importância, na medida em que, como sintetiza Sell, influenciam significativamente peculiaridades como a distribuição de formações vegetais e ecossistemas, bem como a estruturação e a manutenção de habitats de espécies de fauna e de flora, inclusive de endemismos. Além disso, condicionam historicamente os padrões de ocupação humana, incluindo a inspiração de costumes, de lendas e de tradições, fornecendo, ademais, material para as construções históricas e condicionando as vocações econômicas das comunidades, suas culturas agrícolas, rebanhos e bens minerais.

A paisagem encontrada no Alto Camaquã, incluindo a das duas ecoprovíncias citadas, assenta-se sobre a Unidade Geológica do Escudo Sul-rio-grandense, sendo a formação geológica mais pretérita do Estado do Rio Grande do Sul, que constitui o que, corriqueiramente, é denominado de Serras do Sudeste. A constituição litológica é representada por

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

rochas metamórficas e ígneas, ambas de ampla variação composicional, e rochas sedimentares antigas. Nesse compartimento, devido à variedade litológica, alguns tipos de rocha apresentam maior ocorrência superficial, representada pelos afloramentos, os “campos de pedra”, as “guaritas”, as “pedreiras”, formados por blocos matacões de várias dimensões e organizações aleatórias nos terrenos (MEDEIROS et al., 1995).

De acordo com essas características geológicas, a *lida campeira* nos campos dobrados do Alto Camaquã, conecta-se aos aspectos físico-naturais, sobretudo à diversidade geológica e geomorfológica do Bioma Pampa, constituído pelos campos de pedras, destacando os afloramentos rochosos, que configuram os acidentes geográficos que diferenciam a forma de manejo, circulação e trato com os animais, no que se refere aos campos lisos. No Alto Camaquã há *déficit* hídrico, especialmente no verão, mas que pode ocorrer em outros períodos do ano, devido às chuvas descontínuas e à carência no sistema de captação de água. Esse *déficit* pode ser intensificado pelo desflorestamento, pela introdução do monocultivo e da silvicultura com plantas exóticas, como acácia e eucalipto.

O relevo que constitui o Alto Camaquã apresenta-se, predominantemente, suave ondulado a ondulado, isso ocorre devido à heterogeneidade geomorfológica. A área está inserida no Domínio Morfoestrutural dos embasamentos em estilo complexos, o qual corresponde à Região Geomorfológica do Planalto Sul-riograndense, nessa região encontram-se duas Unidades Geomorfológicas: o Planalto Residual Canguçu e o Planalto Rebaixado Marginal (CUNHA, 2016; IBGE, 1986).

A pedologia do Alto do Camaquã é composta majoritariamente por Neossolos Litólicos Eutróficos e Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos, que se apresentam predominantemente pedregosos e com afloramentos rochosos, suscetíveis a processos erosivos (CUNHA, 2016). Figueiró, Sell, Losekann et al. (2011) acrescentam que devido ao fato da região possuir solos rasos, o mesmo apresenta alta restrição para as atividades de silvicultura e de agricultura de grande porte, o que acabou por contribuir para a identidade regional voltada para a pecuária familiar extensiva. O clima do Alto Camaquã é um complicador para o processo de uso e ocupação desse território. As médias climatológicas apresentam temperaturas que variam entre 16°C e 18°C e precipitações entre 1500mm e 1600mm, correspondendo a um clima úmido.

A cobertura vegetal característica do Alto Camaquã é composta por “campos limpos” e “campos sujos”, forma como os interlocutores costumam descrever a região, e a floresta no entorno da Serra do Sudeste, formando assim, um mosaico de floresta nativa e campos que desenvolvem-se de acordo com os cursos d’água e influenciam na formação das matas de galeria. A região do Alto Camaquã é considerada rica em biodiversidade, configurada por uma complexa vegetação, que permite o estabelecimento de espécies de fauna e flora, muitas delas pouco estudadas ou mesmo desconhecidas, conforme dados do Ministério do Meio Ambiente do Brasil.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

As fendas nas rochas e os pontos de difícil acesso propiciam condições para a formação de ninhos e o nascimento de filhotes, como, por exemplo, o papagaio-da-serra ou papagaio-charão [*Amazona pretrei*], que costuma se reproduzir na região. Isso ocorre devido à região estar na transição entre o clima tropical e o clima temperado. Os afloramentos rochosos encontrados na paisagem proporcionam condições ideais para espécies endêmicas, que se desenvolvem junto às rochas, como as cactáceas (ROCHA, 2015; CUNHA, 2016).

Tabela 1: Condição da cobertura vegetal do Alto Camaquã

Classes	Máxima Verossimilhança (MaxVer)					
	2005		2007		2009	
	Km <sup>2</sup>	%	Km <sup>2</sup>	%	Km <sup>2</sup>	%
Água	11,15	0,13	6,27	0,07	30,69	0,35
Eucalipto	479,40	5,53	128,67	1,48	180,25	2,08
Acácia	179,91	2,08	132,58	1,53	1077,48	12,43
Pinus	84,84	0,98	107,90	1,24	142,01	1,64
Form. Herb. Densa	1495,97	17,26	1478,84	17,05	439,18	5,06
Form. Herb. Rasa	1752,26	20,22	2648,71	30,54	2587,77	29,84
Floresta Natural	1882,54	21,72	1586,73	18,30	1704,54	19,66
Matorral	2080,76	24,01	2118,71	24,43	1460,51	16,84
Áreas Agrícolas	698,66	8,06	463,86	5,35	1049,12	12,10
Área total das classes	8665,50		8672,27		8671,55	

Fonte: Rocha e Trindade (2015).

De acordo com a Embrapa, o Alto Camaquã destaca-se pela sua ampla cobertura vegetal com pastagem nativa onde se pratica uma pecuária de corte com múltiplas funções para a sociedade (produtiva, ambiental, social, turística, cultural, etc.). Além disso, é possível perceber o excelente estado de conservação da cobertura vegetal natural. Áreas antrópicas encontram-se relativamente concentradas nas várzeas utilizadas para a cultura de arroz, em Piratini. Contudo, destaca-se as monoculturas de pinus, acácia e eucalipto, principalmente em Piratini, parte de Pinheiro Machado e, em menor proporção, nos demais municípios que compõem o Alto Camaquã. Pode-se avaliar que aumentou consideravelmente a área utilizada para cultivo de soja, de milho e de arroz na região próxima a Bagé (ROCHA; TRINDADE, 2015).

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

**4.3. Marcos edificados**

**“AS CASA”: ESTÂNCIA; RANCHO; GALPÃO; TAPERAS; CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA; CAMINHOS**

Ao etnografar a organização das unidades de produção familiar camponesas na zona da mata norte do Estado de Pernambuco, a antropóloga Beatriz Heredia (1979) mostrou que os diferentes espaços internos estavam organizados seguindo lógicas relacionadas aos aspectos mais amplos de habitar o território e das condições históricas de acesso à terra. Com base nesta leitura, é possível observar os aspectos históricos que configuram a existência dos povos tradicionais na pampa brasileira. Assim, um primeiro aspecto a considerar é que a estrutura fundiária constituiu-se a partir da organização Guarani Missioneira, que configurou uma paisagem marcada por grandes extensões de terras, que combinavam práticas agrícolas e extrativistas com pastoreio extensivo (ÁLVAREZ, 2015). Inicialmente, as chamadas estâncias missioneiras ou estâncias dos Guarani, na margem oriental do Rio Uruguai, estavam distribuídas em um amplo território, que corresponde, atualmente, ao nordeste e a região costeira do Rio Grande do Sul, na Vacaria dos Pinhais e Vacaria do Mar, e, posteriormente, ao norte da República Oriental do Uruguai e na metade sul do Rio Grande do Sul.

No século 18, com a desestruturação do projeto missioneiro e o avanço colonial sobre as estâncias, o acesso às terras, consideradas devolutas, se deu pelo sistema de sesmarias, via concessão da posse a grupos militares, a comerciantes e a famílias com boas relações com a coroa portuguesa (BRITO, 2010). Assim, um pequeno grupo de pecuaristas familiares são descendentes de sesmeiros, como a família de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, que, no século 18, recebeu uma sesmaria com dezoito quadras de campo, que foi fragmentada ao longo das gerações. *“Meu tataravô que veio para cá. Nós somos de sesmeiros. Foi concedido pelo império. (...). [A terra] foi dividida entre a família.”* Luciano é responsável pelos cuidados das terras dos irmãos e dos pais, que moram na cidade.

Estando localizadas em áreas estratégicas e prioritárias à colonização, essas grandes propriedades eram delimitadas por referências naturais, tais como rios, arroios, peraus, formações rochosas, campos sujos, chamados de “rincões”. O acesso a tais locais era concedido aos *posteiros*, famílias as quais era permitido a moradia, a criação de alguns animais e o cultivar da terra, de maneira que as mesmas ficassem responsáveis por cuidar e manejar o gado da estância (FARINATTI; MATHEUS, 2017). Nestes locais, estavam instalados os *rodeios*. Em outras áreas marginais, de pouco interesse no processo colonial, o acesso se dava pelos grupos marginalizados, como pequenos lavradores, peões campeiros e posseiros, sendo locais estratégicos, também, para os aquilombamentos, pela “fuga para fora” (KOSBY, 2017a), nos fundões das propriedades. Por conseguinte, a partir da Lei de Terras, implantada no ano de 1850, que transformou a terra em uma propriedade, ou seja, um bem com limites bem definidos que poderia ser comprado e vendido, a forma tradicional e histórica desses acessarem um pedaço de chão e praticarem agricultura e

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

criação, foi alterada (SILVA, 2015). Tal processo, associado à introdução do arame liso, fez com que as estratégias desses grupos para acesso à terra passassem a jogar com esses instrumentos legais, embora seja necessário ressaltar que o acesso a esses espaços seguia sendo permitido, desde que não afetassem os interesses das elites.

Ainda que o processo de fragmentação das grandes propriedades seja uma realidade em campo, as relações entre grupos sociais mantêm, de certa forma, elementos que atualizam o sistema das sesmarias. Convivem “nas casa” não apenas (ou nem sempre) a família nuclear (pai, mãe, filhos, filhas e avós). As configurações variam e abrigam relações de trabalho entre pessoas solteiras, bem como relações de compadrio entre pessoas que não são parentes, mas são “de casa”, “como da família”. Um destaque nesse tipo de relação é a presença de afilhados oriundos de famílias de trabalhadores e de prestadores de serviço da localidade, que trabalham/vivem na casa dos padrinhos, proprietários de estabelecimentos de maior escala. Tal dinâmica de compadrio é histórica e bastante comum nos contextos da pecuária (FARINATTI, 2010). Nesse sistema inclui-se, também, outras formas de acesso à terra, como a de ocupantes e de agregados, que recebem uma parcela de terra para criar animais, cultivar e morar, em troca de serviços ou fornecimento de produtos para o proprietário (FARINATTI, 2018).

Por conseguinte, além dos processos de sucessão rural por fracionamento das grandes propriedades, outras formas atuais de acesso à terra por agricultores e pecuaristas familiares se deram pela compra, doação, indenização, demarcação ou ocupação de lotes em áreas marginais aos interesses da expansão colonial e, tempos depois, da modernização agrícola. Seu Beto começou a trabalhar como peão e agregado na Fazenda do Sossego, dividindo o que produzia com a proprietária. Tempos depois, tornou-se peão campeiro e capataz. Seus pais não tinham terras e “moravam nos corredores”. Quando conseguiu juntar uma quantidade considerável de “plata”, comprou uma chácara para seus pais, localizada no município de Caçapava do Sul. Ali ficaram até falecerem. Tempos depois, como forma de pagamento pelos anos de trabalho, adquiriu uma “quadra de campo” – cerca de 90 hectares – da fazenda em que trabalhava. Assim, vendeu a chácara que comprara para seus pais, já falecidos, e seguiu trabalhando na fazenda, dedicando parte das horas do dia à sua terra. No caso de Vanda Tarouco, pecuarista familiar no distrito do Barroço, em Piratini, por sua vez, o acesso à terra se deu pela compra, a partir da aposentadoria. “*Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavrar. Sempre ajudei meu pai*”. Após o casamento, “*fui para a cidade de Pelotas. Ficamos lá 30 anos. Criei minhas filhas. Estou aqui desde 2002. Mas eu vinha, tirava uma semana e voltava. Efetivo foi em 2004.*”

Nas últimas décadas, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, ocorreram outras formas de acesso à terra, como no caso de lotes destinados à Reforma Agrária, pelo INCRA, com assentamentos rurais, além da demarcação de Comunidades Quilombolas e de Terras indígenas, a partir de processos, também, variados, conforme será apresentado, posteriormente. Conforme Kosby (2017a), a comunidade do Quilombo de Palmas, em Bagé, é composta por cerca de 40 famílias, ligadas por laços de parentesco, compadrio e matrimonialidade. De acordo com a



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

antropóloga, as famílias que constituem a comunidade são descendentes de escravos campeiros das estâncias da região, exímios na lida com os animais, hábeis ginetes e no tiro do laço. Os quilombolas exerciam o trabalho de changuear, atividades como consertar arames, limpar algum campo, cuidar de rebanhos, esquilar umas ovelhas, cortar lenha, carnear, levar ou buscar uma tropa de gado pelas estâncias, sem vínculos empregatícios ou salariais, plantando roças em lavouras alheias, como meeiros. A demarcação da terra quilombola foi reivindicada em 2005, pela Associação Quilombola de Palmas, e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, em 2017.

Nesse sentido, deve-se levar em conta que nem todos os Marcos edificados ocorrem de forma concomitante, ou, em alguns casos, podem apresentar variações e particularidades, devido à configuração do local ou da propriedade. A seguir, buscamos sintetizar aqueles que são recorrentes no campo.

**“AS CASA”** – O termo “as casa” refere-se a um conjunto de espaços que, para além da casa de moradia, envolvem os galpões, mangueiras, hortas e cercados, quintas, campos e matos, arroios e rios, havendo uma complementaridade entre estes, de maneira a formar um emaranhado de relações. É “nas casa” onde se processa a lida caseira, enquanto práticas de cuidado de humanos, de animais e de plantas, seja com a limpeza e manutenção do próprio espaço, seja com a transferência e condução de atividades mais identificadas com a *lida campeira* para ele por uma demanda de intensificação de cuidados. Ou seja, tornar o espaço casa, por intermédio da limpeza do entorno, muitas vezes, com a remoção total da vegetação, convertendo-o em “terreiro”, no qual se consegue afastar ou visualizar melhor animais vindos do mato/campo, como, por exemplo, as cobras e os *sorros*. A manutenção do terreiro limpo, além de facilitar essa atenção, demonstra o cuidado em distinguir o espaço “das casa” do espaço do mato/campo, de modo a atender suas finalidades representativas e de trabalho.

**ESTÂNCIA** – A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas, a partir do século 17, quando padres e indígenas transferiram os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados geopolíticos entre as coroas portuguesa e espanhola –, bem como captura de indígenas para o trabalho escravizado ou exploração dos mesmos, via *encomiendas* ou ataques de bandeirantes. Nesse processo, os rebanhos foram abandonados no campo, como na região da Vacaria dos Pinhais, no nordeste do Rio Grande do Sul, ou na Vacaria do Mar, na região costeira ao sul do estado. Esses animais xucros multiplicavam-se devido à abundância de pastos e aguadas e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (AURÉLIO PORTO, 1943; RAHMEIER, 2007; SCHLEE, 2019a).

Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e, também, por agricultura, em meados do século 19 passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escravizada e/ou assalariada e com uma arquitetura formada pela sede (casa

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (LUCCAS, 1997; RAHMEIER, 2007; OSÓRIO, 2016). Geralmente, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não constitui a base econômica principal. Nesse momento dá-se, também, o início do cercamento dos campos, delimitando invernadas, rodeios e campos para os rebanhos, e, ao mesmo tempo, criando situações novas para a mobilidade de grupos e de coletivos. Dessa forma, propriedades menores, anteriormente chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente, passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem indígena, com significado de “plantação” (SAINT-HILAIRE, 2002), ou por designações locais, como “campo”, “fazendinha”, “granja”, “sítio”, “roça”, “quadra de campo”, entre outras.

Atualmente, estância corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde mantém-se os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém podem não ser consideradas como estâncias, devido ao seu tamanho.

**RANCHO** – Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé (*Panicum prionitis*) e a taquara (tipo de bambu) são cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e as janelas, as paredes são preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresenta uma espessura aproximada de 50cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustenta as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes, são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim. (LESSA, 1986; MATTOS, 2003). Regis Medeiros, peão campeiro e pecuarista familiar em Palmas, Bagé, ensinou que para manejar o capim santa-fé, é necessário cuidar as “farpas” que existem nas folhas que são capazes de cortar a pele. As folhas são cortadas e dispostas em maços que são deixados ao sol para secarem. Somente após estarem secas, poderão ser direcionadas para a construção da *quincha*. O chão é de terra batida e pode haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundo e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986).

Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados. Até fins do século 18 e início do 19, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas. Predominavam, portanto, as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana. (LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 2002; ISABELLE, 2006). A utilização das casas de torrão como galpão ou cozinha é uma forma de manifestação cultural comum a povos e comunidades tradicionais da pampa



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

(MAZURANA; DIAS; LAUREANO et al, 2016), sendo os conhecimentos passados de uma geração para outra. Em algumas propriedades familiares, se encontrou ranchos como moradias e, também, como galpões, indicando que outrora fora moradia da família. Nas comunidades quilombolas de Palmas e do Corredor dos Munhós, observou-se a existência de ranchos como moradia.

**GALPÃO** – Para Schlee (2019b), os galpões são dependência edificada das estâncias (com torrões de barro, paredes de madeira ou de tijolos), coberta (de palha ou telhas) e permanentemente aberta – que serve de depósito, alojamento para os peões e para animais criados sob teto, além de espaço para a realização de determinadas tarefas campeiras. São espaços multifuncionais, utilizados para fins variados e relacionados ao dia a dia e às atividades na *lida campeira*. É onde se mantêm os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões, que podem se reunir nesse espaço no início, no intervalo ou ao fim da lida, bem como para realizarem as suas refeições. É recorrente a existência de um espaço com lareira – pode ser fogo de chão ou fogão a lenha – para aquecer os corpos, a água do mate, assar o churrasco e outros alimentos. Em frente ao fogo são colocados pequenos bancos e cadeiras. Podia servir como dormitório de alguns peões ou de pessoas de passagem pelas propriedades. Em outros casos, os galpões são espaços em que os bichos passam a noite nos períodos de chuvas e de frio, ou nas épocas de parição, como forma de cuidado.

**TAPERA** – De acordo com Schlee (2019b), tapera é uma ruína. Rancho, casa ou outra edificação da campanha – abandonada e destruída por não ter quem a habite. Conforme a etnografia, costuma-se dizer, de forma crítica ou de forma jocosa, que uma moradia mal cuidada, por exemplo, com muitos galhos e folhas caídas ao redor do pátio, com terreiros por varrer, com cercas avariadas, com galinheiros e galpões com defeitos e com pomares sem trato, é uma tapera, em referência às casas e aos locais abandonados, sem moradores. Isso denota a atenção dada ao cuidado cotidiano com “as casa” e com o entorno. Uma casa cuidada é uma casa habitada.

Outros atributos foram elencados pelos/as interlocutores/as como indicadores de uma casa habitada. Seu Beto, pecuarista familiar em Palmas, em Bagé, considera que uma casa sem *quinta* – ou pomar – não era casa, mas uma tapera. A casa que se deixa ser tomada pelo mato e pelo campo, e destruída pela ação do tempo, traz para si a existência de animais do mato, como cobras, “sorros”, pássaros. Nos dias de chuva, o gado busca abrigo nestes locais. Em algumas situações, porém, mantêm-se relações com esses espaços, mesmo que ocasionais, como nos casos das *quintas* que ficam abandonadas ao redor das taperas, que podem ser utilizadas para a coleta de frutos, como foi relatado por comunidades quilombolas. Conforme Amilton Camargo, do Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, “as mulheres se reúnem no verão aí, janeiro, fevereiro, março, né, para fazer as tachadas de doce. Vão fazendo em conjunto. Levantam cedo de manhã, vão buscar fruta lá no mato, né? Aqui a gente tem muitas árvores de frutas que os antigos plantaram, marmeleiro, principalmente, no mato, né?”

<p><b>Ficha de Identificação: Sítio</b></p>	<p>RS</p>	<p>Alto Camaquã e Entorno</p>	<p>Bagé</p>	<p>2021</p>	<p>F10</p>	<p>–</p>
			<p>Caçapava do Sul</p>			
			<p>Canguçu</p>			
			<p>Encruzilhada do Sul</p>			
			<p>Lavras do Sul</p>			
			<p>Pinheiro Machado</p>			
			<p>Piratini</p>			
			<p>Santana da Boa Vista</p>			

A tapera se opõe à casa habitada por seres humanos e gera tristeza e estranhamento por quem passa por elas. O aspecto de ruína é uma metáfora de um processo mais amplo de esvaziamento do rural e de um passado de um lugar que era “cheio de gente”.

Embora seja um espaço não mais habitado por seres humanos, é comum os relatos da existências de outros seres habitando as taperas (sobre-humanos, extra-humanos). Os chamados “causos de assombrações” referem-se a “gritos de escravos”, “mulheres chorando”, “luzes dentro da casa”. Quenedy, peão campeiro em três Estradas, Lavras do Sul, contou que viu muita “coisa estranha” ao cruzar, a cavalo, durante a noite, pelas taperas.

**CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA** – As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Suas origens remontam às reduções Guarani missioneiras, ao passo que cada redução possuía vacarias e estâncias delimitadas por rios, riachos, matas, bem como currais de pedra ou torrão (AURÉLIO PORTO, 1943; JAEGER, 1958). As mangueiras, currais ou encerras são construções circulares ou retangulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão ou taipas de torrão. Produções recentes têm trazido para o debate que os grupos indígenas eram os detentores dos saberes para a construção de algumas estruturas, como os currais de palmas, já que manejam outros herbívoros nestes currais, como os cervos, antes da introdução do gado bovino (DABEZIES; SUÁREZ; BAÑOBRE et al, 2021).

Na propriedade de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, encontramos três tipos de mangueiras: uma estrutura de terra, que o pecuarista entende ter sido feita pelos indígenas missioneiros; uma estrutura de pedra, construída após a chegada de sua família, que recebeu a propriedade como doação de sesmaria; e uma feita de vala que, conforme o campeiro, estava interligada às outras. Sobre as mangueiras de terra, o pecuarista comentou: “Achei estranho aquilo ali. Depois que eu olhei de cima e fui perguntar, descobri que era uma mangueira, anterior a mangueira de pedra. Era feita de taipa. Marcavam um círculo, cavavam e atiravam a terra para cima, formando a mangueira. É anterior à família do meu tataravô, porque, se fosse usada, não teriam construído a de pedra. Quando aquela já estava em desuso é que fora construída a de pedra. Para mim aquilo ali era dos índios. Tem uma parte de valo, que é abaixo, e uma parte de pedra. A mangueira de valo é anterior à mangueira de pedra. Eles faziam o valo para conter o animal, uma cerca.”

Conforme Bruno Martins Farias (2013), estes currais indicam e percorrem os antigos caminhos das tropas. São diferentes estruturas de diferentes épocas e técnicas construtivas, com formatos e com matérias-primas diversas, sendo mais comuns as de terra, de pedras e de plantas. Eram utilizadas pelos tropeiros para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (revezando-se para vigiar os animais). Junto às mangueiras haviam as pastagens para alimentação do gado. Conforme Luciano, as

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

“paradas eram chamadas de pastagens, para pouso. As tropas andavam na estrada como caminhão. Tinha uma tropa atrás de outra. Na hora de parar, à tardinha, o capataz da tropa, mandava um peão na frente para saber se naquele lugar tinha pouso. Era cobrado pelo proprietário.”

A entrada da mangueira é chamada de *porteira*. Nela eram colocadas duas “*tronqueiras*”, que são objetos verticais, de pedra ou de madeira, postos em cada lado da abertura, com perfurações em que eram encaixadas e dispostas *varas* (madeiras retas) atravessando a *porteira* e evitando a fuga dos animais. Luciano narrou, diante da mangueira de pedra, localizada na propriedade da família, como faziam para o gado bravo entrar nos currais. Ao redor desses currais, haviam bois mansos, os chamados “*sinuelos*”, que eram treinados para entrar e, imediatamente, sair da mangueira. Assim, quando a tropa de gado, que era *xucro*, se aproximava do local, estes bois eram incorporados e conduziam os outros animais para a mangueira. “*Quando a última vaca entrava, esses bois saíam da mangueira*” (LIMA, 2020).

**CAMINHOS** – Estradas, corredores e atalhos (usados para acesso). Ao seguir as indicações dos/as interlocutores/as, foi-se delineando que a pesquisa para o Inventário desenhava por cima dos traçados dos antigos caminhos das tropas e carretas, por onde eram conduzidos bois e outras mercadorias de diferentes lugares da pampa, para as charqueadas e, posteriormente, os frigoríficos, localizados nos municípios de Pelotas, de Bagé, entre outros. Tais caminhos eram pontuados por entre-lugares de apoio como pousos, vendas (ou “*bolichos*”), currais, corredores, paradouros. As vendas, pousos e paradouros eram espaços de comércio e convívio de tropeiros e outros viajantes, onde realizavam refeições, rodas de conversas intercaladas com sons de gaitas e violões, jogatinas, entre outros. Juntos a estes estabelecimentos haviam diferentes artesãos como ferreiros, carpinteiros e outros que ofereciam serviços. Os *bolichos* comercializavam, também, alimentos para os animais, como o milho, comprados na região de agricultores familiares ou até mesmo cultivados pela família proprietária. Os paradouros ou pastagens eram espaços com aguadas, galpões, currais e pastagens para a parada e pernoite das gentes, bois de tropas e carretas, cavalos de tropas e carroças entre outros/as viajantes. Ficavam dentro das propriedades podendo ser cedidas ou alugadas. Os currais eram usados, também, para a exposição de animais para a venda. Trafegavam por estes caminhos e descaminhos, para além do gado, inúmeras outras mercadorias e contrabandos, bem como pessoas com ideias, especialidades, modos de viver (SILVA, 2006; LIMA, 2020). Parte destes antigos caminhos são, hoje, rodovias estaduais e federais asfaltadas.

Como parte destes caminhos, estão os corredores, que são pequenas estradas públicas que cruzam entre os alambrados que delimitam as propriedades. Alguns corredores cruzam por dentro das propriedades fazendo a circulação ser marcada por um abrir e fechar *porteiras*. Os corredores são lugares habitados e dinâmicos, permitindo o trânsito de pessoas, bichos e carros para diferentes lugares, pois se ligam entre eles. É pelos corredores em que se fazem as tropeadas que, atualmente, são realizadas para conduzir o gado de um campo para outro, bem como para conduzir o gado para banheiros de imersão alugados ou de associações de pecuaristas familiares. Nos corredores estão localizados os *bolichos*, sendo espaços de convivência e onde são realizados eventos como jogos e festas.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

Quando são públicos, se tornam espaços estratégicos para os criadores de gado, quando os mesmos observam que o campo está com baixa capacidade de suprir a alimentação dos bichos dentro das unidades de produção. A preferência de colocar o gado no corredor é sazonal e se dá pela leitura de que o campo está a ponto de ficar “rapado” (BRITO, 2010). Por outro lado, a preferência pelos corredores se dá, também, pelos animais. Vera Colares, pecuarista familiar em Palmas, Bagé, comentou que o gado prefere, nos dias quentes, pernoitar nos corredores para se proteger do contato com os carrapatos.

Os corredores são referências para a localização e, portanto, são identificados por nomes, como o “Corredor dos Munhós”, o “Corredor da Lexiguana”, etc. Eles se ligam entre si e permitem uma circulação pelos diferentes lugares. Entretanto, quando não fazem essa ligação, a estratégia para o trânsito é dada pelos “atalhos”, que são pequenos caminhos que seguem por dentro das propriedades. Esses caminhos são criados e manejados pelos animais. Os atalhos que são feitos por dentro dos matos, por exemplo, são manejados pelas cabras junto a outros bichos, como as vacas e as ovelhas. Embora as condições de acesso sejam limitadas para um trânsito a cavalo ou a pé, alguns atalhos podem ser realizados por carros. Nesse sentido, somente quem habita os lugares conhecem esses diferentes caminhos e suas condições de acesso.

## 5. Formação histórica

Obs: Para lista completa dos documentos escritos inventariados, consultar ficha “Anexo: Bibliografia”.

**5.1. Resumo**

A paisagem pampeana é descrita, geralmente, pela cobertura densa e variada de espécies de gramíneas nativas, com matas ciliares às margens de cursos d’água e ondulações suaves, conhecidas como “coxilhas”. Apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, que somam mais de 450 espécies. Nas áreas de campo natural, se encontram, também, as espécies de compostas e de leguminosas. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Tal diversidade pode ser destacada nos *campos dobrados* ou *campos de pedras*, na parte alta da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, na região do Alto Camaquã, Serra do Sudeste. Enquanto a paisagem dos “campos lisos” ou “campos planos” é descrita pela cobertura de espécies de gramíneas, ideais como pastagem de rebanhos, os *campos de pedras* caracterizam-se pelos acidentes geográficos, peraus íngremes e “*guaritas*”, formações rochosas cobertas por uma vegetação herbácea, associada a uma vegetação arbustiva e arbórea de pequeno e médio porte, especialmente, nas margens tortuosas do Rio Camaquã. Um mosaico de campo-floresta e gramíneas. São caraguatás, sarandis, vimes, corticeiras, pitangueiras, que crescem por entre as pedras e as várzeas, nos banhados e sangas, entre o capim santa-fé e as tunas (espécie de cacto), que indicam a riqueza hídrica da Bacia Hidrográfica.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

Porém, a paisagem platina com a qual os colonizadores se depararam, dificilmente pode ser pensada enquanto “natural”, mas, sim, como o resultado de engajamentos e de interações milenares, via a presença de povos indígenas e do manejo do ambiente por essas populações. As pesquisas antropológicas indicam que, quando do encontro colonial, os Guarani estavam em expansão pelas bacias hidrográficas do Rio da Prata e região, processo intensificado nos séculos que antecederam ao contato com espanhóis e portugueses. Conforme os registros, as aldeias mantinham relações constantes umas com as outras, por meio de redes de reciprocidade, parentesco e afinidade (MELIÀ, 1982). Na medida em que ampliaram seus territórios, as populações Guarani lançavam mão do policultivo agroflorestal – seja pelos roçados em clareiras no interior da mata, que são deixados de lado quando da realização de novos “*potyrõ*” (mutirões), seja pelo manejo e inserção de espécies utilizadas para diversas finalidades, como alimentação, vestimenta, ornamento, medicamento, construção de moradias, entre outros usos (TEMPASS, 2010; BONOMO; ANGRIZANI; APOLINAIRE et al, 2015).

Como a Arqueologia demonstra, os Guarani tinham como prática ocupar e manejar gradativamente o espaço conforme o crescimento demográfico, mantendo parte da população nos territórios antigos, enquanto outra parte transportava um pacote de plantas para novas áreas na periferia de seus locais de origem (NOELLI; VOTRE; SANTOS et al, 2019). A escolha pela diversidade de cultivos é uma estratégia importante no que diz respeito à segurança alimentar, tendo em vista uma expansão que compreendia um imenso espaço geográfico na Mata Atlântica e em áreas de transição, como o cerrado e a pampa (BONOMO; ANGRIZANI; APOLINAIRE et al, 2015). A diversidade ambiental que os Guarani ocupavam indica um modo de vida simultaneamente adaptável e adaptador, optando, preferencialmente, por aldeias próximas de fontes de água, em clareiras sob o estrato arbóreo, em solos diversificados dos mais pobres aos mais férteis, em altitudes que podem variar entre o nível do mar e mais de 950 metros (NOELLI; VOTRE; SANTOS et al, 2019). No registro de cronistas e missionários, ficaram caracterizados como povo canoieiro, ceramista, organizado a partir de unidades familiares extensas. Caçavam animais de pequeno e médio porte, como veados, capivaras, tatus e aves. Praticavam agricultura em roças nas matas e cerros, com o cultivo de milho, mandioca, melancia, batata-doce, abóbora, feijão, amendoim e tabaco. Dispunham, também, de pesca e de coleta de frutas e sementes (MONTEIRO, 1998; LADEIRA, 2004; FAUSTO, 2005).

De acordo com Montebianco (2021), quando os colonizadores passaram a avançar sobre a pampa, a paisagem era de domínio campestre, no entanto, não era, propriamente, pastoril. Sua conformação pastoril começou com o transplante e instalação do gado pelos colonizadores espanhóis, no século 17, algo possível somente pelo uso “de outras próteses, como haviam sido os navios que um dia transplantaram a gaderia do além-mar, evidenciando a origem mais técnica do que propriamente ‘natural’ dessa emblemática configuração geográfica pampiana” (p. 75). A partir disso, o que definiu a construção de uma pampa pastoril não foi apenas o acréscimo do animal exótico nas pastagens da paisagem, mas a relação de “co-transformação” entre esse novo objeto, o gado, e os demais do sistema preexistente, formando um novo sistema, uma nova marca-matriz cultural em movimento, hoje secular nos casos em que não foi

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

efetivamente substituída nos eventos mais recentes. Assim, segundo o geógrafo, foi gerada uma coprodução histórica, entre as características tanto dos campos, quanto de sua pecuária, quanto de suas expressões culturais. “A paisagem pastoril é, portanto, o elemento de síntese a expressar essa produção, essa modelagem histórica” (p. 76).

Os rebanhos foram trazidos às Américas pelos espanhóis e introduzidos no território pelos colonos e pelos jesuítas, no início do século 17 (AURÉLIO PORTO, 1943). Além da extração e da comercialização da erva-mate e do algodão, a criação de rebanhos foi fundamental para o sustento dos 30 aldeamentos ou povos missionários estabelecidos ao longo dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. O trabalho pastoril, de manejo extensivo, e as condições ambientais da região favoreceram a procriação abundante, formando enormes rebanhos. A doma do gado em campo aberto, em que os animais eram caçados e juntados em rodeios – locais balizados onde descansavam, eram contabilizados e alimentados – caracterizava o manejo tradicional missionário, realizado pelos indígenas que atuavam nas estâncias que abasteciam as reduções (MAESTRI, 2008).

Conforme Sordi Dias e Lewgoy (2017), a ocupação da pampa pelos poderes coloniais ibéricos foi mais lenta, tardia e demograficamente mais esparsa que em outras regiões, apesar de possuir uma posição estratégica, em torno do estuário platino. Nesse processo, o gado foi um elemento decisivo para a colonização, em momentos de disputa entre as Coroas de Espanha e Portugal e os povos originários pela posse da região do Prata (BARETTA; MARKOFF, 1978). Quando a Vacaria do Mar entrou em declínio, entre 1720 e 1740, a caça passou a ser substituída pela criação. A Coroa portuguesa, então, passou a distribuir sesmarias e intensificou o interesse na delimitação de fronteiras entre o “domínio português” e o “platino”. Nos confins meridionais da fronteira sul, como define Farinatti (2018), desenvolveu-se uma economia pecuária, por meio do confinamento do gado e da comercialização da carne, do couro, da graxa, do charque, a partir do desmembramento das terras jesuítas e da instalação de estâncias, com vasta utilização de mão de obra escravizada. Com o fim do projeto evangelizador jesuíta e a intensificação da mobilidade indígena, no século 18, os rebanhos missionários foram deixados livres nos campos da pampa e se reproduziram enquanto gado xucro. De acordo com Montebianco (2021), é de amplo conhecimento que se não tivesse existido a secular presença do gado pisoteando e pastoreando os campos, bem como algumas outras práticas tradicionais da vida pastoril, como o roçado e a queima, grande parte da pampa seria coberta por outros tipos de vegetação que não as de domínio herbáceo. Formações como as florestais teriam suporte em muitas das combinações de clima, geologia, geomorfologia e solos existentes na região.

Ao longo do projeto de ocupação colonial, contudo, o território pampeano passa a ser apresentado em certa literatura oitocentista enquanto um “deserto” ou um “oceano”. Um pampa imenso, vazio, selvagem, ocupado por grandes propriedades rurais que empregam pouca mão de obra assalariada. Por muito tempo, essa visão foi a base compartilhada por determinados campos do conhecimento para as reflexões acerca dos modos de vida na pampa. Essa imagem estava pautada em relatos de cunho impressionista, geralmente, a partir de viajantes e naturalistas que



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

tinham como referência o padrão de ocupação europeu e/ou de outras áreas do Brasil e da América. Nessa concepção, as relações sociais estavam polarizadas entre, de um lado, os proprietários da terra e dos meios de produção, e, de outro, uma massa de trabalhadores, escravizados ou juridicamente livres, mas que não possuindo os meios de produção, a terra, vendiam a força de trabalho para sobreviver, muitas vezes, em condições de meeiros, de compadres ou de arrendatários. Na concepção do chamado “capitalismo pastoril” (FREITAS, 1993), a força de trabalho negra, indígena e mestiça era uma mercadoria e, para ser assim, precisaria estar despojada da propriedade dos meios de produção. Por conseguinte, tem-se a imagem de trabalhadores, geralmente homens, sozinhos ou em pequenos grupos, vagando pelo pampa, em função da sazonalidade das lidas ao longo do ano.

A imagem da ocupação histórica do Rio Grande do Sul por homens errantes, sem vínculos familiares e sem terras, vem sendo problematizada pela historiografia no momento que a mesma acessa outras fontes documentais, ou analisa a documentação existente. Estudos recentes apontam a combinação de trabalho escravo com trabalho de peões livres e de pequenos produtores – que integravam cultivos de lavouras com a criação de gado em pequena escala, alguns com propriedade de mão de obra escravizada. Muitos eram pequenos criadores e lavradores que trabalhavam como peões nas grandes estâncias sugerindo um conjunto de relações sociais mais complexo do que a dicotomia entre patrão e peão; e de relações econômicas para além de uma economia marcada apenas pela pecuária. É o caso de Farinatti (2008), que pesquisa os documentos das qualificações das testemunhas e dos réus presentes nos processos criminais de Alegrete, de 1845 a 1865. O autor considera uma “imagem romântica” a de um pampa rural marcado pela presença de homens soltos, sem vínculos, sem demandas e estratégias, andarilhando de estância a estância, empregados em trabalhos pesados, mas um divertimento considerando o “gosto pelas correrias e embates com o gado em campo aberto” (FARINATTI, 2008: 360).

De acordo com Osório (2016: 23), tem-se a presença de produtores rurais que eram simultaneamente, pastores e lavradores, alimentando o grupo familiar com a produção agrícola de trigo, de milho, de feijão, de carne e de leite do pequeno rebanho e que, eventualmente, comercializavam a produção, como forma subsistência e como troca por bens que não tivesse na propriedade. Na análise dos inventários *post-mortem*, a autora encontrou uma significativa presença de camponeses, proprietários de até cem cabeças de gado, que possuíam, além da mão de obra familiar, mão de obra escravizada, evidenciando a disseminação da presença negra na pampa. Para a autora, a pecuária sempre conviveu com outras formas produtivas, por meio de agricultores e de lavradores, visto que boa parte das estâncias possuíam plantações. Mais do que isso, na década de 1780 os lavradores eram a maior parte dos produtores rurais do Rio Grande do Sul, suplantando em número os criadores de gado. Na maioria das vezes, estes lavradores eram, também, pastores, proprietários de pequenos rebanhos de animais e de alguns escravizados. “A escravidão aparece, portanto, como uma característica estrutural da região, ainda no que se poderia chamar de período formativo” (p. 27).

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

De acordo com a pesquisa de Corrêa (2012a), a respeito da região de Caçapava, até meados do século 19 era possível identificar a presença de escravizados mesmo entre médios e pequenos produtores. Para o autor, esses números caracterizam uma sociedade mais complexa do que se poderia imaginar, pois se trata de uma região que tem as suas unidades produtivas ligadas à mão de obra escravizada. Isso independente da economia gerada pelas suas atividades, ou seja, podendo ser com base na pecuária ou na agricultura. Assim, nesta localidade ter escravos não era exclusividade dos grandes pecuaristas. “Adquiriam escravos também médios e pequenos pecuaristas, assim como, agricultores, lavradores dentre outros. Portanto, todos adquiriam escravos, só que em quantidades distintas” (p. 50).

Da mesma forma, a presença de Guarani missioneiros foi intensa ao longo dos séculos 18 e 19, sobretudo, no território das antigas reduções nos vales do Jacuí e do Camaquã, onde trabalhavam como peões, se arranchavam nas imediações das propriedades ou trabalhavam nos povoados e vilas (FARINATTI, 2018). A dinâmica das relações entre esses segmentos da “sociedade do gado” em formação baseava-se nos laços pessoais, acionados para as práticas da pecuária, para a manutenção da ordem interna e para o recrutamento durante os constantes conflitos bélicos pela região. Redes econômicas, familiares, interpessoais, de compadrio, eram importante no acesso aos recursos produtivos (terra, gado, trabalhadores escravizados) e no posicionamento na hierarquia social, bem como na criação de estratégias de apoio mútuo, principalmente entre a população pobre – livre ou cativa (FARINATTI, 2007; CORRÊA, 2012b; OSÓRIO, 2016).

Para Farinatti (2008: 363), pouco sabe-se sobre segmentos sociais que não eram descritos nos inventários, como os “escravos”, negros africanos e criolos, nascidos na América, bem como indígenas, que, também, não eram titulares de atos patrimoniais, como escrituras acessadas nos inventários *post-mortem*. A metodologia do autor foi a caracterização sócio profissional presente nas testemunhas dos processos criminais. A partir da análise das testemunhas que presenciaram os eventos dos processos ou que eram moradores das proximidades do local do delito, encontrou-se a presença de peões, de lavradores, de carpinteiros, de pedreiros, de jornaleiros, de costureiras, de lavadeiras, indicando uma sociedade mais heterogênea, com trabalhadores/as em diversas ocupações, seja nas vilas, seja nas áreas rurais. No que se refere aos peões campeiros, o autor constatou que tinham média de idade de 29 anos e eram solteiros, enquanto os lavradores tinham médias de idade superior e eram casados.

O estabelecimento como lavrador pressupunha, na maioria dos casos, a constituição de família, que acabavam por se tornar a base do trabalho e da organização que permitiam o acesso à produção independente. Por sua vez, as ocupações ligadas ao assalariamento agrícola eram exercidas até que se conseguisse construir as condições necessárias para o estabelecimento como lavrador (FARINATTI, 2008: 372). Essas pessoas continuavam a assalariar-se nas grandes propriedades, como estratégia de reprodução social. Por vezes, realizavam outras atividades

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

sazonais como o trabalho de tropeiro, recebendo valores não somente em dinheiro, mas em mercadorias. Outra estratégia consistia na realização de atividades assalariadas nas vilas.

Nas últimas décadas do século 18, a maior parte do gado da região seria direcionado às charqueadas, estabelecimentos fabris de produção de carne salgada, o *charque*, instaladas ao longo do Canal São Gonçalo (ROCHA, 2014). Na década de 1820, o núcleo charqueador que daria origem à cidade de Pelotas contava com 22 estabelecimentos. Em 1873, o conjunto chegou a ter 38 charqueadas. O charque era o principal alimento da população escravizada, tanto no Brasil quanto na região do Caribe. A produção era realizada por peões campeiros livres e por africanos e descendentes de africanos escravizados, cuja população na zona charqueadora – Pelotas, Bagé, Jaguarão, Uruguai e Argentina – expandiu-se rapidamente. As condições de trabalho nesses estabelecimentos foram descritas por cronistas como extremamente penosas, com jornadas estafantes, má alimentação e castigos, em ambientes insalubres (DREYS, 1839; SAINT-HILAIRE, 2002).

A alta lucratividade da atividade saladeiril possibilitou uma acumulação de capital singular, com a formação de uma elite local composta de famílias de charqueadores proprietários de escravizados. A comercialização do charque integrou o então Rio Grande de São Pedro aos circuitos comerciais da região Sudeste-Sul e aos mercados nacional e internacional, dando à cidade de Pelotas a posição de uma das mais importantes no interior do Brasil. As fortunas acumuladas eram comparáveis ao patrimônio de grandes cafeicultores, senhores de engenho e grandes fazendeiros de outras regiões do Brasil (VARGAS, 2016a). O núcleo urbano, constituído a certa distância das charqueadas, foi o local destinado às residências das famílias dos charqueadores e de demonstração da riqueza e do prestígio social da elite na época, bem como das ambiguidades e contradições da sociedade estratificada que ali se consolidou.

Embora, entenda-se que há muito a ser desvendado nas relações sociais nos ambientes rurais, essas considerações destacam a presença do/a “pecuarista familiar” – junto de outras populações tradicionais – configurando contexto histórico de ocupação do Pampa, a partir de três principais características: processos de sucessão rural por fracionamento de terras das grandes estâncias; compra de terras por agricultores familiares que migraram de regiões de colonização; e a compra da terra por meio dos trabalhadores das estâncias. (FERNANDES; MIGUEL, 2016).

Atualmente, no Rio Grande do Sul, 70% dos estabelecimentos rurais possuem como atividade principal a pecuária de corte, com pecuaristas familiares (WAQUIL; MATTE; NESKE et al, 2016). Em uma caracterização socioeconômica da pecuária familiar no município de Bagé, Porto e Bezerra (2016), evidenciam que o mesmo possui 2000 unidades de produção, sendo que 1400 destas unidades são de caráter familiar. Por conseguinte, deste universo de 1400, 400 unidades são dedicadas à pecuária de corte como atividade principal, representando 28,75%. O distrito de Palmas é o mais representativo em termos de pecuária familiar do município. Os autores trouxeram dados, levantados em amostra, em que cerca de 80% das propriedades utilizam o pastoreio contínuo, sendo os campos nativos a fonte de

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

alimentação dos animais. Outro dado é que 85% das propriedades são voltadas para a cria, vendendo terneiros para intermediários, entendidos como produtores que compram lotes para a (terminação) engorda. Em primeiro plano, os animais são voltados para o consumo, para atender as necessidades da família. A venda de lotes de animais se dá em função de adquirir renda para cobrir as despesas, bem como para gastos imprevistos e casos extraordinários. Nesse sentido, a criação é concebida como mercadoria de reserva, como “poupança”. Por fim, os autores chamam a atenção para a renda não agrícola em que um alto número de pecuaristas familiares possui renda de outras atividades, como funcionários públicos, assalariados rurais e aposentados rurais. A isso, tem-se a elevada faixa etária desses produtores, sendo que 70% estão com idade acima dos 40 anos.

Cotrim (2003) estudou a configuração histórica dos sistemas agrícolas no município de Canguçu. Para nossa análise, trouxemos os resultados sobre a localidade da Coxilha do Fogo. A localidade encontra-se no que se chama zona de campo, sendo a parte geográfica do município com predomínio de gramíneas e leguminosas forrageiras, onde tem-se a presença da pecuária de corte extensiva. Na região, ocorre a predominância de pecuaristas familiares herdeiros das “sesmarias”, política de ocupação colonial na região, durante o século 18. Esses intercalam agricultura e pecuária em propriedades com média de até 100ha. A produção agrícola está voltada para os cultivos de milho e de feijão em áreas de 2ha a 5ha, sendo o milho voltado para a alimentação animal e o feijão voltado para o consumo da família. Após a colheita do milho e do feijão, são feitas as pastagens de inverno para o gado, sendo as principais o azevém e a aveia. Nessas pastagens são colocados os terneiros, com um ano de idade, que foram desmamados, e as vacas de cria, consideradas mais frágeis. O sistema de criação é voltado para cria, vendendo terneiros, eventualmente, conforme a situação dos mercados e da estratégia da família no sentido de adquirir renda. Uma produção agrícola baseada na tração animal, no trabalho manual com ferramentas como enxada e foice. Eventualmente, segue o autor, alugam serviços de vizinhos que possuem tratores para prepararem áreas maiores para cultivos, como o milho (COTRIM, 2003).

Com base nos elementos dessa trajetória, contudo, é possível afirmar que constituiu-se uma síntese identitária do Rio Grande do Sul simbolizada pela pecuária praticada nas grandes propriedades na região da campanha e pela figura idealizada do gaúcho como “*homem do campo*”, peão, que vivia em harmonia com seus senhores, os estancieiros. No entanto, a historiografia produzida nas últimas décadas demonstra que a sociedade que se configurou em torno do gado tinha uma composição sociocultural de origens diversas e hierarquias baseadas nas relações socioeconômicas e na cor da pele. Como observa Osório (2016) e Farinatti (2018), a imagem de uma pampa ocupada por peões assalariados, sem vínculos familiares e sem acesso a recursos produtivos é uma imagem simplificada da formação da fronteira Sul. De acordo com Osório (2016: 37):

A sociedade colonial rio-grandense foi mais diversa e complexa do que apresenta uma certa imagem fixada do passado. A paisagem agrária que se constituía combinava os estabelecimentos de uma infinidade de pequenos produtores, pastores e lavradores, ao lado

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

de grandes estâncias; estas, em número muito menor do que se supunha. Os binômios tradicionais e exclusivos “estancieiro-peão” e “lavrador açoriano-trabalho familiar” não são suficientes para compreender as práticas sociais e produtivas desenvolvidas pela maior parte da população.

A população rural organizava-se, predominantemente, em pequenas e médias unidades familiares, por meio da combinação de trabalhadores assalariados, de trabalhadores escravizados e de trabalhadores livres sazonais ou por temporadas. Homens e mulheres, escravizados e libertos, formavam extensas redes de relações familiares e de compadrio. A presença de escravizados, trabalhando como peões campeiros (com predomínio absoluto dos pequenos plantéis), nas charqueadas e desempenhando diversos ofícios no campo e nas cidades, era bem disseminada pelo tecido social (MATHEUS, 2013; OSÓRIO, 2016; KOSBY, 2017a).

Nas últimas décadas, porém, essa complexidade ou esse pluriverso construído historicamente e sintetizado na paisagem pastoril pampiana tem sido fortemente modificada pela conversão agrícola em escala industrial – como os cultivos de arroz e de soja – e pela silvicultura de espécies exóticas, como o eucalipto e o pinus (FIGUEIRÓ; SELL; LOSEKANN et al, 2011; MONTEBLANCO, 2021). O cultivo da soja, por exemplo, se expande no Rio Grande do Sul dos domínios de solos argilosos do norte, para os de solos arenosos e franco-arenosos da Pampa, no embalo da associação favorável entre fatores de mercado global, de ciência, de tecnologia e de informação, que vão tornando cada vez mais diminutas as áreas em que as condições naturais preexistentes ainda oferecem barreiras ao plantio a ponto de inviabilizá-lo.

Investidores com trajetória no setor, vindos, basicamente, dessas regiões tradicionalmente produtoras da metade norte do estado, movimentam uma grande procura por terras nas localidades da Pampa, com solos minimamente viáveis à agricultura. A menor produtividade por área dos solos da região empurra o evento a um avanço extensivo, favorecido pelo baixo preço relativo do hectare. Frente às dificuldades atuais de reprodução na pecuária extensiva, principalmente para pecuaristas familiares e de médios porte, a conversão de remanescentes de paisagem-vida pastoril é facilitada, de modo que, hoje, há, na região, mais áreas de lavoura do que de formações campestres nativas.

Restam remanescentes, confinados em geografias refratárias a usos hegemônicos, que tem no Alto Camaquã um de seus redutos. São espécies de conservatórios que guardam, como fossem grandes relicários a céu aberto, essas formas-conteúdo, essa herança secular da pecuária extensiva, entre continuidades e descontinuidades. Esses conservatórios, remanescem, no entanto, em um momento de emergência de novos olhares, requalificados, que, paradoxalmente, passam a ver qualidades diferenciais nas mesmas características que um dia associaram essas zonas ao “atraso”, o que poderá ser uma potencialidade. A crise ambiental que põe em voga o tema da biodiversidade é, também, a crise da cultura de massa global que põe em voga o que é próprio e distintivo. Os territórios e suas

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

expressões humanas, além dos biomas e suas expressões “naturais”, são valorizados e a conservação e/ou recuperação de suas paisagens vai se tornando de interesse social e institucional.

<b>5.2. Cronologia</b>	
<b>Data</b>	<b>Evento</b>
Século 17 (década de 1630)	Introdução dos rebanhos bovinos, muar, ovinos, equinos, caprinos na região das bacias platinas, a partir das Reduções Guarani na Província Jesuítica do Paraguai. Abandono das reduções na margem oriental do Rio Uruguai, devido aos ataques de bandeirantes. Asselvajamento dos rebanhos na Vacaria do Pinhais e na Vacaria do Mar.
Século 17 (década de 1680)	Retomada do projeto Missioneiro na margem oriental do Rio Uruguai e fundação dos Sete Povos das Missões. Implantação das estâncias dos Guarani na região da pampa para a criação de rebanhos, tendo em vista o abastecimento das reduções e a comercialização do gado.
Século 18 (década de 1730)	Aumento da colonização portuguesa na região, a partir da distribuição de sesmarias e da fundação de povoados.
Século 18	Caça do gado bravo para comercialização da carne e do couro. Caça do gado muar para fornecimento na região das minas brasileiras.
Século 18 (1753-1756)	Guerra Guaranítica, envolvendo os exércitos portugueses e espanhóis contra o povo Guarani Missioneiro e os padres Jesuítas. Declínio das Missões. Abandono das estâncias Guarani e dos rebanhos.
Século 18 (1780)	Fundação das primeiras charqueadas na região pampeana do Brasil, do Uruguai e da Argentina.
Século 19	Intensificação da instalação das charqueadas no Rio Grande do Sul, com vasta utilização de mão de obra africana escravizada.
Século 19 (1850)	Lei de Terras é publicada pelo imperador Dom Pedro II, apropriação das terras e alteração da estrutura fundiária.
Século 19 e início do século 20	Declínio das charqueadas e instalação de frigoríficos.
Século 20 (a partir de 1950)	Aumento do monocultivo, com lavouras de arroz, de milho, de soja e da silvicultura.
Século 20 (a partir da década de 1980)	Novos modelos fundiários. Assentamentos da Reforma Agrária. Comunidades Quilombolas. Terras Indígenas.
Século 21	Intensificação da supressão da pampa, através de projetos de monocultivo, de mineração e outros.

## 6. Perfil socioeconômico

Obs.: Para lista completa dos documentos escritos inventariados, consultar ficha “Anexo: Bibliografia”.

### 6.1. População



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

Os municípios que integram o Alto Camaquã apresentam características populacionais e dimensões territoriais distintas.

O município de Bagé, localizado na coordenada 31°19'51"S54°06'25"O, possui uma área territorial de 4.095,5km<sup>2</sup> com densidade demográfica de 28,52hab/km<sup>2</sup>. O município é limítrofe a Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Aceguá, Hulha Negra, Candiota, Dom Pedrito e da República Oriental do Uruguai. Conforme Censo 2010, apresenta uma população de 116.794 habitantes (52,22% mulheres e 47,78% homens), sendo que 97.765 dessa população residem em área urbana e 19.029 em área rural. O município é dividido em seis distritos, denominados Colônia Nova, Joça Tavares, José Otávio, Pirai, Seival, Palmas e o Distrito-sede Bagé. A economia do município é baseada na agricultura e na pecuária.

O município de Encruzilhada do Sul, localizado na coordenada 30° 31' 37"S52°31'6"O, possui uma área territorial de 3.348,3 km<sup>2</sup> com densidade demográfica de 7,7hab/km<sup>2</sup>. O município é limítrofe a Rio Pardo, Pantano Grande, Dom Feliciano, Canguçu, Amaral Ferrador, Cachoeira do Sul, Santana da Boa Vista e Piratini. Conforme Censo de 2010, apresenta uma população de 24.534 habitantes (48,60% mulheres e 52,40% homens), onde 17.895 habitantes residem na área urbana e 7.887 em área rural. O município é dividido em sete distritos, sendo o 1º o Distrito-Sede, Encruzilhada do Sul, Capitão Noronha, Cerro Partido, Coronel Prestes, Maria Santa, Pompeu Machado e Santa Bárbara. A economia do município é voltada para a agricultura e pecuária.

O município de Lavras do Sul, localizado na coordenada 30°48'46"S53°53'42"O, possui uma área territorial de 2.600,6km<sup>2</sup> com densidade demográfica de 2,95hab/km<sup>2</sup>. O município é limítrofe a Bagé, Dom Pedrito, Caçapava do Sul, São Gabriel, Santa Margarida do Sul, Vila Nova do Sul e São Sepé. Conforme Censo de 2010, apresenta uma população de 7.679 habitantes (50,83% mulheres e 49,16% homens), onde 4.758 dos habitantes residem em área urbana e 2.921 em área rural. O município é dividido em dois distritos, o 1º distrito, a sede, denominado Lavras do Sul e o 2º distrito denominado de Ibaré. A economia do município é voltada para atividades agropecuárias.

O município de Caçapava do Sul, localizado na coordenada 30°30'43"S53°29'27"O, com uma área de extensão territorial de 3.047,113km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 11,06hab/km<sup>2</sup>. Os municípios limítrofes a Caçapava do Sul são: São Sepé, Cachoeira do Sul, Santana da Boa Vista, Pinheiro Machado, Bagé e Lavras do Sul. De acordo com o Censo 2010, a população é de 33.690 habitantes (51,53% mulheres e 48,46% homens), dividindo-se em 25.410 que residem em área urbana e 8.280 em área rural. A divisão distrital consiste em seis distritos: Bom Jardim, Carajá, Cerro do Martins, Forninho, Santa Bárbara e o Distrito-sede Caçapava do Sul. As principais atividades econômicas desenvolvidas são relacionadas à mineração, à agricultura e à pecuária.

O município de Santana da Boa Vista, localizado na coordenada 30°52'19"S53°06'54"O, tem uma área territorial de 1.420,616km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 5,80hab/km<sup>2</sup>. Os municípios limítrofes a Santana de Boa Vista são:

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

Caçapava do Sul, Pinheiro Machado, Cachoeira do Sul, Piratini e Encruzilhada do Sul. Segundo o Censo 2010, o município tem 8.242 habitantes (50,58% homens e 49,41% mulheres), sendo que 3.723 habitantes residem em área urbana e 4.519 residem em área rural. A divisão territorial do município é composta somente pelo distrito-sede. A economia do município é baseada na agricultura e na pecuária.

O município de Canguçu, localizado na coordenada 31°23'42"S52°40'33"O, tem área territorial de 3.520,6km², com uma densidade demográfica de 15,11hab/km². Os municípios limítrofes a Canguçu são: Encruzilhada do Sul, Amaral Ferrador, Cristal, Cerrito, Morro Redondo, Pelotas, São Lourenço do Sul e Piratini. De acordo com o Censo 2010, o município tem uma população de 53.259 habitantes (50,42% homens e 49,57% mulheres), sendo que 19.694 dos habitantes residem na área urbana e 33.565 residem na área rural do município. O município apresenta uma divisão territorial composta por cinco regiões distritais, definidas numericamente, sendo a 1º o Distrito-sede. A economia do município é baseada na agricultura, principalmente a familiar, sendo considerado uns dos municípios com maior concentração de minifúndios.

O município de Pinheiro Machado, localizado na coordenada 31°34'33.0"S53°23'10.7" O, tem extensão territorial de 2.249,55 km² e densidade demográfica de 5,68hab/km². Os municípios limítrofes a Pinheiro Machado são: Piratini, Pedras Altas, Candiota, Bagé, Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista. Segundo o Censo 2010, a população residente é de 12.780 habitantes (50,07% mulheres e 49,92% homens), sendo que 9.784 residem em área urbana e 2.996 residem em área rural. A divisão territorial do município é constituída de quatro distritos, denominados numericamente, sendo o 1º o Distrito-sede. A economia do município é concentrada na agricultura, na pecuária e na extração mineral.

O município de Piratini, localizado na coordenada 31°26'52"S53°06'14"O, apresenta uma área territorial de 3.561,5km², com uma densidade demográfica de 5,61hab/km². Os municípios limítrofes a Piratini são: Canguçu, Encruzilhada do Sul, Santana da Boa Vista, Pinheiro Machado, Herval, Pedro Osório e Cerrito. Conforme o Censo 2010, a população de Piratini é composta por 19.841 habitantes (50,94% homens e 49,05% mulheres), sendo que 11.570 habitantes residem na área urbana e 8.271 residem na área rural. A divisão territorial do município é composta por cinco distritos, denominados numericamente, sendo o 1º o Distrito-sede. A economia do município é baseada na agricultura, na pecuária e na indústria de tijolos e de telhas.

Devido à formação histórica e sociocultural, apresentada anteriormente, encontram-se no Alto Camaquã um número significativo de populações tradicionais. Conforme Altmann, Silva e Rubert (2019), de acordo com pesquisa nas localidades de Costa do Bica e Paredão, em Piratini, ao longo da divisa com os municípios de Santana da Boa Vista e Canguçu, existe uma grande diversidade étnica entre os moradores, onde alguns se declaram com ascendência exclusiva de "índios", mas observa-se claramente a referência a outras ascendências étnicas, assim como uma

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
Santana da Boa Vista						

profusão de terminologias para qualificá-las, como, por exemplo, moreno, branco, cor de cuia, amarelo, italiano, espanhola. As categorias “cor de cuia” e “amarelo”, a considerar os significados correntes no contexto local referente à classificação étnica, remetem para situações de mestiçagem. Já a categoria “moreno”, remetendo-se a estes mesmo padrões de significados, refere a ascendência africana. De acordo com os autores, isso pode ser visualizado na interlocução com os moradores da comunidade. “Seu João identifica o avô e a avó maternos como ‘italianos’, assim como sua mãe, mas não titubeia em prontamente se autodeclarar ‘índio’.” Já, sua esposa, Beloni, apresenta uma situação similar, “pela linhagem materna identifica ascendência ‘castelhana’, mas se autodeclara ‘guarani’, ascendência que atribui ao pai, o qual, segundo ela, era conhecido localmente pelo pseudônimo ‘vovô índio” (p. 6). A presença de processos de miscigenação, contudo, não implica a ausência de fronteiras étnicas, inclusive com certo grau de racialização.

Destaca-se, também, a presença de Terras Indígenas, como a Irapuá (Guarani Mbya), em Caçapava do Sul. Bem como a difusão de Comunidades Quilombolas, como, por exemplo, o Quilombo de Palmas, em Bagé, o Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, o Quilombo Tio Dô, em Santana da Boa Vista, e o Quilombo Rincão do Couro, em Piratini, entre outras. De acordo com Kosby (2021), tais comunidades são definidas pelo INCRA como grupos étnicos, constituídos, predominantemente, por população negra rural ou urbana, autodefinida de acordo com o parentesco, o território, as relações com a terra, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. Atravessa esse conjunto de relações o compartilhamento da experiência de escravização das populações de origem africana traficadas ou contrabandeadas à América durante séculos de colonização. Nesse sentido, para a antropóloga, a formação de quilombos está diretamente associada a movimentos de resistência ao cativo e ao trabalho escravo, tais como a fuga para lugares remotos e de difícil acesso, as deserções de guerras e insurreições. Essa presença dos povos tradicionais apontou uma diversidade de saberes intimamente associados ao ambiente dos campos dobrado, conforme tabela:

Tabela 2: Comunidades Quilombolas Reconhecidas no Alto Camaquã

Município	Comunidade Quilombola
Bagé	Palmas
Caçapava do Sul	Faxinal
Caçapava do Sul	Picada das Vassouras
Caçapava do Sul	Rincão Bonito/Seivalzinho
Canguçu	Armada
Canguçu	Bisa Vicente

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

Canguçu	Boqueirão
Canguçu	Cerro da Boneca
Canguçu	Cerro da Vigília
Canguçu	Cerro das Velhas
Canguçu	Estância da Figueira
Canguçu	Fávila
Canguçu	Faxinal
Canguçu	Filhos dos Quilombos
Canguçu	Iguatemi
Canguçu	Manoel do Rego/Rincão
Canguçu	Passo do Lourenço
Canguçu	Potreiro Grande
Canguçu	Maçambique
Canguçu	Santa Clara e Arredores
Encruzilhada do Sul	Quadra
Encruzilhada do Sul	Medeiros
Lavras do Sul	Corredor dos Munhós
Piratini	Brasa Moura
Piratini	Faxina
Piratini	Fazenda da Cachoeira
Piratini	Nicanor da Luz
Piratini	Raulino Lessa
Piratini	Rincão do Couro
Piratini	São Manoel
Santana da Boa Vista	Tio Dô

Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2020).

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

Tabela 3: Terras Indígenas no Alto Camaquã

Município	Terra Indígena
Caçapava do Sul	Irapuá (Guarani)

Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2020).

Cabe pontuar, ainda, que, nas últimas décadas, foram realizadas uma série de assentamentos da reforma agrária na região sul do Rio Grande do Sul, que abrangem a região do sítio da pesquisa.

## 6.2. Qualidade de vida

O Alto Camaquã é marcado por um paradoxo: por um lado, é a região mais preservada do bioma pampa com 80% da cobertura vegetal natural e, por outro, é considerada, pelo Estado, como a mais pobre. Municípios como Santana da Boa Vista, Encruzilhada do Sul, Canguçu e Piratini ocupam os últimos lugares no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado (universo de 496 municípios) conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 4: Índice de Desenvolvimento Humano no Alto Camaquã

Município	IDHM (2010)	Ranking (RS)
Bagé	0.740	151º
Caçapava do Sul (RS)	0.704	295º
Lavras do Sul (RS)	0.699	314º
Pinheiro Machado (RS)	0.661	433º
Piratini (RS)	0.658	443º
Encruzilhada do Sul (RS)	0.657	445º
Canguçu (RS)	0.650	460º
Santana da Boa Vista	0.633	480º

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (IBGE).

Marcos Borba (2016: 187), entende que isso se dá pelo fato de que a região não teve “êxito na implementação dos modelos de desenvolvimento propostos”. Nos municípios do Alto Camaquã variam entre 79% e 87% o número de estabelecimentos voltados para a agricultura/pecuária familiar detendo um modo de vida constituído a partir de uma relação mais intensa com a natureza, não tendo dependência de insumos externos, com autonomia em relação aos mercados. Ao mesmo tempo que os índices de renda são baixos, em função das pessoas venderem os animais quando precisam, sendo a criação uma espécie de “poupança”. Essa autonomia em relação aos mercados internos, associada a uma topografia de terrenos ondulados e solos rasos, com matas nas ladeiras, vertentes e margens de

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

cursos d’água, e a associação entre a vegetação arbórea com a vegetação herbácea, um mosaicos de campo e mato constituiu, para Borba, alguns dos fatores que explicam o “desinteresse”, por muitos anos, dos projetos de modernização agrícola na região.

Nesse sentido, a Embrapa Pecuária Sul/Bagé, elaborou um projeto de desenvolvimento territorial “endógeno”, ou seja, com centralidade aos modos de vida e suas relações com o ambiente, em que “aos atores locais lhes sejam facultados o direito de gerar referências próprias, uma ‘vara de medir local’ para definir as estratégias de mudança.” (BORBA, 2016: 204). Tal estratégia vem sendo desenvolvida, desde 2010, na região por meio do grupo associativo Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC), fruto da articulação entre pecuaristas familiares e parceiros, como universidades e Embrapa e Emater. A ADAC é uma rede de associações comunitárias, localizadas nos municípios que integram o projeto. Envolve um número aproximado de 500 famílias – cerca de 2 000 pessoas – distribuídas em 25 associações. Para Borba (2016), o objetivo é “apoiar e promover a preservação do patrimônio histórico, do meio ambiente, das culturas étnicas e produtivas do Alto Camaquã” (p. 207).

**6.3. Trabalho e renda familiar**

A partir da constatação de relevância do segmento familiar, o Estado do Rio Grande do Sul instituiu, por meio do decreto no 48.316 de 31 de agosto de 2011, o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar (PECFAM). Conforme os Art.2º, do Decreto nº 48.316, de 31 de agosto de 2011 que regulamenta a política pública, o programa tem “como finalidade a promoção do desenvolvimento rural sustentável com justiça social, melhoria da qualidade de vida e respeito ao meio ambiente, por meio da coordenação de ações integradas junto aos pecuaristas familiares, suas cooperativas e associações.” Para isso, são considerados pecuaristas familiares quem atende simultaneamente às seguintes condições:

- I – tenham como atividade predominante a cria ou a recria de bovinos e/ou caprinos e/ou bubalinos e/ou ovinos com a finalidade de corte;
- II – utilizem na produção trabalho predominantemente familiar, podendo utilizar mão de obra contratada em até cento e vinte dias ao ano;
- III – detenham a posse, a qualquer título, de estabelecimento rural com área total, contínua ou não, inferior a trezentos hectares;
- IV – tenham residência no próprio estabelecimento ou em local próximo a ele; e
- V – obtenham no mínimo setenta por cento da sua renda provinda da atividade pecuária e não agropecuária do estabelecimento, excluídos os benefícios sociais e os proventos previdenciários decorrentes de atividades rurais.

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) é a responsável pela execução da política pública. No site da Instituição encontra-se os objetivos de trabalho da instituição com os pecuaristas familiares:

- Promover ações em apoio a todos os membros da família visando a melhoria da qualidade de vida.
- Incentivar a segurança e soberania alimentar da família.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

- Incentivar sistemas de produção que melhorem os índices zootécnicos através da utilização sustentável das pastagens naturais e cultivadas e do uso racional de insumos externos.
- Melhorar o nível de bem-estar dos animais, contribuindo para o aumento na produtividade e a melhoria da sanidade dos rebanhos.
- Promover a utilização de métodos alternativos na prevenção de doenças e tratamentos sanitários.
- Promover o melhoramento genético dos rebanhos assistidos.
- Incentivar as atividades não agrícolas, como artesanato e a agroindústria familiar de alimentos, como forma de ampliar e diversificar a renda dos estabelecimentos.
- Incentivar formas associativas de pecuaristas familiares que contribuam para a solução de problemas comuns e ampliem as suas oportunidades de inserção no mercado.
- Realizar ações na gestão de pessoas e processos na propriedade.
- Fomentar ações que favoreçam a sucessão na pecuária familiar. (EMATER, 2018).

**6.4. Educação**

Segundo dados do IBGE, referentes ao ano de 2010, Bagé possui 116 mil habitantes, aproximadamente, sendo 19 mil estudantes de ensino fundamental e médio. Destes, 14.537 são estudantes do ensino fundamental e 4.188 do ensino médio. A cidade possui 60 escolas de ensino fundamental e 14 escolas de ensino médio, sendo 30 escolas privadas. Conta, também, com a presença do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul-Campus Bagé). Segundo informações do IBGE, Bagé possui 789 docentes no ensino fundamental e 299 docentes do ensino médio. No que tange ao ensino superior, Bagé conta a Universidade da Região da Campanha (Urcamp), o Instituto de Desenvolvimento Educacional de Bagé (UnIDEAU), a Universidade Federal do Pampa (Unipampa-Bagé), a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS-Bagé) e o IFSul-Campus Bagé, além de instituições de ensino superior à distância (EAD).

Segundo dados do IBGE, referentes ao ano de 2010, Caçapava do Sul possui 34 mil habitantes, aproximadamente, sendo 4 mil estudantes de ensino fundamental e médio. Destes, 4.093 são estudantes do ensino fundamental e 1.008 do ensino médio. A cidade possui 24 escolas de ensino fundamental e 6 escolas de ensino médio, sendo 7 escolas privadas. Segundo informações do IBGE, Caçapava do Sul possui 265 docentes no ensino fundamental e 100 docentes do ensino médio. No que tange ao ensino superior, Caçapava do Sul conta com a Universidade Federal do Pampa (Unipampa-Caçapava do Sul), além de instituições de ensino superior à distância (EAD).

Segundo dados do IBGE, referentes a 2010, Canguçu possui 53 mil habitantes, aproximadamente, sendo 7 mil estudantes de ensino fundamental e médio, Destes, 5.672 são estudantes do ensino fundamental e 1.489 do ensino médio. A cidade possui 46 escolas de ensino fundamental, 8 escolas de ensino médio, sendo 3 escolas privadas. Segundo informações do IBGE, Canguçu possui 436 docentes no ensino fundamental e 115 docentes do ensino médio. Em Canguçu está instalada uma das unidades da Escola Família Agrícola (Efasul), que oferece Ensino Médio Técnico em Agroecologia. De acordo com o portal do município, o diferencial da Efasul é o enfoque voltado

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

especificamente para jovens que desejam ter qualificação para permanecer no campo. Além da EFA-Sul, a cidade conta com a Escola Técnica Estadual de Canguçu (ETEC), com Ensino Médio Integrado - Agricultura e cursos técnicos em Agricultura e em Contabilidade. No que tange ao ensino superior, Canguçu conta com instituições de ensino superior à distância (EAD).

Segundo dados do IBGE, referentes ao ano de 2010, Encruzilhada do Sul possui 25 mil habitantes, aproximadamente, sendo 4 mil estudantes do ensino fundamental e médio. Destes, 2.992 são estudantes do ensino fundamental e 921 do ensino médio. A cidade possui 17 escolas de ensino fundamental e 3 escolas de ensino médio, sendo 1 privada. A cidade conta com o Colégio Estadual Técnico Agropecuário Dr. Zeno Pereira Luz (CETEC Dr. Zeno Pereira Luz), que oferece o curso Técnico em Agropecuária. Segundo informações do IBGE, Encruzilhada do Sul possui 196 docentes no ensino fundamental e 62 docentes no ensino médio. No que tange ao ensino superior Encruzilhada do Sul conta com instituições de ensino superior à distância (EAD).

Segundo dados do IBGE, referentes ao ano de 2010, Lavras do Sul possui 8 mil habitantes, aproximadamente, sendo 1 mil estudantes de ensino fundamental e médio. Destes, 872 são estudantes do ensino fundamental e 248 do ensino médio. A cidade possui 8 escolas de ensino fundamental e 1 escola de ensino médio. Segundo informações do IBGE, Lavras do Sul possui 70 docentes no ensino fundamental e 20 docentes do ensino médio. No que tange ao ensino superior, Lavras do Sul conta com instituições de ensino superior à distância (EAD).

Segundo dados do IBGE, referentes ao ano de 2010, Piratini possui 20 mil habitantes, aproximadamente, sendo 2 mil estudantes de ensino fundamental e médio. Destes, 1.886 são estudantes do ensino fundamental e 501 do ensino médio. A cidade possui 18 escolas de ensino fundamental e 3 escolas de ensino médio, sendo 2 escolas privadas. Segundo informações do IBGE, Piratini possui 151 docentes no ensino fundamental e 51 docentes do ensino médio. No que tange ao ensino superior, Piratini conta com instituições de ensino superior à distância (EAD).

Segundo dados do IBGE, referentes ao ano de 2010, Pinheiro Machado possui 13 mil habitantes, aproximadamente, sendo 1 mil estudantes de ensino fundamental e médio. Destes, 1.307 são estudantes do ensino fundamental e 239 do ensino médio. A cidade possui 7 escolas de ensino fundamental e 1 escola de ensino médio. Segundo informações do IBGE, Pinheiro Machado possui 95 docentes no ensino fundamental e 12 docentes do ensino médio. No que tange ao ensino superior, Pinheiro Machado conta com instituições de ensino superior à distância (EAD).

Segundo dados do IBGE, referentes ao ano de 2010, Santana da Boa Vista possui 8 mil habitantes, aproximadamente, sendo 1 mil estudantes de ensino fundamental e médio. Destes, 833 são estudantes do ensino fundamental e 233 do ensino médio. A cidade possui 9 escolas de ensino fundamental e 1 escola de ensino médio. Segundo informações do IBGE, Santana da Boa Vista possui 63 docentes no ensino fundamental e 24 docentes do ensino médio. No que tange ao ensino superior, Santana da Boa Vista conta com polo de ensino à distância (EAD) da Universidade Federal de

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

Santa Maria (UFSM), com licenciatura em Letras-Português e em Pedagogia, além de instituições de ensino superior à distância (EAD).

Contudo, algumas localidades no interior dos municípios não possuem escolas de ensino básico ou oferecem apenas a formação inicial, o que faz com que os estudantes tenham que se deslocar até a sede dos municípios para dar andamento a sua formação, o que, em alguns casos, pode levar horas em jornadas de ônibus ou em vans escolares. Esse transporte pode apresentar dificuldade de acesso a algumas áreas, devido às condições das estradas, as enchentes, as chuvas e/ou a queda de pontes, por exemplo.

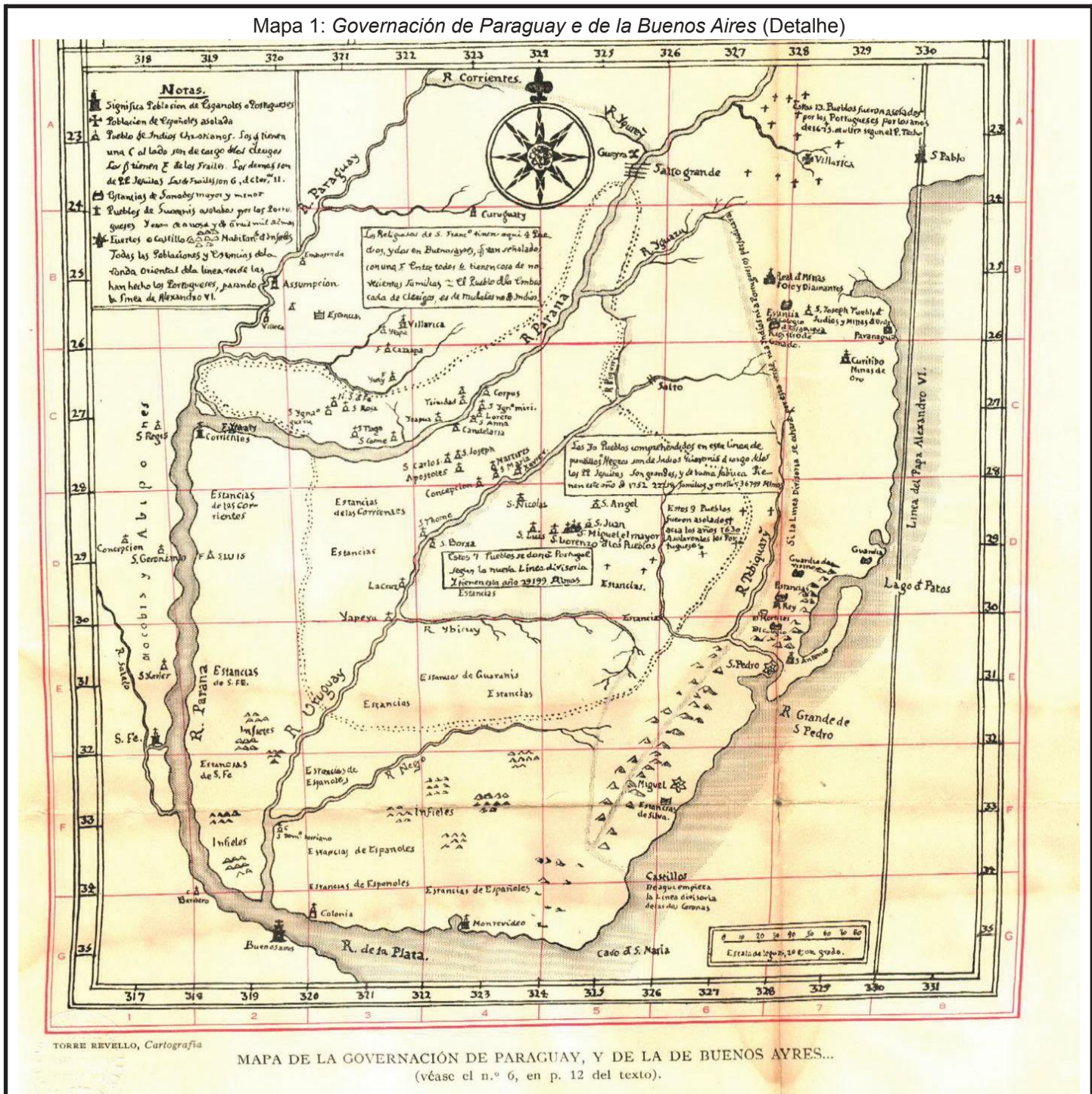
Destaca-se que outras instituições realizam ações educativas na região, como a Emater/RS-Ascar, que desenvolve cursos livres em extensão rural, com formação em temas como plantas medicinais, condimentares e aromáticas, costura, artesanato rural, artesanato em lã, gerenciamento de propriedades rurais, empreendedorismo para jovens, processamento artesanal de carnes, entre outros, além de oferecer capacitação técnica e acompanhamento de extensionistas às comunidades rurais da região do Alto Camaquã.

Há, ainda, espaços voltados à memória e ao patrimônio, que, ocasionalmente, realizam ações voltadas para formação ou divulgação da *lida campeira* e das atividades pecuárias, como a Casa de Cultura Pedro Wayne, em Bagé, o Museu Histórico Farroupilha, em Piratini, a Casa da Cultura Marlene Barbosa Coelho e o Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa, em Canguçu, a Casa de Cultura Juarez Teixeira, em Caçapava do Sul, a Casa de Cultura Humberto Fossa, em Encruzilhada do Sul, a Casa de Cultura José Néri da Silveira, em Lavras do Sul, entre outros. Bem como o Centro de Referência em Artesanato Lãs do RS, inaugurado em 2021, em Bagé, que tem como propósito a difusão dos saberes ligados à lã, a valorização da cadeia produtiva e do artesanato em lã crua como patrimônio imaterial do Rio Grande do Sul.



<p>Ficha de Identificação: Sítio</p>	<p>RS</p>	<p>Alto Camaquã e Entorno</p>	<p>Bagé</p>	<p>2021</p>	<p>F10</p>	<p>–</p>
			<p>Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista</p>			

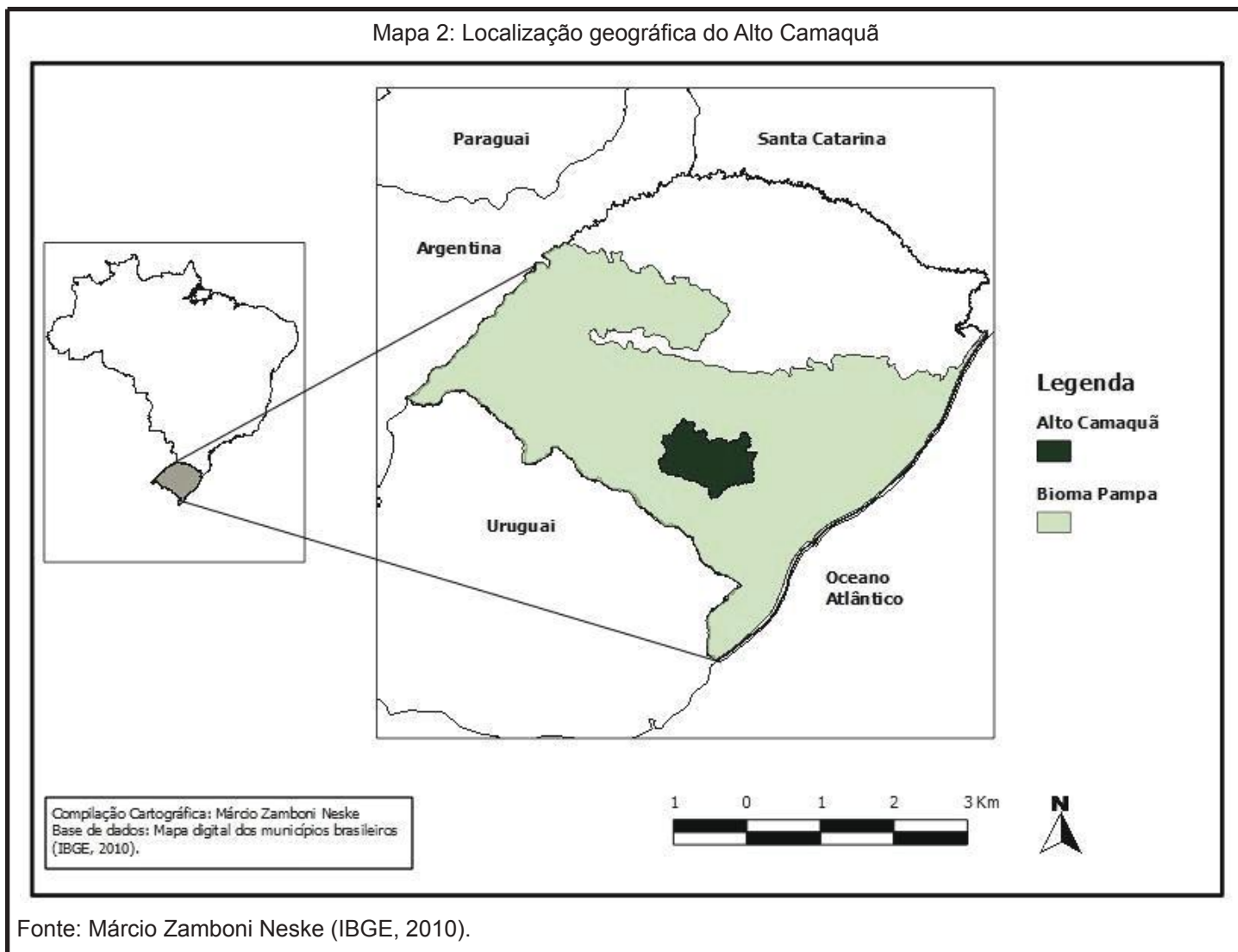
7. Plantas, mapas e croquis



Fonte: Padre José Cardiel, S.J. (1752).

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

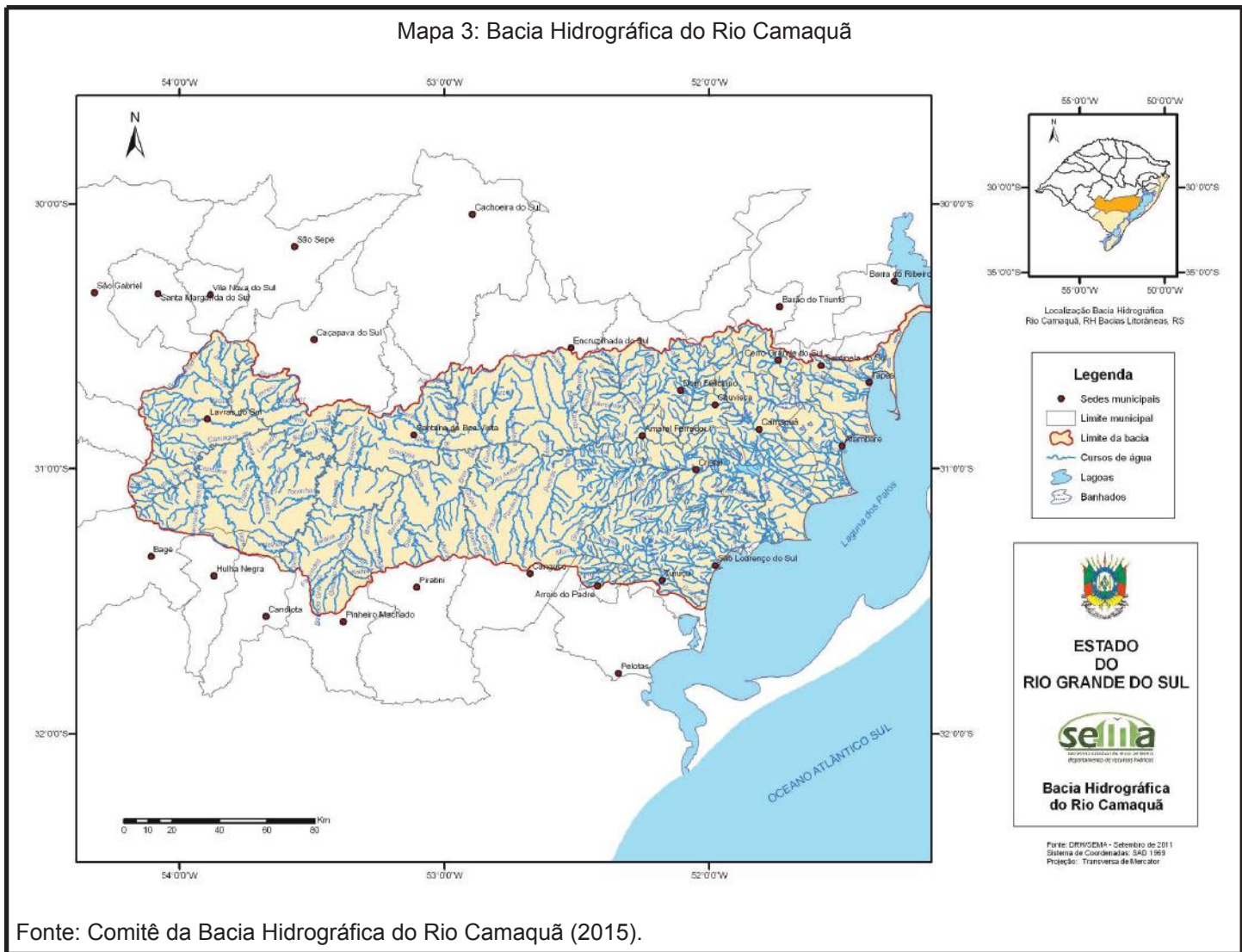
Mapa 2: Localização geográfica do Alto Camaquã





<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

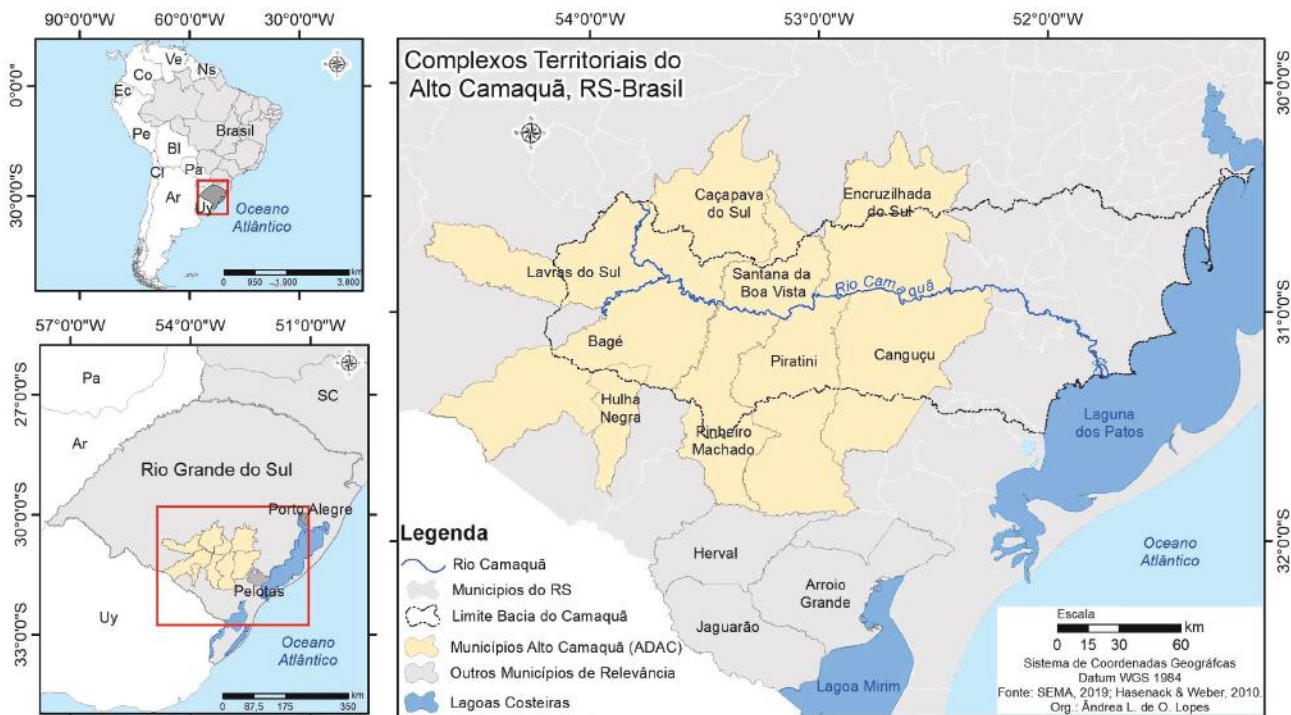
Mapa 3: Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã



Fonte: Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã (2015).

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

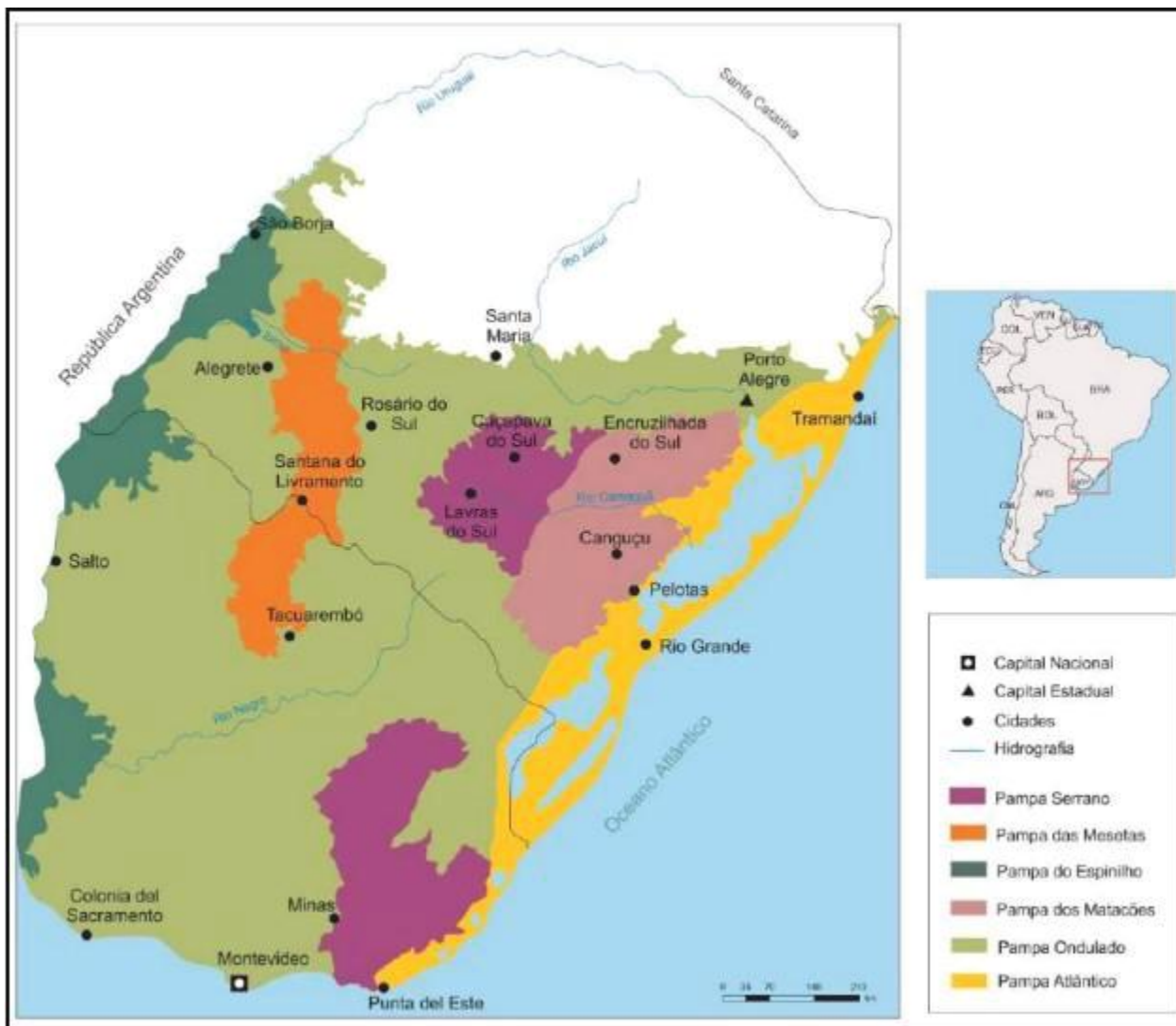
Mapa 4: Complexos Territoriais do Alto Camaquã



Fonte: INRC Lida Campeira. Organizado por: Ândrea de O. Lopes (2020).

Ficha de Identificação: Sítio	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

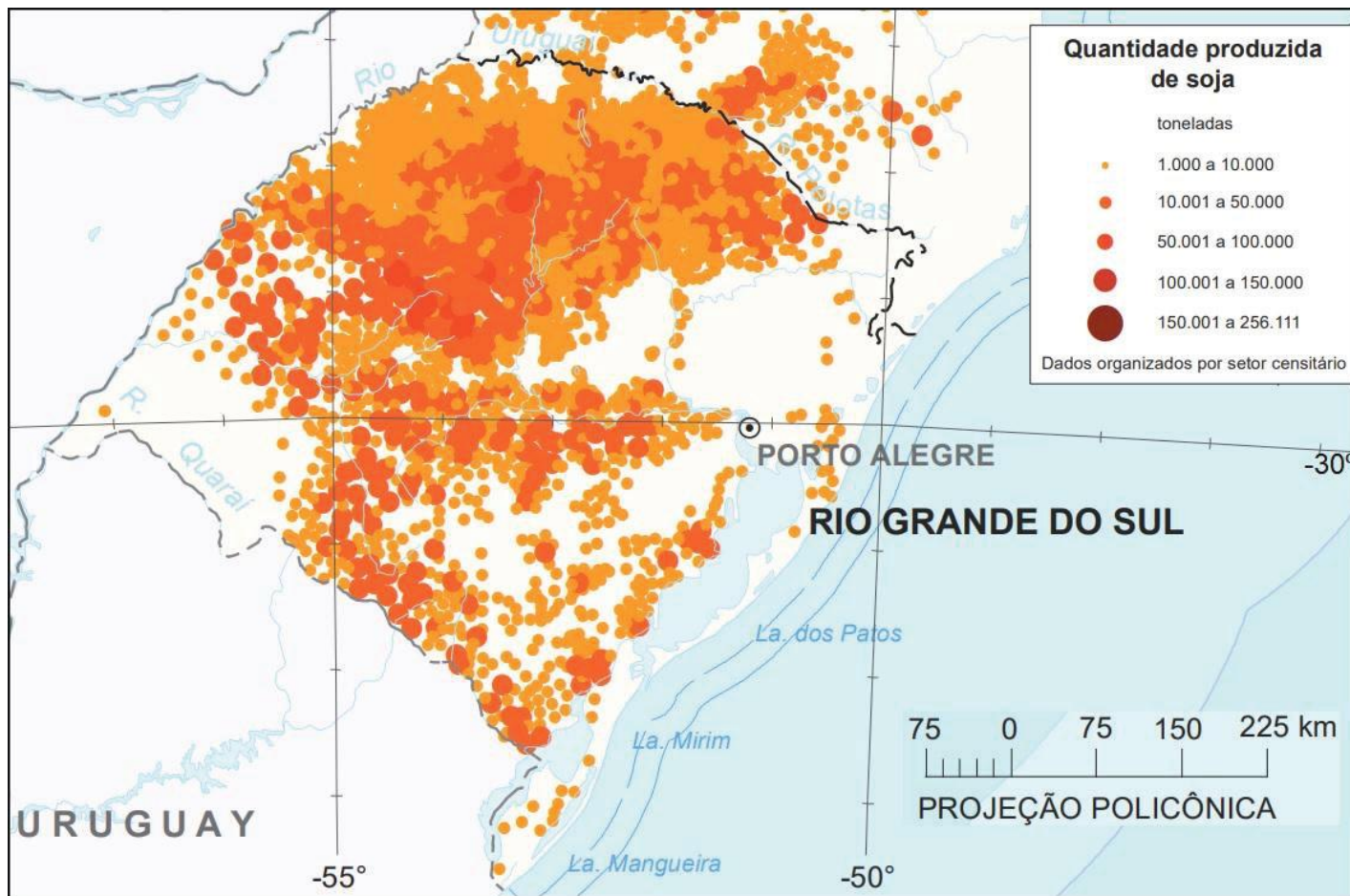
Mapa 5: Ecoprovíncias do pampa uruguaio-sul-rio-grandense



Fonte: Sell (2017).

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Mapa 6: Rio Grande do Sul: distribuição espacial da produção de soja (2017)

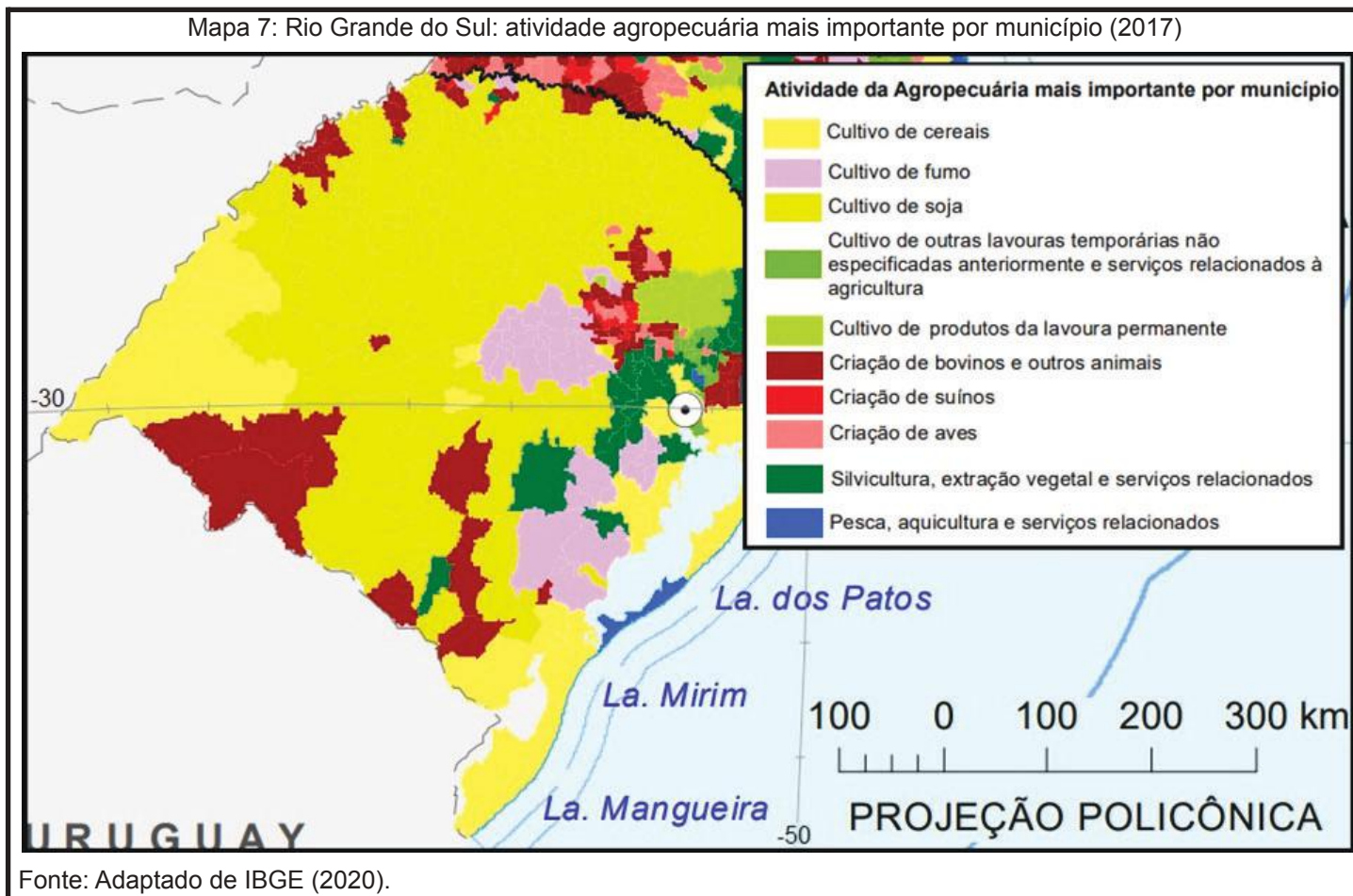


Fonte: Adaptado de IBGE (2020).



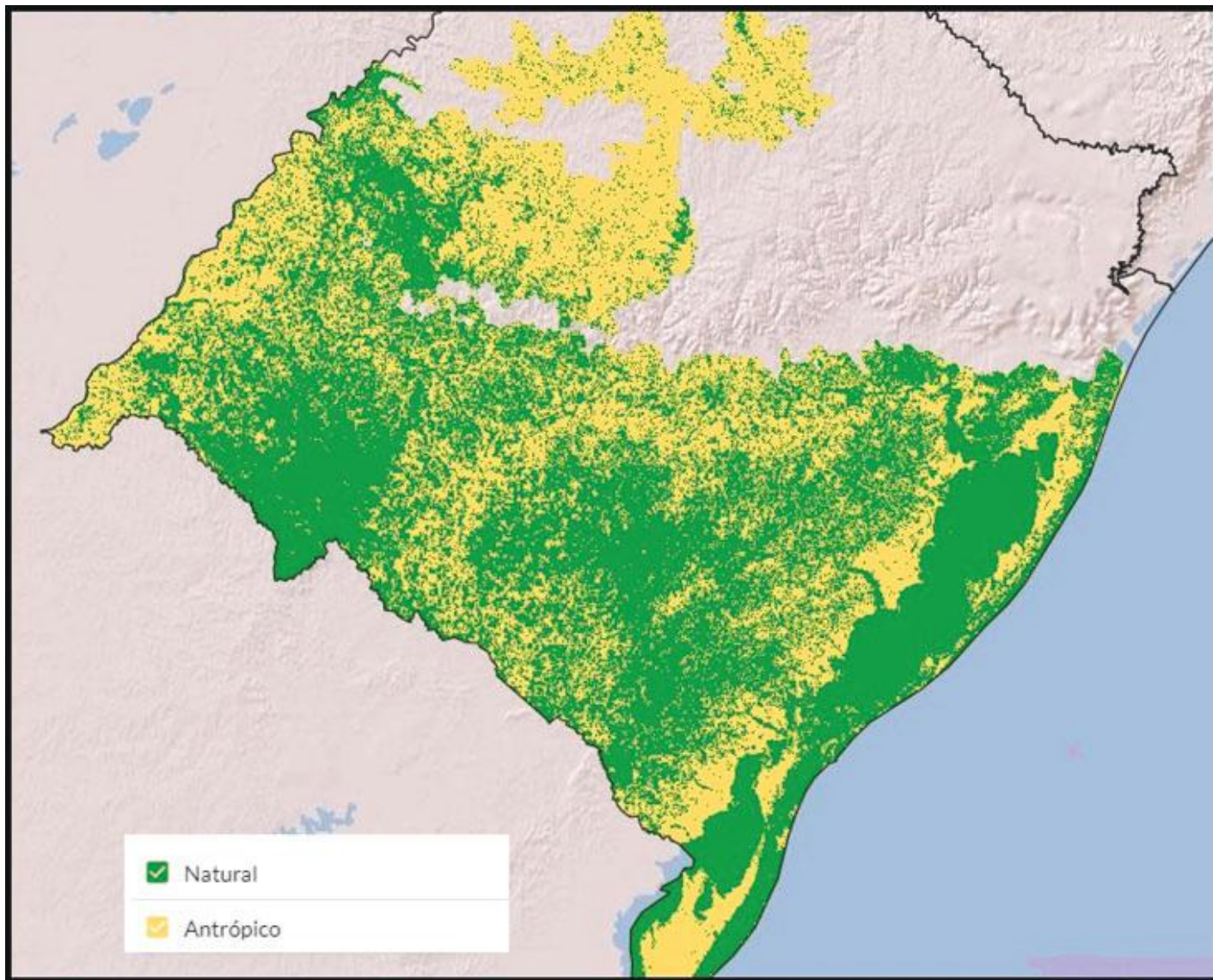
<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Mapa 7: Rio Grande do Sul: atividade agropecuária mais importante por município (2017)



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	–
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Mapa 8: Distribuição espacial das áreas sob uso natural (verde) e antropização acumulada (amarelo) (2019)



Fonte: Adaptado de Projeto MapBiomias (2021).

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

## 8. Legislação

### Instrumentos de proteção e planejamento ambiental e patrimonial

Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na década de 1930, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcanjo (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941), em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira, em Rio Pardo (1955); o Obelisco Republicano, em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977), em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento (FREIRE, 2005: 12). Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egydio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darwing Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986). O município de Bagé, igualmente, possui bens patrimoniais tombados pelo Iphae, como o Centro Histórico de Bagé, a Antiga Estação Férrea, a Hidráulica de Bagé e o Palacete Pedro Osório. Já Caçapava do Sul, no que tange ao Iphae, tem como bens tombados a Casa de Antônio Augusto Borges de Medeiros, a Casa de Ulhôa Cintra, o Fórum e a Igreja Matriz Nossa Senhora de Assunção.

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966).

A partir da promulgação da Constituição Federal, em 1988, foram criadas comissões com a finalidade de propor formas de proteger a memória coletiva de grupos sociais, culminando no reconhecimento dessas manifestações como bens nacionais e na definição do conceito de Patrimônio Cultural Imaterial. A expansão do conceito oportunizou que um universo amplo de agentes sociais, de bens e práticas culturais fossem consideradas enquanto patrimônio e destacou um novo conjunto de dimensões e processos culturais – como a oralidade, o conhecimento tradicional, os sistemas de valores, as expressões festivas e artísticas – que, até então, não estavam oficialmente incluídos no patrimônio. Ao mesmo tempo em que promoveu uma série de consequências sociais, políticas e administrativas relativas à gestão dos bens culturais de natureza material, com sua proteção, bem como aos bens culturais de natureza imaterial, com as políticas de salvaguarda (CHUVA, 2012).

O principal marco legal para a abordagem do Patrimônio Imaterial no Brasil é o Decreto Presidencial 3.551, de 2000, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o Patrimônio Cultural brasileiro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). O conjunto de políticas direcionadas ao Patrimônio Cultural Imaterial inclui o instrumento jurídico do Registro e os planos de salvaguarda. Nesse momento, foram criados os livros de registro: Livro dos Saberes, Livro das Celebrações, Livro das Formas de Expressão, Livro dos Lugares. De acordo com o PNPI, o trabalho de documentação é o fundamento da patrimonialização de bens culturais de natureza imaterial, na medida em que possibilita descrevê-los, demonstrar seu caráter coletivo (sua base social) e seu tempo de ocorrência (seu sentido de tradição), bem como tornar compreensíveis os motivos pelos quais são considerados referências culturais pelo grupo detentor (CAVALCANTI, 2019).

Tendo em vista a realização de documentação com tal perfil, o Iphan desenvolveu o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), que contou com a assessoria do antropólogo Dr. Antonio Augusto Arantes. Para Freire (2005), os Inventários são uma metodologia que propõe a documentação e a produção de conhecimento como formas de preservação. Para a autora, o registro dos bens culturais implica em conhecer, por meios técnicos adequados, o passado e o presente de manifestações culturais e suas diferentes versões. O propósito dos Inventários é reunir informações disponíveis sobre um determinado bem e “por meio de pesquisa a ser realizada por historiadores e antropólogos, apreender os sentidos e significados que lhes são atribuídos por grupos e coletividades” (p. 16). De acordo com Fonseca (2017), a partir do pedido de registro de uma língua falada por imigrantes italianos do sul do País – o talian –, a questão da diversidade linguística mereceu um trabalho interinstitucional, que levou à edição do Decreto nº 7.387, de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instrumento mais apropriado para a documentação e valorização das diversas línguas existentes no Brasil.



<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

No Rio Grande do Sul, a implementação da política de salvaguarda do patrimônio imaterial teve início em 2004, com a elaboração de dois Inventários Culturais: o INRC Comunidade Mbya-Guarani em São Miguel Arcanjo e o INRC Massacre de Porongos. Após, seguiram-se outros cinco: o INRC Produção de Doces Tradicionais Pelotenses (2006-2008), o Inventário da Diversidade Cultural da Imigração Italiana (2008-2010); o INRC em Santa Tereza (2010-2012), o INRC da Lida Campeira na Região de Bagé (2010-2013), o INRC em São José do Norte (2016-2017) e o INRC da Lida Campeira no Alto Camaquã (2017-2021). Embora motivados por demandas e questões específicas, os Inventários se coadunam e contribuem para a compreensão de processos relevantes na formação histórica e sociocultural da região Sul do Brasil, priorizando a ação de grupos sociais não hegemônicos.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

## 9. Avaliações e perspectivas

### 9.1. Problemas e possibilidades

A região do Alto Camaquã dialoga com pesquisas realizadas pelo Iphan durante outros Inventários Culturais, como, por exemplo, o INRC Comunidade Mbya-Guarani em São Miguel Arcanjo (2004), que reflete sobre a *Tava*, Lugar de Referência para o Povo Guarani, bem como sobre presença Guarani na região. A justificativa apresentada pela comunidade e pelo Iphan-RS pautava-se no reconhecimento dos sentidos e significados que o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo têm para os Guarani; o INRC Massacre de Porongos (2004), que busca lançar luz sobre um episódio histórico, que aconteceu durante a Guerra dos Farrapos, ou “Revolução Farroupilha” (1835-1845), envolvendo a disputa de tropas imperiais e republicanas no Rio Grande do Sul. O Massacre de Porongos – conhecido, também, como “Surpresa”, “Batalha”, ou “Traição” de Porongos – ocorreu às vésperas da assinatura do Tratado de Ponche Verde, que selou a paz e encerrou a “Revolução Farroupilha”; o INRC Produção de Doces Tradicionais Pelotenses (2006), que identificou duas tradições doceiras, ambas surgidas no século 19, em estreita associação com o universo do charque: a *tradição de doces finos* ou *doces de bandeja* e a *tradição de doces coloniais* ou *doces de frutas*. À diversificação do espectro sociocultural do fazer doceiro corresponde uma diversificação dos sentidos que lhe são atribuídos. Este processo não está relacionado apenas à circulação comercial dos doces, mas, sobretudo, à sua presença em diferentes contextos de consumo e de significação; e o INRC do Município da Lapa (2004), tendo em vista a relação que a produção dos rebanhos teve na história sociocultural brasileira. O povoado da Lapa surgiu por

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F10	-
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

volta de 1730, como um pouso dos tropeiros que usavam o Caminho das Tropas ou Caminho de Viamão. Pousos e internadas foram se estabelecendo ao longo do caminho, além de locais apropriados para a engorda do gado antes que os tropeiros continuassem a viagem. Na margem ocidental do rio Iguaçu, foi construído o Posto do Registro de Curitiba para cobrança de direitos sobre a passagem de animais. Em 1768, os moradores do povoado solicitaram uma sesmaria para a construção de uma igreja e, no ano de 1769, o padre João da Silva Reis instalou a Freguesia de Santo Antônio de Lisboa. Em 1797, o povoado passou a distrito, com a denominação de Vila Nova do Príncipe que, em 1806, foi elevado à categoria de vila e desmembrado da Vila de Curitiba. Em 1872, a vila recebeu foros de cidade, com o nome de Lapa; entre outros.

**9.2. Recomendações**

Em termos de recomendações relacionadas à salvaguarda da *lida campeira*, é indispensável considerar as transformações que vive a Pampa brasileira. Ocorre que, essa região, correspondente, em linhas gerais, ao quadrante sul do Rio Grande do Sul, vem se constituindo em uma nova fronteira agrícola em expansão, mediante a conversão de grandes extensões de campos naturais. O avanço das plantações de espécies florestais e, sobretudo, da soja, constitui a expressão mais saliente disso. Hoje a soja marca presença em quase toda a diversidade ambiental do estado, adentrando o coração do bioma Pampa, em tradicionais áreas anteriormente dedicadas à pecuária.

Portanto, nessa região, onde durante séculos a criação de bovinos e ovinos foi o carro chefe do setor agropecuário, a soja é, atualmente, a atividade preponderante na maior parte de seus municípios (IBGE, 2020). Algumas das poucas exceções ficam exatamente em municípios do Alto Camaquã, onde as contingências do meio geográfico impõem limitações à agricultura intensiva e fazem confinar as áreas mais extensas e contínuas de campos nativos remanescentes do bioma Pampa. É nessa zona onde se concentram, em nítido caráter residual, os municípios nos quais a criação de bovinos e de ovinos ainda permanece como atividade agropecuária preponderante, como Pinheiro Machado e Caçapava do Sul, por exemplo.

Assim, singularidades seculares da Pampa, como é o caso da *lida campeira*, vão se tornando residuais como o próprio Pampa, frente à crescente conversão do bioma em áreas dedicadas à moderna agricultura. De modo que, hoje, quando esse processo se acelera a níveis inéditos, a diversidade “natural” do Pampa é substituída de vez por uma nova diversidade, definida agora pela especialização agrícola, distinguindo as paisagens da soja, do arroz, do fumo, do eucalipto, da mineração etc. e, residualmente, as da pecuária extensiva, onde ainda podem ser percebidas algumas expressões resilientes dessa antiga diversidade das relações entre paisagens e práticas de acordo com a diversidade da própria natureza local.

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>			Bagé				
			Caçapava do Sul				
			Canguçu				
	RS		Alto Camaquã e Entorno	Encruzilhada do Sul	2021	F10	-
				Lavras do Sul			
				Pinheiro Machado			
				Piratini			
				Santana da Boa Vista			

O Alto Camaquã, enquanto área de remanescentes, aparece como espécie de conservatório, também, de algumas dessas antigas singularidades. É assim que as velhas especificidades de lidar “nas pedras”, “em campos lisos” ou em “campos dobrados” encontram, em alguma medida, sua razão de ser. Trata-se de relíquias cuja existência, já residual, não se explica fora da, também, residual materialidade que as abriga: a da Pampa que remanesce por marginal, ou seja, cuja conservação é produto de seus próprios limites funcionais-produtivos para outras atividades que não a pastoril.

Podemos falar, nesse sentido, em um caráter de relicário dessas manchas de vegetação nativa, manifesto tanto no sentido etimológico da palavra, enquanto sinônimo de resto ou resíduo (remanescente da Pampa), quanto no sentido mais usual, enquanto local que abriga coisas valiosas, heranças. Um relicário, aliás, chama atenção para a indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre o tangível e o intangível, enfim, entre o ambiente e a vida que o anima, dado que um relicário (uma forma, um suporte) guarda relíquias (artefatos, saberes-fazeres, práticas, falas, jeitos etc.).

O reconhecimento institucional do Pampa como um dos biomas brasileiros pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se deu apenas em 2004, na esteira do processo de supressão, como um evidente sintoma reativo. Ocorre, no entanto, que as metamorfoses do Pampa não se amortizam pela dimensão ambiental, da perda de biodiversidade. Não se trata, somente, da substituição dos campos nativos por lavouras. Se trata da supressão de formas, mas, também, de conteúdo, de objetos, de relações sociais singulares, de natureza e de cultura. Trata-se da minguagem de espécies e de ecossistemas, bem como de componentes históricos, arqueológicos, paisagísticos e etnográficos. Por isso, se inicialmente o reconhecimento do Pampa veio através de uma abordagem, digamos, ecológica, de atenção, sobretudo, ao seu patrimônio “natural” e biológico, o momento atual aponta para a importância de outras de suas dimensões. O contexto mundial de crise e alertas ambientais que dá eco ao tema da biodiversidade, tem o seu correspondente cultural que, frente à massificação das paisagens numa sociedade, cada vez mais, global, dá eco a um crescente apego cultural ao que é próprio e distintivo.

No mundo, as tendências globalizadoras geradoras de recursos genéricos e de caráter deslocalizável são confrontadas pela revitalização experimentada pelas identidades locais dos territórios, onde estão ancorados recursos patrimoniais específicos, de caráter singular e irrepetível (PÉREZ; SALINAS, 2008). Do esquecimento e da marginalidade, esses tipos de paisagens, lugares de trabalho e habitação, espaços de sociabilidades, de expressões orais e rituais singulares, passam agora, ainda que lentamente, a ser vistos como potenciais recursos identitários em que podem se apoiar, inclusive, processos de desenvolvimento (PÉREZ, 2008).

Ao se falar na Pampa remanescente, é oportuno falar na paisagem-vida pastoril remanescente. Seria dizer, além de um patrimônio “natural” ou biológico, estaríamos falando de um patrimônio territorial, em sentido amplo, e/ou um patrimônio agrário, em sentido estrito. Enquanto patrimônio territorial, seria falar na paisagem-vida pastoril como um

<b>Ficha de Identificação: Sítio</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F10	-

legado de vidas sociais precedentes no devir histórico que reúnem elementos naturais e os acréscimos artificiais oriundos desse processo, e que se constitui em elemento de identidade social ao refletir, em sua fisionomia, os modos e condições de vida da sociedade que a moldou e a molda (VALCÁRCEL, 1998).

Já enquanto patrimônio agrário, seria chamar atenção para o legado relacionado, especificamente, à herança histórica da exploração agropecuária, no sentido trazido por Pérez (2008), neste caso, notadamente a da pecuária extensiva. Herança esta, manifesta tanto em sua face material, traduzida nos sistemas de objetos relacionados à produção, quanto em sua face etnográfica, expressa em ofícios, artefatos, identidades etc. Seria pensar a paisagem e a vida pastoril como testemunhas (i)materiais de uma atividade que faz parte da história da sociedade gaúcha e platina, cuja expressão pode ser encontrada em elementos como aperos, edificações, habitats, costumes, ofícios, rituais, tradições orais etc. (PÉREZ, 2008).

### 10. Documentos anexados

Obs: Para lista dos documentos localizados, consultar ficha “Anexo: Bibliografia”.

Formulários	
Fichas de identificação de localidades	-
Anexo: Bibliografia	F1 - 3
Anexo: Registros audiovisuais	F1 - 2
Anexo: Bens culturais inventariados	-
Anexo: Contatos	F1 - 1
Fichas de identificação de bens	F60 - 1, F60 - 2, F60 - 3, F60 - 4, F60 - 5

### 11. Identificação da Ficha

<b>Pesquisador(es)</b>	Andreia Nunes Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Montebianco, Flávia Rieth, Leonardo Sapucaia, Mateus Fernandes da Silva, Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Supervisor</b>	Flávia Rieth, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Redator</b>	Adriano Luís Simon, Andreia Nunes Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Montebianco, Vagner Barreto Rodrigues	<b>Data</b> 12/2021
<b>Responsável pelo inventário</b>	Flávia Rieth	









<b>INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS</b> <b>Ficha de Identificação</b> <b>Ofícios e Modos de Fazer</b>	CODIGO DA FICHA					
	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	1
	UF	Sítio-	Loc	Ano	Ficha	No.

### 1. Localização

<b>Sítio Inventariado</b>	Região do Alto Camaquã/RS e Entorno
<b>Entorno do Sítio</b>	Arroio Grande Herval Jaguarão Pelotas
<b>Localidade</b>	Bagé (Sede, Corredor da Lexiguana e Distrito de Palmas) Caçapava do Sul (Sede, Guaritas e Vila Progresso) Canguçu (Sede, Coxilha do Fogo e Vila Silva) Encruzilhada do Sul Lavras do Sul (Três Estradas, Corredor dos Munhóz) Pinheiro Machado Piratini (Alto da Figueira, Barroço e Estrada 392) Santana da Boa Vista (Serra dos Vargas)
<b>Municípios / UF Sítio e Entorno</b>	Arroio Grande, Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Herval, Jaguarão, Lavras do Sul, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista.

### 2. Bem Cultural

<b>Denominação</b>	Lida com Bovinos		
<b>Outras denominações</b>	Pastoreio de bovinos; “ <i>pastorejo</i> ”		
<b>Condição atual</b>	X vigente / íntegro	<input type="checkbox"/> memória	<input type="checkbox"/> ruína

### 3. Executante

Obs: Para mais informações sobre o(a) entrevistado(a) ver Ficha “Anexo: Contatos”.

<b>Nome</b>	Afonso Manuel Collares		<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	1
<b>Ocupação</b>	Pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	10.11.1945	
<b>Relação com o bem</b>	X mestre X produtor		<input type="checkbox"/> público	



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____
---

Nome	Alberto Gonçalves Rodrigues	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	2
Ocupação	Pecuarista familiar, Peão campeiro e Capataz	Data de Nascimento / Fundação	16/07/1953
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante	

Nome	Amilton Camargo	<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	3
Ocupação	Pecuarista familiar quilombola	Data de Nascimento / Fundação	08/12/1986
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante	

Nome	Angela Marcia Scholante Colares	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	4
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	30/08/1971
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante	

Nome	Antonio Carlos dos Santos Barbosa	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	5
------	-----------------------------------	--	---

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	14/09/1972
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Carlos Roberto Santos Garcia	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	6
Ocupação	Pecuarista familiar e presidente da Associação Comunitária do Barroão	Data de Nascimento / Fundação	14/09/72
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Clara Marineli Silveira Luiz Vaz	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	7
Ocupação	Pecuarista familiar e veterinária	Data de Nascimento / Fundação	06/03/1945
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Débora Schneid	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	8
Ocupação	Pecuarista familiar e veterinária	Data de Nascimento / Fundação	16 de março de 1993
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre	<input checked="" type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input checked="" type="checkbox"/> executante
	<input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Lais de Moraes	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	13
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	1990
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Luciano Alves Jardim	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	14
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	1975
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Mário Luiz dos Santos Moreira	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	15
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	1960
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Mário Tirri da Silva Witt	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	16
------	---------------------------	--	----



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Ocupação	Pecuarista familiar e fotógrafo; participa do Projeto Querência da Água Boa.	Data de Nascimento / Fundação	24/12/1957
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor                      X executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Mateus Oliveira Garcia	X Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	17
Ocupação	Vereador, pecuarista familiar e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pinheiro Machado e da ADAC	Data de Nascimento / Fundação	27/12/79
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor                      X executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Olavo Rodrigues de Rodrigues	X Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	18
Ocupação	Peão Campeiro na Fazenda do Sossego	Data de Nascimento / Fundação	07.10.1965
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor                      X executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Quenedy Antunes Lehr	X Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	19
Ocupação	Peão Campeiro na Estância Ouro Verde.	Data de Nascimento / Fundação	2001
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor                      X executante		

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

outro \_\_\_\_\_

<b>Nome</b>	Régis Luís Marques Colares	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	19
<b>Ocupação</b>	Veterinário, agente de saúde e pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	17/07/84
<b>Relação com o bem</b>	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Regis Chaves de Medeiros	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	20
<b>Ocupação</b>	Pecuarista Familiar e Peão campeiro	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	08/10/86
<b>Relação com o bem</b>	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Rudinei Ribeiro de Oliveira	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	21
<b>Ocupação</b>	Pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	-
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Vanda Rosa Peligrinote Tarouco	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	22
-------------	--------------------------------	--	----

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Ocupação</b>	Pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	1953
<b>Relação com o bem</b>	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Vera Colares	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	23
<b>Ocupação</b>	Contabilista e aposentada da Receita Federal. Pecuarista familiar e Presidente da Associação para Grandeza e União de Palmas (Agrupa).	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	22/09/64
<b>Relação com o bem</b>	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Zeni Crizel	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	24
<b>Ocupação</b>	Pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	
<b>Relação com o bem</b>	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

#### 4. Fotos

Obs: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar Ficha “Anexo: Registros audiovisuais”.



Imagem 1: Indo para a invernada, onde fica o rebanho bovino, em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Indo para a invernada, Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 3: Manejo de rebanho bovino com cães, em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

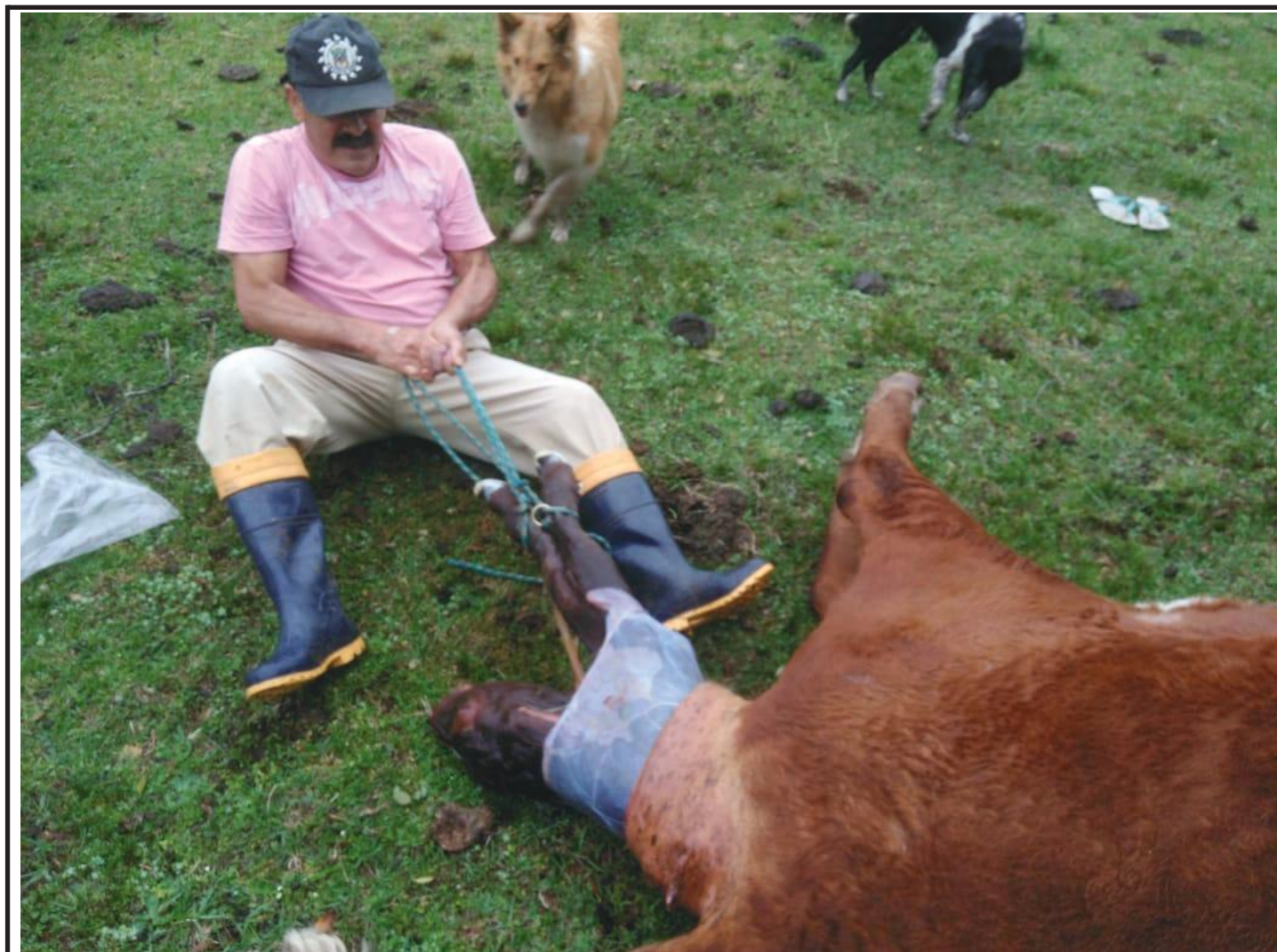


Imagem 4: Destrancando o terneiro (*parição*), em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Márcia Colares.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 5: No rodeio: observando o gado e o campo, em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Daniel Vaz Lima.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

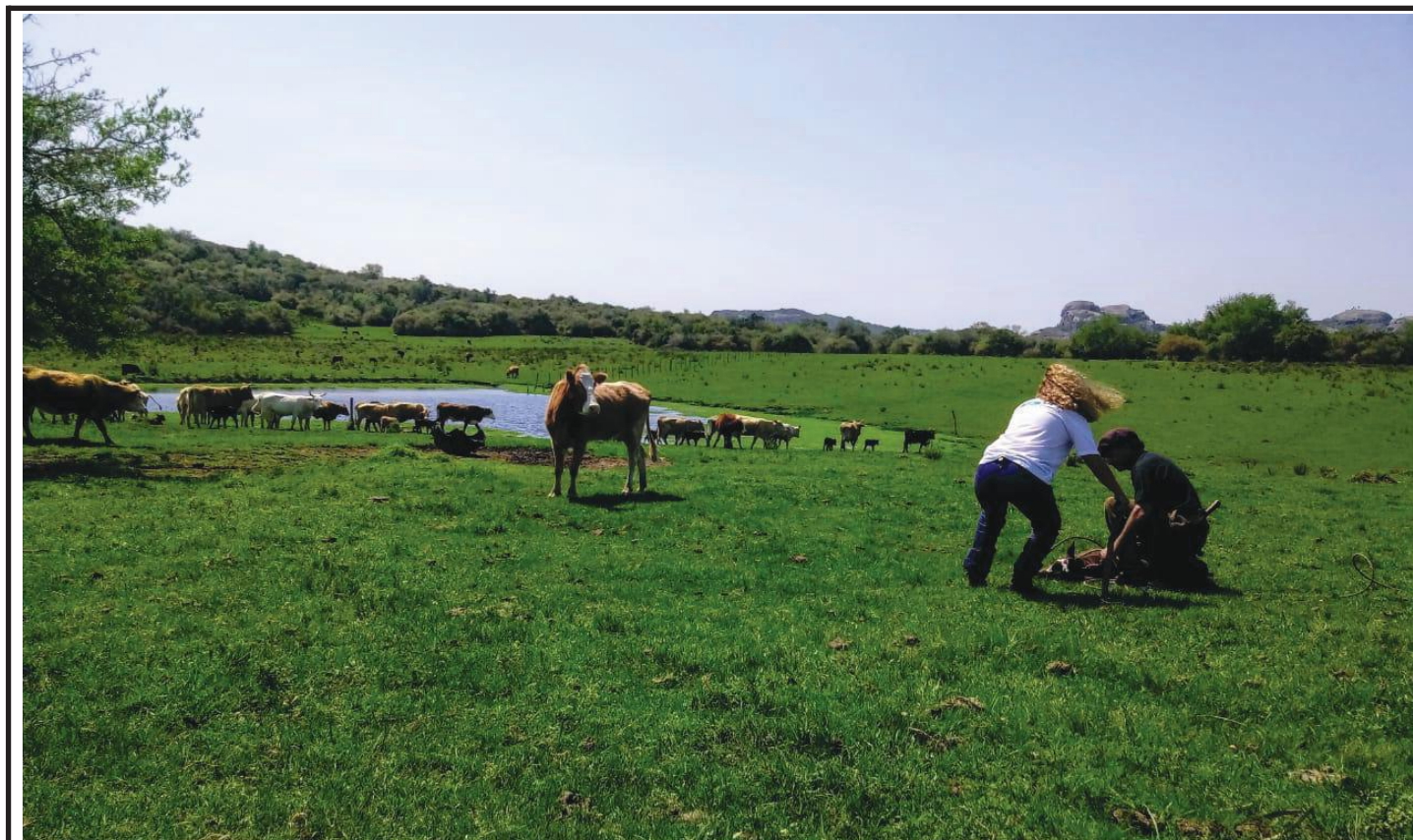


Imagem 6: No rodeio: curando o umbigo, em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Daniel Vaz Lima.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 7: Marcação de gado bovino, em Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Ana Sonaglio.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 8: Castração de gado bovino, em Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Ana Sonaglio.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 9: Castração de gado bovino, em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Vera Colares.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 10: Manejo de gado bovino, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 11: Manejo de rebanho bovino com cães, em Arroio Grande.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 12: Banho do gado bovino em Barroirão, Terceiro Distrito de Piratini.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Vanda Tarouco.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

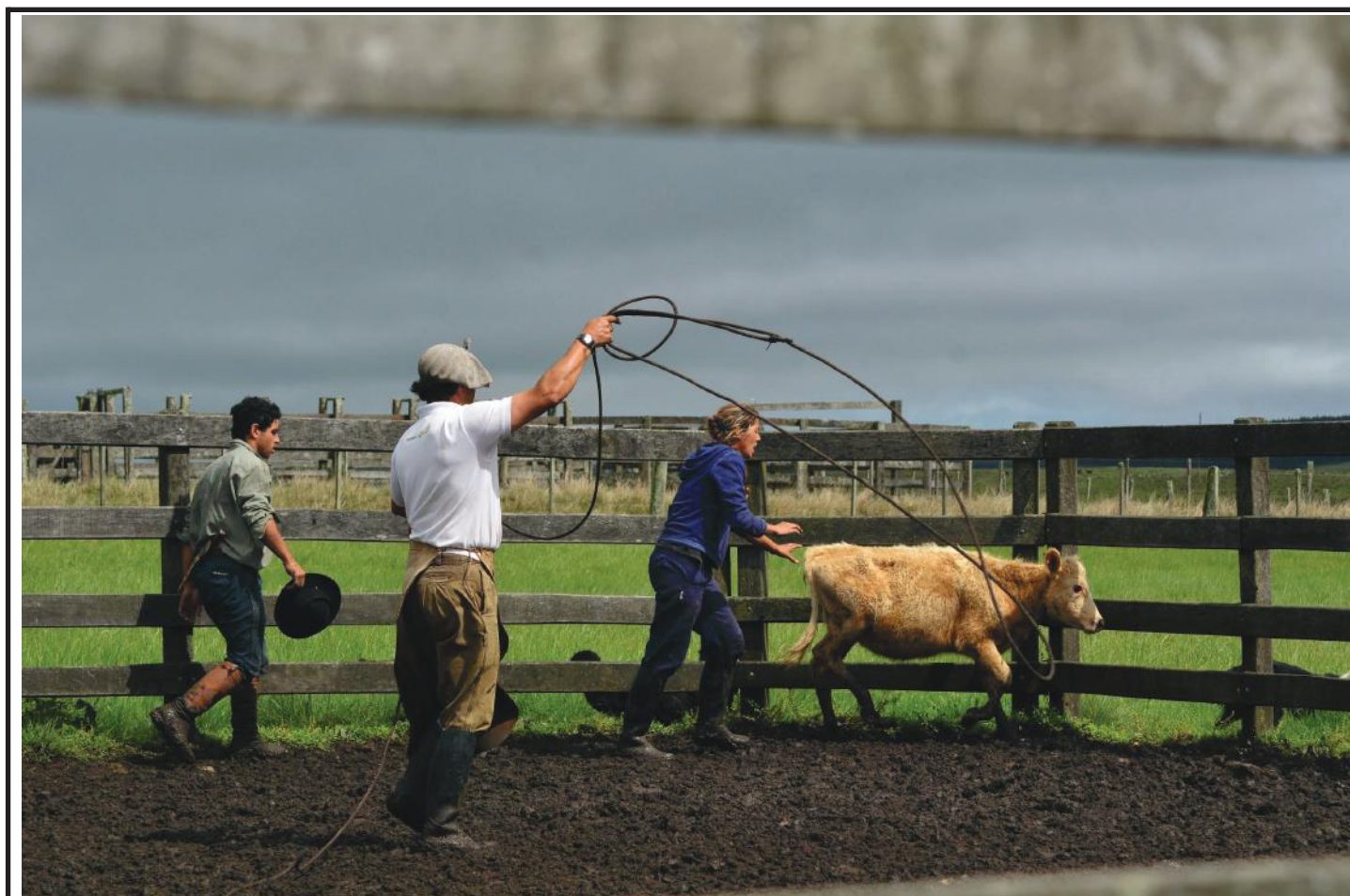


Imagem 13: Manejo de gado bovino, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 14: Manejo de gado bovino, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 15: Manejo de gado bovino no brete, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 16: Manejo de gado bovino no brete, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 17: Manejo de gado bovino no brete, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 18: Manejo de gado bovino no brete, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 19: Cães no manejo de gado bovino, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



### 5. Descrição do bem identificado

O Bem identificado “Lida com Bovinos” contempla os aprendizados, os manejos, os cuidados, da criação ao abate, entre outras relações, que se estabelecem com os rebanhos de animais vacuns, a partir da introdução e difusão dos rebanhos bovinos nas bacias platinas. O cotidiano em uma propriedade de pecuária familiar, seja de particulares ou seja de comunitários, está diretamente vinculado aos ciclos da vida, em um sistema em que *“as pessoas vivem mais integradas entre o animal e o ambiente”*, como observou a interlocutora Clara Vaz. Requer uma rotina de manejos, que articulam saberes tradicionais, passados de geração em geração, com saberes desenvolvidos no campo da pesquisa técnico-científica acerca dos elementos da vida em interação. Nesse sentido, estão os ciclos reprodutivos das fêmeas -

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

que entram em cio, emprenham e parem conforme as estações do ano -, o ciclo de vida e morte das plantas e dos bichos, o clima, a incidência de luminosidade solar diária, as fases da lua, o movimento das águas, os ventos.

Os manejos são realizados pela família, e suas relações multiespécies, conforme o comentário de Rudinei de Oliveira “*aqui na lida é eu, a esposa e o cachorro*”. Ressalta-se a marcante presença das mulheres nas práticas de pastoreio. A interlocutora Zeni Crizel, de Piratini, comenta que, na lida de campo, a “*mulher faz as mesmas coisas que o homem. Basta ter determinação*”. Dona Vanda, de Piratini, fazia a lida a pé, acompanhada pela cachorra Filó. “*Eu campereio a pé. Junto cento e poucas reses. Perdi minha cachorra, a Filó. Só eu e ela, juntávamos todo o gado*”. Já Vera Colares, ia para o campo acompanhada da cachorra Bagunça e montada na sua égua Cai-cai. Na convivência com os bichos, criam-se vínculos de respeito e de comunicação. Conforme o Seu Beto, de Bagé, o peão campeiro precisa “*conhecer os animais*”, já que “*cada animal tem um berro diferente*”, o que requer a compreensão das linguagens que expressam suas emoções, quando estão doentes, incomodados, etc. Outros saberes, referem-se aos “*paradouros*” dos bichos que têm preferência por determinados lugares, a depender de características de dominância entre os animais, assim como das condições do tempo e da oferta de água, de alimento, de sombra, etc. Os manejos, então, são feitos com os animais, com os cães e os cavalos, que aprendem a tocar o gado, e com os próprios animais bovinos, já que se requer o domínio de algumas linguagens para manejá-los. Assim, como comentou a Vera Colares, “*nossa vida é cuidando, todos os dias, dos animais para que eles fiquem bem e não adoçam*”. Conforme comentou Seu Mário, “*eu fui criado no meio da criação*”. As noções de cuidado articulam saberes tradicionais, com saberes científicos. De acordo com Clara Vaz, que é pecuarista e médica veterinária, “*eu sempre soube o que eu queria: cuidar de animais*”. Logo, consiste em uma forma de conviver, em que “*tu aprendes a lidar com a vida e a morte ao mesmo tempo*”, conforme a Laís de Moraes.

O caráter familiar dos manejos coloca, por sua vez, as práticas do pastoreio em articulação com as práticas agrícolas e extrativistas – plantio no cercado e plantio no mato–, envolvendo uma rede de relações entre bichos e plantas, que, para além dos aspectos econômicos, compõem complexos sistemas de trocas que nutrem vidas. O “*cercado*” opera nesta rede de relações como um fator de autonomia e vitalidade (DIAS, 2021), sendo o local da propriedade onde se produz grãos, como o milho e o feijão, entre outros alimentos voltados para o consumo de humanos e de bichos. Conforme Amilton Camargo, “*a gente faz na verdade é plantar tudo junto, né, a gente planta tudo. A hora que a gente faz ali o cercadinho, vai tudo que é semente vai junto, vai milho, mandioca, feijão, abóbora, a gente faz alguns arranjos ali e planta tudo junto, né.*” O milho é um alimento importante para manter nutridos os animais no inverno. No plantio de cultivares, afora a utilização de algum insumo ou tecnologia científica, é importante observar os sinais do clima, das flores e das ervas, além dos próprios animais, que podem anunciar previamente a incidência de chuvas ou de secas, por exemplo.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

São essas boas relações, em que tudo gira dentro dos fluxos vitais, que nutrem os corpos de humanos e de bovinos, *“conservando, a partir do uso, os ecossistemas que compõem os campos nativos do Pampa, porque o nosso modo de vida depende da integridade desses ecossistemas”*, conforme o Fernando Aristimunho, de Quaraí.

## 6. Descrição do lugar da atividade

### 6.1. Características gerais

As propriedades rurais no Alto Camaquã dividem-se em casas, galpões, mangueiras, hortas e cercados, quintas, campos e matos, arroios e rios, havendo uma complementaridade entre estes lugares, de maneira a formar um emaranhado de relações. O cotidiano das lidas inicia e termina com as atividades em volta *“das casa”*, servindo ração, ordenhando as vacas, soltando ou prendendo os bichos das encerras – espaços de proteção e pernoite – e observando os que ficaram nos poteiros, próximos às casas. Posteriormente, segue para o campo, na campereada ou recorrida, a pé ou a cavalo, para observar os rebanhos, o estado das cercas, a condição do campo. A verificação do gado bovino é feita, quando não estão *“na volta das casas”*, pela prática do *“rodeio”*, sendo um espaço habitual para reuni-los. No rodeio está o coxo de sal. Os animais se reúnem nesse local, tocados ou chamados, para consumir o sal. Outro lugar de lida com o gado é a mangueira, onde aplicam-se as vacinas e os banhos, separam-se as vacas dos terneiros, entre outras práticas. Já no que se refere ao campo, avalia-se a disponibilidade de águas e de pastos. Os campos no Alto Camaquã são considerados *“sujos”*, *“duros”*, *“de pedras”*, *“dobrados”*, ou *“bem dobrados”*, com coxilhas, canhadas e aguadas. *“Tem de tudo, várzea e cerro.”* Conforme Luciano Jardim, os campos do Distrito de Palmas, em Bagé, são considerados *“mais abrigados”*, porém, são *“sujos”* e suportam uma lotação de animais menor do que os campos limpos. Os campos *“limpos”*, por sua vez, suportam uma lotação maior, mas o *“animal não tem onde se abrigar”* do frio, da chuva ou do sol quente. Afora isso, o melhor campo é aquele *“que tem boa aguada”*.

Portanto, saber fazer uma *“leitura”* do campo é condição para o bom manejo dos bichos e dos pastos ao longo dos diferentes períodos do ano. Conforme Mário Witt, *“a gente colocava o gado, praticamente, todo no campo duro para passar o inverno (...), e esse campo da várzea descansava (...). [O gado] na primavera, vinha pra várzea, que podia ser usado. Essa várzea estava muito bem decomposta, tinha muitas espécies ali que já tinham florido, tinham sementado. (...) Existem banhados, mas são em áreas menores, que não têm muita extensão. É quando junta uma sanga, quando a sanga vai chegar no rio, muitas vezes dá esses transbordamentos e aí fica umas áreas alagadiças, assim. Mas, por incrível que pareça, é onde vem mais variedades de gramíneas e leguminosas. É um banquete pros animais. Não é uma área totalmente alagadiça, mas essa de transição, a várzea que a gente chama. Essa que, quando no verão, a água escorre, escoo toda e aí fica úmida durante todo o verão, fica úmido. Ali se tu trabalhar com uma roçadeira em cima pra tirar o excesso, tirar os caraguatá, com o tempo tu vai formando uma pastagem natural que é difícil haver outra pra bater (...). Até porque na época a gente introduziu algumas outras sementes, que eram mais abundantes de*

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*leguminosas, trevo-branco e (...), se conseguia muito. Então a gente teve essa experiência de viver o potencial, a força dessas várzeas, que junta todos os estercos de todas as coxilhas e galhos e folhas das árvores, quando dá essas enchentes tudo isso vira um grande caldo e essas águas são de deposição desse material. Então sofre uma adubação orgânica anual.”*

De acordo com Clara Vaz, “(...) no Alto Camaquã, tem muito gado bovino, tem muito! E vou te dizer outra coisa, o meu empregado, então, ele disse assim, que nós, no Alto Camaquã, nós temos uma riqueza que não existe na fronteira, nós temos água, nós temos vários cursos d’água. Aqueles campos dobrados permitem correr sangas, riachos, entre aqueles cerros! E aquilo ali, quando corta a água, porque com a seca deste ano, mesmo, as sangas ficaram, assim, cacimbinhas, no meio da água, que, de noite, às vezes, corre a água e, de dia, tu não vê a água correndo, mas, um poço, umas cacimbinhas no meio das pedra, umas coisa redonda, uns pocinhos, tá?! Então, água pros nossos animais não falta. Então, aonde que eles vão procuram alimento? Nas folhas das árvores. (...) E os animais ficam com sede. E, aí, aonde é que eles têm? Eles têm as tais cacimbinhas, essas, que se formam no leito das sangas. Porque, geralmente, é de pedra, é de rocha... Nós temos nascentes, nós temos esses olhos d’água, assim, no meio do campo, temos nascentes... geralmente, é todas cobertas e protegidas por mato. Com mato. E é no curso, ela é, vai faltando água, vai, a seca, quando tá muito forte, como foi agora, tu encontra assim as sangas cortadas, não é, os cursos d’água cortados, e vai ficando uma cacimbinhas entre, um colar, aqueles buraquinho, assim, um colar, dentro da rocha. E essa, e é muito interessante, porque, a água, de noite, se renova. Lá no curso começa a brotar, a brotação, quando se arma pra chuva, ou de noite sempre corre um pouquinho d’água, daí vai enchendo as cacimbinhas. É tão interessante, tão bonito!” (Ficha de questionário de Clara Vaz).

**6.2. Marcos naturais e/ou edificados**

**“AS CASA”: ESTÂNCIA; RANCHO; GALPÃO; TAPERÁ; CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA; CAMINHOS**

Ao etnografar a organização das unidades de produção familiar camponesas na zona da mata norte do Estado de Pernambuco, a antropóloga Beatriz Heredia (1979) mostrou que os diferentes espaços internos estavam organizados seguindo lógicas relacionadas aos aspectos mais amplos de habitar o território e das condições históricas de acesso à terra. Com base nesta leitura, é possível observar os aspectos históricos que configuram a existência dos povos tradicionais na pampa brasileira. Assim, um primeiro aspecto a considerar é que a estrutura fundiária constituiu-se a partir da organização Guarani Missioneira, que configurou uma paisagem marcada por grandes extensões de terras, que combinavam práticas agrícolas e extrativistas com pastoreio extensivo (ÁLVAREZ, 2015). Inicialmente, as chamadas estâncias missioneiras ou estâncias dos Guarani, na margem oriental do Rio Uruguai, estavam distribuídas em um amplo território, que corresponde, atualmente, ao nordeste e a região costeira do Rio Grande do Sul, na Vacaria

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

dos Pinhais e Vacaria do Mar, e, posteriormente, ao norte da República Oriental do Uruguai e na metade sul do Rio Grande do Sul.

No século 18, com a desestruturação do projeto missionário e o avanço colonial sobre as estâncias, o acesso às terras, consideradas devolutas, se deu pelo sistema de sesmarias, via concessão da posse a grupos militares, a comerciantes e a famílias com boas relações com a coroa portuguesa (BRITO, 2010). Assim, um pequeno grupo de pecuaristas familiares são descendentes de sesmeiros, como a família de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, que, no século 18, recebeu uma sesmaria com dezoito quadras de campo, que foi fragmentada ao longo das gerações. *“Meu tataravô que veio para cá. Nós somos de sesmeiros. Foi concedido pelo império. (...). [A terra] foi dividida entre a família.”* Luciano é responsável pelos cuidados das terras dos irmãos e dos pais, que moram na cidade.

Estando localizadas em áreas estratégicas e prioritárias à colonização, essas grandes propriedades eram delimitadas por referências naturais, tais como rios, arroios, peraus, formações rochosas, campos sujos, chamados de “rincões”. O acesso a tais locais era concedido aos *posteiros*, famílias as quais era permitido a moradia, a criação de alguns animais e o cultivar da terra, de maneira que as mesmas fossem responsáveis por cuidar e manejar o gado da estância (FARINATTI; MATHEUS, 2017). Nestes locais, estavam instalados os *rodeios*. Em outras áreas marginais, de pouco interesse no processo colonial, o acesso se dava pelos grupos marginalizados, como pequenos lavradores, peões campeiros e posseiros, sendo locais estratégicos, também, para os aquilombamentos, pela “fuga para fora” (KOSBY, 2017a), nos fundões das propriedades. Por conseguinte, a partir da Lei de Terras, implantada no ano de 1850, que transformou a terra em uma propriedade, ou seja, um bem com limites bem definidos que poderia ser comprado e vendido, a forma tradicional e histórica desses acessarem um pedaço de chão e praticarem agricultura e criação, foi alterada (SILVA, 2015). Tal processo, associado à introdução do arame liso, fez com que as estratégias desses grupos para acesso à terra passassem a jogar com esses instrumentos legais, embora seja necessário ressaltar que o acesso a esses espaços seguia sendo permitido, desde que não afetassem os interesses das elites.

Ainda que o processo de fragmentação das grandes propriedades seja uma realidade em campo, as relações entre grupos sociais mantém, de certa forma, elementos que atualizam o sistema das sesmarias. Convivem “nas casa” não apenas (ou nem sempre) a família nuclear (pai, mãe, filhos, filhas e avós). As configurações variam e abrigam relações de trabalho entre pessoas solteiras, bem como relações de compadrio entre pessoas que não são parentes, mas são “de casa”, “como da família”. Um destaque nesse tipo de relação é a presença de afilhados oriundos de famílias de trabalhadores e de prestadores de serviço da localidade, que trabalham/vivem na casa dos padrinhos, proprietários de estabelecimentos de maior escala. Tal dinâmica de compadrio é histórica e bastante comum nos contextos da pecuária (FARINATTI, 2010). Nesse sistema inclui-se, também, outras formas de acesso à terra, como a de ocupantes e de

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

agregados, que recebem uma parcela de terra para criar animais, cultivar e morar, em troca de serviços ou fornecimento de produtos para o proprietário (FARINATTI, 2018).

Por conseguinte, além dos processos de sucessão rural por fracionamento das grandes propriedades, outras formas atuais de acesso à terra por agricultores e pecuaristas familiares se deram pela compra, doação, indenização, demarcação ou ocupação de lotes em áreas marginais aos interesses da expansão colonial e, tempos depois, da modernização agrícola. Seu Beto começou a trabalhar como peão e agregado na Fazenda do Sossego, dividindo o que produzia com a proprietária. Tempos depois, tornou-se peão campeiro e capataz. Seus pais não tinham terras e *“moravam nos corredores”*. Quando conseguiu juntar uma quantidade considerável de *“plata”*, comprou uma chácara para seus pais, localizada no município de Caçapava do Sul. Ali ficaram até falecerem. Tempos depois, como forma de pagamento pelos anos de trabalho, adquiriu uma “quadra de campo” – cerca de 90 hectares – da fazenda em que trabalhava. Assim, vendeu a chácara que comprara para seus pais, já falecidos, e seguiu trabalhando na fazenda, dedicando parte das horas do dia à sua terra. No caso de Vanda Tarouco, pecuarista familiar no distrito do Barroço, em Piratini, por sua vez, o acesso à terra se deu pela compra, a partir da aposentadoria. *“Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavrar. Sempre ajudei meu pai”*. Após o casamento, *“fui para a cidade de Pelotas. Ficamos lá 30 anos. Criei minhas filhas. Estou aqui desde 2002. Mas eu vinha, tirava uma semana e voltava. Efetivo foi em 2004.”*

Nas últimas décadas, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, ocorreram outras formas de acesso à terra, como no caso de lotes destinados à Reforma Agrária, pelo INCRA, com assentamentos rurais, além da demarcação de Comunidades Quilombolas e de Terras indígenas, a partir de processos, também, variados, conforme será apresentado, posteriormente. Conforme Kosby (2017a), a comunidade do Quilombo de Palmas, em Bagé, é composta por cerca de 40 famílias, ligadas por laços de parentesco, compadrio e matrimonialidade. De acordo com a antropóloga, as famílias que constituem a comunidade são descendentes de escravos campeiros das estâncias da região, exímios na lida com os animais, hábeis ginetes e no tiro do laço. Os quilombolas exerciam o trabalho de changuear, atividades como consertar arames, limpar algum campo, cuidar de rebanhos, esquilar umas ovelhas, cortar lenha, carnear, levar ou buscar uma tropa de gado pelas estâncias, sem vínculos empregatícios ou salariais, plantando roças em lavouras alheias, como meeiros. A demarcação da terra quilombola foi reivindicada em 2005, pela Associação Quilombola de Palmas, e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, em 2017.

Nesse sentido, deve-se levar em conta que nem todos os Marcos edificados ocorrem de forma concomitante, ou, em alguns casos, podem apresentar variações e particularidades, devido à configuração do local ou da propriedade. A seguir, buscamos sintetizar aqueles que são recorrentes no campo.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**“AS CASA”** – O termo “as casa” refere-se a um conjunto de espaços que, para além da casa de moradia, envolvem os galpões, mangueiras, hortas e cercados, quintas, campos e matos, arroios e rios, havendo uma complementaridade entre estes, de maneira a formar um emaranhado de relações. É “nas casa” onde se processa a lida caseira, enquanto práticas de cuidado de humanos, de animais e de plantas, seja com a limpeza e manutenção do próprio espaço, seja com a transferência e condução de atividades mais identificadas com a *lida campeira* para ele por uma demanda de intensificação de cuidados. Ou seja, tornar o espaço casa, por intermédio da limpeza do entorno, muitas vezes, com a remoção total da vegetação, convertendo-o em “terreiro”, no qual se consegue afastar ou visualizar melhor animais vindos do mato/campo, como, por exemplo, as cobras e os *sorros*. A manutenção do terreiro limpo, além de facilitar essa atenção, demonstra o cuidado em distinguir o espaço “das casa” do espaço do mato/campo, de modo a atender suas finalidades representativas e de trabalho.

**ESTÂNCIA** – A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas, a partir do século 17, quando padres e indígenas transferiram os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados geopolíticos entre as coroas portuguesa e espanhola –, bem como captura de indígenas para o trabalho escravizado ou exploração dos mesmos, via *encomiendas* ou ataques de bandeirantes. Nesse processo, os rebanhos foram abandonados no campo, como na região da Vacaria dos Pinhais, no nordeste do Rio Grande do Sul, ou na Vacaria do Mar, na região costeira ao sul do estado. Esses animais xucros multiplicavam-se devido à abundância de pastos e aguadas e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (AURÉLIO PORTO, 1943; RAHMEIER, 2007; SCHLEE, 2019a).

Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e, também, por agricultura, em meados do século 19 passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escravizada e/ou assalariada e com uma arquitetura formada pela sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (LUCCAS, 1997; RAHMEIER, 2007; OSÓRIO, 2016). Geralmente, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não constitui a base econômica principal. Nesse momento dá-se, também, o início do cercamento dos campos, delimitando invernadas, rodeios e campos para os rebanhos, e, ao mesmo tempo, criando situações novas para a mobilidade de grupos e de coletivos. Dessa forma, propriedades menores, anteriormente chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente, passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem indígena, com significado de “plantação” (SAINT-HILAIRE, 2002), ou por designações locais, como “campo”, “fazendinha”, “granja”, “sítio”, “roça”, “quadra de campo”, entre outras.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Atualmente, estância corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde mantém-se os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou internadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém podem não ser consideradas como estâncias, devido ao seu tamanho.

**RANCHO** – Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé (*Panicum prionitis*) e a taquara (tipo de bambu) são cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e as janelas, as paredes são preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresenta uma espessura aproximada de 50cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustenta as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes, são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim. (LESSA, 1986; MATTOS, 2003). Regis Medeiros, peão campeiro e pecuarista familiar em Palmas, Bagé, ensinou que para manejar o capim santa-fé, é necessário cuidar as “*farpas*” que existem nas folhas que são capazes de cortar a pele. As folhas são cortadas e dispostas em maços que são deixados ao sol para secarem. Somente após estarem secas, poderão ser direcionadas para a construção da *quincha*. O chão é de terra batida e pode haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundo e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986).

Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados. Até fins do século 18 e início do 19, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas. Predominavam, portanto, as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana. (LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 2002; ISABELLE, 2006). A utilização das casas de torrão como galpão ou cozinha é uma forma de manifestação cultural comum a povos e comunidades tradicionais da pampa (MAZURANA; DIAS; LAUREANO et al, 2016), sendo os conhecimentos passados de uma geração para outra. Em algumas propriedades familiares, se encontrou ranchos como moradias e, também, como galpões, indicando que outrora fora moradia da família. Nas comunidades quilombolas de Palmas e do Corredor dos Munhós, observou-se a existência de ranchos como moradia.

**GALPÃO** – Para Schlee (2019b), os galpões são dependência edificada das estâncias (com torrões de barro, paredes de madeira ou de tijolos), coberta (de palha ou telhas) e permanentemente aberta – que serve de depósito, alojamento para os peões e para animais criados sob teto, além de espaço para a realização de determinadas tarefas campeiras. São espaços multifuncionais, utilizados para fins variados e relacionados ao dia a dia e às atividades na *lida campeira*. É onde se mantêm os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões, que podem se reunir

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

nesse espaço no início, no intervalo ou ao fim da lida, bem como para realizarem as suas refeições. É recorrente a existência de um espaço com lareira – pode ser fogo de chão ou fogão a lenha – para aquecer os corpos, a água do mate, assar o churrasco e outros alimentos. Em frente ao fogo são colocados pequenos bancos e cadeiras. Podia servir como dormitório de alguns peões ou de pessoas de passagem pelas propriedades. Em outros casos, os galpões são espaços em que os bichos passam a noite nos períodos de chuvas e de frio, ou nas épocas de parição, como forma de cuidado.

**TAPERA** – De acordo com Schlee (2019b), tapera é uma ruína. Rancho, casa ou outra edificação da campanha – abandonada e destruída por não ter quem a habite. Conforme a etnografia, costuma-se dizer, de forma crítica ou de forma jocosa, que uma moradia mal cuidada, por exemplo, com muitos galhos e folhas caídas ao redor do pátio, com terreiros por varrer, com cercas avariadas, com galinheiros e galpões com defeitos e com pomares sem trato, é uma tapera, em referência às casas e aos locais abandonados, sem moradores. Isso denota a atenção dada ao cuidado cotidiano com “as casa” e com o entorno. Uma casa cuidada é uma casa habitada.

Outros atributos foram elencados pelos/as interlocutores/as como indicadores de uma casa habitada. Seu Beto, pecuarista familiar em Palmas, em Bagé, considera que uma casa sem *quinta* – ou pomar – não era casa, mas uma tapera. A casa que se deixa ser tomada pelo mato e pelo campo, e destruída pela ação do tempo, traz para si a existência de animais do mato, como cobras, “sorros”, pássaros. Nos dias de chuva, o gado busca abrigo nestes locais. Em algumas situações, porém, mantêm-se relações com esses espaços, mesmo que ocasionais, como nos casos das *quintas* que ficam abandonadas ao redor das taperas, que podem ser utilizadas para a coleta de frutos, como foi relatado por comunidades quilombolas. Conforme Amilton Camargo, do Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, “*as mulheres se reúnem no verão aí, janeiro, fevereiro, março, né, para fazer as tachadas de doce. Vão fazendo em conjunto. Levantam cedo de manhã, vão buscar fruta lá no mato, né? Aqui a gente tem muitas árvores de frutas que os antigos plantaram, marmeleiro, principalmente, no mato, né?*”

A tapera se opõe à casa habitada por seres humanos e gera tristeza e estranhamento por quem passa por elas. O aspecto de ruína é uma metáfora de um processo mais amplo de esvaziamento do rural e de um passado de um lugar que era “*cheio de gente*”.

Embora seja um espaço não mais habitado por seres humanos, é comum os relatos da existências de outros seres habitando as taperas (sobre-humanos, extra-humanos). Os chamados “*causos de assombrações*” referem-se a “*gritos de escravos*”, “*mulheres chorando*”, “*luzes dentro da casa*”. Quenedy, peão campeiro em três Estradas, Lavras do Sul, contou que viu muita “*coisa estranha*” ao cruzar, a cavalo, durante a noite, pelas taperas.

**CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA** – As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique,

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Suas origens remontam às reduções Guarani missioneiras, ao passo que cada redução possuía vacarias e estâncias delimitadas por rios, riachos, matas, bem como currais de pedra ou torrão (AURÉLIO PORTO, 1943; JAEGER, 1958). As mangueiras, currais ou encerras são construções circulares ou retangulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão ou taipas de torrão. Produções recentes têm trazido para o debate que os grupos indígenas eram os detentores dos saberes para a construção de algumas estruturas, como os currais de palmas, já que manejam outros herbívoros nestes currais, como os cervos, antes da introdução do gado bovino (DABEZIES; SUÁREZ; BAÑOBRE et al, 2021).

Na propriedade de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, encontramos três tipos de mangueiras: uma estrutura de terra, que o pecuarista entende ter sido feita pelos indígenas missioneiros; uma estrutura de pedra, construída após a chegada de sua família, que recebeu a propriedade como doação de sesmaria; e uma feita de vala que, conforme o campeiro, estava interligada às outras. Sobre as mangueiras de terra, o pecuarista comentou: *“Achei estranho aquilo ali. Depois que eu olhei de cima e fui perguntar, descobri que era uma mangueira, anterior a mangueira de pedra. Era feita de taipa. Marcavam um círculo, cavavam e atiravam a terra para cima, formando a mangueira. É anterior à família do meu tataravô, porque, se fosse usada, não teriam construído a de pedra. Quando aquela já estava em desuso é que fora construída a de pedra. Para mim aquilo ali era dos índios. Tem uma parte de valo, que é abaixo, e uma parte de pedra. A mangueira de valo é anterior à mangueira de pedra. Eles faziam o valo para conter o animal, uma cerca.”*

Conforme Bruno Martins Farias (2013), estes currais indicam e percorrem os antigos caminhos das tropas. São diferentes estruturas de diferentes épocas e técnicas construtivas, com formatos e com matérias-primas diversas, sendo mais comuns as de terra, de pedras e de plantas. Eram utilizadas pelos tropeiros para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (revezando-se para vigiar os animais). Junto às mangueiras haviam as pastagens para alimentação do gado. Conforme Luciano, as *“paradas eram chamadas de pastagens, para pouso. As tropas andavam na estrada como caminhão. Tinha uma tropa atrás de outra. Na hora de parar, à tardinha, o capataz da tropa, mandava um peão na frente para saber se naquele lugar tinha pouso. Era cobrado pelo proprietário.”*

A entrada da mangueira é chamada de *porteira*. Nela eram colocadas duas *“tronqueiras”*, que são objetos verticais, de pedra ou de madeira, postos em cada lado da abertura, com perfurações em que eram encaixadas e dispostas *varas* (madeiras retas) atravessando a porteira e evitando a fuga dos animais. Luciano narrou, diante da mangueira de pedra, localizada na propriedade da família, como faziam para o gado bravo entrar nos currais. Ao redor desses currais, haviam bois mansos, os chamados *“sinuelos”*, que eram treinados para entrar e, imediatamente, sair da mangueira.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Assim, quando a tropa de gado, que era *xucro*, se aproximava do local, estes bois eram incorporados e conduziam os outros animais para a mangueira. “Quando a última vaca entrava, esses bois saíam da mangueira” (LIMA, 2020).

**CAMINHOS** – Estradas, corredores e atalhos (usados para acesso). Ao seguir as indicações dos/as interlocutores/as, foi-se delineando que a pesquisa para o Inventário desenhava por cima dos traçados dos antigos caminhos das tropas e carretas, por onde eram conduzidos bois e outras mercadorias de diferentes lugares da pampa, para as charqueadas e, posteriormente, os frigoríficos, localizados nos municípios de Pelotas, de Bagé, entre outros. Tais caminhos eram pontuados por entre-lugares de apoio como pousos, vendas (ou “bolichos”), currais, corredores, paradouros. As vendas, pousos e paradouros eram espaços de comércio e convívio de tropeiros e outros viajantes, onde realizavam refeições, rodas de conversas intercaladas com sons de gaitas e violões, jogatinas, entre outros. Juntos a estes estabelecimentos haviam diferentes artífices como ferreiros, carpinteiros e outros que ofereciam serviços. Os bolichos comercializavam, também, alimentos para os animais, como o milho, comprados na região de agricultores familiares ou até mesmo cultivados pela família proprietária. Os paradouros ou pastagens eram espaços com aguadas, galpões, currais e pastagens para a parada e pernoite das gentes, bois de tropas e carretas, cavalos de tropas e carroças entre outros/as viajantes. Ficavam dentro das propriedades podendo ser cedidas ou alugadas. Os currais eram usados, também, para a exposição de animais para a venda. Trafegavam por estes caminhos e descaminhos, para além do gado, inúmeras outras mercadorias e contrabandos, bem como pessoas com ideias, espacialidades, modos de viver (SILVA, 2006; LIMA, 2020). Parte destes antigos caminhos são, hoje, rodovias estaduais e federais asfaltadas.

Como parte destes caminhos, estão os corredores, que são pequenas estradas públicas que cruzam entre os alambrados que delimitam as propriedades. Alguns corredores cruzam por dentro das propriedades fazendo a circulação ser marcada por um abrir e fechar porteiros. Os corredores são lugares habitados e dinâmicos, permitindo o trânsito de pessoas, bichos e carros para diferentes lugares, pois se ligam entre eles. É pelos corredores em que se fazem as tropeadas que, atualmente, são realizadas para conduzir o gado de um campo para outro, bem como para conduzir o gado para banheiros de imersão alugados ou de associações de pecuaristas familiares. Nos corredores estão localizados os *bolichos*, sendo espaços de convivência e onde são realizados eventos como jogos e festas. Quando são públicos, se tornam espaços estratégicos para os criadores de gado, quando os mesmos observam que o campo está com baixa capacidade de suprir a alimentação dos bichos dentro das unidades de produção. A preferência de colocar o gado no corredor é sazonal e se dá pela leitura de que o campo está a ponto de ficar “*rapado*” (BRITO, 2010). Por outro lado, a preferência pelos corredores se dá, também, pelos animais. Vera Colares, pecuarista familiar em Palmas, Bagé, comentou que o gado prefere, nos dias quentes, pernoitar nos corredores para se proteger do contato com os carrapatos.

Os corredores são referências para a localização e, portanto, são identificados por nomes, como o “*Corredor dos Munhós*”, o “*Corredor da Lexiguana*”, etc. Eles se ligam entre si e permitem uma circulação pelos diferentes lugares.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

Entretanto, quando não fazem essa ligação, a estratégia para o trânsito é dada pelos “atalhos”, que são pequenos caminhos que seguem por dentro das propriedades. Esses caminhos são criados e manejados pelos animais. Os atalhos que são feitos por dentro dos matos, por exemplo, são manejados pelas cabras junto a outros bichos, como as vacas e as ovelhas. Embora as condições de acesso sejam limitadas para um trânsito a cavalo ou a pé, alguns atalhos podem ser realizados por carros. Nesse sentido, somente quem habita os lugares conhecem esses diferentes caminhos e suas condições de acesso.

Obs.: Para mais informações ver Ficha “Identificação Ofícios Lida Caseira”.

**6.3. Agenciamento do espaço para a atividade**

Na leitura de Clara Vaz, referente aos campos de Palmas, os mesmos são *“muito dobrados, com muita pedra, com bastante árvore, então o animal tem que ter muita energia para caminhar procurando alimento. E outra coisa, eu tenho um empregado lá que diz o seguinte, que os animais produzidos no Alto Camaquã podem ser vendidos para qualquer parte do Brasil. Digamos assim, animais produzidos lá, nesses campos dobrados, eles adquirem imunidade e resistência ao carrapato e eles podem ser vendidos para serem comercializados na fronteira, onde os campos são limpos. E, então, eles vão pra lá e eles não sentem, ao passo que, se tu trouxeres animais da fronteira, pra esses nossos campos dobrados, eles sentem muito e podem até morrer no inverno. (...) Os nossos terneiros, nascendo nesses campos adversos, com bastante subida, descida, pedra, têm que caminhar para procurar alimento, eles desenvolvem muito mais a musculatura do que os outros.”*

**7. Tempo**

<b>7.1. Periodicidade</b>	Os cuidados são diários e em tempo integral. Abrangem desde a alimentação dos animais “nas casa”, alimentando as vacas tambeiras, os terneiros guachos, até os cuidados no campo, observando e analisando a saúde dos animais. Assim, conforme a Vera Colares, a <i>“nossa vida é cuidando, todos os dias, dos animais para que eles fiquem bem e não adoeçam e morram.”</i> Envolve, também, a sazonalidade dos manejos, como os cuidados na época de <i>“parição”</i> que acontece no período da primavera, em que os pastos e o clima estão melhores. Alguns meses após a <i>“parição”</i> , os terneiros são castrados, marcados e assinalados, em eventos chamados de <i>“marcação”</i> . Nesta época, é necessário estar mais próximo dos animais, cuidando de predadores e das condições climáticas extremas, como muito o frio e a chuva. Logo entre os meses de outubro a janeiro, quando termina o frio e começa a aquecer, <i>“já começa a ter carrapato. Em seguida, já temos que fazer as vacinas também. Temos que juntar o gado e levar para fazer as vacinas”</i> (Laís de Moraes). Nesse sentido, a lida com bovinos é diária, <i>“faça</i>
---------------------------	--

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*chuva ou faça sol, tem que ir para o campo” (Seu Beto), mas não é rotineira, já que “cada dia é um dia diferente, depende do serviço” (Luciano Jardim).*

7.2. Ocorrência efetiva desde 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

### 8. Biografia

**Afonso Manuel Collares** - Pecuarista familiar em Palmas, Bagé - se criou com o laço na mão e ouvindo os causos dos empregados da Estância em volta do fogo de chão. Não esconde a paixão pelo cavalo e pelo laço, andando sempre “bem montado”. Assim, diz que “trabalhar com o laço e com o cavalo faz parte do meu dia a dia”. O laço “é um documento” e a habilidade no seu manejo é o que diferencia o “bom” campeiro: “para ser um bom campeiro, tem que gostar daquilo que faz e ser um bom laçador”. O laço é um artefato importante para o cotidiano da, principalmente nos serviços de mangueira e no rodeio, que são locais em que o gado é reunido para ser vistoriado e medicado. O campeiro comentou que, no rodeio, “se conversa com o gado”. Com os animais reunidos, seu Lalinho, a cavalo, com o laço na mão, observa atento analisando os que estão necessitando medicação. O animal que precisa ser tratado é laçado e derrubado para ser tratado. Esse serviço não é realizado sozinho e sempre é acompanhado pelos cães e por outros campeiros, como o Seu Beto e Olavo, que também gostam da lida com o laço.

**Alberto Gonçalves Rodrigues** - Filho de peões campeiros que trabalhavam para a família Collares. Peão na Fazenda Sossego, em Palmas, Bagé, desde que os pais se aposentaram. É proprietário de uma “*quadra de campo*” (em torno de 90 hectares) que recebeu como pagamento pelos anos de trabalho na fazenda, onde, junto à família, cria gado e ovelha, cultiva milho, feijão, batata doce, mandioca, abóbora e outras hortaliças e legumes e produz frutas.

**Amilton Cesar Camargo** - Agricultor familiar e quilombola, Comunidade do Quilombo Corredor dos Munhós, Mantiqueira, Lavras do Sul.

**Angela Marcia Scholante Colares** - *“Eu tenho paixão pela criação, toda ela. Pra ti ter uma ideia, eu adorava ir com meu pai, quando criança e depois adolescente, aos remates de gado no Local de Remates Ismael Collares, um programa que pode parecer chato, mas só olhar o gado já me fazia feliz.”*

**Antonio Carlos dos Santos Barbosa** - Possui uma propriedade localizada às margens do rio Camaquã, no distrito de Pamas, onde pratica, junto à família, a pecuária bovina de cria, ovinocultura, produção de hortaliças e legumes. Em

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

sua propriedade também promove festas campeiras com atividades como a marcação, provas de tiro de laço, danças, acampamentos nas margens do rio, entre outras.

**Carlos Roberto dos Santos Garcia** - Pecuarista familiar e Presidente da Associação de Pecuaristas Familiares do Barroco, criada no ano 2000, quando um dos fundadores doou uma área de campo para ser construída a sede e outras estruturas como uma mangueira, um banheiro de imersão e uma balança para pesar o gado vivo.. A entidade reunia em torno de 38 famílias da região. O pecuarista participa desde o início do quadro organizativo do grupo, enfatizando que o essencial era “*não envolver a associação em questões de negócios pessoais*”. Assim, por ser cuidadoso nesse “*negócio de justiça*”, ou seja, por ser justo e transparente, sempre foi eleito quando se disponibilizou a concorrer ao cargo de presidente. Na sede da associação havia um banheiro de imersão e uma balança para os associados banharem e/ou pesarem o gado bovino no momento da venda. A média de animais por pecuarista associado/a estava na casa das 30 reses. Com a associação poderiam reunir em determinados períodos as cabeças de gado individuais e aplicar o ectoparasita de maneira coletiva, já que os custos para fazer e manter um banheiro próprio e uma balança, além da compra de carrapaticidas, era muito alto. Para banhar ou vender o gado, os associados reúnem seus animais em uma tropa para, juntos, serem conduzidos à mangueira coletiva. Com o gado reunido dentro da mangueira, os lotes de cada proprietário são divididos.

**Clara Marineli Silveira Luiz Vaz** - “*Eu sou médica veterinária aposentada, mas antes de mais nada eu sou produtora rural, por que eu nasci e me criei lá. Fiz o curso de veterinária pensando em dar sequência ao método, como eram os animais criados desde os meus avós, na mesma propriedade.*”

**Debora Schneid** - “*Eu tive a felicidade de nascer em uma família ligada ao campo. Até os meus três anos, morávamos para fora, direto. Depois, tivemos que vir para a cidade porque lá fora tinham poucas escolas e eram muito longe. Então, optamos por vir morar na cidade. Meu pai fica entre a cidade e o campo. Ele nunca deixou de morar lá também. Mas, graças a Deus, mantive minhas raízes muito forte com o campo. Desde pequena, eu gostava de acompanhar os meus pais na lida, seja com ovinos ou com bovinos. Ajudava a conduzir os animais na mangueira, andava a cavalo e alcançava o frasco do medicamento que estava sendo feito nos animais. Depois comecei a aplicar os medicamentos, a conduzir os animais na mangueira. Com 19 anos, eu fui para Porto Alegre, passei no vestibular da Ufrgs e cursei veterinária. Depois, voltei. Parte do tempo fico aqui na cidade, trabalhando com a minha mãe no ateliê de lã crua que nós temos.*”

**Dieder Becker Damé** - Pecuarista familiar, na cidade de Canguçu. É presidente da Associação Canguçuense de Agropecuária Familiar (ACAF), em Canguçu, e integra a Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC). Possui uma propriedade de 30 hectares de terra onde cria cerca de 30 animais bovinos. Atua na presidência da Associação Canguçuense de Agropecuária Familiar (ACAF), formada por 24 famílias com diferentes



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

perfis como pecuaristas e agricultores familiares, artesãos, produtores de sucos e doces, produtores de embutidos, entre outros.

**Fernando Pires Moraes Aristimunho** - *“Na verdade a minha família, eu nasci em Livramento, mas me criei também, em Quaraí, onde minha família tem uma propriedade de 15ha, uma área de pecuária familiar em Quaraí, nos campos de butiazal de Quaraí, naquela divisa de Quaraí com Livramento. Por isso me identifico como pecuarista familiar. E aí tenho meu contato com a família e com a atividade da pecuária familiar ali. (...)”*

**Guilherme Araujo Collares da Silva** - Casado com Angela Márcia Scholante Colares. Juntos, são proprietários da Fazenda do Sossego. É também pesquisador e docente na Universidade da Região da Campanha (URCAMP), compositor de letras e músicas nativistas. Começou a tocar com 13 anos e a compor com 17. Ao longo da carreira tem participado de importantes festivais de música nativista ganhando inúmeros prêmios. Também é autor de poesias, lançando um livro no ano de 2019, com o título “Essência”, pela editora Martins Livreiro. Os temas retratam a vida no campo, as lidas campeiras, as relações e afeições entre humanos, bichos, campos e matos.

**José Alfredo Buss** - Pecuário familiar, nasceu e vive na Estrada Alto Alegre (chamada, também, de Estrada Arroio Medina ou Passo do Medina), em Vila Silva, Canguçu. Em 1988 comprou a propriedade onde reside com a esposa, mas mudou para a localidade apenas em 2003. Começou com o rebanho de ovinos em 2007, e possui, também, gado bovino. Realiza o manejo a pé, diariamente, com cães. Construiu galpões próximos da casa, onde dorme o rebanho ovino. Realiza a esquila pré-parto, em abril. Utiliza o esterco de ovelha, que recolhe uma vez ao ano debaixo do galpão, para tratar o campo.

**Laís de Moraes** - Pecuário familiar. Laís nasceu na cidade de Bagé. Reside em Três Estradas, Lavras do Sul. O pai foi criado na campanha, *“já fez de tudo”*. Conforme Laís, mesmo sem conviver com o pai, gosta muito da vida na campanha. *“Eu conheci o campo foi com o Luciano”* (marido), antes *“não frequentava CTG, não ouvia música gaúcha”*. Gosta de realizar o pastoreio de bovinos e de ovinos a cavalo, com a ajuda de cães.

**Luciano Alves Jardim** - Pecuário familiar, nasceu em Bagé. Segue com a pecuária de bovinos e de ovinos na propriedade, a Estância Ouro Verde, que está a gerações na família, em Lavras do Sul. A propriedade familiar apresenta mangueiras e cercas de pedras e de torrão. Luciano encontra o cruzamento das águas do subsolo utilizando pêndulo ou forquilhas de arame, estes cursos d'água são abundantes na região. Conforme ele, este conhecimento é importante para não se construir a casa em cima destes locais, especialmente os quartos de dormir.

**Mario Luis dos Santos Moreira** - Pecuário familiar, nasceu e vive na localidade da Coxilha do Fogo em Canguçu. *“Aqui moro eu, a Eva e dois filhos. Uma filha, Maria Luiza, morava até pouco tempo com nós. Agora não está morando mais [curso faculdade de enfermagem]. Eu vim para cá em 1982. Nasci e me criei aqui. Fui estudar em Canguçu”*

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*[cidade] até a oitava série. Estudei na escola técnica em Pelotas (atual IF-sul). Depois trabalhei na prefeitura de Canguçu por um tempo e saí e vim embora para casa. Ainda depois eu tive na Funasa trabalhando, mas era um contrato temporário. Terminou e eu vim embora. (...). Quando eu voltei não tinha nada. Era um campo vazio só com um cavalo já velho que era para meu pai andar. Eu financiei a compra de bovinos pelo banco. Eu financiei umas vaquilonas para iniciar com o gado. E, quanto às ovelhas, um primo me deu “em sociedade”, para iniciar. Me deu 16 matrizes e metade dos cordeiros eram dele e metade eram meus. E daí fui indo, graças a Deus foi prosperando (...)*

**Mário Tirri da Silva Witt** - *“Bem, eu continuo agropecuarista, porque de uma forma ou de outra a gente tem o campo, e até bem pouco tempo a gente tinha mais gado. Agora a gente tá fazendo uma reformulação, mas a renda e a ocupação continuam o envolvimento com agropecuária. Cuidando do que tem, arrendando e fazendo negócios. Mas eu também estou estudando comunicação e tento me inserir no mundo do audiovisual (...) Como eu participo, faço comunicação na Universidade Federal (de Santa Maria). Eu já fiz vídeos, curta-metragens e algumas outras coisas, estou sempre participando. Há um ano e pouco atrás a gente fundou o Querência da Água Boa, lá em Lavras com a Luna e o Bruno (do Coletivo Catarse). Então a gente também tá nessa pesquisa e cedendo material,(...) estou vendo como uma saída desse campeiro que não quer abandonar o campo, não quer virar as costas pro campo e quer fazer dessa pesquisa, desse estudo de comunicação, algo também para a sociedade.”*

**Mateus Oliveira Garcia** - Pecuarista familiar em Pinheiro Machado, Secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pinheiro Machado e ex-presidente da ADAC. Trabalha com a família cuidando do gado bovino e ovino e cultivando legumes e verduras no cercado. Está passando os saberes ao filho Italo.

**Olavo Rodrigues de Rodrigues** - Peão campeiro e caseiro na Fazenda do Sossego, lugar onde viveu quando criança e, depois, passou a trabalhar. Realiza serviços como cortar lenha, tambo (ordenha de vacas), e serviços no campo, junto ao Seu Beto, como *rodeios, marcações*, lida na mangueira como banhar o gado, curar bicheiras. É um *bom campeiro*, um *bom laçador*, fazendo todo o serviço, tanto lidando com os bichos como também é responsável pela cozinha.

**Quenedy Antunes Lehr** - Peão campeiro na Estância Ouro Verde. Nasceu no município de São Gabriel. Ainda criança a família mudou-se para a vila de São Sebastião, distrito de Torquato Severo, município de Dom Pedrito. Ao final do ensino médio, foi estudar no ensino superior na cidade de Bagé, “não pegou gosto pela cidade”, retornando para o campo e seguindo a vida de peão campeiro. Está aprendendo a *lida campeira* com Laís de Moraes. Já trabalhou em várias estâncias, às quais deixou registrada as *marcas* no couro do *tirador* que usa.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

**Régis Luís Marques Colares** - Pecuarista familiar. Nasceu e vive no Corredor da Lexiguana, em Palmas, Bagé. Trabalha com pastoreio de bovinos, ovinos e caprinos. Tem atuado para o melhoramento genético do rebanho ovino e caprino na propriedade da família, em Palmas. É médico veterinário.

**Regis Chaves de Medeiros** - Pecuarista familiar na região chamada “*Pedra do Pulo*”, no Corredor da Toca. Também realiza serviços autônomos na região, como a de peão campeiro, aramador bem como serviços no cercado como a lavrar e plantar. Faz de tudo um pouco, sendo reconhecido por ser muito habilidoso e caprichoso. Conforme Marcia Collares, “o pai [Godofredo Collares (Godo)] costumava dizer sobre o Rejão: ‘Se o Rejão diz que faz, pode deixar que está feito.’” É reconhecido como um “bom” campeiro pelo capricho e pelas habilidades no cuidado dos animais e do campo. Quando está andando, a cavalo, pelo campo, vai observando os lugares onde tem capim Anoni. Assim, quando não estiver lidando com o gado, pega uma enxada e um saco de estopa, e recorre estes lugares a pé, arrancando estes capins e guardando no saco onde ficará guardado por uns dias para secar e, depois, ser queimado. O trânsito pela região, fazendo diferentes serviços, é realizado a cavalo, cruzando por corredores e trilhas por dentro das propriedades.

**Rudinei Ribeiro de Oliveira** - Pecuarista familiar. Nasceu e vive na localidade do Barrocão, em Piratini. Trabalha com pastoreio de ovinos e bovinos em campo nativo, a cavalo, com o auxílio de uma cachorra border collie. “*Não tem o que ela não faça no campo.*” Realiza a criação de terneiros, que vende próximo de completar seis meses, aproximadamente, com cerca de 150kg. Não cria até a fase adulta. Possui “*quinta*” a propriedade, com figueira, laranjeira e marmeleiro.

**Vanda Rosa Peligrinote Tarouco** - Pecuarista familiar. “*Eu campereio a pé. Junto cento e poucas reses. Perdi minha cachorra, a Filó. Só eu e ela juntávamos todo o gado. (...) Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavrar. Sempre ajudei meu pai. Ele tinha 10 filhos. Então, a gente se criou sempre na lida. O guris foram crescendo e indo embora. As gurias é quem foram ficando e trabalhando na lavoura. (...) Enquanto eu puder, eu vou estar aqui. Eu vou criar. O dia em que eu não puder mais criar eu vou trocar. Vendo o gado de cria e vou criar boi, então.*”

**Vera Colares** - Contabilista e aposentada da Receita Federal. Pecuarista familiar e Presidente da Associação para Grandeza e União de Palmas (Agrupa). Vera morou nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Bagé. Conta que, porém, sempre manteve o vínculo com as lidas na propriedade, acompanhando as atividades nos momentos de folga do trabalho como funcionária pública. Ao se aposentar, a interlocutora retornou para o imóvel rural de sua família residindo, atualmente, com sua mãe, Eny Scholante Collares. É responsável pela organização das atividades da propriedade executando todas as etapas e sendo acompanhada por um peão assalariado. Sobre a lida campeira, a interlocutora comentou: “*A nossa lida é em campo nativo, a criação é extensiva. Os animais ficam soltos e eles vivem*

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*bem, em contato com a natureza.” (...) a gente pega o cavalo, encilha, e vamos camperiar juntamente com os cães. (...) (...) Juntamos o gado em determinado lugar, que chamamos de rodeio e ali no rodeio a gente faz a verificação dos animais, para ver se está tudo bem, se não tem animais doentes, etc*

**Zeni Crizel** - Pecuarista familiar. Lida com o gado a pé junto a dois cães da raça ovelheira, em Piratini. É responsável por todo o processo, desde a compra até a venda dos bichos. Para amansar o gado chucro utiliza a técnica do sal e diz que o animal vai ficando manso ao ver que outros vão ao encontro dela quando está levando o sal. Enquanto os animais lambem o sal na rodeio, a pecuarista observa o estado do gado. Eventualmente, contrata um peão para ajudá-la em tarefas como a vacinação e outras lidas na mangueira.

## 9. Atividade

### 9.1. Origens, motivos, sentidos e transformações

A criação de gado no Rio Grande do Sul é realizada desde a introdução pelos colonizadores europeus. De acordo com Afonso Aurélio Porto (1943), os padres jesuítas deram início à transposição dos rebanhos na região das Missões, a partir da criação de ovinos, de equinos e de bovinos. Por volta de 1630, os rebanhos bovinos foram transportados para a margem oriental do Rio Uruguai, desde povoados como Entre Ríos e Corrientes. Conforme o historiador (1943, p. 189):

Todos os documentos são contestes em afirmar a importância com que os provinciais superiores e curas das reduções transmigradas para a margem direita do Uruguai, viam as reservas econômicas que se multiplicam indefinidamente nesses campos desertos e que seriam, 40 anos mais tarde, a razão principal da nova ocupação da terra com os Sete Povos das Missões. Por várias vezes foram lançadas outras quantidades de gado nas taperas missioneiras. Em 1644 o provincial padre João Batista Ferrufino mandou se introduzissem ai mais alguns milhares de cabeças de gado escolhido, proibindo terminantemente entrassem os índios a vaquear na margem esquerda do Uruguai. De um depoimento do padre Juan de Yagros consta que por ordem dos padres provinciais foram levadas muitas vacas para as taperas dos antigos povos, e que “segundo alguns chegaram a 15.000 vacas as que foram introduzidas”.

A predominância de uma flora com órgãos subterrâneos em rizomas ou tubérculos é um indício das circunstâncias climáticas, dos distúrbios como fogo e pastejo de grandes herbívoros, que caracterizam a formação campestre do bioma (BENCKE, 2016: 64). Outrora, a existência de uma megafauna de mamíferos herbívoros como as gigantescas preguiças, espécies de cavalos, mastodontes, cervos e tatus gigantes permitiram o controle da sucessão vegetal mantendo, pelo pastejo e pisoteio, as formações campestres (p. 70-71). Uma vez extintos, estes grandes herbívoros, são os herbívoros domésticos introduzidos pelos colonizadores, como cabras, bois, ovelhas e cavalos, que possibilitaram a existência das formações campestres, impedindo o desenvolvimento de plantas lenhosas, com o pastejo e pisoteio. Nesse sentido, há um consenso de pesquisas que consideram que o manejo pastoril tradicional tem



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

um papel-chave para a preservação dos ecossistemas campestres e é, ao mesmo tempo, a “esperança da conservação” (BENCKE, 2016).

Por sua vez, a presença destes herbívoros domésticos na pampa brasileira está, originalmente, associada ao povoamento das porções meridionais da América Latina e a criação de fronteiras político-administrativas neste território, desde o século 17. Adriana Silva (2006) apresenta três possibilidades, debatidas entre os/as historiadores/as, acerca da introdução do gado bovino na pampa: a teoria de que o gado entrou no território por manejos platinos; a que defende ter sido por mãos lusitanas e, uma terceira, que tenha sido realizada por mãos de indígenas Guarani e missionários da Companhia de Jesus, entre 1626 e 1636, que chegaram ao território rio-grandense em 1626, fugindo das reduções do Paraguai sob ataque dos bandeirantes, se estabelecendo na chamada “zona do Tape” (REICHEL, 2006; SILVA; 2006; ÁLVAREZ, 2015). O argumento desta última teoria se dá pelo fato de ser o único, até então, a indicar um objetivo que justifica essa introdução destes animais, a saber, para que pudessem garantir o abastecimento dos povoados missioneiros. Por conseguinte, as investidas de bandeirantes sobre as reduções em busca de mão-de-obra indígena, fez com que abandonassem o território deixando abandonados os rebanhos, que se reproduziram livremente na pampa (SILVA, 2006; PESAVENTO, 2014; ÁLVAREZ, 2015; MONTEBLANCO, 2021).

O vasto gado existente possibilitou aos grupos indígenas pampeanos um sistema de manejos que era, por sua vez, uma reatualização dos vínculos entre humanos, bichos e plantas do período pré-colombiano (DABEZIES et al, 2021). Essa nova leitura mostra que os grupos indígenas criaram estruturas como currais de palmas e outros materiais para manejos de cervos e demais herbívoros, atualizadas com a presença do gado bovino. Tais saberes foram apropriados pelos padres jesuítas, que, a partir de 1682, começaram a retornar para o Rio Grande do Sul fundando sete reduções, ou povos: São Borja, São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo. O gado xucro era caçado e levado em rebanhos para as estâncias jesuítas, para currais próximos às reduções. A técnica da caça ao gado foi descrita por Darwin (2010: 233):

Quando caçando, o grupo se esforça para chegar o mais perto possível do rebanho sem ser descoberto. Cada homem carrega quatro ou cinco pares de bolas consigo. Então eles as lançam em sequência na direção da manada, atingindo o maior número possível de animais, deixando-os presos por alguns dias, lutando para se livrar delas, até que estejam exauridos pela fome e pelo cansaço. Depois disso, eles são soltos e conduzidos até um pequeno rebanho de animais domados, que foram trazidos ao ponto em questão. Em virtude do tratamento anterior, estando muito aterrorizados em deixar o rebanho, eles são facilmente tocados – se sua força não esgotar – ao acampamento.”

A redução de São Miguel se estendia desde o Jacuí e contravertentes do Rio Ibicuí descendo até as pontas do Rio Negro ocupando os atuais territórios de São Gabriel, Dom Pedrito, Bagé e Lavras do Sul (DEGRANDI, 2011: 62). Os Guarani missioneiros realizavam o manejo do ambiente, ao longo dos trajetos por onde circulavam e mantinham os rebanhos. Assim, plantavam pequenos bosques, construíam currais e caminhos seguindo trajetos com boas aguadas,

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

com sombra e plantavam espécies para alimento, para abrigo, sendo locais importantes para paradas (JAEGER, 1958). Esses caminhos indígenas consistiram, após a ocupação portuguesa, em rotas para circulação de mercadorias e consistiram em linhas de expansão rumo ao sul, no século 18 (PESAVENTO, 2014).

Os manejos jesuítas configuraram um modelo de pastoreio extensivo. O objetivo era prender e domesticar o gado alçado em função da extração do couro, chifres e sebos, que eram exportados para a Europa pelas vias de Sacramento e Buenos Aires. Em um primeiro momento o gado era caçado em campo aberto sem requerer maiores cuidados. Em meados do século 18, após a desestruturação do projeto Guarani-missionário pelas coroas espanhola e portuguesa, as primeiras estatísticas verificaram uma imensa abundância de gado bravo (chamado *ganado cimarrón*/chimarrão), cuja pecuária de extração ou de produção movimentaram o comércio platino. Foram diversas as técnicas de exploração pecuária trazidas da Europa, mas nenhuma preparada para a quantidade impressionante de gado *vacum* disponível. Novas técnicas precisaram ser adotadas para dar conta dessa abordagem numérica completamente nova. Isso implicava em mesclar as práticas tradicionais de caça, com as de domesticação, criadas num ambiente sincrético. Maestri (2008: 190) denominou “fazendas chimarrãs” este tipo de manejo e domesticação. Entretanto, em função da emergência da indústria charqueadora de grande porte no Rio Grande do Sul, a partir das últimas décadas do século 18, para além do couro, chifres e sebos, a carne, torna-se um bem de mercado e nesse sentido a domesticação do gado intensifica-se criando o que chamou de “fazendas crioulas”.

A doma crescente dos bovinos constituiu o primeiro grande salto, da fazenda chimarrão à fazenda crioula. A castração dos novilhos pacificava os rebanhos e favorecia o engorde dos capados. Bovinos inteiros ganham mais peso pelo efeito anabólico dos hormônios testiculares, mas levam mais tempo para acumular gordura; castrados, ganham menos peso, mas produzem melhores carcaças pela deposição de gorduras. (MAESTRI, 2008: 192).

O estabelecimento de rotas regulares de tropas de gado (*vacum*, equino e *muar*), por um lado, e a introdução de técnicas de conservação da carne por salgamento, por outro, geraram a possibilidade de utilização de todos os recursos providenciados pela *rês*, incluindo carne e ossos. Junto à emergência das fazendas crioulas houve um constante processo de alteração da paisagem pampeana pelo cercamento para divisão dos campos. O advento e consolidação das fazendas crioulas está associada às transformações sociotécnicas, que, por sua vez, alteraram a paisagem da pampa via Lei de Terras, em 1850 (lei nº 601 de 18 de setembro de 1850), que normatizava o direito agrário no Brasil, e a introdução do arame liso para o cercamento das propriedades. Referente ao primeiro, embora a lei tenha sido implementada de diferentes modos nas diferentes províncias, ela normatizou uma definição do que é propriedade, uma vez que “ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra”. Ou seja, a terra tornou-se uma mercadoria, excluindo do acesso aqueles que não tinham condições de comprá-la. Assim, “os grupos que historicamente ocuparam e usaram a terra sustentados em outros critérios que não os jurídicos e de mercado viram suas lógicas questionadas, foram expulsos, violentados, transformados em intrusos, vadios e criminosos” (SILVA, 2015: 6). Ao mesmo tempo, para o autor, permitiu as posses de terras ocupadas por

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

pequenos agricultores, desde que não estivessem em jogo, os interesses de proprietários de grandes extensões de terra (2015: 12).

Conforme os relatos históricos reunidos por Farinatti (2010: 69):

Uma pequena elite de grandes estancieiros ocupava, sim, as posições cimeiras da hierarquia sócio-econômica. Porém, ao lado deles, havia uma miríade de médios e pequenos criadores de gado e, em menor escala, também lavradores. Eles produziam a partir de variadas formas de acesso à terra (posse, propriedade, arrendamento, produção “a favor” nos campos onde estavam agregados) e, muitas vezes, era das famílias desses pequenos produtores que saíam os peões para o trabalho nas estâncias.

Um marco histórico na ocupação desses territórios foi o cercamento das propriedades. A introdução do arame liso se deu no Uruguai em 1852, chegando no Brasil em 1870 como uma novidade tecnológica (FARIAS, 2013: 43). Tais fatos tornaram lineares as paisagens da pampa, redefinindo o acesso às terras e aos territórios. Conforme Cotrim (2003), no município de Canguçu, o cercamento das propriedades redefiniu as relações de trabalho ocasionando a expulsão dos peões posteiros e outros agregados das estâncias, gerando migrações para cidades próximas e ocupação das áreas com relevos acidentados que não interessavam no processo de modernização agrícola. Esses locais, às margens, também consistem em caminhos de fuga e resistência de pessoas negras submetidas ao serviço escravizado, configurando aquilo que Kosby (2017a) descreve enquanto “fuga para fora”, para os fundões das localidades.

Os locais preteridos pela grande propriedade, assim como as zonas que eram limítrofes a estas, conformaram uma ocupação bastante típica desses povos e comunidades, em núcleos de agricultura familiar e camponesa localizados entre as grandes propriedades e associados a estas. A maior parte dos estabelecimentos rurais está hoje concentrada nesses núcleos populacionais denominados regionalmente como “*rincões*”, assim como os recursos humanos envolvidos com a produção agrícola e pecuária das regiões, que compõem a mão de obra familiar e assalariada de forma permanente e sazonal na agricultura e, principalmente, na pecuária. São os que constroem o sentido e compõem a dinâmica desses territórios (BRITO, 2010).

Portanto, considera-se que a conservação de ecossistemas pampeanos e sua biodiversidade está associada ao reconhecimento dos territórios tradicionais, os *rincões*, bem como dos saberes relacionais das pessoas que “*vivem mais integradas entre o animal e o ambiente*”, como observou a interlocutora Clara Vaz. Já é consenso de que a existência de uma vegetação nativa no bioma pampa se dá em sua maioria pelas práticas e manejos dos bichos e campos pelos povos tradicionais, agricultores e pecuaristas. Entretanto, as pesquisas e diagnósticos sobre essas populações tradicionais, bem como as que associam tais modos de viver a biodiversidade do bioma, são recentes e requerem uma série de aprofundamentos.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**9.2. Narrativas e representações**

A temática da *lida campeira*, da atividade pastoril e da lide no campo está disseminada nas narrativas e nas representações culturais e artísticas na região platina, na pampa e no Rio Grande do Sul, seja na literatura de viagem, seja nas obras literárias, seja nas músicas gauchescas, seja nas canções folclóricas, seja nas produções nativistas, seja nas representações iconográfica a respeito do “Sul”.

Um traço dessa representação costuma ser a relação entre natureza e cultura, ou entre ambiente e sociedade, que emana e acompanha o pensamento de gerações de artistas e intelectuais que produzem suas obras com foco na região, que podem se debruçar sobre os tipos sociais, as guerras de fronteira, as andanças pelos campo ou o manejo dos rebanhos. Tal ênfase fica evidente em obras clássicas e contemporâneas da literatura platina, como, por exemplo, *Diálogos*, de Bartolomé Hidalgo, *Martín Fierro*, de José Hernández, *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento, e *As aventuras de China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara, entre tantas outras. Da mesma forma, é possível perceber a presença da melancolia, ou certo pessimismo, em relação à continuidade do modo de vida campeiro ou do contato com o campo. Nesse sentido, o tema do fim, da ruína, da morte, do saudosismo ou da impossibilidade de continuidade costuma ser recorrente.

Na literatura do Rio Grande do Sul, nomes como João Simões Lopes Neto, Ramiro Barcelos (sob o pseudônimo de Amaro Juvenal), Erico Verissimo, Cyro Martins, Jayme Caetano Braun, Barbosa Lessa são apenas alguns dos expoentes que abordam ou dedicam suas produções a refletir sobre essas temáticas. Da mesma forma, pode-se citar autores contemporâneos, que buscam refletir sobre a pampa e seus viventes, como, por exemplo, Aldyr Garcia Schlee, Luiz Antonio de Assis Brasil, Tabajara Ruas, Eron Vaz Mattos, José Carlos Queiroga, Marília Floôr Kosby e Clarissa Ferreira, entre outros.

Logo, destaca-se a profusão e a diversidade de tais obras para a música, a literatura, a poesia, as artes visuais, entre outras formas expressivas. Assim, buscamos trazer algumas dessas narrativas e representações, sem, contudo, esgotá-las.

O escritor João Simões Lopes Neto (2011), no conto *Juca Guerra*, narrado pelo peão campeiro Blau Nunes, fala sobre um rodeio, que ocorreu na Estância do Pavão, “a estância era na costa de dois rios; e tem muitos albardões com mato, que eram a querência da gadaria xucra” (p. 204). No conto, aparecem elementos relativos ao manejo do gado selvagem, que se criava solto, chimarrão, em campo nativo.

Mas, pra chegar lá, havia que atravessar um santafezal cerrado, tiririca, atoleiros, juncais; um banhado brabo; lá dentro é que a gadaria alçada vivia misturada com os galheiros e os capinchos e os ratões. A gritos, a tiro e a cachorro tinha-se conseguido tocar como umas pra mais de três mil reses. Nem lhe falo nas cousas divertidas do serviço, como rodadas, algum matungo riscado de aspa de brasino, as compadradas da peonada e outras que sempre alegam um campeiro. E mal que cerrou o rodeio a gente mudou de cavalos, churrasqueou



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

em pé mesmo e começou-se logo a apartar a tourada. E que torunas! Cada bicho pesado, criado na pura grama vermelha, ligeiros como gatos, e malevas, de acompanharem o laço, quase cabresteando!...

Essa temática aparece em outras produções de Simões Lopes Neto, como, por exemplo, *Trezentas onças*, sobre um tropeiro, e *O boi velho*, sobre a relação com um boi que fazia a lida caseira.

Erico Verissimo, em *O tempo e o vento*, apresenta em vários momentos a lida com rebanhos bovinos, desde a instalação das estâncias jesuítas que abasteciam os Sete Povos das Missões. Na obra, o capitão Rodrigo, entre os engajamentos nas guerras e conflitos fronteiriços, atuou como tropeiro, levando e trazendo gado.

Eu tinha dado baixa e andava metido em negócios de gado. Vosmecê sabe, um homem precisa fazer de tudo um pouco. Depois que tomamos a Banda Oriental a situação do nosso charque e do nosso gado melhorou, e eu ganhei um bom dinheiro fazendo tropa. Mas quando ouvi falar de novo em revolução, eu, que já andava cansado de lidar com boi, vaca e cavalo, comecei a limpar a espada e azeitar as pistolas... (2003a [1949]: 148).

Outro personagem importante na obra é o capataz Fandango, na estância do Angico, que serve enquanto figura paterna e tutor de Licurgo, uma vez que o jovem é órfão. Em uma passagem, por meio de ditados populares, Fandango ensina sobre plantas, ervas e animais. É com Fandango que Licurgo aprende a *lida campeira*:

Depois de beber duas ou três guampas de leite, quando o sol começava a apontar por trás da coxilha do Coqueiro Torto, Curgo ia para o galpão comer um churrasco mal passado nas brasas, seguido dum amargo bem quente. A essas horas já o gado mugia, os passarinhos cantavam nos cinamomos, à frente da casa, e os quero-queros andavam a gritar pelo campo. Começava então a faina do dia e Curgo acompanhava Fandango e a peonada que saíam a percorrer as invernadas. Sabia laçar, parar rodeio, marcar, e seu maior sentimento era o de não saber domar potros, pois a avó não lhe dera ainda permissão para aprender. (2003b: 202).

Já Luiz Antônio de Assis Brasil, na obra *Um castelo no pampa* (1994), acompanha a trajetória de uma família que enriquece por meio da criação gado, voltado para o abate nas charqueadas de Pelotas, assim como os aspectos que envolvem a constituição de uma sociedade escravista:

Em pouco tempo as questões de direito foram resolvidas – e eram embaraçadas, pedindo tutores, curadores etc. –, e João Felício pôde, enfim, retornar de Pelotas e depositar vários tubos de libras sobre a mesa do comedor, arrematando terras, casa, serventias, pomares, escravos, gado, tudo enfim que não fosse pessoa. (1994a: 24).

Na obra ficam evidentes, também, os conflitos entre sociedade e ambiente, por meio do personagem do Doutor Olímpio, que busca modernizar as práticas pecuárias, com a introdução de novas raças e formas de manejos:

Cruzar campos alheios é uma experiência sempre interessante, possibilitando verificar a forma selvagem como os estancieiros do Rio Grande ainda tratam de seus negócios: eliminação à lança dos cavalos excedentes, carneamento de reses sobre o couro, nenhum

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

cuidado em terem uma plantação, por pequena que seja. O Doutor está indignado. (1994a: 317).

Em outra passagem, Assis Brasil cita a presença de uma mangueira de pedra enquanto tapera, local abandonado ou em desuso na estância:

O casal Isidoro e Nini veio morar na Estância Velha, pertencente à família Freitas e bem próxima, merecedora do nome devido a uma mangueira de pedras, circular, tão antiga que uma vegetação de selva a sepultava entre seus ramos, e a que chamavam de "mangueira da revolução": ali uma esquadra revolucionária de fora dizimada a golpes de baionetas do Império, e isso a sacralizava ante os olhos de Isidoro. Ele a manteve intocada como um tabernáculo. Para uso do estabelecimento, mandou erguer uma outra quase ao lado da casa, capaz de conter 500 reses. (1994b: 144).

A antropóloga e poeta Marília Floôr Kosby, que integra a equipe de pesquisa do INRC Lida Campeira, na obra *Mugido [ou diário de uma doula]* (2017b), retrata alguns dos aspectos sobre a relação de humanos e rebanhos na pampa brasileira, bem como as questões de gênero que tensionam o manejo e a aliança com os animais:

localidade: passo da esquelada

O cliente ligou a manhã inteira para o pai, querendo saber o que faria com a vaca trancada, a mesma a qual ele havia dado consulta durante a semana. O pai diz que é melhor tirar o terneirinho morto, já que se pode salvar a vaca. Diz que cesárea é mais arriscado no caso de o terneiro estar morto, pois a putrefação cria substâncias tóxicas. O cliente nos busca de carro, ele e o filho, de cerca de oito anos, que fala como adulto. O pai cobra apenas cinquenta reais pelo deslocamento e a consulta, para que o homem não desista de buscá-lo, e assim a vaca não sofra mais. Ao chegarmos na propriedade, uma pequena chácara arrendada, notei haver muitos bichos na volta da casa. As vacas ficam soltas e os cavalos também. Dois cães ficam presos, por serem brabos, e dois ficam soltos. Tinha uma cabrita que parecia cachorro, de tão mansa. O galinheiro e o chiqueiro também ficavam próximos à casa. (2017b: 25).

Trechos de poesias e letras de músicas que fazem menção ao manejo de bovinos:

**Cantiga de Ronda**

Era boi, era boi, era boi

Marcha boi, marcha boi, marcha boi

Volta boi, volta boi, volta boi, volta

Nesta constância constante da vida tropeira

Tropa estendida na várzea pastando luar

Faz me lembrar de uma feita num quarto de ronda

Quando eu cantava em silêncio pra o gado escutar

[...]

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

(Letra: Telmo de Lima Freitas)

**Mangueira de Pedra**

Velha mangueira crioula

Curral de pedra empilhada

Que até o pastor da manada

Bombeia com desconfiança

Ficaste como lembrança

Da infância desta querência

Guardando a mesma inocência

Dos brinquedos de criança!

Dizem que foi o jesuíta

Que te ergueu nas solidões

Na fronteira, nas missões

No litoral e na serra

Para que fosses a encerra

Das primitivas tambeiras

E das éguas caborteiras

Mais livres que a própria terra!

E te plantaram no campo

Com metro e meia de altura

Meia braça de largura, redonda ou de cantoneiras

Quatro varas nas porteiras roliças e descascadas

Como lanças encravadas no buraco das tronqueiras

E, alí, no aberto, aprumada, remendo na cesmaria

Te irmanaste em serventia ao laço e à boleadeira

Qual outra nota campeira da nova Sociologia

Prenunciando a trilogia: Galpão, rodeio e mangueira

Depois, ao berrar do gado e ao relinchar da tropilha

Viste surgir na cochilha um casarão empedrado

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

E o vulto desentonado, de galpão de frente aberta  
 Com santa fé na coberta qual um bugre empenachado

Era o galpão do Rio Grande, era a estância que surgia  
 Vertente da economia do Brasil Meridional  
 Com um abraço cordial aberto com natureza  
 Exprimindo a singeleza do velho pago Natal

E se galpão foi o templo da xucra democracia  
 Tu foste a arena bravia onde gladiadores novos  
 Perpetuaram aos corcovos uma epopéia sem fim  
 Pra que teu rude clarim fosse ouvido noutros povos  
 [...]  
 (Letra: Jayme Caetano Braun)

**Porteira Afora**

Chegou linda a primavera, cavalhada pelechando  
 Os cordeiros retoçando, é tempo de marcação  
 Serviço que é tradição nestes pagos da fronteira  
 E a nossa gente campeira firma a têmpera no braço  
 Pealando de todo o laço sobre a praia da mangueira  
 Os campeiros desencilham na sombra das caneleiras

Os ovelheiros ficam cuidando os arreios  
 Um guaxo pampa quer lambar as barrigueiras  
 Voam mutucas, pateiam pingos atados  
 E um cardeal canta no alto das taquaireiras

Nuvens de poeira se levantam céu adentro  
 Nascem do centro do chão duro da mangueira  
 Costeiam vacas berrando pelos terneiros  
 E um João barreiro proseia com a companheira  
 Tinem arames, terneirada mal costeada



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

E a gauchada tira as botas, se arremanga  
 Canha e pitanga são remédios numa guampa  
 Essência pampa, gosto de mato e de sanga

Bota-lhe fogo nessas marca Gratulino  
 Porque o Silvino Bololó tá de a cavalo  
 O Mano Vaz estira o laço num moerão  
 Chega o Borbinha e toma um trago no gargalo

O seu Pituca espeta a carne pro assado  
 O Cipriano peala, capa e assinala  
 Homens maduros sentados sobre os arreios  
 E nesse meio o mate acompanha a fala  
 (Compositores: Cristian Camargo / Lisandro Amaral / Eron Vaz Mattos)

Poesia sobre a *lida campeira*:

**Romance do Tio Abel**

[...]

Aquele corpo que outrora  
 soube aguentar muita lida  
 de cercado, de mangueira  
 e de lombo de cavalo,  
 hoje afocinha no pasto  
 -no sobre-lombo de um pealo -  
 de oitenta anos bem postos  
 que a vida, porteira afora,  
 vem lhe ajeitando a mangueada  
 -costeada da 'tar da prosta'-  
 direito à cruz de pau-ferro,  
 na costa de uma picada.

[...]

(Poesia: Guilherme Collares)

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

A lida com bovinos é um tema difundido, também, nas canções folclóricas e nativistas de toda a região platina, bem como na iconografia sobre a região.

<b>9.3. Cronologia</b>	
Data	Evento
Século 17 (década de 1630)	Introdução dos rebanhos bovinos, muar, ovinos, equinos, caprinos na região das bacias platinas, a partir das Reduções Guarani na Província Jesuítica do Paraguai. Abandono das reduções na margem oriental do Rio Uruguai, devido aos ataques de bandeirantes. Asselvajamento dos rebanhos na Vacaria do Pinhais e na Vacaria do Mar.
Século 17 (década de 1680)	Retomada do projeto Missioneiro na margem oriental do Rio Uruguai e fundação dos Sete Povos das Missões. Implantação das estâncias dos Guarani na região da pampa para a criação de rebanhos, tendo em vista o abastecimento das reduções e a comercialização do gado.
Século 18 (década de 1730)	Aumento da colonização portuguesa na região, a partir da distribuição de sesmarias e da fundação de povoados.
Século 18	Caça do gado bravo para comercialização da carne e do couro. Caça do gado muar para fornecimento na região das minas brasileiras.
Século 18 (1753-1756)	Guerra Guaranítica, envolvendo os exércitos portugueses e espanhóis contra o povo Guarani Missioneiro e os padres Jesuítas. Declínio das Missões. Abandono das estâncias Guarani e dos rebanhos.
Século 18 (1780)	Fundação das primeiras charqueadas na região pampeana do Brasil, do Uruguai e da Argentina.
Século 19	Intensificação da instalação das charqueadas no Rio Grande do Sul, com vasta utilização de mão de obra africana escravizada.
Século 19 (1850)	Lei de Terras é publicada pelo imperador Dom Pedro II, apropriação das terras e alteração da estrutura fundiária.
Século 19 e início do século 20	Declínio das charqueadas e instalação de frigoríficos.
Século 20 (a partir de 1950)	Aumento do monocultivo, com lavouras de arroz, de milho, de soja e da silvicultura.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Século 20 (a partir da década de 1980)	Novos modelos fundiários. Assentamentos da Reforma Agrária. Comunidades Quilombolas. Terras Indígenas.
Século 21	Intensificação da supressão da pampa, através de projetos de monocultivo, de mineração e outros.

## 10. Produtos patrimoniais

<b>10.1. Repertório ou principais produtos</b>
<i>Lida campeira</i> , a partir da criação de bovinos tem-se a produção de carne e de couro, tanto para o consumo da família quanto para a comercialização. O gado bovino é visto como uma poupança (NESKE, 2014; DIAS, 2021), sendo vendido “quando a gente precisa de um dinheiro”. O couro é matéria prima para inúmeros artefatos de lida, como os laços, aperos de montaria, tiradores e de vestimenta, como chapéus, cintos e botas.

<b>10.2. Processo de trabalho e comercialização</b>	
Etapa	Atividade
Lidas na volta “das casa”	Consiste em manejar os animais que estão no entorno das casas, tais como as vacas leiteiras, os terneiros guaxos e as reses que estejam precisando de maiores cuidados, em função de alguma doença ou fraqueza. Para esses animais complementa-se o pasto com alguma ração, como o milho. Outra atividade consiste em ordenhar as vacas deixando alguns tetos para os terneiros crias ou “ <i>enxertados</i> ”, que refere-se aqueles que são filhos de outras vacas.
“Recorrer campo”, “camperear” ou “recorrida”	Práticas de percorrer, a pé ou a cavalo, as áreas de campo observando e verificando o gado, a situação dos pastos e das aguadas, e avaliando o estado das cercas. Conforme Vera Colares, “depois que a gente faz estas lidas na volta de casa, a gente pega o cavalo, encilha, e vamos camperear juntamente com os cães. Nessa época, a natureza toda está se reproduzindo. As vacas estão dando cria, as ovelhas estão dando cria, as cabritas estão dando cria. Então é necessário que a gente passe quase todos os dias no campo para verificar se está tudo bem, porque se uma vaca pode se trancar [distocia] com o terneirinho, ela pode morrer, o terneirinho pode morrer, sendo necessário que a gente faça uma revisão quase que diária. A gente vai para o campo com os cavalos e com os cães.” Seu Beto, por sua vez, tem que cuidar e observar cerca de 530 cabeças de gado, que pertencem aos diferentes membros da família Colares. Os animais são contabilizados pelo peão, que conhece a individualidade de cada um, por meio de informações sobre a quem pertence, quantas

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	crias teve, quais lugares costuma permanecer, se é “manso” ou “bravo”. <i>“Se eu ver uma vez, eu conheço. Eu gravo o animal.”</i>
Parar rodeio	<p>Como parte da recorrida, o rodeio requer uma atenção maior ao gado bovino. A prática é feita da seguinte maneira: <i>“Juntamos o gado em determinado lugar, que chamamos de rodeio e ali no rodeio a gente faz a verificação dos animais, para ver se está tudo bem, se não tem animais doentes, etc. Tem um lugar que chamam rodeio ou parador que já é habitual reuni-los sempre ali. Então, eles já sabem que tem que ir por ali. Tu atijas os cachorros atrás deles e eles vão se dirigindo para este lugar. Às vezes, querem ficarem escondidos no meio do mato e tu manda os cachorros entrar no mato e correr eles de lá.</i></p> <p><i>[Com os animais no rodeio], a gente pega os terneirinhos recém-nascidos e curamos o umbigo deles para que as moscas [Dermatobia hominis] não ponham vareja e ele não fique doente. É muito comum elas darem a cria e esconderem os filhotes no mato. Aí tens que procurar mesmo. Tem que entrar a pé no mato, às vezes, os cachorros não acham. Outras vezes passam dois dias e as vacas acabam levando os filhotinhos para o campo limpo. Ela vem pastar nos lugares limpos e acaba enxergando ela. O ideal é deixar em potrerinho sem matos. O pessoal quando vê, dois ou três dias antes, que elas vão dar cria, pois elas começam a encher o úbere, levam para estes lugares.</i></p> <p><i>Isso é, como dizem, a lida habitual, diária. Assim, umas duas vezes por semana tens que fazer isso, recorrer todo o gado para ver se não tem bicheira. Na época da primavera o ideal seria fazer isso todos os dias.”</i> (Vera Colares)</p>
Lida na mangueira	<p><i>“Na época do inverno a gente não tem muitos problemas com o carrapato [Ixodidae] e não há muita necessidade de dar banho de carrapaticida neles. Em outubro já começa a ter carrapato. Em seguida, já temos que fazer as vacinas, também. Temos que juntar o gado e levar para fazer as vacinas.”</i> (Laís de Moraes)</p> <p>É uma atividade que vem após recorrer o gado, quando o mesmo é verificado. Com a presença do carrapato, o gado deverá ser encaminhado para o banheiro de imersão, onde serão tratados com remédio contra ectoparasitas. Então, junta-se a tropa, com a ajuda dos cachorros, e direciona para o banheiro. No período da entrevista, Vera estava construindo um banheiro em uma área estratégica da propriedade em função de, em alguns casos, a localização dessa instalação estar distante de algumas tropas. A interlocutora enfatizava que o remédio contra os carrapatos <i>“abala muito o animal”</i>. Ter que os levar muito longe estressa os animais, pois as vacas ficam preocupadas com as crias. Além disso, os animais suam muito nos dias quentes. Por fim, tem-se a ação do remédio que entra pela boca, pelos olhos, abalando-os.</p>



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

“Todas as terneiras foram trazidas para a mangueira; depois foram sendo divididas em pequenos lotes que coubessem na pera – cercado menor no interior da mangueira. Da pera eram colocadas para dentro do brete. Daí sim, ali ficava uma atrás da outra, cabia acho que umas seis, sete se não me engano daquelas terneiras. A gente dosava todas, fazia todo o serviço em todas e largava todas as que estavam no brete. E o brete tem uma cancelinha de correr no fundo e uma na frente, depois que terminava tudo, a gente abria a da frente e largava elas, fechava, abria a de traz e aquele restante, que ainda estava na pera, entrava para o brete, até esvaziar. Quando terminava aquele as que estavam na pera a gente ia e voltava para a mangueira e trazia mais outros, isso até o fim. A gente ia com as bandeirinhas aquelas e, às vezes, os cachorros ajudando, iam tocando, acuando atrás, nos ajudando a encerrar elas da mangueira para a pera e depois da pera para o brete, os cachorros também ajudavam.” (Laís de Moraes)

“É, na verdade assim, não é muito gado, então o pessoal conhece já o que é seu e o que não é, conhecem pelo pêlo. Mas também faz a assinala, nas orelhas, e aí faz as marcação ali também, quando chega. Agora essa época aqui, agosto, setembro, o pessoal já marca também, então já fica tudo marcadinho pra saber quem é de qual, é... os animais. Antigamente quando tinha os banheiros de gado nas fazenda, é que agora ninguém mais têm banheiro de gado, a gente pegava, tinha um dia, se combinava: ‘Ó, sábado, tal dia, nós vamo lá, juntamo o gado todo mundo junto...’ E ia e levava até os banheiro lá de quem tinha. Aí, começou a terminar os banheiro e tal, aí a gente criou aqui na comunidade uma pequena mangueira aqui, comunitária. Então o dia que a gente vai lidar, a gente convida algum vizinho pra ajudar e tal, pra levar junto os animal, e assim a gente vai fazendo.” (Laís de Moraes)

**Marcação**  
As marcações são referências nas memórias e narrativas sobre sociabilidade na chamada vida campeira. São celebrações anuais nas quais ocorrem a castração dos terneiros (bovinos jovens), que são apartados dos machos escolhidos para reprodutores; a assinalação (corte de parte da orelha do bicho com uma faca ou assinalador) e aplicação com ferro quente, com a marca do proprietário no couro dos terneiros e terneiras. São esses eventos uma celebração do rebanho, da estância e de seu dono, um rito cuja expressividade, não se refere apenas ao volume de gado, mas à possibilidade de atualizar as relações com aquilo que é tido como tradição na vida campeira. Comparecem amigos, familiares, agregados e vizinhos da propriedade rural, trabalhadores e patrões. Em alguns casos, mulheres participam, geralmente acolhendo as famílias convidadas e administrando a festa, na qual a comida principal é o churrasco de carne bovina e/ou ovina – se o dono da festa mandar carnear uma ou mais vacas para assar durante a marcação, isso é sinal de fartura e celebração, pois carnear ovelhas é um ato de consumo cotidiano e mais trivial.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>Quando os terneiros são colocados, um por um, para dentro da mangueira, os homens mais velhos ensinam aos mais jovens como se atira o laço, como se assinala, como se “<i>capa</i>” ou “<i>faz o serviço</i>” (castra). Aos mais novos é permitido <i>pealar</i> (laçar o animal pelas mãos para derrubá-los), imobilizar os bichos e comer os testículos destes. No mesmo fogo em que as marcas aquecem são jogados os testículos recém extraídos dos terneiros, a carne gordurosa e succulenta não chega a assar e é disputada para ser comida quente, acompanhada de cachaça.</p> <p>Durante o serviço, que é um híbrido de trabalho e brincadeira, debocha-se daqueles que têm pouca habilidade com o laço e não são ágeis nem fortes o suficiente para segurar os animais enquanto estes são castrados, cortados e marcados. Da mesma forma, desdenha-se e faz-se chacotas dos terneiros fracos, que “<i>não valem a pena</i>” do esforço de serem derrubados e imobilizados. [Trechos retirados da “Ficha de Identificação: Celebrações” (RIETH et al, 2013)].</p>
Melhoramento Genético.	<p>Ao analisar as transformações da pecuária bovina no município de Lavras do Sul, Fontoura (2016) observou que o que chamou de “pecuária bovina tradicional” se caracterizava pelos manejos de forma extensiva, com poucas inovações e investimentos em genética e sem associação com a lavoura. O tempo médio para abate de um terneiro era de 4 ou 5 anos. Já na “pecuária empresarial”, os manejos se dão de maneira intensiva adotando inovações com o objetivo de diminuir o tempo de produção, com maiores investimentos em genética, bem como associando com lavouras intensivas como arroz, soja e forrageiras de inverno. O tempo médio de abate nesse modelo estava entre 16 e 24 meses.</p> <p>Entretanto, o contexto de debates sobre a pampa é de que a chamada “pecuária tradicional”, por se caracterizar pela criação e manejo de animais em campos nativos, com pouca supressão para a formação de lavouras, a torna aliada na conservação do bioma pampa, diferente do que é visto como “pecuária empresarial”, que investe em fármacos e tecnologias de melhoramento genético associadas à intensificação da produção de carne e supressão das áreas de campos por lavouras e pastagens cultivadas. Portanto, a noção que define a pecuária tradicional como de baixa tecnologia, e “atrasada”, deve ser relativizada, tendo em vista as situações em que se hibridizam os modelos ideais de tradicional x moderno, nas quais vemos a presença de práticas de uma ou de outra referência. Seu Afonso, pecuarista familiar em Palmas, Bagé, apesar dos manejos tradicionais em campos nativos, diz que “<i>tem que olhar o gado com olhar técnico também</i>”, e, assim, investe em inseminação artificial - uso de semen extracorpóreo de reprodutores visto como “padrão” para a produção de carne -, como forma de melhoramento genético do gado. Outros interlocutores investem em touros “<i>de raça</i>” para melhoramento genético por monta natural, adquirindo-os em feiras agropecuárias ou “emprestados” de outros pecuaristas ou até mesmo trocados. Em alguns casos é a associação de pecuaristas que faz a compra para os associados.</p>

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

	<p>A questão acerca da adoção ou não desta tecnologia de aprimoramento das raças está na percepção de que a mesma, não leva em conta, aspectos como a relação dos bichos com o ambiente, com os campos nativos. Assim, uma vez adotado tais manejos, deverá ser levado em conta a adoção de outras práticas para além daquelas realizadas com o gado “<i>resistente</i>”, “<i>adaptado</i>”. Nesse sentido, a leitura de Luciano Jardim, pecuarista familiar em Lavras do Sul, evidencia este aspecto:</p> <p><i>“A inseminação artificial é benéfica, só que está trazendo o sêmen de um gado que foi criado lá nos EUA. Só que ele traz no gene dele as características do gado criado lá, que é frio, que não tem carrapato. Muitos produtores estão trazendo genética de fora, que, muitas vezes, não se adapta. Dizem que produzem mais, porém precisam de mais comida. É como se vocês viessem para minha casa e exigissem comer salmão. Eu não teria para oferecer a vocês. Então, para vir para minha casa tem que se adaptar ao que eu tenho aqui. O que está acontecendo é gente trazendo genéticas que não se adaptam e vem fragilizando o gado.”</i></p> <p><i>Aquele gado antigo, resistente, criado aqui, o mercado vem apertando. Eu tenho cuidado para ter um gado adaptado aqui. Todo o raciocínio que eu faço é no lato sensu. Eu tenho uma visão. Por exemplo, tenho um lote de ovelha crioula. Ela veio com os jesuítas para cá. Ah, mas a lã não vale nada, ela é muito pequena, dá pouca carne! Realmente. Só que vamos comparar com outra raça, com a Corriedale. Dá uma lã melhor, dá mais carne. Só que morre mais, toma mais dose. Então, no contexto geral o crioulo é mais lucrativo. Só que o mercado não deixa fazer essa conta. Existem núcleos de criadores de raça, que é como a moda, porque eu uso uma calça e não outra? Porque a propaganda de uma é muito maior. Isso existe no gado. Aberdeen, Hereford, Braford e Brangus são as raças mais vendidas hoje. Se tens outra raça, está fora.”</i></p> <p><i>Isso, para se sustentar, tem que ter um ‘Luciano’ que compre um bicho desses. Tem que te forçar a comprar. Eles dizem: tu tens que melhorar teu gado! Para que tu vais ter esses bichos aí sem valor? Bota o gado tal que tu vais fazer um melhoramento. Só que, às vezes, tu tens um gado bom. Não é o gado que tem tamanho e tudo, só que tu gasta menos dose. Aí, tu trazes um animal com tamanho maior só que muito mais sensível. Muitas vezes tu trazes um problema para dentro da propriedade. E depende do campo que tu tens.”</i></p>
Piqueteamento e/ou Pastoreio Rotativo <i>Voisin</i>	Consiste na divisão dos campos em pequenas áreas cercadas fazendo com que o gado bovino e/ou ovino realize o rodízio, permanecendo por algum tempo em cada piquete ou <i>potreiro</i> . Tal método permite o <i>descanso</i> , a renovação e conservação dos pastos nativos bem como o controle das verminoses e dos carrapatos.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p><i>“Eu já mudei um pouco, já estou mais moderno, já não uso mais cavalo, eu campereio só a pé, dividi toda a área em potreirinhos, então fica mais fácil da gente trabalhar. Cada semana eu vou lá e troco cada animal de potreiro. (...) Não, não é bem o voisin, mas eu só fiz os piquetes assim, (...). Que eu deixo alguns diferindo, né, deixo descansando por um tempo. É que, como a área é pequena, geralmente, área pequena a gente põe muitos animais, então eu deixo algumas áreas sempre descansando para quando chegar a época que falta alimento, geralmente início de inverno, final de inverno, a gente tem alguns potreiros que estão descansados, né.” (Amilton Camargo)</i></p> <p><i>“No fim de dezembro eu começo a entrar com as vacas. Boto um lote de 30/40. Sempre as ovelhas na frente. Nesse sistema tu tem que deixar rapar bem o pasto. Ele vai brotar com força e parêlo. Se o pasto ficar alto, na próxima ele vai ficar engrossando e o animal acaba não comendo. Então, o certo é deixar ele baixinho. Tu bota as vacas num piquete e, na mesma hora, tu botas as ovelhas no outro. Quando as vacas rapam, as ovelhas vão para outro e as vacas vão para onde estavam as ovelhas. Tem gente que diz que as ovelhas sujam o pasto e isso não funciona. Funciona, porque o gado não seleciona onde a ovelha urina e esterca. Seleciona o dele mesmo. Onde a vaca estercou e urinou, por 30/40 dias ela não pasta mais ali. Mas da ovelha não. Tanto é que tu botas aí e elas comem tudo, onde a ovelha estercou. Só não come se tu deixar ela solta. Aí ela vai selecionar.” (Seu Mário)</i></p>
Venda de gado	<p>O gado bovino é visto como uma poupança (NESKE, 2014; DIAS, 2021), já que os interlocutores vendem quando precisam. A venda de terneiros realiza-se em alguns períodos do ano e tem como destino os pecuaristas especializados no que chamam de terminação. Em determinadas épocas do ano, atravessadores entram em contato com os/as pecuaristas indicando o interesse na compra. Por fotos ou em contato direto, o lote é apresentado e avaliado pelo comprador. Chegado o dia da venda, junta-se o gado na mangueira; entre os animais reunidos, são escolhidos e separados os que serão vendidos. Esses são direcionados para um brete ligado ao carregador que, por sua vez, está ligado ao caminhão boiadeiro.</p> <p>Conforme Vera Colares: <i>“Há as duas formas de venda. Muitas pessoas não têm balança de pesar gado ou pelo tamanho do animal, se muito pequeno, não querem vender na balança. Ai colocam o preço que desejam pelo animal e o comprador paga ou não, pede desconto, negocia. ‘Só no olho’. Mas os compradores preferem comprar na balança. Aí tu combina com ele o preço que queres receber pelo quilo vivo de terneiro e pesa e multiplica pelo peso. Vendemos normalmente por intermédio de um corretor para o qual temos que pagar 2% de comissão se for venda aqui na propriedade. Nas feiras a comissão é mais alta, 5%. Também se pode vender gado gordo ‘a rendimento’. Vale muito mais a pena, mas é difícil para quem tem pouco campo engordar gado</i></p>



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*que possa ir direto para o frigorífico. O gado gordo vale mais o kilograma. E aí a gente vende a rendimento. Vai para o frigorífico, eles matam e pesam só o que é aproveitado. Sai fora tripas, couro, etc. Como aqui normalmente só temos gado de cria e terneiros, o que tentamos vender gordo são as vacas de invernar, vacas velhas que já não servem mais para criar. O gado normalmente pesa menos pela manhã pois ainda não bebeu água ou comeu após a noite. Então os compradores querem pesar o mais cedo possível e os vendedores o mais tarde possível.”*

10.3. Principais participantes	
Status	Função
Pecuaristas familiares, campeiros e campeiras	Realizam o cuidado diário e o manejo dos rebanhos na pecuária familiar. Pastoreio extensivo, em campo nativo, geralmente, com o apoio de cães e cavalos.

10.4. Capital e instalações	
Descrição	<b>Banheiro de imersão para Bovinos</b> - De alvenaria; corredor com 2,5 metros de profundidade, aproximadamente, contendo água com produto químico. Sua extensão é variada (8, 10 metros) e sua largura deve ser para que passe um animal por vez. Sua capacidade de carga é em torno de 10 mil litros. Os banheiros mais antigos poderiam conter até 18 mil litros de água com produto químico (às vezes até mais) e sua extensão ultrapassava os 20 metros de comprimento, além de possuir profundidade de até 3 metros. É o local para banho de bovinos em que os animais se atiram na água contendo o produto químico.
Quem provê	A família é quem provê utilizando materiais existentes na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada, principalmente artesãos e pedreiros. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
Função	Banhar o gado, na cura ou prevenção, contra ectoparasitas.

Descrição	<b>Mangueiras ou currais</b> - Cercas de arame ou madeira, em diferentes formatos, onde os animais ficam presos durante os processos de vacinação, cura, banho, castração e demais atividades de cuidado.
Quem provê	A família é quem provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

<b>Função</b>	Evitar que os animais se dispersem pelo campo antes ou após serem tratados.
---------------	---

<b>Descrição</b>	<b>Brete</b> - Corredor de madeira por onde os animais passam para serem tratados, ou para serem presos.
<b>Quem provê</b>	A família é quem provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
<b>Função</b>	Individualizar o tratamento dos animais, colocando-os enfileirados, um atrás do outro, sem que possam se deslocar.

<b>Descrição</b>	<b>Embarcadouro ou Carregador</b> - O mesmo que embarcadeira. Rampa de troncos, com inclinação adequada, para permitir o acesso de animais (bovinos, equinos, ovinos, caprinos) a um caminhão de transporte ou a um vagão de trem. Lugar, na costa de um rio ou num porto, onde se transladam animais, veículos ou cargas para um barco, chata ou balsa (SCHLEE, p. 347, 2019).
<b>Quem provê</b>	A família é provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
<b>Função</b>	Organizar o embarque dos animais, colocando-os enfileirados, um atrás do outro, para que entrem no transporte.

**10.5. Matérias primas e ferramentas de trabalho**

<b>Descrição</b>	<b>Arreios</b> - Conjunto de peças utilizadas para montaria, tanto para <i>lida campeira</i> , quanto para doma e gineteada. Há variações dos arreios conforme sua utilização, porém, os itens básicos, utilizados para montaria, serão descritos de acordo com observação e entrevista. Os arreios ou aperos mais comumente usados para a <i>lida campeira</i> estão dispostos na seguinte ordem de sobreposição: xergão, carona, basto/sela/serigote, cinchão (ou cincha), pelegos, badana (nem sempre é usada) e barrigueira. Fazem parte do conjunto, ainda, os estribos, a cabeçada com freio e rédeas e o bocal com cabresto (opcional). Pode-se considerar parte do conjunto, ainda, o rebenque/mango/relho (usado para instigar o animal a acelerar a andadura, ou, no caso do esporte de gineteada, para fazer o animal pular com o cavaleiro sobre ele. Os arreios podem sofrer variação, porém os relacionados acima, são os mais comumente utilizados na região.
<b>Quem provê</b>	O/a proprietário/a.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Função/ Significado</b>	Conjunto de artefatos utilizados para a montaria. O cavaleiro pode optar pelo conjunto de arreios mais adequado para seu objetivo, <i>lida campeira</i> , doma do cavalo ou gineteada.
<b>Disponibilidade</b>	Pode ser confeccionado na propriedade rural ou adquirido diretamente de artesãos guasqueiros ou em lojas especializadas.

<b>Descrição</b>	<b>Laço</b> - Corda trançada, feita de couro, <i>nylon</i> ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades. A outra extremidade passa por dentro da argola, formando um anel com a corda, que é girada no ar, jogada sobre o animal, e esticada quando enlaçando este, até derrubá-lo. O laço é um instrumento manual, que pode ser usado pelo homem montando cavalo, bem como, no chão, quando em espaços cercados.
<b>Quem provê</b>	O/a proprietário/a.
<b>Função/ Significado</b>	Evitar que o animal dispare ou machuque alguém enquanto é tratado. Também é utilizado para laçar o animal quando este for ser abatido.
<b>Disponibilidade</b>	Pode ser confeccionado na propriedade rural ou adquirido diretamente de artesãos guasqueiros ou em lojas especializadas.

<b>Descrição</b>	<b>Marca</b> - Artefato de ferro utilizado na marcação a quente. Serve para indicar a propriedade do animal. A marca de cada propriedade é exclusiva e registrada nas Secretarias de Agricultura das Prefeituras.
<b>Quem provê</b>	O/a proprietário/a.
<b>Função/ Significado</b>	Marcar com ferro em brasa o “quarto” (parte superior externa do membro posterior) do carneiro. A marca é aplicada sempre no quarto esquerdo e a queimadura, após cicatrizada, permanece no couro, identificando a origem do animal. Quando o animal deixa de pertencer ao proprietário, faz-se a <i>contramarca</i> , que é uma sobreposição da marca que o identificava.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente de artesãos ferreiros ou em lojas especializadas.

<b>Descrição</b>	<b>Assinalador ou Sinal</b> - Espécie de alicate cortante, cuja forma do corte deixa um sinal, ou seja, um desenho que identifica a propriedade do animal.
<b>Quem provê</b>	O/a proprietário/a.
<b>Função/ Significado</b>	Assinalar a orelha do carneiro. O sinal não é exclusivo de cada propriedade, mas, juntando-se a marca no quarto com o sinal, é possível identificar a quem o animal pertence. Isso é feito porque o carneiro pode passar por vários proprietários. Em geral, ainda que isso não seja uma regra, a marca

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	1

	a ferro é aplicada apenas pelo primeiro proprietário, enquanto as orelhas do animal podem apresentar mais de um sinal. O sinal pode, também, diferenciar os donos do gado quando o estabelecimento pertence a mais de um proprietário.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente de artesãos ferreiros ou em lojas especializadas.

<b>Descrição</b>	<b>Vacinas</b> - O termo “ <i>as vacinas</i> ” refere-se tanto aos fármacos utilizados via injetável, quanto às vacinas propriamente ditas. Algumas dessas são obrigatórias e regulamentadas pela legislação do país.
<b>Quem provê</b>	O/a proprietário/a do gado.
<b>Função/ Significado</b>	No que se refere aos fármacos, utilizados via injetável, são destinados ao controle de endo e ectoparasitas que tem a ver com o ciclo curto desses seres (21 a 28 dias), como por exemplo, para controle de mosca do chifre e carrapatos. Já as vacinas propriamente ditas, de ciclo mais longo, são preventivas de doenças virais ou bacterianas, como o carbúnculo, a brucelose e a febre aftosa.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente em lojas especializadas ou pelas políticas públicas para controle de infestações.

<b>Descrição</b>	<p><b>Faca ou facão</b> - Demétrio Xavier (Ficha de Contatos) menciona que seu pai dizia que “<i>faca não é arma é ferramenta</i>”, indicava, também, que esta coisa de lida era um instrumento masculino, distinguindo-se da faca de cozinha. Menciona, ainda, o texto de Ondina Fachel Leal sobre o uso da faca pelas mulheres na benzedura e simpatia.</p> <p>Conforme Demétrio o gauchismo, quer pelo caminho do tradicionalismo organizado ou de forma mais independente, muitas vezes, faz com que as pessoas busquem os costumes mais “ancestrais” e deixem de lado suas versões mais contemporâneas, que talvez lhes pareçam menos interessantes. Então, desde as primeiras décadas do século 20, é muito mais usual como faca gaúcha a “<i>carneadeira</i>”, adequada ao trabalho que o nome indica. Uma faca sem ponta, de lombo reto, larga. Mas quem cultiva o gauchesco prefere, muitas vezes, um modelo anterior, uma faca polivalente que remete muito mais ao século 19. Facas que eram simultaneamente armas e ferramentas. Ao longo do século 20, certamente as carneadeiras foram as facas mais usadas. Hoje, os colecionadores de facas começam a despertar para esse tipo de artigo, mas certamente essa seria a faca que se veria às costas de um peão de campo, desde os anos 20. Talvez ele usasse, também, uma adaga ou um punhal, exclusivamente pela necessidade de uma arma branca ou gosto por portá-la, mas a faca por excelência no campo é a carneadeira, acompanhada ou não de chaira.</p>
------------------	---



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>Contudo, o debate sobre as facas implica na dimensão das coisas e das pessoas na <i>lida campeira</i>, bem como a dificuldade de separação entre os domínios da casa e do campo. Como apontam autores como Baretta e Marcoff (1978) e Farinatti (2007), a mesma mão de obra utilizada nas atividades pastoris era a utilizada nas guerras, ao longo de toda a constituição das fronteiras no Brasil meridional. Isso gerava a necessidade de cada estância possuir um número de peões suficientes para empenhar-se nos confrontos, tendo, ainda, aqueles que pudessem permanecer na propriedade, seja para a defesa do local, seja para, mesmo que minimamente, dar andamento às atividades de manejo dos rebanhos. Em diálogo com Baretta e Markoff (1978), a expansão colonial na América Latina foi responsável pela introdução de rebanhos nos territórios indígenas, motivo de constantes confrontos e tensões no avanço de fronteiras. Sejam guerras causadas pelos tantos conflitos para defesa e demarcação (ou expansão) das fronteiras, mas, também, pelas tensões provenientes do interior dessa sociedade.</p> <p>Em combate, os conhecimentos sobre o território e o manejo dos animais eram elementos importantes para a manutenção das tropas – e as ferramentas de trabalho eram, virtualmente, as armas. Nesse sentido, pensar na faca enquanto uma ferramenta de trabalho, leva-nos a pensar no que consiste tal trabalho, bem como a dimensão de “instituição total” que pode configurar os regimes produtivos nas estâncias, em que relações de parentesco, compadrio e afinidade nem sempre podem ser desassociadas. Logo, é possível pensar em uma “tradição de violência”, como apontam Baretta e Markoff (1978: 587), ou num recorrente “espaço de morte”, comum a processos coloniais, como defende Taussig (1993), que torna a experiência da pecuária e do pastoreio uma atividade em relação constante com confrontos e disputas fronteiriças.</p>
<b>Quem provê</b>	Cada campeiro tem a sua faca que, geralmente, o acompanha na lida.
<b>Função/ Significado</b>	Faca para carnear, “ferramenta” da lida - com bom corte para “ <i>todo o serviço</i> ”. A faca como arma, punhal. A faca como símbolo de masculinidade.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente com artesãos couteleiros ou em lojas especializadas.

<b>10.6. Comidas e bebidas</b>	
<b>Descrição</b>	Para mais informações ver Ficha “Identificação Ofícios Lida Caseira”.
<b>Quem provê</b>	
<b>Função/ Significado</b>	

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

10.7. Objetos e instrumentos rituais	
Descrição	
Quem provê	
Função/ Significado	

10.8. Trajes e adereços	
Descrição	Pilcha - Conjunto de vestimentas utilizada por homens e mulheres campeiros/as. Compõe-se de bombachas (calças presas por botões no tornozelo), lenços (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargatas (sapatilhas de tecido com sola de corda ou borracha), chapéus (feito de couro ou feltro) ou boinas (espécie de boné, sem aba, feita de lã ou feltro), ponchos e palas, que são capas de pano ou lã, com forma redonda, retangular ou ovalada, tendo uma abertura no centro por onde passa a cabeça e, por fim, as botas, feitas em couro. A bota é um calçado apropriado para andar a cavalo, pois não têm agarradeiras, o que facilita que deslize do estribo em um eventual acidente. A bota protege os pés contra ataques de animais como cobras.
Quem executa	Cada pessoa é responsável por prover os seus trajes e adereços.
Função / Significado	Peças da indumentária campeira, atuam como artefatos para proteger da chuva, do sol, do frio, dos bichos. Atuam, também, como elementos simbólicos de um modo de ser e viver campeiro, que transpassam o cotidiano da lida, sendo reinventado por movimentos culturais urbanos (VARGAS, 2016).

Descrição	Tirador - Tipo de "aventil" de couro, usado sobre a perna e preso na cintura. Em geral, o tirador fica sobre a perna que corresponde ao braço que o campeiro usa para trabalhar com o laço: se é destro, o tirador fica sobre a perna direita, se é canhoto, sobre a perna esquerda, porém isso nem sempre é regra.
Quem executa	Cada pessoa é responsável por prover os seus trajes e adereços.
Função / Significado	Proteger a perna do laçador contra o atrito do laço no exato momento seguinte em que o animal foi pego. Com o laço nas guampas da rês, é preciso que se " <i>firme o laço</i> ", e isso é feito com o laço bem firme nas mão e bem calçado no tirador. O tirador, então, auxilia as mãos a segurar o animal.

10.9. Danças	
Descrição	

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Quem executa</b>	
<b>Função / Significado</b>	

**10.10. Músicas e orações**

<b>Descrição</b>	Música campeira - Estilo musical cujas letras narram, refletem e representam os modos de viver dos/as campeiros/as. Narram situações de lidas, bem como aspectos que se esperam ou se interpretam como característicos deste modo de viver, tais como as melhores maneiras de manejar os animais e os atributos necessários para ser campeiro/a. As situações cantadas, muitas vezes, foram vividas pelo próprio narrador ou referem-se a fatos cotidianos, de relações com os bichos e com os campos.
<b>Quem provê</b>	Artistas musicais e poetas, envolvidos direta ou indiretamente com os modos de viver campeiro/as.
<b>Função / Significado</b>	A música campeira é escutada nos momentos de sociabilidade, como o chimarrão ou churrasco ou nos momentos entre as lidas como no início da manhã e no final de tarde. Nas vivências etnográficas pelos galpões percebeu-se que nesses ambientes era comum ouvir rádios sintonizados em emissoras com programas voltados para tal estilo. Por conseguinte, interlocutores e interlocutoras fazem referências a determinadas letras de música como forma de argumento do seu relato. Alguns interlocutores e interlocutoras são poetas, compositores e músicos.

**10.11. Instrumentos musicais**

<b>Descrição</b>	
<b>Quem provê</b>	
<b>Função / Significado</b>	

**10.12. Atividades após a execução**

<b>Executante</b>	<b>Atividade</b>

**11. Destinação do produto**

Para uso próprio <input checked="" type="checkbox"/>	Vende <input checked="" type="checkbox"/>	Troca <input checked="" type="checkbox"/>	Outro <input type="checkbox"/>	<b>Especificar:</b>
--	---	---	--------------------------------	---------------------

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Participação na renda familiar	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Principal fonte de renda <input checked="" type="checkbox"/>	Complemento <input checked="" type="checkbox"/>
Modo de Comercialização	Direto <input checked="" type="checkbox"/>	Intermediário <input checked="" type="checkbox"/>	Cooperativa/Associação <input checked="" type="checkbox"/>	

### 12. Participação em cooperativas ou associações

Alguns pecuaristas da região do Alto Camaquã fazem parte de associações comunitárias e de projetos de assessoria rural, que incentivam a comercialização do que produzem. A venda desses bens pode ser realizada em feiras, exposições pecuárias e nos comércios comunitários e locais, o que contribui na renda familiar. Os produtores participam e são associados a diferentes entidades tais como, a Cooperativa de Lãs Mauá, a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO), a Associação para o Desenvolvimento sustentável do Alto Camaquã (ADAC), a Associação para a Grandeza e União de Palmas (AGRUPA), a Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS-Ascar), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), o Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, bem como de associações religiosas e de associações quilombolas.

### 13. Bens associados

Denominação	Código
Carneada/Cutelaria	Conforme Schlee (2019a: 210) consiste no ato “de abater, matar um animal – e separar-lhe as partes para utilizar sua carne, couro, vísceras e ossos”. De uma maneira geral, as etapas da carneada são as seguintes: “escolher o animal, deixá-lo em repouso, sangrar, retirar o couro, retirar os intestinos e vísceras e realizar os cortes da carne” (CALDEIRA, 2021: 83). O ato é marcado por gestos que justificam que não será uma morte “em vão” (CALDEIRA, 2021). O abate deve ser realizado o mais rapidamente possível, para evitar causar dor desnecessária ao animal bem como de respeito pela vida que está em processo de se tornar carne. Nesse sentido, dois aspectos devem ser considerados no ato: 1) a habilidade do <i>sangrador</i> , que é o responsável por cortar as veias e artérias jugulares ou introduzir a faca no <i>sangradouro</i> que fica no lado direito do pescoço, junto ao peito do animal. O <i>sangrador</i> deve conhecer estes locais e ter em mãos uma boa faca, de “ <i>bom corte</i> ” e “ <i>bem afiada</i> ”, reconhecida como a “ <i>faca carneadeira</i> ”. Com ela em mãos, o <i>sangrador</i> adota



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	1

uma performance de mediação entre o bicho vivo e o *carneado*; 2) os envolvidos no momento de sangrar não podem sentir “pena”, pois isso pode gerar dor ou fazer com que o animal leve mais tempo para morrer. Em alguns casos, filhos pequenos e/ou pessoas que sentem “pena” ou “dó” do animal devem ser afastadas, para não presenciarem o ato. Somente quando o animal estiver abatido essas pessoas poderão retornar ao local e seguir participando ou acompanhando o processo. Quando possível, após o abate, os filhos são estimulados a participarem, auxiliando em alguns preparos, para se familiarizar com a prática.

Geralmente, a carneada envolve mais de uma pessoa. Pode ser realizada de forma coletiva, com a participação de vizinhos ou de parentes de outras localidades. Quando o *sangrador*, que é o mestre, está prestes a sangrar, todos ficam quieto e observam o ato. Após a ação da faca, o animal esvai-se em sangue e morre lentamente. O *sangrador* lava as mãos e a faca suja de sangue e observa a morte. Após, os demais participam do processo retirando o couro e cortando as partes. Busca-se aproveitar o máximo possível, desde o couro, as vísceras até os ossos. A carne costuma ser distribuída entre os participantes que contribuíram com o abate. Os melhores cortes são destinados ao churrasco. Pode ser pensada, também, como uma atividade multiespécie (TAUSSIG, 2018), já que envolve outros animais, como os cachorros, que participam do ato se alimentando do sangue e das partes que não serão destinadas ao consumo humano. Em alguns casos, as vísceras são destinadas à alimentação dos porcos, com exceção de cortes como o coração e o fígado. Pode contar, ainda, com a participação dos animais do mato, como corvos e sorros, que podem se alimentar das carcaças e ossos que são colocados no campo, após o abate.

Nem todo/a campeiro/a é o *sangrador*, participando da carneada em outras tarefas. O ato é marcado por um aprendizado contínuo, no qual quanto mais experiências de *carnear* mais ágil e habilidoso o carneador se torna. Por fazer a mediação entre a vida e a morte, o carneador torna-se *sangrador* após longo tempo de prática. Outros já trazem a vocação e aprendem a *sangrar* já nas primeiras carneadas. Embora de diferentes maneiras, o fato é que ele vai sendo afetado pela experiência da morte. Inicialmente como uma “adrenalina”, em que “não sente pena”, o passar do tempo faz com que comece a pensar na morte e o

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>ato requer outras atitudes de respeito e cuidado com animal que se tornará carne (CALDEIRA, 2021).</p> <p>Além da faca carneadeira, existem outros diferentes tipos de faca que transitam entre os domínios da casa e do campo. Uma boa faca, <i>de bom corte e fio</i>, não é fácil de encontrar. Além disso, a escolha envolve aspectos como a beleza, o material do qual ela é feita, a durabilidade, a resistência e o conforto para as mãos de quem a maneja. Pode-se dizer que a faca “escolhe” o seu dono, passando a acompanhá-lo nos diferentes manejos. A “<i>boa faca</i>” é aquela que realiza com eficiência a ação ao qual ela foi destinada. Seja para cortar um arreio, em caso de acidente com o cavalo, seja para sangrar ou courear um animal, e até mesmo para cortar o churrasco, quando acionada, deve fazer um “<i>serviço bem feito</i>”. Nesse sentido, as “<i>boas facas</i>” são feitas pelos melhores artesãos cutedeiros, reconhecidos pelas habilidades manuais na confecção destas ferramentas cortantes. Considera-se que o cutedeiro artesão, por participar de todos os processos na feitura da faca, imprime uma qualidade diferenciada ao artefato. Além disso, a relação direta com consumidor faz com que se crie vínculos de confiança, pois o cutedeiro busca atender o seu gosto, bem como o consumidor tem a certeza de que foi feita para atender o desejo dele. Uma faca feita a mão é um artigo considerado “de luxo”, com qualidade superior às facas compradas em lojas, vistas como de qualidade duvidosa, embora muitas delas possam “surpreender” quem as adquire.</p>
Agricultura de cercado	<p>O cercado é um “espaço delimitado por uma cerca – geralmente utilizado na campanha para a lavoura” (SCHLEE, 2019a: 226). O “<i>cercado</i>” tem sua existência em função da presença de animais domésticos como galinhas, porcos, cavalos, bois, ovelhas e cabras, bem como animais asselvajados como javalis, lebres e preás. Por isso, o entorno é feito com cercas de arames, bambus e outros materiais.</p> <p>É o local onde se produz grãos, como o milho e o feijão, tubérculos como a batata-doce, a abóbora e a mandioca entre outros alimentos voltados para o consumo de humanos e de outros animais. De acordo com Dona Vanda, em Piratini, “<i>Feijão a gente planta. O milho a gente planta. A gente colhe abóbora e verduras. Então, a gente só compra coisas de mercado</i>”. Conforme Amilton Camargo, no Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, as famílias plantam: “<i>milho, feijão, tudo que... hortaliça, tudo que é pra consumo próprio</i></p>

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	1

*mesmo, pra subsistência mesmo, não é pra vendas (...). Tem lavoura de milho, mandioca, batata, é... Que a gente chama de produto de cercado. São as coisas, assim, mais grossas, pra alimentação mesmo. Produção de cercado que é mandioca, batata, essas coisas que a gente produz ali.”*

Tal riqueza de alimentos é fator de cobiça dos bichos que estão tanto no campo quanto no mato. Assim, além da cerca, colocam-se espantalhos, redes e outras estratégias para dificultar o acesso de bichos que a cerca não impede, tais como pássaros, ouriços, tatus. O animal doméstico que consegue cercar as barreiras e entrar no cercado é chamado de “*chacareiro*” ou “*roceiro*”. Nesse caso, uma das estratégias acionadas é o uso de *cangas* ou *cangalhas*, que dificultam ainda mais o acesso. Entretanto, nos casos em que estas estratégias não surtam efeitos, o animal deverá ser trocado de campo, ou mantido “*a sogá*”, que é ficar preso por uma corda, ou até mesmo ser vendido. Tanta cobiça se dá pelo fato de que, para além dos cultivos existentes, é o local onde os pastos estão verdes por não estarem sendo consumidos. Nesse sentido, o cercado é, também, uma reserva de pastos, os quais, após a retirada dos cultivos, serão liberados para consumo, principalmente dos animais “*fracos*”, que estão amamentando ou que precisam de um engorde mais rápido. A presença dos animais, por sua vez, alimenta e nutre a terra pelo esterco e pela urina, fazendo com que a mesma se renove para a próxima plantação.

O cercado está, assim, emaranhado com as lidas caseiras e campeiras enquanto um fator de autonomia e vitalidade (DIAS, 2021). Cuidar da terra e receber dela os alimentos que nutrem os corpos de humanos e bichos constitui o movimento que dá vitalidade aos seres vivos e ao ambiente. Nesse emaranhado de relações estão envolvidos outros fatores, como a incidência da luz solar e das chuvas. Nos finais de tarde, quando o serviço na fazenda estava feito, Seu Beto descia do cavalo, colocava umas botas de borracha e se dirigia ao cercado. “*Eu venho para cá à tardinha. Venho, planto um pouco. No outro dia venho e planto mais um pouco. É pela própria natureza que a gente colhe aqui. Não tem remédio.*” Portanto, há uma relação de reciprocidade entre os humanos, os bichos e a terra, em que se trabalha, cuida e nutre a terra, que, por sua vez, produz alimentos em retribuição. Mas para retribuir, o solo tem que ser respeitado, ou seja, não receber “*remédios*” – defensivos químicos. Trabalha-se a terra ao passo que ela retribui com suas potencialidades, em um processo de

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	1

	<p>“negociação” entre as necessidades de consumo e o que a terra pode oferecer (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997; LIMA, 2020).</p> <p>No cercado, chamado, por vezes, de <i>“roça”</i>, misturam-se diferentes cultivos e vidas, remetendo estes manejos às práticas agrícolas Guarani. Ao etnografar essas práticas na comunidade Guarani <i>Yyguá Porã</i>, às margens do Rio Camaquã, na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, a antropóloga Cristiane Feijó (2015), demonstra o quanto a organização destes espaços estão relacionados à cosmovisão desses povos, sendo a roça um entrecruzamento de relações e reciprocidades entre humanos, divindades e plantas-sementes. Tais relações, segue a autora, alimentam não somente os corpos, mas todo o mundo <i>Mbya</i> Guarani, envolvendo relações de trocas com os rios, com as matas, com os animais, com os minerais, com as sementes, etc, constituídos, por sua vez, pelos espíritos de seus “donos”, divindades do panteão Guarani. É assim que o cercado, ou a roça, operam como espaços de trocas de vitalidades que nutrem os corpos-espíritos dos modos de viver e habitar das populações tradicionais.</p>
Cultivo tradicional de erva-mate	<p>Historicamente, a exploração comercial da erva-mate (<i>Ilex paraguariensis</i> A. St. Hil.) foi responsável por um dos principais ciclos da economia brasileira, quando estimulou o surgimento e o desenvolvimento de diversas localidades na região Sul brasileira. O cultivo e a exportação de erva-mate foi essencial para a manutenção das reduções Guarani, desde o século 17, por meio do manejo dos ervais nativos na região platina. Atualmente, o cultivo dessa espécie ainda representa importante potencial econômico, sociocultural e ecológico à região.</p> <p>Conforme as pesquisas da Embrapa (PENTEADO JUNIOR; GOULART, 2019), a erva-mate é o principal produto florestal não madeireiro da economia na região Sul do Brasil. A espécie ocorre naturalmente nos estados do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, no sul do Mato Grosso do Sul e no extremo sul de São Paulo. Consumida na forma de chimarrão e de infusão, especialmente nos estados do Sul do país, a cada dia aumenta o interesse do mercado internacional pelas propriedades da erva-mate, como teor de cafeína, teobromina e saponina.</p> <p>Existe um amplo espaço para ocupar neste mercado, mas é possível, também, desenvolver novos produtos tendo a erva-mate como matéria-prima, como infusões, energéticos, cosméticos e produtos de limpeza. Crescem as</p>



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>oportunidades do mercado de erva-mate e melhorias no sistema de produção podem auxiliar o produtor a se tornar mais competitivo.</p> <p>A prática do cultivo e do manejo de erva-mate oferece, ainda, uma alternativa econômica entre grupos Guarani (Mbya), no Rio Grande do Sul, como foi possível visualizar na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, na Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, que realizou a produção tradicional.</p>
--	--

**14. Plantas, mapas e croquis**

--

**15. Documentos inventariados**

<b>15.1. Documentos escritos, desenhos e impressos em geral</b>
---

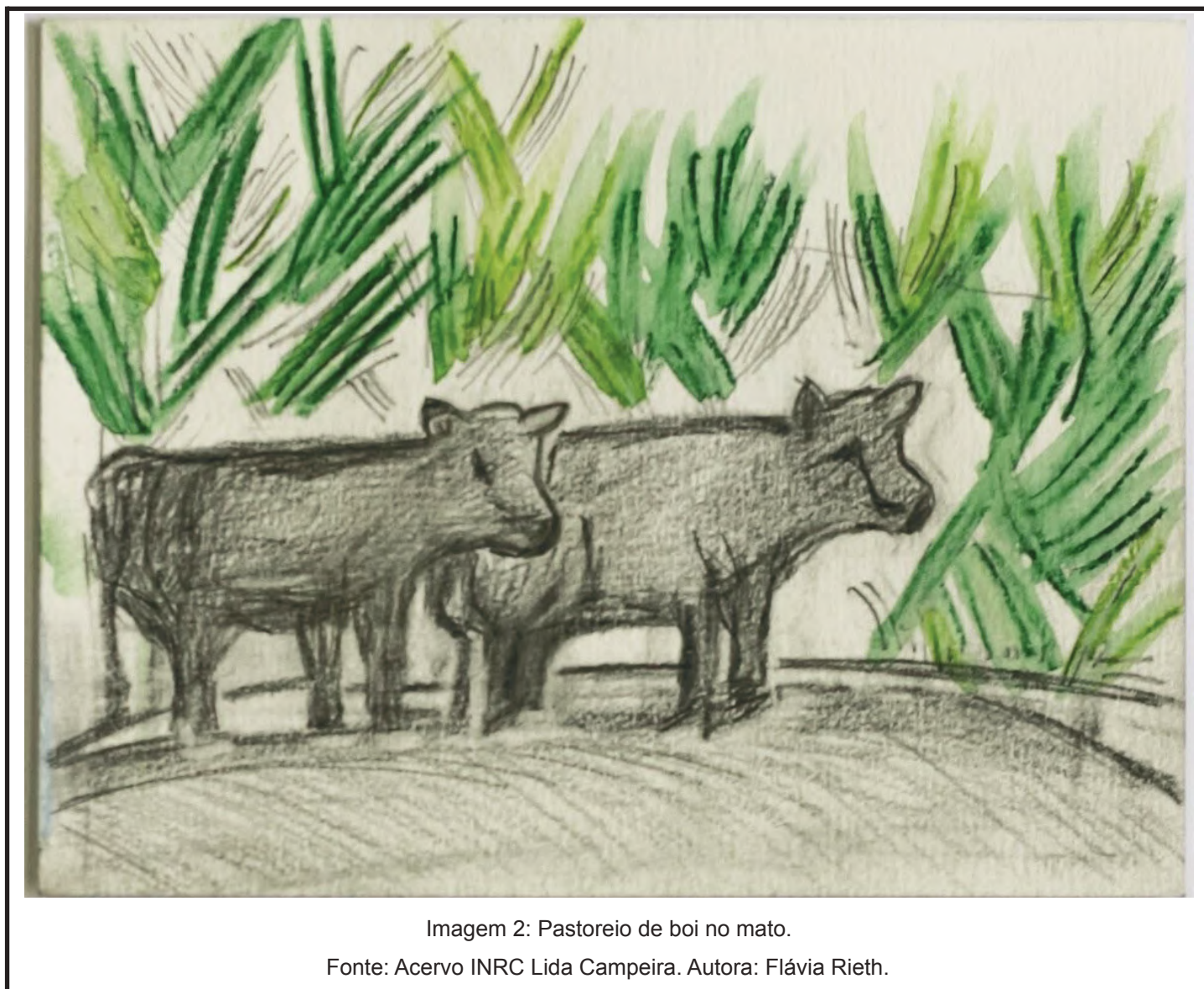
<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 1: Cercas e bretes.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			





<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

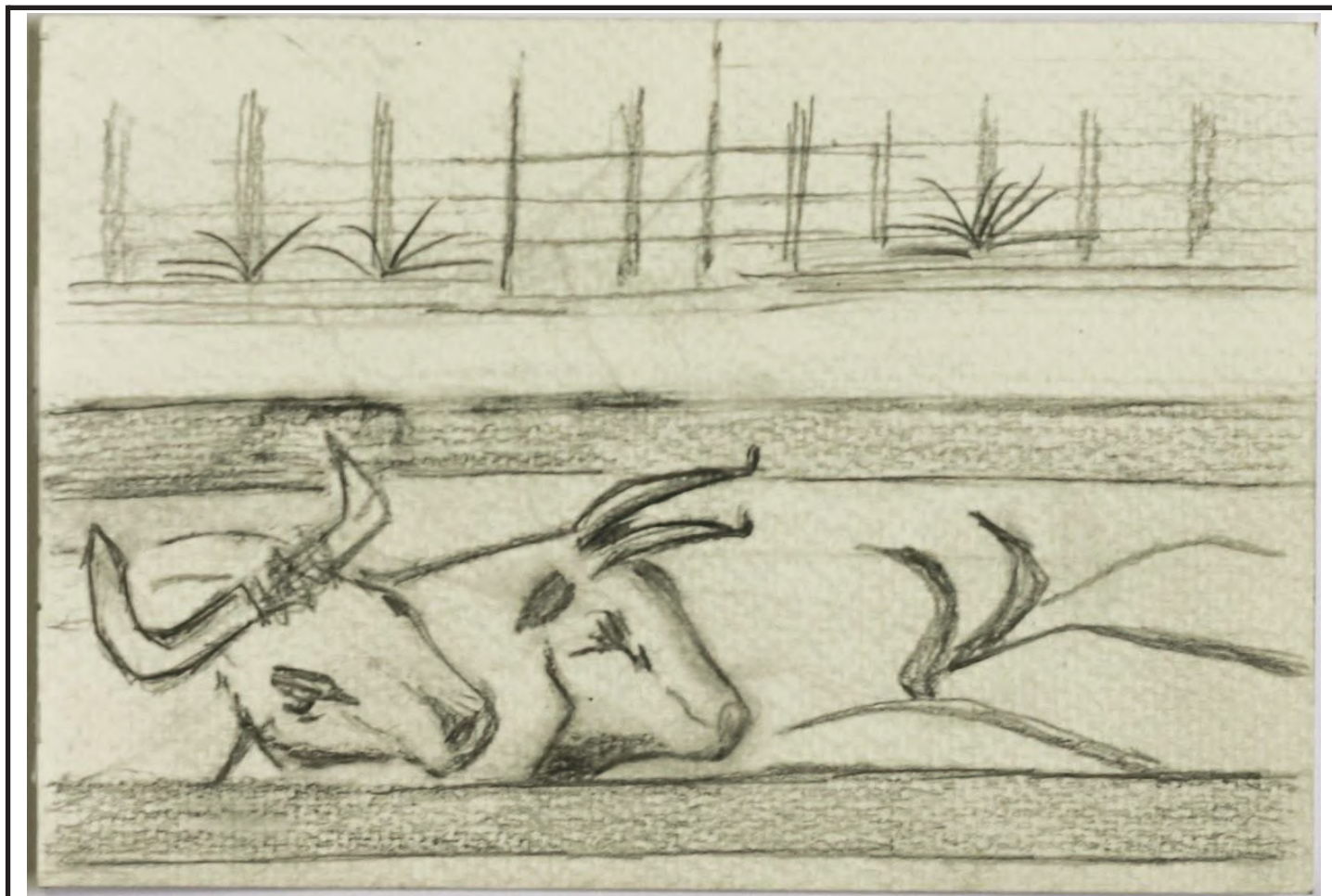


Imagem 3: Pastoreio de boi no brete.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

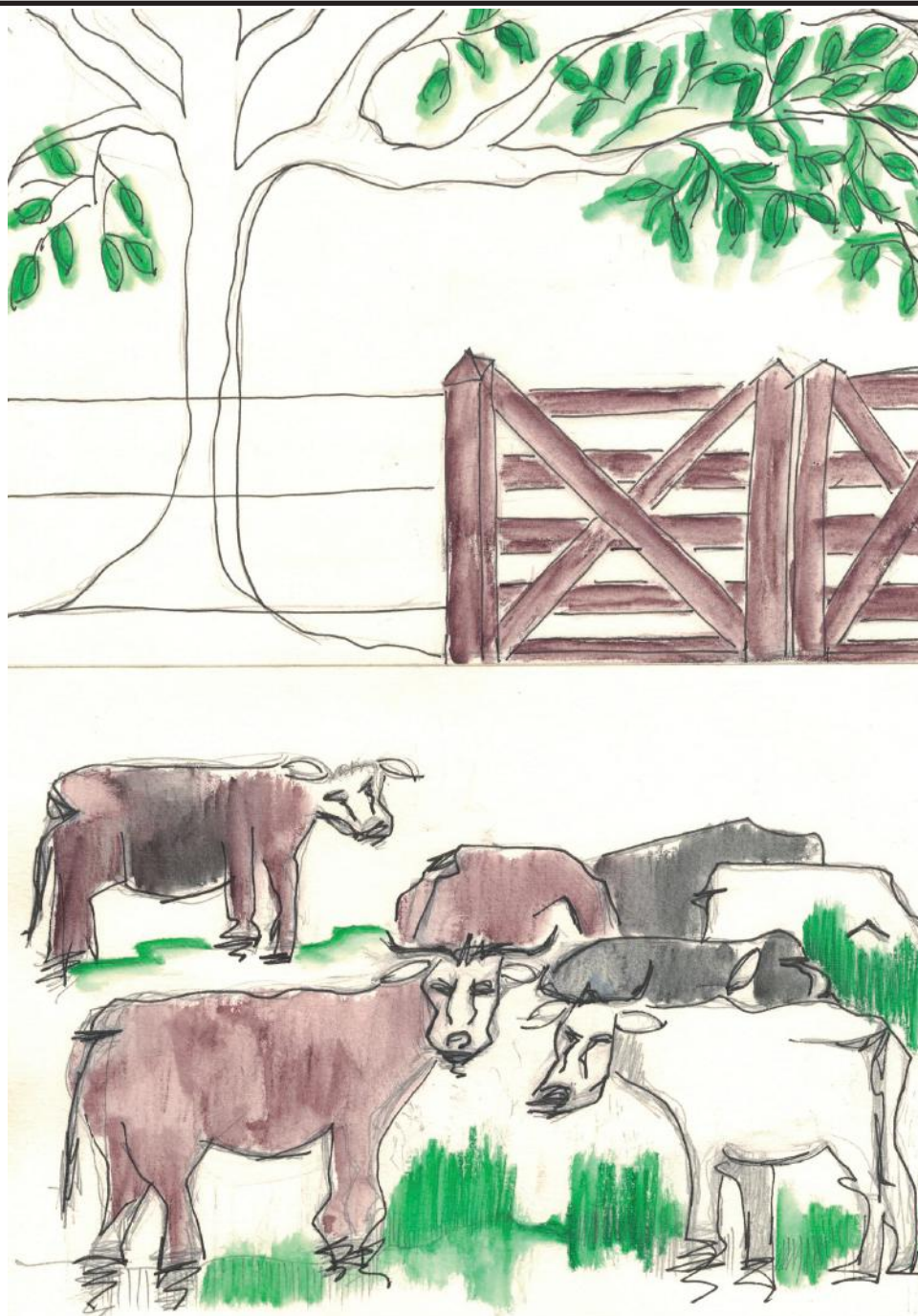


Imagem 4: Pastoreio de bovinos.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**15.2. Registros sonoros e audiovisuais**

**15.3. Registros fotográficos**  
 Para mais informações sobre os Registros Fotográficos ver Ficha “Anexo: Registros Audiovisuais”.

**16. Observações**

**16.1. Aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento**

**16.2. Identificação de outros bens mencionados nesta ficha**

**16.3. Outras observações**

Em termos de recomendações relacionadas à salvaguarda da *lida campeira*, é indispensável considerar as transformações que vive a Pampa brasileira. Ocorre que, essa região, correspondente, em linhas gerais, ao quadrante sul do Rio Grande do Sul, vem se constituindo em uma nova fronteira agrícola em expansão, mediante a conversão de grandes extensões de campos naturais. O avanço das plantações de espécies florestais e, sobretudo, da soja, constitui a expressão mais saliente disso. Hoje a soja marca presença em quase toda a diversidade ambiental do estado, adentrando o coração do bioma Pampa, em tradicionais áreas anteriormente dedicadas à pecuária.

Portanto, nessa região, onde durante séculos a criação de bovinos e ovinos foi o carro chefe do setor agropecuário, a soja é, atualmente, a atividade preponderante na maior parte de seus municípios (IBGE, 2020). Algumas das poucas exceções ficam exatamente em municípios do Alto Camaquã, onde as contingências do meio geográfico impõem limitações à agricultura intensiva e fazem confinar as áreas mais extensas e contínuas de campos nativos remanescentes do bioma Pampa. É nessa zona onde se concentram, em nítido caráter residual, os municípios nos quais a criação de bovinos e de ovinos ainda permanece como atividade agropecuária preponderante, como Pinheiro Machado e Caçapava do Sul, por exemplo.

Assim, singularidades seculares da Pampa, como é o caso da *lida campeira*, vão se tornando residuais como o próprio Pampa, frente à crescente conversão do bioma em áreas dedicadas à moderna agricultura. De modo que, hoje, quando esse processo se acelera a níveis inéditos, a diversidade “natural” do Pampa é substituída de vez por uma

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

nova diversidade, definida agora pela especialização agrícola, distinguindo as paisagens da soja, do arroz, do fumo, do eucalipto, da mineração etc. e, residualmente, as da pecuária extensiva, onde ainda podem ser percebidas algumas expressões resilientes dessa antiga diversidade das relações entre paisagens e práticas de acordo com a diversidade da própria natureza local.

O Alto Camaquã, enquanto área de remanescentes, aparece como espécie de conservatório, também, de algumas dessas antigas singularidades. É assim que as velhas especificidades de lidar “*nas pedras*”, “*em campos lisos*” ou em “*campos dobrados*” encontram, em alguma medida, sua razão de ser. Trata-se de relíquias cuja existência, já residual, não se explica fora da, também, residual materialidade que as abriga: a da Pampa que remanesce por marginal, ou seja, cuja conservação é produto de seus próprios limites funcionais-produtivos para outras atividades que não a pastoril.

Podemos falar, nesse sentido, em um caráter de relicário dessas manchas de vegetação nativa, manifesto tanto no sentido etimológico da palavra, enquanto sinônimo de resto ou resíduo (remanescente da Pampa), quanto no sentido mais usual, enquanto local que abriga coisas valiosas, heranças. Um relicário, aliás, chama atenção para a indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre o tangível e o intangível, enfim, entre o ambiente e a vida que o anima, dado que um relicário (uma forma, um suporte) guarda relíquias (artefatos, saberes-fazeres, práticas, falas, jeitos etc.).

O reconhecimento institucional do Pampa como um dos biomas brasileiros pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se deu apenas em 2004, na esteira do processo de supressão, como um evidente sintoma reativo. Ocorre, no entanto, que as metamorfoses do Pampa não se amortizam pela dimensão ambiental, da perda de biodiversidade. Não se trata, somente, da substituição dos campos nativos por lavouras. Se trata da supressão de formas, mas, também, de conteúdo, de objetos, de relações sociais singulares, de natureza e de cultura. Trata-se da minguagem de espécies e de ecossistemas, bem como de componentes históricos, arqueológicos, paisagísticos e etnográficos. Por isso, se inicialmente o reconhecimento do Pampa veio através de uma abordagem, digamos, ecológica, de atenção, sobretudo, ao seu patrimônio “natural” e biológico, o momento atual aponta para a importância de outras de suas dimensões. O contexto mundial de crise e alertas ambientais que dá eco ao tema da biodiversidade, tem o seu correspondente cultural que, frente à massificação das paisagens numa sociedade, cada vez mais, global, dá eco a um crescente apego cultural ao que é próprio e distintivo.

No mundo, as tendências globalizadoras geradoras de recursos genéricos e de caráter deslocalizável são confrontadas pela revitalização experimentada pelas identidades locais dos territórios, onde estão ancorados recursos patrimoniais específicos, de caráter singular e irrepetível (PÉREZ; SALINAS, 2008). Do esquecimento e da marginalidade, esses tipos de paisagens, lugares de trabalho e habitação, espaços de sociabilidades, de expressões orais e rituais

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

singulares, passam agora, ainda que lentamente, a ser vistos como potenciais recursos identitários em que podem se apoiar, inclusive, processos de desenvolvimento (PÉREZ, 2008).

Ao se falar na Pampa remanescente, é oportuno falar na paisagem-vida pastoril remanescente. Seria dizer, além de um patrimônio “natural” ou biológico, estaríamos falando de um patrimônio territorial, em sentido amplo, e/ou um patrimônio agrário, em sentido estrito. Enquanto patrimônio territorial, seria falar na paisagem-vida pastoril como um legado de vidas sociais precedentes no devir histórico que reúnem elementos naturais e os acréscimos artificiais oriundos desse processo, e que se constitui em elemento de identidade social ao refletir, em sua fisionomia, os modos e condições de vida da sociedade que a moldou e a molda (VALCÁRCEL, 1998).

Já enquanto patrimônio agrário, seria chamar atenção para o legado relacionado, especificamente, à herança histórica da exploração agropecuária, no sentido trazido por Pérez (2008), neste caso, notadamente a da pecuária extensiva. Herança esta, manifesta tanto em sua face material, traduzida nos sistemas de objetos relacionados à produção, quanto em sua face etnográfica, expressa em ofícios, artefatos, identidades etc. Seria pensar a paisagem e a vida pastoril como testemunhas (i)materiais de uma atividade que faz parte da história da sociedade gaúcha e platina, cuja expressão pode ser encontrada em elementos como aperos, edificações, habitats, costumes, ofícios, rituais, tradições orais etc. (PÉREZ, 2008).

**17. Identificação da Ficha**

<b>Questionários analisados</b>	Ver item “3. Executantes”.	
<b>Pesquisador(es)</b>	Andreia Nunes Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Montebianco, Flávia Rieth, Leonardo Sapucaia, Mateus Fernandes da Silva, Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Supervisor</b>	Flávia Rieth, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Redator</b>	Andreia Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Montebianco	Data
<b>Responsável pelo inventário</b>	Flávia Rieth	12/2021









<b>INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS</b> <b>Ficha de Identificação</b> <b>Ofícios e Modos de Fazer</b>	CODIGO DA FICHA					
	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	2
	UF	Sítio-	Loc	Ano	Ficha	No.

### 1. Localização

<b>Sítio Inventariado</b>	Região do Alto Camaquã/RS e Entorno
<b>Entorno do Sítio</b>	Arroio Grande Herval Jaguarão Pelotas
<b>Localidade</b>	Bagé (Sede, Corredor da Lexiguana e Distrito de Palmas) Caçapava do Sul (Sede, Guaritas e Vila Progresso) Canguçu (Sede, Coxilha do Fogo e Vila Silva) Encruzilhada do Sul Lavras do Sul (Três Estradas, Corredor dos Munhóz) Pinheiro Machado Piratini (Alto da Figueira, Barroçao e Estrada 392) Santana da Boa Vista (Serra dos Vargas)
<b>Municípios / UF Sítio e Entorno</b>	Arroio Grande, Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Herval, Jaguarão, Lavras do Sul, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista.

### 2. Bem Cultural

<b>Denominação</b>	Lida com ovinos
<b>Outras denominações</b>	Lida com ovinos; pastoreio.
<b>Condição atual</b>	X vigente / íntegro <input type="checkbox"/> memória <input type="checkbox"/> ruína

### 3. Executante

Obs: Para mais informações sobre o(a) entrevistado(a) ver Ficha "Anexo: Contatos".

<b>Nome</b>	Alberto Gonçalves Rodrigues	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	1
<b>Ocupação</b>	Capataz e peão campeiro	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre	<input checked="" type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> executante
	<input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Andrea Madruga Garcia	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	2
Ocupação	Artesã e pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	23/04/1972
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre	<input type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input checked="" type="checkbox"/> executante
	<input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Clara Marineli Silveira Luiz Vaz	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	3
Ocupação	Pecuarista familiar, Veterinária	Data de Nascimento / Fundação	06/03/1945
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre	<input checked="" type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> executante
	<input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Débora Schneid	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	4
Ocupação	Pecuarista familiar, Veterinária	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre	<input type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input checked="" type="checkbox"/> executante
	<input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Elci Caldas	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	5
------	-------------	--	---

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Ocupação	Pecuarista familiar e artesã	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	José Alfredo Buss	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	6
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Lais de Moraes	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	7
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Luciano Alves Jardim	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	8
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Nome</b>	Luiz Cassuriaga		<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	9
<b>Ocupação</b>	Pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>		
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

<b>Nome</b>	Mário Luiz dos Santos Moreira		<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	10
<b>Ocupação</b>	Pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>		
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

<b>Nome</b>	Régis Medeiros Collares		<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	11
<b>Ocupação</b>	Peão campeiro e pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	08/10/86	
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

<b>Nome</b>	Rudinei Ribeiro de Oliveira		<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	12
<b>Ocupação</b>	Pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>		
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público			

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante
	<input type="checkbox"/> outro _____

<b>Nome</b>	Vera Colares	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	13
<b>Ocupação</b>	Contabilista e aposentada da Receita Federal. Pecuarista familiar e Presidente da Associação para Grandeza e União de Palmas (Agrupa).	<b>Data de Nascimento /</b> <b>Fundação</b>	22/09/1964
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público	<input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante	<input type="checkbox"/> outro _____



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

#### 4. Fotos

Obs: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar Ficha “Anexo: Registros audiovisuais”.

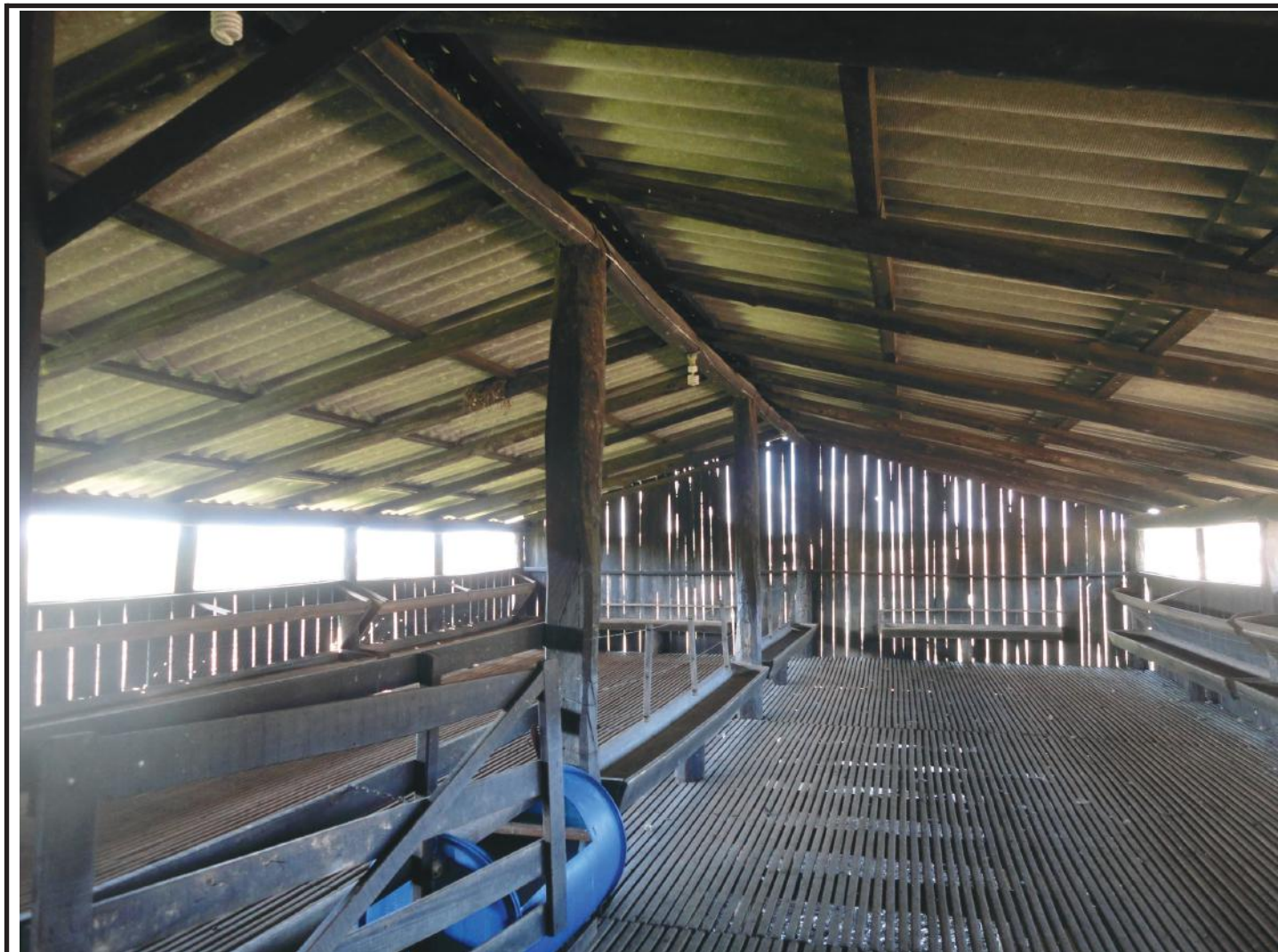


Imagem 1: Galpão para manejo de rebanho ovino, em Vila Silva, Canguçu.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

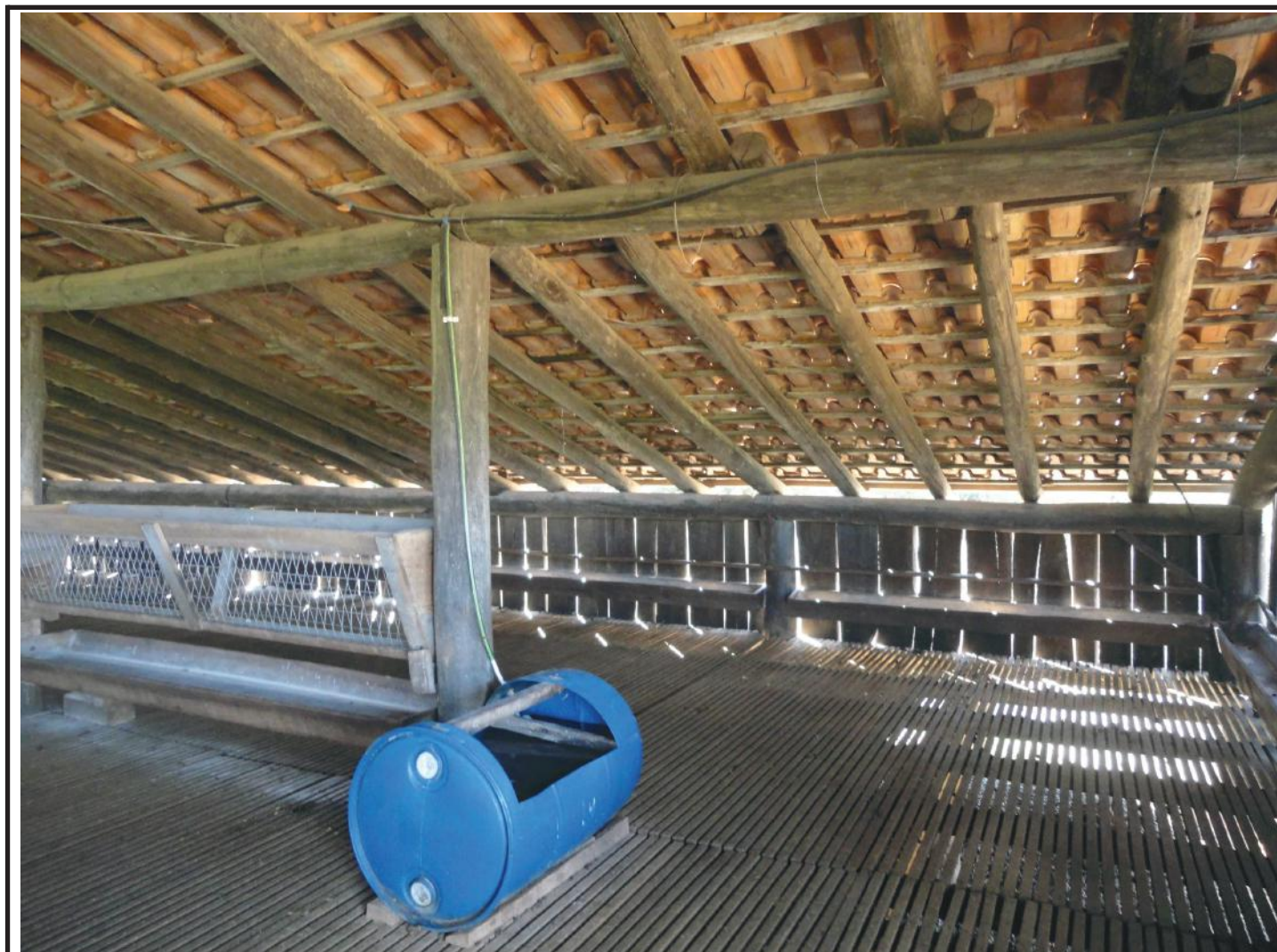


Imagem 2: Galpão para manejo de rebanho ovino, em Vila Silva, Canguçu.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 3: Rebanho ovino em campo nativo, em Barrocão, Canguçu.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 4: Rebanho ovino em campo nativo, em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Márcia Colares.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 5: Rebanho ovino em campo nativo, no Quilombo de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 6: Rebanho ovino em campo nativo, em Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 7: Manejo de rebanho ovino (parição), em Piratini.  
 Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 8: Manejo de rebanhos ovinos, em Piratini.  
 Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 10: Manejo de rebanho ovino, em Barroirão, Canguçu.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Daniel Vaz Lima.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 9: Manejo de rebanho ovino no brete, em Piratini.  
 Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 11: Manejo de rebanho ovino esquila a máquina (técnica Tally Hi), em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 12: Manejo de rebanho ovino, esquila a máquina (técnica Tally Hi), em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 13: Manejo de rebanho ovino (esquila a martelo), em Arroio Grande.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 14: Manejo de rebanho ovino (esquila a martelo), em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Berenice Medeiros.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 15: Manejo de rebanho ovino (esquila a máquina, técnica Tally Hi), em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 16: Demonstração de esquila a máquina (técnica Tally Hi), em Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

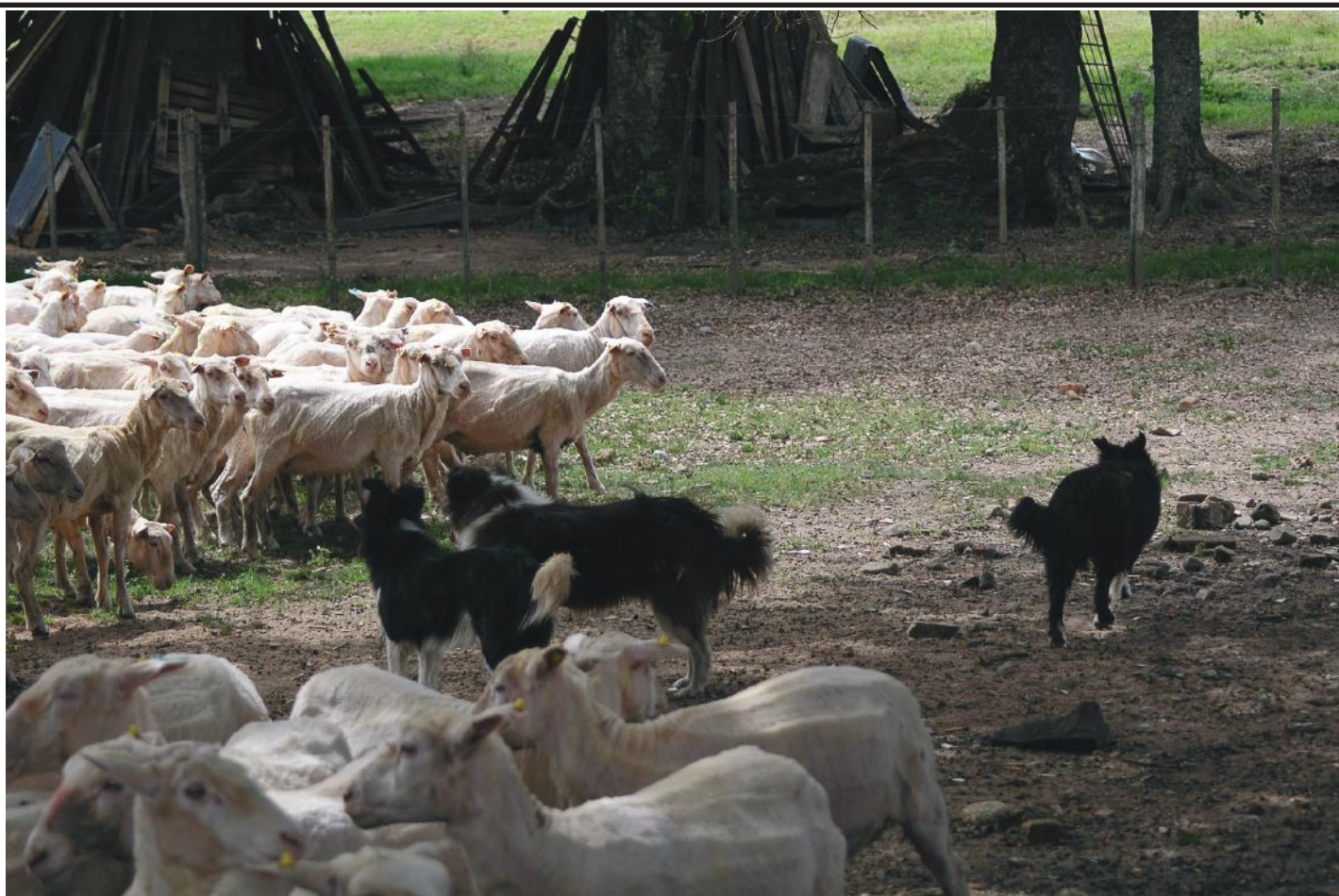


Imagem 17: Manejo de rebanho ovino com cães, em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 18: Lã ovina após a tosquia, em Arroio Grande.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 19: Bolsa para armazenamento da lã após a tosquia ("bolsão de juta"), em Arroio Grande.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 20: Coisas da lida, tesouras para tosquia a martelo, em Arroio Grande.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.

### 5. Descrição do bem identificado

A criação de ovinos é uma atividade característica da pampa, desde a introdução dos rebanhos na região. Compreendem desde pequenas, médias ou grandes propriedades e, tradicionalmente, é reconhecida como uma atividade familiar, passada de geração em geração. Como é o caso do Sr Luiz, de acordo com o interlocutor "vem de herança, desde o avô criava" e da interlocutora Clara Vaz, que diz "dou sequência ao método, como eram os animais criados desde os meus avós, na mesma propriedade." Para a pecuária familiar, a carne da ovelha serve para o



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

consumo da família e a lã para a confecção de vestimentas, como o xergão e o poncho, utilizados na *lida campeira*, entre outras peças.

Os rebanhos ovinos são considerados fáceis de manejar, porém, necessitam de atenção constantemente, pois são, também, frágeis, e podem adoecer ou desenvolver “*frieira*”, que atinge os cascos, que leva à morte do animal. Tais cuidados devem ser redobrados na época da “*parição*”, durante a primavera, quando ocorre o nascimento dos filhotes, que podem ser alvos dos animais do mato, como, por exemplo, corvos ou *sorros*. Esses filhotes são trazidos para próximo das casas, em galões ou cercados, até se desenvolverem. Em outros casos, podem ser criados no entorno da casa, como “*guachos*”.

Outro manejo importante é a tosquia dos ovinos, que consiste na retirada da lã dos animais, realizada uma vez ao ano, quando as temperaturas ficam mais amenas. A tosquia costuma ser feita por comparsas, equipes itinerantes que circulam pela região pampeana nesse período, ou de forma individual, por meio de algum peão campeiro que detenha esse saber e seja reconhecido como esquilador. Em alguns casos, a atividade pode ser realizada pelos próprios pecuaristas familiares, caso o rebanho seja pequeno, caso não possam contratar a comparsa ou caso não tenham esquiladores disponíveis. A técnica de esquila mais comum é feita com o uso de tesouras específicas para essa atividade, chamada de esquila a martelo, devido ao som que produz. Recentemente, a partir do manejo de rebanho ovino no Uruguai, alguns pecuaristas familiares têm realizado a esquila a máquina, conhecida, também, como técnica Tally Hi. Após a tosquia, a lã é separada e armazenada em bolsas, “bolsões de juta”. Assim, pode ser comercializada com artesãs, em cooperativas de lã, em “barracas” de lã ou na indústria têxtil, que realizam a compra dessa matéria prima. Pode, ainda, ser reservada para o artesanato em lã no local.

## 6. Descrição do lugar da atividade

**6.1. Características gerais**

A pecuária de ovinos como toda a *lida campeira*, é um trabalho difícil, uma “*lida brabíssima*”, pois exige cuidados diários e em tempo integral, com a alimentação dos animais, fazendo rodízio do rebanho por poteiros, onde a pastagem está melhor; com o cuidado de parasitas, como verminoses e sarnas; com a recorrida do campo para a proteção dos animais de predadores, como o sorro (*Lycalopex gymnocercus*) e o javali; com o tratamento de “*frieira*”, doença que dá no casco, entre outras enfermidades. Envolve, também, os cuidados na época de “*parição*”, que ocorre, geralmente, a partir de setembro, período da primavera, em que os pastos e o clima estão mais amenos. Nessa época, os cuidados precisam ser redobrados, para trazer as mães e os filhotes para perto das casas, já que as crias são consideradas presas fáceis. É necessário estar mais próximo dos animais, cuidando de predadores e das condições climáticas extremas, como o frio ou a chuva, que podem levar à morte das crias. Logo, nos meses de outubro a janeiro, quando termina o frio e as temperaturas começam a aumentar, se dá início ao período de esquila, da retirada da lã dos

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

ovinos, que pode ser realizada com tesouras próprias para essa função, na “*esquila a martelo*” ou com “*esquila a máquina*”. Conforme o Sr. Luiz, “*Aqui tem muito trabalho, dia sim dia não tem que estar com as ovelhas na mangueira.*” Seja com sol, seja chuva, seja com frio é preciso ir a campo e juntar os animais para examinar, para realizar determinado cuidado ou tratamento, para separar lotes destinados à venda, para realizar a carneação, ou para a esquila, tarefas que costumam ser realizada na companhia dos cães ovelheiros, que auxiliam no manejo dos rebanhos. Segundo o Sr. Luiz, “*de um dia para outro podem abichar, tem problema de frieira no casco que acaba abichando, tem que estar de olho*”.

**6.2. Marcos naturais e/ou edificados**

**“AS CASA”: ESTÂNCIA; RANCHO; GALPÃO; TAPERAS; CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA; CAMINHOS**

Ao etnografar a organização das unidades de produção familiar camponesas na zona da mata norte do Estado de Pernambuco, a antropóloga Beatriz Heredia (1979) mostrou que os diferentes espaços internos estavam organizados seguindo lógicas relacionadas aos aspectos mais amplos de habitar o território e das condições históricas de acesso à terra. Com base nesta leitura, é possível observar os aspectos históricos que configuram a existência dos povos tradicionais na pampa brasileira. Assim, um primeiro aspecto a considerar é que a estrutura fundiária constituiu-se a partir da organização Guarani Missioneira, que configurou uma paisagem marcada por grandes extensões de terras, que combinavam práticas agrícolas e extrativistas com pastoreio extensivo (ÁLVAREZ, 2015). Inicialmente, as chamadas estâncias missioneiras ou estâncias dos Guarani, na margem oriental do Rio Uruguai, estavam distribuídas em um amplo território, que corresponde, atualmente, ao nordeste e a região costeira do Rio Grande do Sul, na Vacaria dos Pinhais e Vacaria do Mar, e, posteriormente, ao norte da República Oriental do Uruguai e na metade sul do Rio Grande do Sul.

No século 18, com a desestruturação do projeto missioneiro e o avanço colonial sobre as estâncias, o acesso às terras, consideradas devolutas, se deu pelo sistema de sesmarias, via concessão da posse a grupos militares, a comerciantes e a famílias com boas relações com a coroa portuguesa (BRITO, 2010). Assim, um pequeno grupo de pecuaristas familiares são descendentes de sesmeiros, como a família de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, que, no século 18, recebeu uma sesmaria com dezoito quadras de campo, que foi fragmentada ao longo das gerações. “*Meu tataravô que veio para cá. Nós somos de sesmeiros. Foi concedido pelo império. (...). [A terra] foi dividida entre a família.*” Luciano é responsável pelos cuidados das terras dos irmãos e dos pais, que moram na cidade.

Estando localizadas em áreas estratégicas e prioritárias à colonização, essas grandes propriedades eram delimitadas por referências naturais, tais como rios, arroios, peraus, formações rochosas, campos sujos, chamados de “rincões”. O acesso a tais locais era concedido aos *posteiros*, famílias as quais era permitido a moradia, a criação de alguns animais e o cultivar da terra, de maneira que as mesmas fossem responsáveis por cuidar e manejar o gado da

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

estância (FARINATTI; MATHEUS, 2017). Nestes locais, estavam instalados os *rodeios*. Em outras áreas marginais, de pouco interesse no processo colonial, o acesso se dava pelos grupos marginalizados, como pequenos lavradores, peões campeiros e posseiros, sendo locais estratégicos, também, para os aquilombamentos, pela “fuga para fora” (KOSBY, 2017a), nos fundões das propriedades. Por conseguinte, a partir da Lei de Terras, implantada no ano de 1850, que transformou a terra em uma propriedade, ou seja, um bem com limites bem definidos que poderia ser comprado e vendido, a forma tradicional e histórica desses acessarem um pedaço de chão e praticarem agricultura e criação, foi alterada (SILVA, 2015). Tal processo, associado à introdução do arame liso, fez com que as estratégias desses grupos para acesso à terra passassem a jogar com esses instrumentos legais, embora seja necessário ressaltar que o acesso a esses espaços seguia sendo permitido, desde que não afetassem os interesses das elites.

Ainda que o processo de fragmentação das grandes propriedades seja uma realidade em campo, as relações entre grupos sociais mantém, de certa forma, elementos que atualizam o sistema das sesmarias. Convivem “*nas casa*” não apenas (ou nem sempre) a família nuclear (pai, mãe, filhos, filhas e avós). As configurações variam e abrigam relações de trabalho entre pessoas solteiras, bem como relações de compadrio entre pessoas que não são parentes, mas são “de casa”, “como da família”. Um destaque nesse tipo de relação é a presença de afilhados oriundos de famílias de trabalhadores e de prestadores de serviço da localidade, que trabalham/vivem na casa dos padrinhos, proprietários de estabelecimentos de maior escala. Tal dinâmica de compadrio é histórica e bastante comum nos contextos da pecuária (FARINATTI, 2010). Nesse sistema inclui-se, também, outras formas de acesso à terra, como a de ocupantes e de agregados, que recebem uma parcela de terra para criar animais, cultivar e morar, em troca de serviços ou fornecimento de produtos para o proprietário (FARINATTI, 2018).

Por conseguinte, além dos processos de sucessão rural por fracionamento das grandes propriedades, outras formas atuais de acesso à terra por agricultores e pecuaristas familiares se deram pela compra, doação, indenização, demarcação ou ocupação de lotes em áreas marginais aos interesses da expansão colonial e, tempos depois, da modernização agrícola. Seu Beto começou a trabalhar como peão e agregado na Fazenda do Sossego, dividindo o que produzia com a proprietária. Tempos depois, tornou-se peão campeiro e capataz. Seus pais não tinham terras e “*moravam nos corredores*”. Quando conseguiu juntar uma quantidade considerável de “*plata*”, comprou uma chácara para seus pais, localizada no município de Caçapava do Sul. Ali ficaram até falecerem. Tempos depois, como forma de pagamento pelos anos de trabalho, adquiriu uma “quadra de campo” – cerca de 90 hectares – da fazenda em que trabalhava. Assim, vendeu a chácara que comprara para seus pais, já falecidos, e seguiu trabalhando na fazenda, dedicando parte das horas do dia à sua terra. No caso de Vanda Tarouco, pecuarista familiar no distrito do Barroço, em Piratini, por sua vez, o acesso à terra se deu pela compra, a partir da aposentadoria. “*Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavrar. Sempre ajudei meu pai*”. Após o casamento, “*fui para a cidade de Pelotas. Ficamos lá 30 anos. Criei minhas filhas. Estou aqui desde 2002. Mas eu vinha, tirava uma semana e voltava. Efetivo foi em 2004.*”

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Nas últimas décadas, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, ocorreram outras formas de acesso à terra, como no caso de lotes destinados à Reforma Agrária, pelo INCRA, com assentamentos rurais, além da demarcação de Comunidades Quilombolas e de Terras indígenas, a partir de processos, também, variados, conforme será apresentado, posteriormente. Conforme Kosby (2017a), a comunidade do Quilombo de Palmas, em Bagé, é composta por cerca de 40 famílias, ligadas por laços de parentesco, compadrio e matrimonialidade. De acordo com a antropóloga, as famílias que constituem a comunidade são descendentes de escravos campeiros das estâncias da região, exímios na lida com os animais, hábeis ginetes e no tiro do laço. Os quilombolas exerciam o trabalho de changuear, atividades como consertar arames, limpar algum campo, cuidar de rebanhos, esquilar umas ovelhas, cortar lenha, carnear, levar ou buscar uma tropa de gado pelas estâncias, sem vínculos empregatícios ou salariais, plantando roças em lavouras alheias, como meeiros. A demarcação da terra quilombola foi reivindicada em 2005, pela Associação Quilombola de Palmas, e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, em 2017.

Nesse sentido, deve-se levar em conta que nem todos os Marcos edificadas ocorrem de forma concomitante, ou, em alguns casos, podem apresentar variações e particularidades, devido à configuração do local ou da propriedade. A seguir, buscamos sintetizar aqueles que são recorrentes no campo.

**“AS CASA”** – O termo “as casa” refere-se a um conjunto de espaços que, para além da casa de moradia, envolvem os galpões, mangueiras, hortas e cercados, quintas, campos e matos, arroios e rios, havendo uma complementaridade entre estes, de maneira a formar um emaranhado de relações. É “nas casa” onde se processa a lida caseira, enquanto práticas de cuidado de humanos, de animais e de plantas, seja com a limpeza e manutenção do próprio espaço, seja com a transferência e condução de atividades mais identificadas com a *lida campeira* para ele por uma demanda de intensificação de cuidados. Ou seja, tornar o espaço casa, por intermédio da limpeza do entorno, muitas vezes, com a remoção total da vegetação, convertendo-o em “terreiro”, no qual se consegue afastar ou visualizar melhor animais vindos do mato/campo, como, por exemplo, as cobras e os *sorros*. A manutenção do terreiro limpo, além de facilitar essa atenção, demonstra o cuidado em distinguir o espaço “das casa” do espaço do mato/campo, de modo a atender suas finalidades representativas e de trabalho.

**ESTÂNCIA** – A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas, a partir do século 17, quando padres e indígenas transferiram os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados geopolíticos entre as coroas portuguesa e espanhola –, bem como captura de indígenas para o trabalho escravizado ou exploração dos mesmos, via *encomiendas* ou ataques de bandeirantes. Nesse processo, os rebanhos foram abandonados no campo, como na região da Vacaria dos Pinhais, no nordeste do Rio Grande do Sul, ou na Vacaria do Mar, na região costeira ao sul do estado. Esses animais xucros multiplicavam-se devido à abundância de pastos e aguadas e eram,



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (AURÉLIO PORTO, 1943; RAHMEIER, 2007; SCHLEE, 2019a).

Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e, também, por agricultura, em meados do século 19 passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escravizada e/ou assalariada e com uma arquitetura formada pela sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (LUCCAS, 1997; RAHMEIER, 2007; OSÓRIO, 2016). Geralmente, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não constitui a base econômica principal. Nesse momento dá-se, também, o início do cercamento dos campos, delimitando internadas, rodeios e campos para os rebanhos, e, ao mesmo tempo, criando situações novas para a mobilidade de grupos e de coletivos. Dessa forma, propriedades menores, anteriormente chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente, passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem indígena, com significado de “plantação” (SAINT-HILAIRE, 2002), ou por designações locais, como “campo”, “fazendinha”, “granja”, “sítio”, “roça”, “quadra de campo”, entre outras.

Atualmente, estância corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde mantém-se os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou internadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém podem não ser consideradas como estâncias, devido ao seu tamanho.

**RANCHO** – Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé (*Panicum prionitis*) e a taquara (tipo de bambu) são cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e as janelas, as paredes são preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresenta uma espessura aproximada de 50cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustenta as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes, são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim. (LESSA, 1986; MATTOS, 2003). Regis Medeiros, peão campeiro e pecuarista familiar em Palmas, Bagé, ensinou que para manejar o capim santa-fé, é necessário cuidar as “farpas” que existem nas folhas que são capazes de cortar a pele. As folhas são cortadas e dispostas em maços que são deixados ao sol para secarem. Somente após estarem secas, poderão ser direcionadas para a construção da *quincha*. O chão é de terra batida e pode haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundo e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados. Até fins do século 18 e início do 19, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas. Predominavam, portanto, as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana. (LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 2002; ISABELLE, 2006). A utilização das casas de torrão como galpão ou cozinha é uma forma de manifestação cultural comum a povos e comunidades tradicionais da pampa (MAZURANA; DIAS; LAUREANO et al, 2016), sendo os conhecimentos passados de uma geração para outra. Em algumas propriedades familiares, se encontrou ranchos como moradias e, também, como galpões, indicando que outrora fora moradia da família. Nas comunidades quilombolas de Palmas e do Corredor dos Munhós, observou-se a existência de ranchos como moradia.

**GALPÃO** – Para Schlee (2019b), os galpões são dependência edificada das estâncias (com torrões de barro, paredes de madeira ou de tijolos), coberta (de palha ou telhas) e permanentemente aberta – que serve de depósito, alojamento para os peões e para animais criados sob teto, além de espaço para a realização de determinadas tarefas campeiras. São espaços multifuncionais, utilizados para fins variados e relacionados ao dia a dia e às atividades na *lida campeira*. É onde se mantêm os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões, que podem se reunir nesse espaço no início, no intervalo ou ao fim da lida, bem como para realizarem as suas refeições. É recorrente a existência de um espaço com lareira – pode ser fogo de chão ou fogão a lenha – para aquecer os corpos, a água do mate, assar o churrasco e outros alimentos. Em frente ao fogo são colocados pequenos bancos e cadeiras. Podia servir como dormitório de alguns peões ou de pessoas de passagem pelas propriedades. Em outros casos, os galpões são espaços em que os bichos passam a noite nos períodos de chuvas e de frio, ou nas épocas de parição, como forma de cuidado.

**TAPERA** – De acordo com Schlee (2019b), tapera é uma ruína. Rancho, casa ou outra edificação da campanha – abandonada e destruída por não ter quem a habite. Conforme a etnografia, costuma-se dizer, de forma crítica ou de forma jocosa, que uma moradia mal cuidada, por exemplo, com muitos galhos e folhas caídas ao redor do pátio, com terreiros por varrer, com cercas avariadas, com galinheiros e galpões com defeitos e com pomares sem trato, é uma tapera, em referência às casas e aos locais abandonados, sem moradores. Isso denota a atenção dada ao cuidado cotidiano com “as casa” e com o entorno. Uma casa cuidada é uma casa habitada.

Outros atributos foram elencados pelos/as interlocutores/as como indicadores de uma casa habitada. Seu Beto, pecuarista familiar em Palmas, em Bagé, considera que uma casa sem *quinta* – ou pomar – não era casa, mas uma tapera. A casa que se deixa ser tomada pelo mato e pelo campo, e destruída pela ação do tempo, traz para si a existência de animais do mato, como cobras, “sorros”, pássaros. Nos dias de chuva, o gado busca abrigo nestes locais. Em algumas situações, porém, mantêm-se relações com esses espaços, mesmo que ocasionais, como nos casos das *quintas* que ficam abandonadas ao redor das tapers, que podem ser utilizadas para a coleta de frutos, como foi relatado por comunidades quilombolas. Conforme Amilton Camargo, do Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Sul, “as mulheres se reúnem no verão aí, janeiro, fevereiro, março, né, para fazer as tachadas de doce. Vão fazendo em conjunto. Levantam cedo de manhã, vão buscar fruta lá no mato, né? Aqui a gente tem muitas árvores de frutas que os antigos plantaram, marmeleiro, principalmente, no mato, né?”

A tapera se opõe à casa habitada por seres humanos e gera tristeza e estranhamento por quem passa por elas. O aspecto de ruína é uma metáfora de um processo mais amplo de esvaziamento do rural e de um passado de um lugar que era “cheio de gente”.

Embora seja um espaço não mais habitado por seres humanos, é comum os relatos da existências de outros seres habitando as taperas (sobre-humanos, extra-humanos). Os chamados “causos de assombrações” referem-se a “gritos de escravos”, “mulheres chorando”, “luzes dentro da casa”. Quenedy, peão campeiro em três Estradas, Lavras do Sul, contou que viu muita “coisa estranha” ao cruzar, a cavalo, durante a noite, pelas taperas.

**CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA** – As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Suas origens remontam às reduções Guarani missioneiras, ao passo que cada redução possuía vacarias e estâncias delimitadas por rios, riachos, matas, bem como currais de pedra ou torrão (AURÉLIO PORTO, 1943; JAEGER, 1958). As mangueiras, currais ou encerras são construções circulares ou retangulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão ou taipas de torrão. Produções recentes têm trazido para o debate que os grupos indígenas eram os detentores dos saberes para a construção de algumas estruturas, como os currais de palmas, já que manejam outros herbívoros nestes currais, como os cervos, antes da introdução do gado bovino (DABEZIES; SUÁREZ; BAÑOBRE et al, 2021).

Na propriedade de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, encontramos três tipos de mangueiras: uma estrutura de terra, que o pecuarista entende ter sido feita pelos indígenas missioneiros; uma estrutura de pedra, construída após a chegada de sua família, que recebeu a propriedade como doação de sesmaria; e uma feita de vala que, conforme o campeiro, estava interligada às outras. Sobre as mangueiras de terra, o pecuarista comentou: “Achei estranho aquilo ali. Depois que eu olhei de cima e fui perguntar, descobri que era uma mangueira, anterior a mangueira de pedra. Era feita de taipa. Marcavam um círculo, cavavam e atiravam a terra para cima, formando a mangueira. É anterior à família do meu tataravô, porque, se fosse usada, não teriam construído a de pedra. Quando aquela já estava em desuso é que fora construída a de pedra. Para mim aquilo ali era dos índios. Tem uma parte de valo, que é abaixo, e uma parte de pedra. A mangueira de valo é anterior à mangueira de pedra. Eles faziam o valo para conter o animal, uma cerca.”

Conforme Bruno Martins Farias (2013), estes currais indicam e percorrem os antigos caminhos das tropas. São diferentes estruturas de diferentes épocas e técnicas construtivas, com formatos e com matérias-primas diversas, sendo mais comuns as de terra, de pedras e de plantas. Eram utilizadas pelos tropeiros para o descanso e a guarda

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (revezando-se para vigiar os animais). Junto às mangueiras haviam as pastagens para alimentação do gado. Conforme Luciano, as *“paradas eram chamadas de pastagens, para pouso. As tropas andavam na estrada como caminhão. Tinha uma tropa atrás de outra. Na hora de parar, à tardinha, o capataz da tropa, mandava um peão na frente para saber se naquele lugar tinha pouso. Era cobrado pelo proprietário.”*

A entrada da mangueira é chamada de *porteira*. Nela eram colocadas duas *“tronqueiras”*, que são objetos verticais, de pedra ou de madeira, postos em cada lado da abertura, com perfurações em que eram encaixadas e dispostas *varas* (madeiras retas) atravessando a porteira e evitando a fuga dos animais. Luciano narrou, diante da mangueira de pedra, localizada na propriedade da família, como faziam para o gado bravo entrar nos currais. Ao redor desses currais, haviam bois mansos, os chamados *“sinuelos”*, que eram treinados para entrar e, imediatamente, sair da mangueira. Assim, quando a tropa de gado, que era *xucro*, se aproximava do local, estes bois eram incorporados e conduziam os outros animais para a mangueira. *“Quando a última vaca entrava, esses bois saíam da mangueira”* (LIMA, 2020).

**CAMINHOS** – Estradas, corredores e atalhos (usados para acesso). Ao seguir as indicações dos/as interlocutores/as, foi-se delineando que a pesquisa para o Inventário desenhava por cima dos traçados dos antigos caminhos das tropas e carretas, por onde eram conduzidos bois e outras mercadorias de diferentes lugares da pampa, para as charqueadas e, posteriormente, os frigoríficos, localizados nos municípios de Pelotas, de Bagé, entre outros. Tais caminhos eram pontuados por entre-lugares de apoio como pousos, vendas (ou *“bolichos”*), currais, corredores, paradouros. As vendas, pousos e paradouros eram espaços de comércio e convívio de tropeiros e outros viajantes, onde realizavam refeições, rodas de conversas intercaladas com sons de gaitas e violões, jogatinas, entre outros. Juntos a estes estabelecimentos haviam diferentes artesãos como ferreiros, carpinteiros e outros que ofereciam serviços. Os bolichos comercializavam, também, alimentos para os animais, como o milho, comprados na região de agricultores familiares ou até mesmo cultivados pela família proprietária. Os paradouros ou pastagens eram espaços com aguadas, galpões, currais e pastagens para a parada e pernoite das gentes, bois de tropas e carretas, cavalos de tropas e carroças entre outros/as viajantes. Ficavam dentro das propriedades podendo ser cedidas ou alugadas. Os currais eram usados, também, para a exposição de animais para a venda. Trafegavam por estes caminhos e descaminhos, para além do gado, inúmeras outras mercadorias e contrabandos, bem como pessoas com ideias, especialidades, modos de viver (SILVA, 2006; LIMA, 2020). Parte destes antigos caminhos são, hoje, rodovias estaduais e federais asfaltadas.

Como parte destes caminhos, estão os corredores, que são pequenas estradas públicas que cruzam entre os alambrados que delimitam as propriedades. Alguns corredores cruzam por dentro das propriedades fazendo a circulação ser marcada por um abrir e fechar porteiras. Os corredores são lugares habitados e dinâmicos, permitindo o trânsito de pessoas, bichos e carros para diferentes lugares, pois se ligam entre eles. É pelos corredores em que se fazem as tropeadas que, atualmente, são realizadas para conduzir o gado de um campo para outro, bem como para conduzir o gado para banheiros de imersão alugados ou de associações de pecuaristas familiares. Nos corredores



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

estão localizados os *bolichos*, sendo espaços de convivência e onde são realizados eventos como jogos e festas. Quando são públicos, se tornam espaços estratégicos para os criadores de gado, quando os mesmos observam que o campo está com baixa capacidade de suprir a alimentação dos bichos dentro das unidades de produção. A preferência de colocar o gado no corredor é sazonal e se dá pela leitura de que o campo está a ponto de ficar “*rapado*” (BRITO, 2010). Por outro lado, a preferência pelos corredores se dá, também, pelos animais. Vera Colares, pecuarista familiar em Palmas, Bagé, comentou que o gado prefere, nos dias quentes, pernoitar nos corredores para se proteger do contato com os carrapatos.

Os corredores são referências para a localização e, portanto, são identificados por nomes, como o “*Corredor dos Munhós*”, o “*Corredor da Lexiguana*”, etc. Eles se ligam entre si e permitem uma circulação pelos diferentes lugares. Entretanto, quando não fazem essa ligação, a estratégia para o trânsito é dada pelos “*atalhos*”, que são pequenos caminhos que seguem por dentro das propriedades. Esses caminhos são criados e manejados pelos animais. Os atalhos que são feitos por dentro dos matos, por exemplo, são manejados pelas cabras junto a outros bichos, como as vacas e as ovelhas. Embora as condições de acesso sejam limitadas para um trânsito a cavalo ou a pé, alguns atalhos podem ser realizados por carros. Nesse sentido, somente quem habita os lugares conhecem esses diferentes caminhos e suas condições de acesso.

Obs.: Para mais informações ver Ficha “Identificação Ofícios Lida Caseira”.

**6.3. Agenciamento do espaço para a atividade**

A *lida campeira* envolve o cuidado diário e a manutenção constante, tendo em vista os variados equipamentos e espaços que precisam estar integrados para a execução das atividades, seja o entorno “das casa”, seja os galpões, seja os cercados, seja as cercas, seja os bretes, seja a quintas ou seja os campos. Como apontado ao longo da pesquisa, os rebanhos ovinos são considerados dóceis e frágeis, quando comparados com outros rebanhos, como os caprinos, por exemplo, que são considerados mais “*rústicos*”. Nesse sentido, faz-se necessário o contato constante, bem como a aproximação dos filhotes “das casa”, tendo em vista o ataque de animais do mato. Logo, implica na manutenção de cercados e galpões, nos quais os rebanhos ficam. Os bretes e galpões são importantes, também, para a tosquia, pois são os espaços utilizados para a retirada e o armazenamento da lã.

**7. Tempo**

**7.1. Periodicidade**

Os cuidados são diários e em tempo integral, abrange desde a alimentação dos animais, fazendo rodízio dos animais de poteiros onde a pastagem está melhor, cuidados com parasitas como verminoses, sarnas. Envolvem, também, os cuidados na época de “*parição*” que acontece no período da primavera, em que os pastos e o clima estão melhores. Nesta época é necessário estar mais próximo dos animais, cuidando de predadores e das condições

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

climáticas extremas, como muito o frio e a chuva. Logo entre os meses de outubro a janeiro, quando termina o frio e começa a aquecer, se dá início ao período de esquila, da retirada da lã dos ovinos, que acontece como forma de trazer bem estar ao animal, bem como abastecer o mercado têxtil e o artesanato em lã.

O senhor José Alfredo Buss, em Vila Silva, Canguçu, possui bovinos, para engorda, e ovinos, desde 2007, após passar a residir na propriedade, adquirida nos anos 1990. Realiza o manejo dos ovinos diariamente, a pé, com o auxílio de cães. À noite, os animais são guardados dentro do galpão, que mandou construir próximo a casa onde vive com a esposa. São soltas às 8h da manhã e seguem até o potreiro, ficando por lá até o pôr do sol. O manejo é rotativo, em áreas médias, ou seja, os animais permanecem em áreas delimitadas no campo o tempo necessário para comerem o pasto, que é revezado com o gado bovino. Os bois são colocados primeiro, pois comem o pasto mais alto, deixando o pasto baixo para as ovelhas. Já teve caseiros, que vivem no local, em uma casa construída para esse fim.

Seu Luiz trabalha com pecuária de ovinos e gado de recria. Na propriedade trabalham ele e um colaborador. No entanto, ele faz a lida sozinho. Todo dia recorre o campo de quadriciclo, não precisa de cavalo, "eu e o cachorro sozinhos. Os cuidados são dosar, curar, fazer a análise gastro intestinal para ver se tem vermes ou não, o quanto tem, que tipo de remédio precisa. De um dia para outro podem abichar, tem problema de frieira no casco que acaba abichando, tem que estar de olho. Eu faço a parição mais cedo em agosto, porque eu tenho o azevém, tem alimentação no inverno, tenho que esquilar mais cedo, porque sem lã a ovelha dá cria melhor, não tem o peso da lã, dá mais leite, ela sente mais frio no início, mas em 15 a 20 dias a lã já cresceu um pouco e já não sente mais. A maioria dos produtores fazem dar cria na primavera em setembro, daí já tem mais pasto, pasto novo, clima melhor."

Há cuidados com a esquila tanto no inverno, quanto na primavera. No inverno o problema é o frio que prejudica. Então tem que cuidar, deixá-las em poteiros mais perto das casas. Seu Luiz fala que quando se esquila de setembro a novembro o problema é da questão da chuva nas ovelhas recém tosadas, "é preciso ficar atento ao tempo, se prevê chuva para os próximos dias. O animal com a lã baixa, caso pegue chuva, tem que encerrar elas na mangueira e não deixar se mexer muito. Porque a gota da chuva cai do lombo do animal e ele sente, dói, daí ele vai se movimentar mais de um lado para outro para tentar se proteger, então começa a aumentar a temperatura e a pulsação e ela colapsa e morre, dá pneumonia. Logo após a

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p><i>esquila tem que cuidar elas mais na volta, não soltar para o campo grande. Caso chova, prender elas na mangueira, não vão caminhar muito, já protege um pouco.”</i></p> <p>Em 2016, o Sr. Luiz começou o trabalho de micronagem da lã, que mede o diâmetro da fibra da lã em micras, classificando a lã pela finura e melhor qualidade. A Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO) vai até a propriedade e coleta mechas de lã do rebanho, analisa e classifica a fibra, no que diz respeito à qualidade da lã, à finura e à resistência, e, por meio dessa classificação, pode se estabelecer o preço. Essa medição pode ser realizada por um aparelho, o Optical Fibre Diameter Analysys (OFDA). A medição com o aparelho traz um diagnóstico mais detalhado, pois por intermédio da lã é atestado tudo que o produtor fez durante o ano no campo, o resultado vai além da finura da fibra, da avaliação física e nutricional do animal, apontando se há necessidade, ou não, de melhorias na forma de manejo do rebanho. Dessa forma, para melhorar a produção de lã é preciso estar atento aos diferentes elementos no manejo: a qualidade e a quantidade da alimentação, cuidados no pré e pós gestação (que garantem a maturação dos folículos, responsáveis pelo desenvolvimento da fibra). A qualidade e o destino do fio vão depender do diâmetro da fibra da lã, uma vez que quanto mais leve mais procurado, em função do acabamento das peças e do conforto proporcionado no corpo.</p> <p><i>“Se tu sabe a finura da lã é possível agregar valor ao produto. Se eu vender sem ser para a cooperativa a lã, como se diz “no escuro”, sem classificar, o cara vai te oferece um preço e eu dou pra ele a finura da lã, não aceito o preço. Peço pela classificação da ARCO. Se não me pagar pela finura da lã, não me serve”.</i></p>
--	---

7.2. Ocorrência efetiva desde 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

### 8. Biografia

<p><b>Alberto Gonçalves Rodrigues</b> - Filho de peões campeiros que trabalhavam para a família Collares. Peão na Fazenda Sossego, em Palmas, Bagé, desde que os pais se aposentaram. É proprietário de uma “quadra de campo” (em torno de 90 hectares) que recebeu como pagamento pelos anos de trabalho na fazenda, onde, junto à família, cria gado e ovelha, cultiva milho, feijão, batata doce, mandioca, abóbora e outras hortaliças e legumes e produz frutas.</p>
---

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**Andrea Madruga Garcia** - Artesã e pecuarista familiar. Reside no interior de Piratini. É proprietária do ateliê Fio Farroupilha. Passou a realizar artesanato em lã em 1997, a partir de cursos oferecidos pela Emater, que, naquele momento, realizava oficinas voltadas para grupos de mulheres. Desde então, tem buscado melhorar a qualidade do rebanho ovino da propriedade familiar, por meio de assistência técnica da Emater/RS-Ascar e da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO).

**Clara Marineli Silveira Luiz Vaz** - Pecuarista familiar e médica veterinária aposentada. Trabalhou na Embrapa, onde prestou assistência técnica para pecuaristas familiares da região da pampa, criadores de rebanhos ovinos.

**Débora Schneid** - Pecuarista familiar, ligada a lida no campo desde pequena com a família. É médica veterinária. Trabalha com lã crua com a mãe. *“Eu tive a felicidade de nascer em uma família ligada ao campo. Até os meus três anos, morávamos para fora, direto. Depois, tivemos que vir para a cidade porque lá fora tinham poucas escolas e eram muito longe. Então, optamos por vir morar na cidade. Meu pai fica entre a cidade e o campo. Ele nunca deixou de morar lá, também. Mas, graças a Deus, mantive minhas raízes muito forte com o campo. Desde pequena, eu gostava de acompanhar os meus pais na lida, seja com ovinos ou com bovinos. Ajudava a conduzir os animais na mangueira, andava a cavalo e alcançava o frasco do medicamento que estava sendo feito nos animais. Depois comecei a aplicar os medicamentos, a conduzir os animais na mangueira. Com 19 anos, eu fui para Porto Alegre, passei no vestibular da Ufrgs e cursei veterinária. Depois, voltei. Parte do tempo fico aqui na cidade, trabalhando com a minha mãe no ateliê de lã crua que nós temos”.*

**Elci Caldas** - Artesã. Nasceu e reside no interior, no distrito de Cerrito, no Município de Herval. A artesã vive em uma propriedade onde tem criação de galinhas, de alguns marrecos e de rebanho de ovinos. Começou a trabalhar com artesanato em lã durante a infância no convívio familiar, com outras mulheres. *“A minha vó por parte de pai fazia. O tear de parede que tenho aí, era dela, foi meu vô que fez”.* A artesã trabalha no tear “primitivo” ou de parede. faz xergão, cobertores, mantas, mas, atualmente, tem se dedicado a fiação da lã, atendendo a demanda de artesãs que tecem o crochê em *jacquard*.

**José Alfredo Buss** - Pecuarista familiar, nasceu e vive na Estrada Alto Alegre (chamada, também, de Estrada Arroio Medina ou Passo do Medina), em Vila Silva, Canguçu. Em 1988 comprou a propriedade onde reside com a esposa, mas mudou para a localidade apenas em 2003. Começou com o rebanho de ovinos em 2007, e possui, também, gado bovino. Realiza o manejo a pé, diariamente, com cães. Construiu galpões próximos da casa, onde dorme o rebanho ovino. Realiza a esquila pré-parto, em abril. Utiliza o esterco de ovelha, que recolhe uma vez ao ano debaixo do galpão, para tratar o campo.

**Laís de Moraes** - Pecuarista familiar. Laís nasceu na cidade de Bagé. Reside em Três Estradas, Lavras do Sul. O pai foi criado na campanha, *“já fez de tudo”.* Conforme Laís, mesmo sem conviver com o pai, gosta muito da vida na



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

campanha. “*Eu conheci o campo foi com o Luciano*” (marido), antes “*não frequentava CTG, não ouvia música gaúcha*”. Gosta de realizar o pastoreio de bovinos e de ovinos a cavalo, com a ajuda de cães.

**Luciano Alves Jardim** - Pecuarista familiar, nasceu em Bagé. Segue com a pecuária de bovinos e de ovinos na propriedade, a Estância Ouro Verde, que está a gerações na família, em Lavras do Sul. A propriedade familiar apresenta mangueiras e cercas de pedras e de torrão. Luciano encontra o cruzamento das águas do subsolo utilizando pêndulo ou forquilhas de arame, estes cursos d’água são abundantes na região. Conforme ele, este conhecimento é importante para não se construir a casa em cima destes locais, especialmente os quartos de dormir.

**Luiz Cassuriaga** - Pecuarista familiar, nasceu e vive até hoje no interior de Jaguarão. Trabalha na propriedade que é da família, que passou do avô para o pai e do pai para ele. “*Vem de herança, desde o avô criava ovelha.*” Trabalha com a pecuária de ovinos e bovinos de recria (abrange desde a desmama dos filhotes até a fase de acasalamento, cio das fêmeas, e a engorda dos machos que não serão utilizados como reprodutores). Participa de toda a administração da propriedade e, também, das atividades da *lida campeira*, como recorrer o campo, fazer tratamentos parasitários no rebanho, cuidar no período de reprodução, entre outras atividades.

**Mário Luiz dos Santos Moreira** - Pecuarista familiar, nasceu e vive na Localidade Coxilha do Fogo, no município de Canguçu. Estudou na escola técnica (atualmente, IFSUL), logo trabalhou na prefeitura de Canguçu e também trabalhou por contrato na Funasa, quando este terminou voltou para o meio rural e começou a criação. A família Moreira, como é conhecida, participava do Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar sendo a Emater/Canguçu a responsável pela assistência técnica. Um dos propósitos do projeto é construir um manejo dos campos naturais por meio do Pastoreio Racional Voisin (PRV). A propriedade, portanto, é uma das referências na implementação do projeto, recebendo visitas de outros produtores.

**Régis Luís Marques Colares** - Pecuarista familiar nasceu e vive no Corredor da Lexiguana, em Palmas, Bagé. Trabalha com pastoreio de bovinos, ovinos e caprinos. Tem atuado para o melhoramento genético do rebanho ovino e caprino na propriedade da família, em Palmas. É médico veterinário.

**Rudinei Ribeiro de Oliveira** - Pecuarista familiar, nasceu e vive na localidade do Barroirão, em Piratini. Trabalha com pastoreio de ovinos e bovinos em campo nativo, a cavalo, com o auxílio de uma cachorra border collie. “*Não tem o que ela não faça no campo.*” Realiza a criação de terneiros, que vende próximo de completarem seis meses, aproximadamente, com cerca de 150kg, não cria até a fase adulta. Possui “*quinta*” a propriedade, com figueira, laranjeira e marmeleiro.

**Vera Colares** - Contabilista e aposentada da Receita Federal. Pecuarista familiar e Presidente da Associação para Grandeza e União de Palmas (Agrupa). Nasceu e vive no corredor da Lexiguana, Palmas, Bagé, onde tem criação de bovinos, ovinos e caprinos.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

## 9. Atividade

<p><b>9.1. Origens, motivos, sentidos e transformações</b></p> <p>A criação de ovinos no Rio Grande do Sul é realizada a partir da introdução dos rebanhos pelos europeus colonizadores. Os padres jesuítas deram início à introdução dos rebanhos na região das Missões, a partir da criação tanto de ovinos, como de equinos e de bovinos. De acordo com Afonso Aurélio Porto (1943), os rebanhos de gados menores entraram em Assunção, no Paraguai, em 1569. Assunção se tornou o empório fornecedor a todas as demais cidades que se fundaram na região do Rio da Prata, devido à grande proliferação das ovelhas e das cabras. A preocupação, desde a fase inicial da fundação das missões, era prover os ameríndios de roupas que, “cobrindo-lhes a nudez”, contribuíssem para resguardá-los do frio intenso em certas regiões. Conforme o historiador (1943: 204):</p> <p style="padding-left: 40px;">Corrientes, Santa Fé, Buenos Aires, recebem daí os primeiros sementais que são cascos originários dos grandes rebanhos lanares que se disseminam em seus campos ótimos para a criação de ovelhas. Quando o general Juan de Garay funda a última destas cidades, em 1580, para ali transporta, além de grande quantidade de gado vacum que é distribuído pelos povoadores, outra não menor de ovelhas e cabras. E é desta origem que procedem os rebanhos de gado menor que os jesuítas introduzem, por via Santa Maria do Uruguai, em suas reduções do Rio Grande do Sul, em 1634, como veremos.</p> <p>O naturalista espanhol Félix de Azara (1896a: 220), que viajou pelo Paraguai e pelo Rio da Prata no fim do século 18, descreve a presença difusa de rebanhos ovinos na região, entre os indígenas e a população colona. Segundo o autor, certos grupos “cultivan poco, pero crián algunos vacas, caballos y ovejas: de su lana tejen gergas y ponchos y las permutan con los [indios] Pampas, quienes las llevan á vender en Buenos Aires”.</p> <p>É necessário ponderar sobre as regiões do estado em que havia a ocupação portuguesa, ainda que seja difícil definir a qualidade e a quantidade desses rebanhos durante boa parte do período colonial (NEVES, 1992). Embora a introdução de ovinos remonte ao século 16, a ovinocultura começou a ser desenvolvida como atividade econômica por volta de 1730, por meio da distribuição de sesmarias, quando foram formadas ou demarcadas as primeiras estâncias. Com o cercamento dos campos, se teve a possibilidade de ordenar a criação, facilitando, assim, o manejo dos rebanhos e o aumento da produção.</p> <p>Nesse período, a ovinocultura era voltada para a produção de pelegos e de peles. A lã era aproveitada para o consumo das famílias. A ovinocultura pode ser evidenciada nos relatos do viajante francês Auguste Saint-Hilaire, durante a sua passagem pelo Rio Grande do Sul, entre 1820 e 1821, no qual descreve a criação de ovinos e a utilização da lã pelas famílias produtoras. Saint-Hilaire (2002: 82) observa que cada estancieiro possui um rebanho constituído, muitas vezes, por vários milhares de carneiros, e, com a lã produzida, “as mulheres fabricam no tear ponchos”. Nesse sentido, é possível inferir que diversos agentes tenham contribuído para a inserção dos rebanhos na região platina (PESAVENTO, 2014).</p>
---

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

A criação de ovinos é uma atividade característica das regiões da pampa, compreendendo desde pequenas, médias e grandes propriedades. Tradicionalmente, é reconhecida como uma atividade familiar. Para a pecuária familiar, a carne da ovelha serve para o consumo da propriedade e a lã para a confecção de vestimentas, como o xergão e o poncho, utilizados na lida, entre outras peças, para uso cotidiano da família. Logo o restante da lã é vendida para artesãos, para cooperativas de lã ou para indústrias. A comercialização da lã contribui para os custos da propriedade.

Porém, apenas no século 20 a ovinocultura passou a investir na produção laneira (VIANA; SILVEIRA, 2009), quando a pecuária de ovinos para a produção de lã tornou-se uma atividade comercial, devido a valorização da fibra em âmbito internacional e ao desenvolvimento de tecnologias e inovações na produção, o que agregou qualidade ao rebanho. O intercâmbio com produtores do Uruguai e da Argentina e a ascensão dos valores no mercado internacional acarretou em uma melhor organização da criação de ovinos, visando a produção da lã.

Na década de 1940, a produção de ovinos no Rio Grande do Sul teve seu período de maior crescimento. No período, ocorreu a constituição das primeiras cooperativas de lã, assim como de diferentes organizações de assistência aos criadores, como a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO) e o Serviço de Inseminação Artificial. A partir do desenvolvimento de instituições de comercialização, de promoção à criação, assim como do surgimento de inovações na área de tratamentos veterinários e zootécnicos, possibilitou-se aos criadores melhorarem a qualidade dos rebanhos e da lã (BOFILL, 1996). Com todos estes avanços em relação a melhores manejos, tratamentos veterinários, constituição de suportes de comercialização, entidades de promoção a produção, levaram a ovinocultura a um elevado crescimento. Na década de 1960, a produção da ovinocultura representava uma grande riqueza nos campos da pampa. A lã era considerada o “ouro branco”, produto muito importante e valorizado, um dos principais na exportação do estado, responsável por prover as despesas da família e da propriedade (BOFILL, 1996).

Entretanto, nos anos após à década de 1960, a economia baseada na lã enfrentou uma queda, devido a dois fatores: a perda de apoio governamental aos produtores de ovinos e a crise da lã. O primeiro momento se deu a partir da transformação na política agrária, que, na década de 1970, destinou grande parte dos incentivos à produção de grãos no Rio Grande do Sul, buscando estimular maior produção e oferta de alimentos. Muitos ovinocultores, sem incentivos governamentais e sem condições de dar continuidade a criação de ovinos, migraram para a agricultura de grãos, marcando a expansão da área de produção de arroz e soja (BOFILL, 1996). Outro momento que determinou a queda foi a crise internacional da lã na década de 1980, devido à competitividade dos valores perpetrados pela Austrália, como maior produtora de lã mundial. Dessa forma, com significativo rebanho, grandes estoques e qualidade, a Austrália passou a reger o mercado laneiro. Com o aumento dos preços da lã, o mercado têxtil passa a introduzir fibras sintéticas, por causa dos custos serem menores que o das fibras naturais. Isso acarretou na desvalorização da lã, em consequência disto, a redução da pecuária de ovinos com aptidão laneira (BOFILL, 1996; NOCCHI, 2001).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Em 1990, a partir da abertura do mercado e o aumento da demanda da carne ovina, propiciou uma mudança na produção laneira, priorizando a criação de cordeiros voltados para o abate. Na contemporaneidade, a ovinocultura no Rio Grande do Sul é direcionada para a produção de carne e de lã, podendo compensar a atividade, uma vez que quando o mercado de um produto estiver em desvalorização, os produtores têm a possibilidade de dedicar-se a outro (VIANA; SILVEIRA, 2009). No entanto, mesmo com tantas dificuldades e incertezas da pecuária de ovinos, muitos criadores ainda seguem com a produção laneira, já que é uma atividade considerada tradicional, herdada e passada pelas gerações, que dão seguimento ao que aprenderam.

A criação de ovinos envolve tradição e inovação. Diversos cuidados são empregados, seja em relação ao melhoramento genético do rebanho, seja à alimentação, seja ao tratamentos de doenças ou seja, ainda, ao controle de parasitas. Tudo isso vai propiciar uma maior produção e qualidade da lã. Atualmente a cadeia produtiva de lã do estado tem dado atenção à qualidade da lã, pensando na finura da fibra, a partir da micronagem, processo que mede o diâmetro da fibra em micras e, por meio dessa classificação, pode-se qualificar lã. A avaliação é realizada pela ARCO, que coleta mechas de lã do rebanho, classifica e analisa a fibra, com o uso de um aparelho portátil, denominado de OFDA ou OFDA 2000 (Optical Fibre Diameter Analysis). A partir dos dados da análise, que resulta em um brinco, com os quais as ovelhas são identificadas, o produtor sabe o que precisa melhorar no rebanho em relação à nutrição, fazendo modificações no manejo, assim como, também, tem detalhes da qualidade, da finura e da resistência da lã.

A criação é mais recorrente nas regiões onde há campos lisos (planos), mas, também, de acordo com o manejo, pode ser criado em diferentes regiões, devido ao fato de ser um animal que se adequa às adversidades, como calor, frio e seca, por exemplo. A interlocutora Clara Vaz diz que *“no ovino o investimento é pouco, em detrimento do bovino. O bovino come demais, medicamento em cima de medicamento, resistência do carrapato, tudo o que tu faz, e os animais perdendo peso, e com fome, e sentindo, e isso aí vai repercutir no período de fertilidade, e vai repercutir no ano que vem, que eu vou ter muito pouco terneiro por causa da seca. Tá? E ao passo que as ovelhas, elas tão magras, tão comendo terra, areia, mas elas tão me dando um retorno que tá dando pra cobrir as despesas com o gado. Dá pra entender?”*

Ao vivenciar a vida de criadores de ovinos e de esquiladores, percebe-se a constante relação que se estabelece no envolvimento de humanos e não humanos. É uma atividade desenvolvida pelo grupo familiar, em que homens, mulheres e jovens se envolvem nos cuidados, principalmente no período de parição, quando a atenção deve ser diária, em que fêmeas e crias ficam mais próximos das casas, jovens e mulheres ficam encarregadas desses cuidados que exigem alimentar, aquecer e proteger de predadores. Para Clara, *“(…) quando tem o controle de parição, como agora, nós temos muitos, muitos animais predadores. Tá?! E a gente tem que saber conviver com os predadores. E tem que recolher esses cordeiros, de manhã e de tarde. Como está agora, no pico da parição, de manhã a gente traz as ovelhas, troca pra perto de casa, que estão no paradoro”* (Clara Vaz).



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

No cuidado com os filhotes guaxos, que as ovelhas rejeitam ou não tem leite para amamentar, a artesã e pecuarista familiar Elci chama de “*bebezinho*”, os alimenta dando o “*mamá*”, criando-os nas proximidades da casa, eles não vão para o campo enquanto mamarem, a cuidadora faz o papel de mãe dos cordeiros. Ela diz que fica com pena dos “*bichinhos, gosto de ver eles de barriginha cheia*”. O dia de lidar com o rebanho de ovinos, geralmente, é para dar algum medicamento. Para fazer isso juntam os animais na mangueira. A Sra. Elci diz que fazem em dia seco, pois vão ter que deixar os animais presos na mangueira, e não gostam de deixar na mangueira toda molhada. Para trazer o rebanho até a mangueira, Elci não precisa ir a campo com cachorros. Ela vai na beira do alambrado, próximo à mangueira, e faz sinais para o rebanho, “*chamo elas, vem ovelha e elas vêm para mim, bato palma, e digo rápido, rápido e elas vêm correndo. Boto um agrado, uma farinha no balde para elas verem que tem alguma coisa. Às vezes, sem o balde, só chamo e elas vêm. É igual a gado, lá no campo onde tem gado, a gente chega de carro, e é só eles verem já vem correndo*”. Ela diz que acostumou o rebanho assim, pois ela já não tem mais condições de estar correndo a campo atrás das ovelhas.

Algumas ovelhas têm nome pelas características, tem uma que é “Guacha”, porque ela era filha de guacha e tem a cola comprida, pois não foi cortada. Ano passado ela conta que deu “*mamá*” para todos os cordeiros, não eram muitos, pois o rebanho era pequeno. Ela chamava um cordeiro que estava mais fraquinho, pois a mãe não tinha muito leite, para dar um complemento. Mas quando ela chamava o cordeiro vinham todos, mesmo que não precisassem receber a mamadeira, Elci dava leite para todos, “*ficava com pena dos bichinhos tudo na volta de mim*”. A existência marcante de mulheres é visível na pecuária familiar, tramando uma relação afetuosa e de cuidado no manejar os animais (RIETH; KOSBY; NUNES et al, 2021), estabelecendo-se múltiplas relações que envolvem tanto humanos como não humanos.

**9.2. Narrativas e representações**

A temática da *lida campeira*, da atividade pastoril e da lide no campo está disseminada nas narrativas e nas representações culturais e artísticas na região platina, na pampa e no Rio Grande do Sul, seja na literatura de viagem, seja nas obras literárias, seja nas músicas gauchescas, seja nas canções folclóricas, seja nas produções nativistas, seja nas representações iconográfica a respeito do “Sul”.

Um traço dessa representação costuma ser a relação entre natureza e cultura, ou entre ambiente e sociedade, que emana e acompanha o pensamento de gerações de artistas e intelectuais que produzem suas obras com foco na região, que podem se debruçar sobre os tipos sociais, as guerras de fronteira, as andanças pelos campo ou o manejo dos rebanhos. Tal ênfase fica evidente em obras clássicas e contemporâneas da literatura platina, como, por exemplo, *Diálogos*, de Bartolomé Hidalgo, *Martín Fierro*, de José Hernández, *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento, e *As aventuras de China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara, entre tantas outras. Da mesma forma, é possível perceber a presença da melancolia, ou certo pessimismo, em relação à

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

continuidade do modo de vida campeiro ou do contato com o campo. Nesse sentido, o tema do fim, da ruína, da morte, do saudosismo ou da impossibilidade de continuidade costuma ser recorrente.

Na literatura do Rio Grande do Sul, nomes como João Simões Lopes Neto, Ramiro Barcelos (sob o pseudônimo de Amaro Juvenal), Erico Verissimo, Cyro Martins, Jayme Caetano Braun, Barbosa Lessa são apenas alguns dos expoentes que abordam ou dedicam suas produções a refletir sobre essas temáticas. Da mesma forma, pode-se citar autores contemporâneos, que buscam refletir sobre a pampa e seus viventes, como, por exemplo, Aldyr Garcia Schlee, Luiz Antonio de Assis Brasil, Tabajara Ruas, Eron Vaz Mattos, José Carlos Queiroga, Marília Floôr Kosby e Clarissa Ferreira, entre outros.

Logo, destaca-se a profusão e a diversidade de tais obras para a música, a literatura, a poesia, as artes visuais, entre outras formas expressivas. Assim, buscamos trazer algumas dessas narrativas e representações, sem, contudo, esgotá-las.

Letras de música que fazem menção ao manejo de ovinos:

**Cordeiro guacho**

Aquele cordeiro guacho  
 Deitado ali no baldrame  
 Salvei da corvada infame  
 Numa tarde de garoa  
 Andava berrando à-toa  
 Com poucos dias de idade  
 Pois ficara na orfandade  
 E ali com toda a certeza  
 Ia ser a sobremesa  
 De algum corvo sem piedade.

Logo que me viu coitado  
 Correu direito ao cavalo  
 Sou índio que não me abalo  
 Mas me achiquei nesse dia  
 Pois o pobre parecia  
 Solito ali no varzedo  
 Uma criança com medo

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Quando se perde dos pais  
 Nem bem o peguei no mais  
 Ficou chupando meu dedo.

Encarangado de frio  
 Levei-o adiante pra o rancho  
 Seguido por um carancho  
 Que esvoaçava em mau agouro  
 Depois o bico de couro  
 A garrafa o leite quente  
 Que ele chupou como gente  
 Entre resmungos de choro.

Desde então esse guachinho  
 É mais um filho que tenho  
 E de manhã quando venho  
 Chimarrear junto ao fogão  
 Corre a me lambar a mão  
 Se esfregando carinhoso  
 Assim como piá mimoso  
 Quando nos pede benção.

Faz arte e estrepolias  
 Qual o guri que não faz  
 Pula pra diante e pra trás  
 Quando seca a mamadeira  
 Entra dentro da peneira  
 Onde debulho a ração  
 Sobe encima do tição  
 E até me vira a chaleira.  
 E há os que não gostam de guachos  
 Porque incomodam demais  
 Talvez porque tendo pais  
 Nunca lhes deram valor  
 Ou desconheçam a dor

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Dos que ficaram sozinhos  
 E andam campeando carinhos  
 Nas mendicâncias do amor.

Eu não fui criado guacho  
 Graças ao deus soberano  
 Mamei até o sobre-ano  
 Sem misérias nem surpresas  
 Porém conheço as tristezas  
 Dos guachos sem lar nem teto  
 E sei que a fome de afeto  
 É a mais cruel das pobrezaas.

E é por ter pena dos outros  
 Que andam solitos na terra  
 Que quando esse guacho berra  
 Meu peito xucro se amansa  
 Pois eu sinto na confiança  
 Que inspiro ao pobre borrego  
 O mesmo anseio de aconchego  
 Que tive quando criança  
 (Letras: Jayme Caetano Braun)

**Esquilador**

Quando é tempo de tosquia  
 Já clareia o dia com outro sabor  
 Quando é tempo de tosquia  
 Já clareia o dia com outro sabor

As tesouras cortam em um só compasso  
 Enrijecendo o braço do esquilador  
 As tesouras cortam em um só compasso  
 Enrijecendo o braço do esquilador



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Um descascarreia, o outro já maneia  
 E vai levantando para o tosador  
 Um descascarreia, o outro já maneia  
 E vai levantando para o tosador

Avental de estopa, faixa na cintura  
 E um gole de pura pra espantar o calor  
 Avental de estopa, faixa na cintura  
 E um gole de pura pra espantar o calor

Alma branca igual ao velo,  
 Tosando a martelo quase envelheceu  
 Alma branca igual ao velo,  
 Tosando a martelo quase envelheceu

Hoje perguntando para a própria vida  
 Pr'onde foi a lida que ele conheceu  
 Hoje perguntando para a própria vida  
 Pr'onde foi a lida que ele conheceu

Quase um pesadelo, arrepia o pêlo  
 Do couro curtido do esquilador  
 Quase um pesadelo, arrepia o pêlo  
 Do couro curtido do esquilador

Ao cambiar de sorte levou cimbronaço,  
 Ouvindo o compasso tocado a motor  
 Ao cambiar de sorte levou cimbronaço,  
 Ouvindo o compasso tocado a motor

A vida disfarça lembrando a comparsa  
 uando alinhavava o seu próprio chão  
 A vida disfarça lembrando a comparsa  
 Quando alinhavava o seu próprio chão

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Envidou os pagos numa só parada,  
33 de espada, mas perdeu de mão  
Envidou os pagos numa só parada,  
33 de espada, mas perdeu de mão

Nesta vida guapa vivendo de inhapa,  
Vai voltar aos pagos para remoçar  
Nesta vida guapa vivendo de inhapa,  
Vai voltar aos pagos para remoçar

Quem vendeu tesouras na ilusão povoeira,  
Volte pra fronteira para se encontrar  
Quem vendeu tesouras na ilusão povoeira,  
Volte pra fronteira para se encontrar

Quando é tempo de tosquia  
Já clareia o dia com outro sabor  
Quando é tempo de tosquia  
Já clareia o dia com outro sabor

As tesouras cortam em um só compasso  
Enrijecendo o braço do esquilador  
As tesouras cortam em um só compasso  
Enrijecendo o braço do esquilador

Nesta vida guapa vivendo de inhapa,  
Vai voltar aos pagos para remoçar  
Nesta vida guapa vivendo de inhapa,  
Vai voltar aos pagos para remoçar

Quem vendeu tesouras na ilusão povoeira,  
Volte pra fronteira para se encontrar  
Quem vendeu tesouras na ilusão povoeira,  
Volte pra fronteira para se encontrar  
Volte pra fronteira para se encontrar

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Volte pra fronteira para se encontrar  
 Volte pra fronteira para se encontrar  
 (Letra: Telmo de Lima Freitas)

**Velho João esquilador**

O tosador que foi João  
 Nunca mais há de voltar  
 A Morte veio esquilar  
 O corpo velho maneado  
 Sua tesoura no passado  
 Era afiada, era ligeira  
 Da comparsa era a primeira  
 E hoje o fio tá enferrujado

Resta na imaginação  
 Lembrar as tardes tranquilas  
 Os causos entre as esquilas  
 A canha contra o calor  
 Foi o tempo embolsador  
 Socando velos de sonho  
 Na vida do João tristonho  
 Que é bolsa de esquilador

Vai morrer nalgum novembro  
 Velho João sem tirador  
 No céu com Nosso Senhor  
 Que não é rei, nem patrão  
 Há de achar a gratidão  
 Por tantos velos atados  
 E os seus dedos encerados  
 Justos cobres guardarão  
 (Letra: Fernando Mendonça Mendes)

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

A lida com ovinos é um tema que aparece nas canções folclóricas e nativistas de toda a região platina, bem como na iconografia sobre a região sul.

<b>9.3. Cronologia</b>	
Data	Evento
Século 17 (década de 1630)	Introdução dos rebanhos bovinos, muar, ovinos, equinos, caprinos na região das bacias platinas, a partir das Reduções Guarani na Província Jesuítica do Paraguai. Abandono das reduções na margem oriental do Rio Uruguai, devido aos ataques de bandeirantes. Asselvajamento dos rebanhos na Vacaria do Pinhais e na Vacaria do Mar.
Século 17 (década de 1680)	Retomada do projeto Missioneiro na margem oriental do Rio Uruguai e fundação dos Sete Povos das Missões. Implantação das estâncias dos Guarani na região da pampa para a criação de rebanhos, tendo em vista o abastecimento das reduções e a comercialização do gado.
Século 18 (década de 1730)	Aumento da colonização portuguesa na região, a partir da distribuição de sesmarias e da fundação de povoados.
Século 18	Caça do gado bravo para comercialização da carne e do couro. Caça do gado muar para fornecimento na região das minas brasileiras.
Século 18 (1753-1756)	Guerra Guaranítica, envolvendo os exércitos portugueses e espanhóis contra o povo Guarani Missioneiro e os padres Jesuítas. Declínio das Missões. Abandono das estâncias Guarani e dos rebanhos.
Século 18 (1780)	Fundação das primeiras charqueadas na região pampeana do Brasil, do Uruguai e da Argentina.
Século 19	Intensificação da instalação das charqueadas no Rio Grande do Sul, com vasta utilização de mão de obra africana escravizada.
Século 19 (1850)	Lei de Terras é publicada pelo imperador Dom Pedro II, apropriação das terras e alteração da estrutura fundiária.
Século 19 e início do século 20	Declínio das charqueadas e instalação de frigoríficos.
Década de 1940	Constituição das primeiras cooperativas voltadas para a produção laneira no Rio Grande do Sul.
Século 20 (a partir de 1950)	Aumento do monocultivo, com lavouras de arroz, de milho, de soja e da silvicultura.



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Década de 1960	Momento de grande produção laneira para abastecimento do mercado nacional e internacional.
Década de 1970	Declínio da produção, em função do incentivo à produção de grãos, uso de tecidos sintéticos e à competitividade com a produção internacional.
Século 20 (a partir da década de 1980)	Novos modelos fundiários. Assentamentos da Reforma Agrária. Terras Quilombolas. Terras Indígenas.
Década de 1990	Aumento dos rebanhos ovinos, voltados para a produção de carne.
Século 21	Intensificação da supressão da pampa, através de projetos de monocultivo, de mineração e outros.

## 10. Produtos patrimoniais

<b>10.1. Repertório ou principais produtos</b>
<i>Lida campeira</i> , a partir da criação de ovinos para a produção da lã. Retirada da lã pela esquila. Atividades de transformação da lã: fiar e tecer, gerando a produção de inúmeras peças, como poncho, xergão que são destaque por serem muito utilizados pelos trabalhadores do campo nas atividades da <i>lida campeira</i> . Também a produção de carne para o consumo da família, principalmente, e de pelegos utilizados na encilha na <i>lida campeira</i> .

<b>10.2. Processo de trabalho e comercialização</b>	
<b>Etapa</b>	<b>Atividade</b>
Compra de animais	Comprar animais para a renovação do rebanho (carneiros e matrizes).
Época de cobertura	Os animais são separados em poteiros diferentes a partir do fenótipo (classificando os melhores da raça em relação às características e a qualidade da lã). Essa separação é realizada após a análise da Arco.
Parição	Período em que produtor deve estar atento, para cuidar dos nascimentos, mantendo as fêmeas com seus filhotes próximo as casas para proteger de predadores e intempéries como o frio e a chuva.
Esquila	Realizada, geralmente, de outubro a dezembro, período em que o clima começa a aquecer. Na esquila é retirada a lã dos ovinos. É uma forma de proporcionar bem estar ao animal, pois retira o velo dele que lhe aquece e pesa sobre o corpo no período de calor. Assim, propicia que o animal se movimente, se alimente e viva melhor. A esquila propicia, também, o abastecimento do comércio de lã.  A atividade compõe a <i>lida campeira</i> , executada pelo esquilador, junto a um grupo de trabalhadores organizados em “ <i>comparsa</i> ”, composta, via de regra, pelo esquilador, pelo

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>agarrador (encarregado de pegar a ovelha para a esquila), pelo cancheiro (realiza a limpeza do ambiente), pelo descascarreador (faz a limpeza das patas, barriga e traseira, as partes mais sujas do animal), pelo atador do velo, pelo levantador (alcança o velo para o embolsador que coloca a lã nos sacos e organiza os velos enfardados). Essa configuração, em relação ao número de integrantes, dá-se de acordo com o tamanho do rebanho a ser esquilado, ficando, em alguns casos, mais de uma função a cargo de uma mesma pessoa.</p> <p>Na propriedade do Sr. Luiz é feita a esquila com máquina, no método Tally Hi, realizada desde o ano de 2000. O método surgiu na Austrália, por volta de 1950, chegando ao Brasil na década de 1970, através da fronteira com o Uruguai, onde já era utilizado. No método Tally Hi o animal não é “<i>maneado</i>” (amarrado), fica solto, gerando menor estresse para o ovino, ele se movimenta menos, dessa forma permite maior agilidade no processo, podendo esquilar um número maior de animais em menos tempo. Propicia mais perfeição na retirada do velo, mantendo a finura e qualidade da fibra.</p> <p>A esquila a martelo é a mais realizada no Rio Grande do Sul. É o método tradicional de retirada da lã. Realizada com tesoura de metal, composta por duas folhas, denominada de tosa a martelo, devido ao som que é criado no movimento da tesoura, que é semelhante ao de um martelo. Nessa forma de esquila o animal é “<i>maneado</i>”, havendo maior estresse e maior dificuldade de executar a atividade, havendo menor agilidade.</p>
Micronagem	<p>Atualmente, a indústria cada vez mais está em busca de lãs finas, então para determinar a finura da lã é realizada a micronagem, que mede o diâmetro da fibra da lã em micras (ou seja, a finura da lã), e, por meio dessa classificação, pode-se agregar valor à fibra. Micra é a unidade de medida relacionada à espessura que equivale à milésima parte de um milímetro. Essa medição é realizada por um aparelho, o Optical Fibre Diameter Analysys (OFDA ou OFDA 2000), a medição com o aparelho traz um diagnóstico mais detalhado da lã produzida. O resultado vai além da finura da fibra, da avaliação física e nutricional do animal, apontando se há necessidade, ou não, de melhorias na forma de manejo do rebanho. Propiciando a seleção dos animais com melhor fenótipo, as “matrizes”, eliminando os que estiverem fora do padrão em relação a raça e a finura.</p> <p>O Sr. Luiz começou a pensar na classificação da lã. Procurar conhecer a finura e melhorar a qualidade da lã do seu rebanho, em 2016. O interesse teve início a partir da assessoria técnica de um médico veterinário, que lhe questionou sobre a finura da lã produzida. Naquele momento, o pecuarista coletou uma amostra e enviou para a ARCO realizar a avaliação da micronagem da lã. A partir daí o procedimento é realizado todo o ano, pouco antes da esquila. Um técnico credenciado à ARCO vai até a propriedade e faz a coleta das amostras de lã. Este material é enviado para a ARCO, que classifica as mechas, para logo realizar a avaliação da finura da fibra, elasticidade, comprimento e resistência. Por meio desta qualificação, pode ser avaliada a situação</p>

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	da nutrição e de problemas sanitários do rebanho. Com o conhecimento desses dados detalhados, o produtor pode fazer melhorias no manejo do rebanho, propiciando uma fibra com maior qualidade e valorização.
Pastoreio com ovinos – cuidados	A atividade exige cuidados diários, tendo que recorrer o campo a fim de analisar o rebanho, que pode apresentar ferimentos, estar abichados, ou desenvolver frieira no casco. Fazendo a trocas de poteiros para pastos melhores, tendo em vista a nutrição do animal.
Piqueteamento e/ou Pastoreio Rotativo Voisin.	<p>Consiste na divisão dos campos em pequenas áreas cercadas, fazendo com que o gado bovino e/ou ovino realize o rodízio, permanecendo por algum tempo em cada piquete ou <i>potreiro</i>. Tal método permite o <i>descanso</i>, a renovação e conservação dos pastos nativos bem como o controle das verminoses e dos carrapatos.</p> <p><i>“No fim de dezembro eu começo a entrar com as vacas. Boto um lote de 30/40. Sempre as ovelhas na frente. Nesse sistema tu tem que deixar rapar bem o pasto. Ele vai brotar com força e parêlo. Se o pasto ficar alto, na próxima ele vai ficar engrossando e o animal acaba não comendo. Então, o certo é deixar ele baixinho. Tu bota as vacas num piquete e, na mesma hora, tu botas as ovelhas no outro. Quando as vacas rapam, as ovelhas vão para outro e as vacas vão para onde estavam as ovelhas. Tem gente que diz que as ovelhas sujam o pasto e isso não funciona. Funciona porque o gado não seleciona onde a ovelha urina e esterca. Seleciona o dele mesmo. Onde a vaca estercou e urinou, por 30/40 dias ela não pasta mais ali. Mas da ovelha não. Tanto é que tu botas aí e elas comem tudo, onde a ovelha estercou. Só não come se tu deixar ela solta. Aí ela vai selecionar. Mas se ficar dentro de uma área pequena.”</i> (Seu Mário)</p>

10.3. Principais participantes	
Status	Função
Pecuaristas familiares	Realizam o cuidado diário e o manejo dos rebanhos na pecuária familiar. Pastoreio extensivo, em campo nativo, geralmente, com o apoio de cães e cavalos.
Artesã	Geralmente, executa todas as etapas. Na contemporaneidade, algumas artesãs se especializam na feitura do fio, realizando a preparação da lã, que envolve lavar, cardar e fiar a lã.
Esquilador	Individualmente, ou em equipes, chamadas, também, de " <i>comparsas</i> ", realizam a retirada da lã.

10.4. Capital e instalações	
Descrição	<b>Banheiro de imersão para ovinos</b> - Não é mais utilizado. Era presente em algumas localidades.
Quem provê	A família é quem provê utilizando materiais existentes na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada, principalmente, artesãos e pedreiros. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Função</b>	Banhar o gado, na cura ou prevenção, contra ectoparasitas.
---------------	--

<b>Descrição</b>	<b>Mangueiras ou currais</b> - Cercas de arame ou madeira, em diferentes formatos, onde os animais ficam presos durante os processos de vacinação, de cura, de banho, de castração e demais atividades de cuidado.
<b>Quem provê</b>	A família é quem provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
<b>Função</b>	Evitar que os animais se dispersem pelo campo antes de serem tratados.

<b>Descrição</b>	<b>Brete</b> - Corredor de madeira por onde os animais passam para serem tratados, ou para serem presos.
<b>Quem provê</b>	A família é quem provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
<b>Função</b>	Individualizar o tratamento dos animais, colocando-os enfileirados, um atrás do outro, sem que possam se deslocar.

<b>Descrição</b>	<b>Embarcadouro ou Carregador</b> - O mesmo que embarcadeira. Rampa de troncos, com inclinação adequada, para permitir o acesso de animais (bovinos, equinos, ovinos, caprinos) a um caminhão de transporte ou a um vagão de trem. Lugar, na costa de um rio ou num porto, onde se transladam animais, veículos ou cargas para um barco, chata ou balsa (SCHLEE, 2019a: 347).
<b>Quem provê</b>	A família é provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
<b>Função</b>	Organizar o embarque dos animais, colocando-os enfileirados, um atrás do outro, para que entrem no transporte.

<b>Descrição</b>	<b>Potreiro</b> - Potreiros (são cercados menores dentro da propriedade onde os animais se alimentam).
<b>Quem provê</b>	A família é quem provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Função</b>	Manter os animais reunidos em um determinado espaço físico, para alimentação. Dessa forma, preservasse, sempre, outros poteiros com alimentos (pastos) para posterior consumo. Sem os poteiros, os animais ficam soltos pelos campos; com isso há maior dificuldade de arrebanhá-los.
---------------	---

**10.5. Matérias primas e ferramentas de trabalho**

<b>Descrição</b>	<b>Arreios</b> - Conjunto de peças utilizadas para montaria, tanto para <i>lida campeira</i> , quanto para doma e gineteada. Há variações dos arreios conforme sua utilização, porém, os itens básicos, utilizados para montaria, serão descritos de acordo com observação e entrevista. Os arreios ou aperos mais comumente usados para a <i>lida campeira</i> estão dispostos na seguinte ordem de sobreposição: xergão, carona, basto/sela/serigote, cinchão (ou cincha), pelegos, badana (nem sempre é usada) e barrigueira. Fazem parte do conjunto, ainda, os estribos, a cabeçada com freio e rédeas e o bocal com cabresto (opcional). Pode-se considerar parte do conjunto, ainda, o rebenque/mango/relho (usado para instigar o animal a acelerar a andadura, ou, no caso do esporte de gineteada, para fazer o animal pular com o cavaleiro sobre ele. Os arreios podem sofrer variação, porém os relacionados acima, são os mais comumente utilizados na região.
<b>Quem provê</b>	Pode ser confeccionado na propriedade rural ou adquirido diretamente de artesãos guasqueiros ou em lojas especializadas.
<b>Função/ Significado</b>	Conjunto de artefatos utilizados para a montaria. O cavaleiro pode optar pelo conjunto de arreios mais adequado para seu objetivo, <i>lida campeira</i> , doma do cavalo ou gineteada.
<b>Disponibilidade</b>	Cada pecuarista possui o seu e pode ser disponibilizado nas localidades.

<b>Descrição</b>	<b>Xergão</b> - é um artefato confeccionado em lã crua, em geral produzido artesanalmente, através da fiação e tear. Seu formato é aproximadamente um retângulo e deve cobrir todo o lombo do animal, caindo pelos lados do mesmo, não chegando a cobrir toda a região das costelas do cavalo. Todos os outros artefatos que fazem parte dos arreios de montaria apoiam-se sobre o xergão.
<b>Quem provê</b>	O xergão pode ser confeccionado na propriedade rural, porém, em geral, é comprado de artesãos que trabalham com a fiação da lã e a confecção do artefato com o tear.
<b>Função/ Significado</b>	Serve para proteger o lombo do animal contra o atrito do basto/sela/serigote.
<b>Disponibilidade</b>	Cada pecuarista possui o seu e pode ser disponibilizado nas localidades.

<b>Descrição</b>	<b>Pelegos</b> - São feitos da pele inteiriça de ovinos, a parte " <i>carne</i> " é a de contato com a carne do ovino in vivo. A parte externa é a lã do ovino sem que este tenha sido tosado (tosa: retirada do excesso de lã dos ovinos para venda desse material e para aliviar os animais do calor do verão). Os
------------------	--

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	pelegos são colocados sobre o basto/sela/serigote, com a parte externa (lã) voltada para cima. Pode ser utilizado um ou mais pelegos sobrepostos.
<b>Quem provê</b>	Pode ser confeccionado na propriedade rural ou adquirido diretamente de artesãos ou em lojas especializadas.
<b>Função/ Significado</b>	Minimiza o atrito das pernas do cavaleiro com o basto/sela/serigote. É para proteção do cavaleiro.
<b>Disponibilidade</b>	Cada pecuarista possui o seu e pode ser disponibilizado nas localidades.

<b>Descrição</b>	<b>Máquina de esquila</b> - Máquina com tesoura mecânica utilizada para esquilar grandes rebanhos, devido a agilidade do trabalho
<b>Quem provê</b>	O produtor ou a comparsa de esquila.
<b>Função/ Significado</b>	Fazer a retirada da lã do rebanho de ovinos.
<b>Disponibilidade</b>	Pode ser do pecuarista, da comparsa responsável pela esquila ou de associações laneiras.

<b>Descrição</b>	<b>Tesoura de esquila</b> - Esquila realizada com tesoura é a forma tradicional, é uma ferramenta de aço composta por duas folhas cortantes.
<b>Quem provê</b>	O produtor ou o esquilador.
<b>Função/ Significado</b>	Fazer a retirada da lã do rebanho de ovinos.
<b>Disponibilidade</b>	Cada pecuarista possui a sua. Pode ser disponibilizado nas localidades ou encontrado em lojas voltadas para a agropecuária.

<b>Descrição</b>	<b>Faca ou facão</b> - Demétrio Xavier (ver Ficha “Anexo: Contatos”) menciona que seu pai dizia que <i>“faca não é arma é ferramenta”</i> , indicava, também, que esta coisa de lida era um instrumento masculino, distinguindo-se da faca de cozinha. Menciona, ainda, o texto de Ondina Fachel Leal sobre o uso da faca pelas mulheres na benzedura e simpatia.  Conforme Demétrio o gauchismo, quer pelo caminho do tradicionalismo organizado ou de forma mais independente, muitas vezes, faz com que as pessoas busquem os costumes mais “ancestrais” e deixem de lado suas versões mais contemporâneas, que talvez lhes pareçam menos interessantes. Então, desde as primeiras décadas do século 20, é muito mais usual como faca gaúcha a <i>“carneadeira”</i> , adequada ao trabalho que o nome indica. Uma faca sem ponta, de lombo reto, larga. Mas quem cultiva o gauchesco prefere, muitas vezes, um modelo anterior, uma faca
------------------	---

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	2

	<p>polivalente que remete muito mais ao século 19. Facas que eram simultaneamente armas e ferramentas. Ao longo do século 20, certamente as carneadeiras foram as facas mais usadas. Hoje, os colecionadores de facas começam a despertar para esse tipo de artigo, mas certamente essa seria a faca que se veria às costas de um peão de campo, desde os anos 20. Talvez ele usasse, também, uma adaga ou um punhal, exclusivamente pela necessidade de uma arma branca ou gosto por portá-la. mas a faca por excelência no campo é a carneadeira, acompanhada ou não de chaira. Contudo, o debate sobre as facas implica na dimensão das coisas e das pessoas na <i>lida campeira</i>, bem como a dificuldade de separação entre os domínios da casa e do campo. Como apontam autores como Baretta e Marcoff (1978) e Farinatti (2007), a mesma mão de obra utilizada nas atividades pastoris era a utilizada nas guerras, ao longo de toda a constituição das fronteiras no Brasil meridional. Isso gerava a necessidade de cada estância possuir um número de peões suficientes para empenhar-se nos confrontos, tendo, ainda, aqueles que pudessem permanecer na propriedade, seja para a defesa do local, seja para, mesmo que minimamente, dar andamento às atividades de manejo dos rebanhos. Em diálogo com Baretta e Markoff (1978), a expansão colonial na América Latina foi responsável pela introdução de rebanhos nos territórios indígenas, motivo de constantes confrontos e tensões no avanço de fronteiras. Sejam guerras causadas pelos tantos conflitos para defesa e demarcação (ou expansão) das fronteiras, mas, também, pelas tensões provenientes do interior dessa sociedade.</p> <p>Em combate, os conhecimentos sobre o território e o manejo dos animais eram elementos importantes para a manutenção das tropas – e as ferramentas de trabalho eram, virtualmente, as armas. Nesse sentido, pensar na faca enquanto uma ferramenta de trabalho, leva-nos a pensar no que consiste tal trabalho, bem como a dimensão de “instituição total” que pode configurar os regimes produtivos nas estâncias, em que relações de parentesco, compadrio e afinidade nem sempre podem ser desassociadas. Logo, é possível pensar em uma “tradição de violência”, como apontam Baretta e Markoff (1978: 587), ou num recorrente “espaço de morte”, comum a processos coloniais de longa duração, como defende Taussig (1993), que torna a experiência da pecuária e do pastoreio uma atividade em relação constante com confrontos e disputas fronteiriças.</p>
<b>Quem provê</b>	Cada campeiro/a tem a sua faca que, geralmente, o acompanha na lida.
<b>Função/ Significado</b>	Faca para carnear, “ferramenta” da lida - com bom corte para “ <i>todo o serviço</i> ”. A faca como arma, punhal. A faca como símbolo de masculinidade.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente com artesãos cutedeiros ou em lojas especializadas.

Obs.: Ver Ficha “Ofícios e Modos de Fazer - Lida Caseira”.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>10.6. Comidas e bebidas</b>	
<b>Descrição</b>	Churrascos de ovelha e cabrito assados no espeto, em fogo de chão.
<b>Quem provê</b>	A família é quem provê, a partir dos animais da propriedade.
<b>Função/ Significado</b>	Servidos no almoço e no jantar. Também acompanha os momentos de sociabilidade.

<b>10.7. Objetos e instrumentos rituais</b>	
<b>Descrição</b>	
<b>Quem provê</b>	
<b>Função/ Significado</b>	

<b>10.8. Trajes e adereços</b>	
<b>Descrição</b>	Pilcha - Conjunto de vestimentas utilizada por homens e mulheres campeiros/as. Compõe-se de bombachas (calças presas por botões no tornozelo), lenços (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargatas (sapatilhas de tecido com sola de corda ou borracha), chapéus (feito de couro ou feltro) ou boinas (espécie de boné, sem aba, feita de lã ou feltro), ponchos e palas, que são capas de pano ou lã, com forma redonda, retangular ou ovalada, tendo uma abertura no centro por onde passa a cabeça e, por fim, as botas, feitas em couro. A bota é um calçado apropriado para andar a cavalo, pois não têm agarradeiras, o que facilita que deslize do estribo em um eventual acidente. A bota protege os pés contra ataques de animais como cobras.
<b>Quem executa</b>	Cada pessoa é responsável por prover os seus trajes e adereços.
<b>Função / Significado</b>	Peças da indumentária campeira, atuam como artefatos para proteger da chuva, do sol, do frio, dos bichos. Atuam, também, como elementos simbólicos de um modo de ser e viver campeiro, que transpassam o cotidiano da lida, sendo reinventado por movimentos culturais urbanos (VARGAS, 2016).

<b>10.9. Danças</b>	
<b>Descrição</b>	
<b>Quem executa</b>	
<b>Função / Significado</b>	



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

10.10. Músicas e orações	
<b>Descrição</b>	Música campeira - Estilo musical cujas letras narram, refletem e representam os modos de viver dos/as campeiros/as narrando situações de lidas bem como aspectos que se esperam ou se interpretam como característicos deste modo de viver tais como as melhores maneiras de manejar os animais e os atributos necessários para ser campeiro/a. As situações cantadas muitas vezes foram vividas pelo próprio narrador ou referem-se a fatos cotidianos, de relações com os bichos e com os campos.
<b>Quem provê</b>	Artistas musicais e poetas, envolvidos direta ou indiretamente com os modos de viver campeiro/as.
<b>Função / Significado</b>	A música campeira é escutada nos momentos de sociabilidade como o chimarrão ou churrasco ou nos momentos entre as lidas como no início da manhã e no final de tarde. Nas vivências etnográficas pelos galpões percebeu-se que nestes ambientes sempre haviam rádios sintonizados em emissoras com programas voltados para tal estilo. Por conseguinte, interlocutores e interlocutoras fazem referências a determinadas letras de música como forma de argumento do seu relato. Alguns interlocutores e interlocutoras são poetas, compositores e músicos.

10.11. Instrumentos musicais	
<b>Descrição</b>	
<b>Quem provê</b>	
<b>Função / Significado</b>	

10.12. Atividades após a execução	
<b>Executante</b>	<b>Atividade</b>

**11. Destinação do produto**

<b>Para uso próprio</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Vende</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Troca</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Outro</b> <input type="checkbox"/>	<b>Especificar:</b>
<b>Participação na renda familiar</b>	<b>Sim</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Não</b> <input type="checkbox"/>	<b>Principal fonte de renda</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Complemento</b> <input checked="" type="checkbox"/>
<b>Modo de Comercialização</b>	<b>Direto</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Intermediário</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Cooperativa/Associação</b> <input checked="" type="checkbox"/>	

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

## 12. Participação em cooperativas ou associações

Alguns pecuaristas da região do Alto Camaquã fazem parte de associações comunitárias e de projetos de assessoria rural que incentivam a comercialização do que produzem. A venda desses bens pode ser realizada em feiras, exposições pecuárias e nos comércios comunitários e locais, o que contribui na renda familiar. Os produtores participam e são associados a diferentes entidades tais como a Cooperativas de Lãs Mauá, a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO), a Associação para o Desenvolvimento sustentável do Alto Camaquã (ADAC), a Associação para a Grandeza e União de Palmas (AGRUPA), a Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS-Ascar), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), o Comitê dos Povos Tradicionais do Pampa, bem como de associações religiosas e associações quilombolas.

## 13. Bens associados

Denominação	Código
Carneada/Cutelaria	<p>Conforme Schlee (2019a: 210) consiste no ato “de abater, matar um animal – e separar-lhe as partes para utilizar sua carne, couro, vísceras e ossos”. De uma maneira geral, as etapas da carneada são as seguintes: “escolher o animal, deixá-lo em repouso, sangrar, retirar o couro, retirar os intestinos e vísceras e realizar os cortes da carne” (CALDEIRA, 2021: 83).</p> <p>O ato é marcado por gestos que justificam que não será uma morte “em vão” (CALDEIRA, 2021). O abate deve ser realizado o mais rapidamente possível, para evitar causar dor desnecessária ao animal bem como de respeito pela vida que está em processo de se tornar carne. Nesse sentido, dois aspectos devem ser considerados no ato: 1) a habilidade do <i>sangrador</i>, que é o responsável por cortar as veias e artérias jugulares ou introduzir a faca no <i>sangradouro</i> que fica no lado direito do pescoço, junto ao peito do animal. O <i>sangrador</i> deve conhecer estes locais e ter em mãos uma boa faca, de “<i>bom corte</i>” e “<i>bem afiada</i>”, reconhecida como a “<i>faca carneadeira</i>”. Com ela em mãos, o <i>sangrador</i> adota uma performance de mediação entre o bicho vivo e o <i>carneado</i>; 2) os envolvidos no momento de sangrar não podem sentir “pena”, pois isso pode gerar dor ou fazer com que o animal leve mais tempo para morrer. Em alguns casos, filhos pequenos e/ou pessoas que sentem “pena” ou “dó” do animal devem ser afastadas, para não presenciarem o ato. Somente quando o animal estiver abatido essas pessoas poderão retornar ao local e seguir participando ou acompanhando o processo. Quando possível, após o abate, os filhos são</p>

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

estimulados a participarem, auxiliando em alguns preparos, para se familiarizar com a prática.

Geralmente, a carneada envolve mais de uma pessoa. Pode ser realizada de forma coletiva, com a participação de vizinhos ou de parentes de outras localidades. Quando o *sangrador*, que é o mestre, está prestes a sangrar, todos ficam quieto e observam o ato. Após a ação da faca, o animal esvai-se em sangue e morre lentamente. O *sangrador* lava as mãos e a faca suja de sangue e observa a morte. Após, os demais participam do processo retirando o couro e cortando as partes. Busca-se aproveitar o máximo possível, desde o couro, as vísceras até os ossos. A carne costuma ser distribuída entre os participantes que contribuíram com o abate. Os melhores cortes são destinados ao churrasco. Pode ser pensada, também, como uma atividade multiespécie (TAUSSIG, 2018), já que envolve outros animais, como os cachorros, que participam do ato se alimentando do sangue e das partes que não serão destinadas ao consumo humano. Em alguns casos, as vísceras são destinadas à alimentação dos porcos, com exceção de cortes como o coração e o fígado. Pode contar, ainda, com a participação dos animais do mato, como corvos e sorros, que podem se alimentar das carcaças e ossos que são colocados no campo, após o abate.

Nem todo/a campeiro/a é o *sangrador*, participando da carneada em outras tarefas. O ato é marcado por um aprendizado contínuo, no qual quanto mais experiências de *carnear* mais ágil e habilidoso o carneador se torna. Por fazer a mediação entre a vida e a morte, o carneador torna-se *sangrador* após longo tempo de prática. Outros já trazem a vocação e aprendem a *sangrar* já nas primeiras carneadas. Embora de diferentes maneiras, o fato é que ele vai sendo afetado pela experiência da morte. Inicialmente como uma “adrenalina”, em que “não sente pena”, o passar do tempo faz com que comece a pensar na morte e o ato requer outras atitudes de respeito e cuidado com animal que se tornará carne (CALDEIRA, 2021).

Além da faca carneadeira, existem outros diferentes tipos de faca que transitam entre os domínios da casa e do campo. Uma boa faca, *de bom corte e fio*, não é fácil de encontrar. Além disso, a escolha envolve aspectos como a beleza, o material do qual ela é feita, a durabilidade, a resistência e o conforto para as mãos de quem a maneja. Pode-se dizer que a faca “escolhe” o seu dono, passando a acompanhá-lo nos diferentes manejos. A “boa faca” é aquela que realiza com eficiência a ação ao qual ela foi destinada. Seja para cortar um

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

arreio, em caso de acidente com o cavalo, seja para sangrar ou courear um animal, e até mesmo para cortar o churrasco, quando acionada, deve fazer um “*serviço bem feito*”. Nesse sentido, as “*boas facas*” são feitas pelos melhores artesãos couteiros, reconhecidos pelas habilidades manuais na confecção destas ferramentas cortantes. Considera-se que o couteiro artesão, por participar de todos os processos na feitura da faca, imprime uma qualidade diferenciada ao artefato. Além disso, a relação direta com consumidor faz com que se crie vínculos de confiança, pois o couteiro busca atender o seu gosto, bem como o consumidor tem a certeza de que foi feita para atender o desejo dele. Uma faca feita a mão é um artigo considerado “de luxo”, com qualidade superior às facas compradas em lojas, vistas como de qualidade duvidosa, embora muitas delas possam “surpreender” quem as adquire.

Agricultura de cercado

O cercado é um “espaço delimitado por uma cerca – geralmente utilizado na campanha para a lavoura” (SCHLEE, 2019a: 226). O “*cercado*” tem sua existência em função da presença de animais domésticos como galinhas, porcos, cavalos, bois, ovelhas e cabras, bem como animais asselvajados como javalis, lebres e preás. Por isso, o entorno é feito com cercas de arames, bambus e outros materiais.

É o local onde se produz grãos, como o milho e o feijão, tubérculos como a batata-doce, a abóbora e a mandioca entre outros alimentos voltados para o consumo de humanos e de outros animais. De acordo com Dona Vanda, em Piratini, “*Feijão a gente planta. O milho a gente planta. A gente colhe abóbora e verduras. Então, a gente só compra coisas de mercado*”. Conforme Amilton Camargo, no Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, as famílias plantam: “*milho, feijão, tudo que... hortaliça, tudo que é pra consumo próprio mesmo, pra subsistência mesmo, não é pra vendas (...). Tem lavoura de milho, mandioca, batata, é... Que a gente chama de produto de cercado. São as coisas, assim, mais grossas, pra alimentação mesmo. Produção de cercado que é mandioca, batata, essas coisas que a gente produz ali.*”

Tal riqueza de alimentos é fator de cobiça dos bichos que estão tanto no campo quanto no mato. Assim, além da cerca, colocam-se espantalhos, redes e outras estratégias para dificultar o acesso de bichos que a cerca não impede, tais como pássaros, ouriços, tatus. O animal doméstico que consegue cercar as barreiras e entrar no cercado é chamado de “*chacareiro*” ou “*roceiro*”. Nesse caso, uma das estratégias acionadas é o uso de *cangas* ou *cangalhas*, que dificultam ainda



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	2

mais o acesso. Entretanto, nos casos em que estas estratégias não surtam efeitos, o animal deverá ser trocado de campo, ou mantido “a sogá”, que é ficar preso por uma corda, ou até mesmo ser vendido. Tanta cobiça se dá pelo fato de que, para além dos cultivos existentes, é o local onde os pastos estão verdes por não estarem sendo consumidos. Nesse sentido, o cercado é, também, uma reserva de pastos, os quais, após a retirada dos cultivos, serão liberados para consumo, principalmente dos animais “fracos”, que estão amamentando ou que precisam de um engorde mais rápido. A presença dos animais, por sua vez, alimenta e nutre a terra pelo esterco e pela urina, fazendo com que a mesma se renove para a próxima plantação.

O cercado está, assim, emaranhado com as lidas caseiras e campeiras enquanto um fator de autonomia e vitalidade (DIAS, 2021). Cuidar da terra e receber dela os alimentos que nutrem os corpos de humanos e bichos constitui o movimento que dá vitalidade aos seres vivos e ao ambiente. Nesse emaranhado de relações estão envolvidos outros fatores, como a incidência da luz solar e das chuvas. Nos finais de tarde, quando o serviço na fazenda estava feito, Seu Beto descia do cavalo, colocava umas botas de borracha e se dirigia ao cercado. “*Eu venho para cá à tardinha. Venho, planto um pouco. No outro dia venho e planto mais um pouco. É pela própria natureza que a gente colhe aqui. Não tem remédio.*” Portanto, há uma relação de reciprocidade entre os humanos, os bichos e a terra, em que se trabalha, cuida e nutre a terra, que, por sua vez, produz alimentos em retribuição. Mas para retribuir, o solo tem que ser respeitado, ou seja, não receber “remédios” – defensivos químicos. Trabalha-se a terra ao passo que ela retribui com suas potencialidades, em um processo de “negociação” entre as necessidades de consumo e o que a terra pode oferecer (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997; LIMA, 2020).

No cercado, chamado, por vezes, de “roça”, misturam-se diferentes cultivos e vidas, remetendo estes manejos às práticas agrícolas Guarani. Ao etnografar essas práticas na comunidade Guarani *Yyguá Porã*, às margens do Rio Camaquã, na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, a antropóloga Cristiane Feijó (2015), demonstra o quanto a organização destes espaços estão relacionados à cosmovisão desses povos, sendo a roça um entrecruzamento de relações e reciprocidades entre humanos, divindades e plantas-sementes. Tais relações, segue a autora, alimentam não somente os corpos, mas todo o mundo *Mbya* Guarani, envolvendo relações de trocas com os rios, com as matas, com

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>os animais, com os minerais, com as sementes, etc, constituídos, por sua vez, pelos espíritos de seus “donos”, divindades do panteão Guarani. É assim que o cercado, ou a roça, operam como espaços de trocas de vitalidades que nutrem os corpos-espíritos dos modos de viver e habitar das populações tradicionais.</p>
Cultivo tradicional de erva-mate	<p>Historicamente, a exploração comercial da erva-mate (<i>Ilex paraguariensis</i> A. St. Hil.) foi responsável por um dos principais ciclos da economia brasileira, quando estimulou o surgimento e o desenvolvimento de diversas localidades na região Sul brasileira. O cultivo e a exportação de erva-mate foi essencial para a manutenção das reduções Guarani, desde o século 17, por meio do manejo dos ervais nativos na região platina. Atualmente, o cultivo dessa espécie ainda representa importante potencial econômico, sociocultural e ecológico à região.</p> <p>Conforme as pesquisas da Embrapa (PENTEADO JUNIOR; GOULART, 2019), a erva-mate é o principal produto florestal não madeireiro da economia na região Sul do Brasil. A espécie ocorre naturalmente nos estados do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, no sul do Mato Grosso do Sul e no extremo sul de São Paulo. Consumida na forma de chimarrão e de infusão, especialmente nos estados do Sul do país, a cada dia aumenta o interesse do mercado internacional pelas propriedades da erva-mate, como teor de cafeína, teobromina e saponina.</p> <p>Existe um amplo espaço para ocupar neste mercado, mas é possível, também, desenvolver novos produtos tendo a erva-mate como matéria-prima, como infusões, energéticos, cosméticos e produtos de limpeza. Crescem as oportunidades do mercado de erva-mate e melhorias no sistema de produção podem auxiliar o produtor a se tornar mais competitivo.</p> <p>A prática do cultivo e do manejo de erva-mate oferece, ainda, uma alternativa econômica entre grupos Guarani (Mbya), no Rio Grande do Sul, como foi possível visualizar na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, na Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, que realizada a produção tradicional.</p>

**14. Plantas, mapas e croquis**

--

**15. Documentos inventariados**

<b>15.1. Documentos escritos, desenhos e impressos em geral</b>
---

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

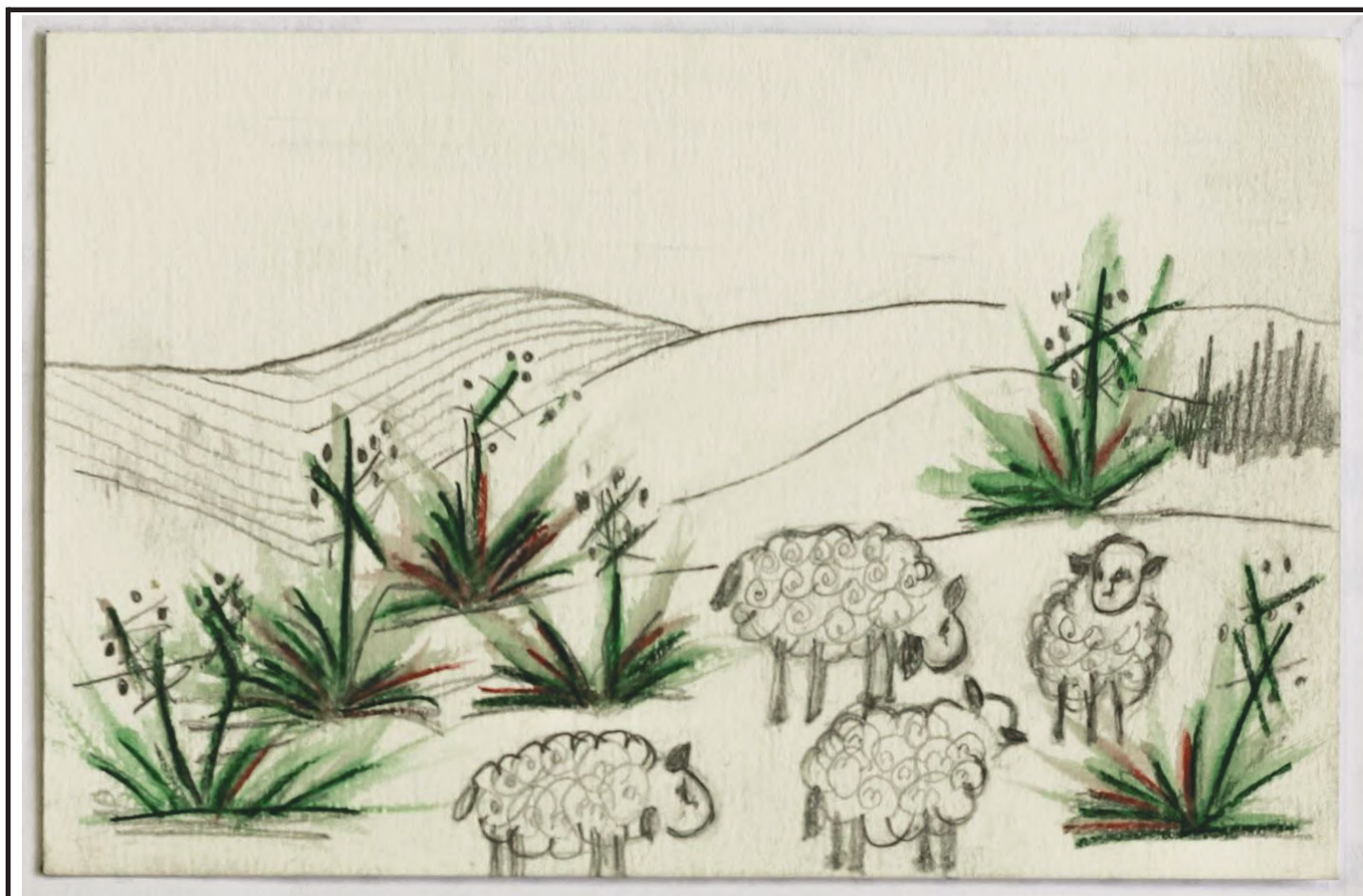


Imagem 1: Ovinos em campo nativo.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 3: Esquila a martelo.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**15.2. Registros sonoros e audiovisuais**

**15.3. Registros fotográficos**  
 Para mais informações sobre os Registros Fotográficos ver Ficha “Anexo: Registros Audiovisuais”.

**16. Observações**

**16.1. Aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento**

A pesquisa do INRC Lida Campeira identificou que a comercialização da lã é um tema carente de estudos que identifiquem com maior profundidade o sistema econômico e produtivo laneiro no Rio Grande do Sul, bem como sua relação com a região platina. Conforme a pesquisa, as cooperativas de lã adquirem uma parte da produção, que é comercializada no Uruguai, de onde parte para o mercado internacional, especialmente na China. Contudo, as pesquisas indicam que essa lã é exportada como lã uruguaia. Outro ponto que necessita ser refletido é a presença das barracas de lã que operam na região, sobre as quais existem dados esparsos e difusos. Destaca-se que alguns trabalhos que abordam a ovinocultura e o artesanato em lã refletem sobre aspectos dessas questões, porém, ainda são necessárias informações oficiais e sistematizadas, que lancem luz sobre a cadeia produtiva laneira, enquanto parte fundamental do bem cultural artesanato em lã.

**16.2. Identificação de outros bens mencionados nesta ficha**

Artesanato em lã - O artesanato em lã é um saber-fazer desenvolvido a partir da pecuária extensiva de ovinos. É uma atividade característica de regiões da pampa e da campanha, sendo recorrente em pequenas, médias e grandes propriedades, tradicionalmente, enquanto uma atividade familiar. O artesanato está ligado à criação extensiva de ovinos e à pecuária familiar, em que a produção da carne da ovelha serve para o consumo e para a produção de lã, matéria prima para o artesanato. A lã é muito utilizada pelas mulheres para fazer peças para uso cotidiano, como palas, ponchos, xergões, boinas, para proteção contra o frio e usadas na *lida campeira*.

O ofício do esquilador - A atividade compõe a *lida campeira*, executada pelo esquilador, juntamente a um grupo de trabalhadores organizados em “*comparsa*”. A *comparsa* é, geralmente, composta por esquilador, agarrador (encarregado de pegar a ovelha para a esquila), cancheiro (realiza a limpeza do ambiente), descascarreador (faz a limpeza das patas, barriga e traseira, as partes mais sujas do animal), atador do velo, levantador que alcança o velo para o embolsador que coloca a lã nos sacos e organiza os velos enfardados. Essa configuração, em relação ao

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

número de integrantes, dá-se de acordo com o tamanho do rebanho a ser esquilado, ficando, em alguns casos, mais de uma função a cargo de uma mesma pessoa.

**16.3. Outras observações**

Em termos de recomendações relacionadas à salvaguarda da *lida campeira*, é indispensável considerar as transformações que vive a Pampa brasileira. Ocorre que, essa região, correspondente, em linhas gerais, ao quadrante sul do Rio Grande do Sul, vem se constituindo em uma nova fronteira agrícola em expansão, mediante a conversão de grandes extensões de campos naturais. O avanço das plantações de espécies florestais e, sobretudo, da soja, constitui a expressão mais saliente disso. Hoje a soja marca presença em quase toda a diversidade ambiental do estado, adentrando o coração do bioma Pampa, em tradicionais áreas anteriormente dedicadas à pecuária.

Portanto, nessa região, onde durante séculos a criação de bovinos e ovinos foi o carro chefe do setor agropecuário, a soja é, atualmente, a atividade preponderante na maior parte de seus municípios (IBGE, 2020). Algumas das poucas exceções ficam exatamente em municípios do Alto Camaquã, onde as contingências do meio geográfico impõem limitações à agricultura intensiva e fazem confinar as áreas mais extensas e contínuas de campos nativos remanescentes do bioma Pampa. É nessa zona onde se concentram, em nítido caráter residual, os municípios nos quais a criação de bovinos e de ovinos ainda permanece como atividade agropecuária preponderante, como Pinheiro Machado e Caçapava do Sul, por exemplo.

Assim, singularidades seculares da Pampa, como é o caso da *lida campeira*, vão se tornando residuais como o próprio Pampa, frente à crescente conversão do bioma em áreas dedicadas à moderna agricultura. De modo que, hoje, quando esse processo se acelera a níveis inéditos, a diversidade “natural” do Pampa é substituída de vez por uma nova diversidade, definida agora pela especialização agrícola, distinguindo as paisagens da soja, do arroz, do fumo, do eucalipto, da mineração etc. e, residualmente, as da pecuária extensiva, onde ainda podem ser percebidas algumas expressões resilientes dessa antiga diversidade das relações entre paisagens e práticas de acordo com a diversidade da própria natureza local.

O Alto Camaquã, enquanto área de remanescentes, aparece como espécie de conservatório, também, de algumas dessas antigas singularidades. É assim que as velhas especificidades de lidar “nas pedras”, “em campos lisos” ou em “campos dobrados” encontram, em alguma medida, sua razão de ser. Trata-se de relíquias cuja existência, já residual, não se explica fora da, também, residual materialidade que as abriga: a da Pampa que remanesce por marginal, ou seja, cuja conservação é produto de seus próprios limites funcionais-produtivos para outras atividades que não a pastoril.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Podemos falar, nesse sentido, em um caráter de relicário dessas manchas de vegetação nativa, manifesto tanto no sentido etimológico da palavra, enquanto sinônimo de resto ou resíduo (remanescente da Pampa), quanto no sentido mais usual, enquanto local que abriga coisas valiosas, heranças. Um relicário, aliás, chama atenção para a indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre o tangível e o intangível, enfim, entre o ambiente e a vida que o anima, dado que um relicário (uma forma, um suporte) guarda relíquias (artefatos, saberes-fazer, práticas, falas, jeitos etc.).

O reconhecimento institucional do Pampa como um dos biomas brasileiros pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se deu apenas em 2004, na esteira do processo de supressão, como um evidente sintoma reativo. Ocorre, no entanto, que as metamorfoses do Pampa não se amortizam pela dimensão ambiental, da perda de biodiversidade. Não se trata, somente, da substituição dos campos nativos por lavouras. Se trata da supressão de formas, mas, também, de conteúdo, de objetos, de relações sociais singulares, de natureza e de cultura. Trata-se da minguagem de espécies e de ecossistemas, bem como de componentes históricos, arqueológicos, paisagísticos e etnográficos. Por isso, se inicialmente o reconhecimento do Pampa veio através de uma abordagem, digamos, ecológica, de atenção, sobretudo, ao seu patrimônio “natural” e biológico, o momento atual aponta para a importância de outras de suas dimensões. O contexto mundial de crise e alertas ambientais que dá eco ao tema da biodiversidade, tem o seu correspondente cultural que, frente à massificação das paisagens numa sociedade, cada vez mais, global, dá eco a um crescente apego cultural ao que é próprio e distintivo.

No mundo, as tendências globalizadoras geradoras de recursos genéricos e de caráter deslocalizável são confrontadas pela revitalização experimentada pelas identidades locais dos territórios, onde estão ancorados recursos patrimoniais específicos, de caráter singular e irrepetível (PÉREZ; SALINAS, 2008). Do esquecimento e da marginalidade, esses tipos de paisagens, lugares de trabalho e habitação, espaços de sociabilidades, de expressões orais e rituais singulares, passam agora, ainda que lentamente, a ser vistos como potenciais recursos identitários em que podem se apoiar, inclusive, processos de desenvolvimento (PÉREZ, 2008).

Ao se falar na Pampa remanescente, é oportuno falar na paisagem-vida pastoril remanescente. Seria dizer, além de um patrimônio “natural” ou biológico, estaríamos falando de um patrimônio territorial, em sentido amplo, e/ou um patrimônio agrário, em sentido estrito. Enquanto patrimônio territorial, seria falar na paisagem-vida pastoril como um legado de vidas sociais precedentes no devir histórico que reúnem elementos naturais e os acréscimos artificiais oriundos desse processo, e que se constitui em elemento de identidade social ao refletir, em sua fisionomia, os modos e condições de vida da sociedade que a moldou e a molda (VALCÁRCEL, 1998).

Já enquanto patrimônio agrário, seria chamar atenção para o legado relacionado, especificamente, à herança histórica da exploração agropecuária, no sentido trazido por Pérez (2008), neste caso, notadamente a da pecuária extensiva. Herança esta, manifesta tanto em sua face material, traduzida nos sistemas de objetos relacionados à produção, quanto em sua face etnográfica, expressa em ofícios, artefatos, identidades etc. Seria pensar a paisagem e a vida

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	2
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

pastoril como testemunhas (i)materiais de uma atividade que faz parte da história da sociedade gaúcha e platina, cuja expressão pode ser encontrada em elementos como aperos, edificações, habitats, costumes, ofícios, rituais, tradições orais etc. (PÉREZ, 2008).

### 17. Identificação da Ficha

<b>Questionários analisados</b>	Ver item “3. Executantes”	
<b>Pesquisador(es)</b>	Andreia Nunes Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Monteblando, Flávia Rieth, Leonardo Sapucaia, Mateus Fernandes da Silva, Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Supervisor</b>	Flávia Rieth, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Redator</b>	Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	Data
<b>Responsável pelo inventário</b>	Flávia Rieth	12/2021









<b>INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS</b> <b>Ficha de Identificação</b> <b>Ofícios e Modos de Fazer</b>	CODIGO DA FICHA					
	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3
	UF	Sítio-	Loc	Ano	Ficha	No.

### 1. Localização

<b>Sítio Inventariado</b>	Região do Alto Camaquã/RS e Entorno
<b>Entorno do Sítio</b>	Arroio Grande Herval Jaguarão Pelotas
<b>Localidade</b>	Bagé (Sede, Corredor da Lexiguana e Distrito de Palmas) Caçapava do Sul (Sede, Guaritas e Vila Progresso) Canguçu (Sede, Coxilha do Fogo e Vila Silva) Encruzilhada do Sul Lavras do Sul (Três Estradas, Corredor dos Munhóz) Pinheiro Machado Piratini (Alto da Figueira, Barroço e Estrada 392) Santana da Boa Vista (Serra dos Vargas)
<b>Municípios / UF Sítio e Entorno</b>	Arroio Grande, Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Herval, Jaguarão, Lavras do Sul, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista.

### 2. Bem Cultural

<b>Denominação</b>	Pastoreio de caprinos		
<b>Outras denominações</b>	Criação de cabras		
<b>Condição atual</b>	X vigente / íntegro	<input type="checkbox"/> memória	<input type="checkbox"/> ruína

### 3. Executante

Obs: Para mais informações sobre o(a) entrevistado(a) ver Ficha "Anexo: Contatos".

<b>Nome</b>	Angela Marcia Colares	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	1
<b>Ocupação</b>	Servidora pública e pecuarista familiar.	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	30/08/1971
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre	<input checked="" type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<input type="checkbox"/> aprendiz <input checked="" type="checkbox"/> vendedor <input checked="" type="checkbox"/> executante
<input type="checkbox"/> outro _____

Nome	Comunidade Quilombola de Palmas	<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	2
Ocupação	Terra de uso comum por agricultores e pecuaristas familiares quilombolas.	Data de Nascimento / Fundação	1812
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input checked="" type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Decionil Pereira Franco	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	3
Ocupação	Pecuarista familiar.	Data de Nascimento / Fundação	1946
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input checked="" type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Fabiani Franco Alves	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	4
Ocupação	Pecuarista familiar quilombola	Data de Nascimento / Fundação	02/11/1993
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Irene Pereira Franco	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	5
------	----------------------	--	---

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	1945
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Marcia Cristina Medeiros Torma Colares	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	6
Ocupação	Serviços caseiros e pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	1973
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Regis Colares	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	7
Ocupação	Veterinário, agente de saúde e pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	17/07/84
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input checked="" type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

Nome	Vera Colares	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	8
Ocupação	Contabilista e aposentada da Receita Federal. Pecuarista familiar e Presidente da Associação para Grandeza e União de Palmas (Agrupa).	Data de Nascimento / Fundação	22/09/1964
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input checked="" type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> público <input checked="" type="checkbox"/> executante

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

#### 4. Fotos

Obs: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar Ficha “Anexo: Registros audiovisuais”.



Imagem 1: Manejo de caprino (cabrita crespa), em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Manejo de caprino (cabrita crespa), em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 3: Manejo de caprino (cabrita crespa), em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 4: Pastoreio de caprino, em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Márcia Colares.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 5: Pastoreio de caprino, em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Márcia Colares.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 6: Pastoreio de caprino, em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Cristina Medeiros.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 7: Pastoreio de caprino, em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Cristina Medeiros.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 8: Pastoreio de caprino, em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Cristina Medeiros.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 9: Pastoreio de caprino, no Quilombo de Palmas, Bagé.  
Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Fabiani Franco.



Imagem 10: Pastoreio de caprino, no Quilombo de Palmas, Bagé.  
Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Fabiani Franco.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 11: Pastoreio de caprino, no Quilombo de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 12: Pastoreio de caprino, no Quilombo de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 13: Pastoreio de caprino, no Quilombo de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 14: Pastoreio de caprino, no Quilombo de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 15: Manejo de caprino, em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Cristina Medeiros.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 16: Pastoreio de caprino, em Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Márcia Colares.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 17: Caprinos e ovinos separados para cultos afro-religiosos na região metropolitana de Porto Alegre, em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 18: Transporte de Palmas, Bagé, para a região metropolitana de Porto Alegre.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 19: No aviário, região metropolitana de Porto Alegre.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 20: No aviário, região metropolitana de Porto Alegre.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

### 5. Descrição do bem identificado

A criação e o manejo de rebanhos caprinos é uma atividade pecuária que caracteriza a pampa, desde o início da introdução dos rebanhos na região platina. Essa presença ganha forma no Alto Camaquã, pela associação com as pedras, os matos e as suas trilhas; com a diversidade de ervas comestíveis, da quais estes animais são profundos conhecedores e destros transeuntes nos “*peraus*”. Por se alimentarem de brotos e do mato – pastando somente em casos de não haver alternativa e mesmo assim preferindo os pastos recém brotados – a necessidade de alimentá-las com milho ou ração se faz menos urgente. Dentre as plantas mais abundantes nos matos, as cabras comem folhas e brotos de pitangueira, cambará, aroeira branca, São João, embira – esta última é venenosa em determinadas épocas do ano, e as cabritas sabem disso, comendo-a apenas quando possível. São animais que “*não dão muito trabalho*”, pois quase não adoecem, não precisam de grande investimento para reproduzirem, requerendo apenas uma certa atenção à manutenção do convívio com os humanos, para não se afastarem muito da casa de quem as cria, pois podem se asselvajar. Conforme a Sra. Zair Franco, do Quilombo de Palmas, Bagé, “*as cabritas não têm paradeiro, são danadas*”.

A topografia acidentada, composta por cânions de pedra, matas densas e aguadas, faz com que se torne muito árduo o trabalho de se deslocar em busca das cabras, estas se tornando “*selvagens*” pela vida no mato, “*por aí*”. Por esse motivo, embora não haja necessidade de grandes investimentos financeiros na manutenção do rebanho caprino, é fundamental que as cabritas sejam manejadas algumas vezes por semana, para que não fiquem “*bagualas*” (xucras ou araganas), já que sua condição de domesticadas, ou não, não é definitiva. Os cabritos guaxos (criados perto dos humanos) ficam na volta da casa. Quando “*bagualas*”, custam para atender ao chamado com oferta de milhos. Entocam-se nos matos, ou saem a caminhar pelas pedras e não voltam para os locais de referência, onde costumavam encontrar-se com os humanos. Conter os cabritos é muito difícil. Para evitar que destruam roças e lavouras ou fujam, fazem-se cercas de arame, de rama, de pau a pique, moirões e cercas de pedra, bem como colocam cangas e cangalhas no pescoço desses animais.

Os interlocutores apontam que as cabras não possuem um período específico para entrar no cio, bastando ficar em contato com machos para que possam se reproduzir, em alguns casos, vindo a gerar “*gêmeos*” ou “*trigêmeos*” a cada gestação. Nesse sentido, costuma-se fazer o manejo dos machos reprodutores, os bodes, por meio da castração. Conforme a pesquisa, a carne dos cabritos, os machos castrados, fica mais macia. Devido a isso, há poucos bodes reprodutores, a maioria dos machos é castrada. Geralmente, o reprodutor é de “*uso comunitário*”, uns emprestam para os outros. Os bodes podem ficar em *encerras*, sendo soltos em momentos determinados para “*cobrirem*” as fêmeas. Durante a castração dos machos pode ocorrer, também, a assinalação, que consiste em fazer um recorte na orelha do animal, deixando um desenho que identifique o dono do rebanho.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

## 6. Descrição do lugar da atividade

<p><b>6.1. Características gerais</b></p> <p>A pecuária de caprinos como toda a <i>lida campeira</i>, é um trabalho difícil, uma “<i>lida brabíssima</i>”, pois exige cuidados diários e em tempo integral, com a alimentação dos animais; com o cuidado de parasitas; com a proteção dos filhotes; com a recorrida do campo para a proteção dos animais de predadores, como o <i>sorro</i> (<i>Lycalopex gymnocercus</i>) e o javali; com a castração e assinalação dos filhotes; com a manutenção de cercas, galpões e encerras nos quais esses animais ficam confinados. Envolve, também, o manejo de machos para a reprodução, bem como a encerra dos filhotes “guaxos”, pois é comum que as cabritas tenham mais de um filhote a cada gestação. Tendo em vista a demanda de caprinos para os rituais de cultos afro-religiosos, o manejo costuma ter em vista a procura pelas casas de religião, as “terreiras”, de Bagé, da região metropolitana de Porto Alegre, entre outras. Conforme Kosby (2017a), no Quilombo de Palmas, um senhor de Uruguaiana vai até o Quilombo, de caminhão, para comprar cabritas e bodes para religião, mas avisa antes sobre quantos machos vai querer. Assim, os quilombolas sabem quantos vão poder “capar” (castrar). Quanto mais machos puderem capar, melhor, senão “é uma confusão!” Muita disputa, muitos filhotes, escassez de alimentos (p. 83-84).</p> <p>A estratégia das cabritas para se manterem alimentadas é a itinerância pelos matos e “peraus”. Por viver assim, a pecuarista familiar Vera Colares, considera as formações rochosas como o “<i>reino das cabras</i>”. São “<i>habilidosas</i>” no manejo destes locais, havendo lugares que somente elas conhecem e construíram o acesso que, para os humanos, se dá somente pela mediação de instrumentos como cordas, escadas e cabos de aço. “<i>Somente os pássaros vão mais longe</i>”. Pode-se perceber que os matos mais fechados, mais densos, acabam por ficar “<i>limpos</i>” até certa altura, pois as cabras vão clareando as picadas conforme vão comendo o que está ao seu alcance. Esses caminhos, criados e manejados por elas, permitem que outros bichos como as vacas e as ovelhas tenham acesso aos locais ermos dos matos e peraus, onde encontram abrigo e pastos mais nutritivos. Ao caminhar pelos caminhos das pedras, encontrávamos pequenos grupos com cabras, vacas e ovelhas ocupando esses espaços. Os cães são animais que auxiliam no manejo dos caprinos, tendo em vista que conseguem acessar locais que são interditados aos humanos.</p> <p>De acordo com Kosby (2017a), é comum vê-las atravessando as estradas da região, indo de um mato para outro. Usam cangalhas e uma assinalação nas orelhas, como forma de indicarem os proprietários, já que as terras do quilombo são de uso coletivo. “Andam soltas, caminham muito, mas há um triângulo de madeira pesando em seus pescoços. Elas não ficam só pelo Quilombo, vão onde houver comida, comem brotos, comem o mato, quase não pastam” (p. 29). Algumas precisam ser caçadas a tiro, de tão xucas que ficam. Outras convivem diariamente ao redor da casa, acostumadas ao convívio, sendo difícil consumi-las. De acordo com Régis Colares, em Palmas, Bagé, o manejo das cabras precisa ser realizado logo cedo pela manhã, quando elas são chamadas “<i>das pedras</i>”, onde dormem. Quando o sol nasce, elas dispersam-se e “<i>ninguém mais acha</i>”. Segundo o interlocutor, “<i>a cabrita, sa</i>”.</p>
---

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**6.2. Marcos naturais e/ou edificados**

**“AS CASA”: ESTÂNCIA; RANCHO; GALPÃO; TAPERAS; CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA; CAMINHOS**

Ao etnografar a organização das unidades de produção familiar camponesas na zona da mata norte do Estado de Pernambuco, a antropóloga Beatriz Heredia (1979) mostrou que os diferentes espaços internos estavam organizados seguindo lógicas relacionadas aos aspectos mais amplos de habitar o território e das condições históricas de acesso à terra. Com base nesta leitura, é possível observar os aspectos históricos que configuram a existência dos povos tradicionais na pampa brasileira. Assim, um primeiro aspecto a considerar é que a estrutura fundiária constituiu-se a partir da organização Guarani Missioneira, que configurou uma paisagem marcada por grandes extensões de terras, que combinavam práticas agrícolas e extrativistas com pastoreio extensivo (ÁLVAREZ, 2015). Inicialmente, as chamadas estâncias missioneiras ou estâncias dos Guarani, na margem oriental do Rio Uruguai, estavam distribuídas em um amplo território, que corresponde, atualmente, ao nordeste e a região costeira do Rio Grande do Sul, na Vacaria dos Pinhais e Vacaria do Mar, e, posteriormente, ao norte da República Oriental do Uruguai e na metade sul do Rio Grande do Sul.

No século 18, com a desestruturação do projeto missioneiro e o avanço colonial sobre as estâncias, o acesso às terras, consideradas devolutas, se deu pelo sistema de sesmarias, via concessão da posse a grupos militares, a comerciantes e a famílias com boas relações com a coroa portuguesa (BRITO, 2010). Assim, um pequeno grupo de pecuaristas familiares são descendentes de sesmeiros, como a família de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, que, no século 18, recebeu uma sesmaria com dezoito quadras de campo, que foi fragmentada ao longo das gerações. *“Meu tataravô que veio para cá. Nós somos de sesmeiros. Foi concedido pelo império. (...). [A terra] foi dividida entre a família.”* Luciano é responsável pelos cuidados das terras dos irmãos e dos pais, que moram na cidade.

Estando localizadas em áreas estratégicas e prioritárias à colonização, essas grandes propriedades eram delimitadas por referências naturais, tais como rios, arroios, peraus, formações rochosas, campos sujos, chamados de “rincões”. O acesso a tais locais era concedido aos *posteiros*, famílias as quais era permitido a moradia, a criação de alguns animais e o cultivar da terra, de maneira que as mesmas fossem responsáveis por cuidar e manejar o gado da estância (FARINATTI; MATHEUS, 2017). Nestes locais, estavam instalados os *rodeios*. Em outras áreas marginais, de pouco interesse no processo colonial, o acesso se dava pelos grupos marginalizados, como pequenos lavradores, peões campeiros e posseiros, sendo locais estratégicos, também, para os aquilombamentos, pela “fuga para fora” (KOSBY, 2017a), nos fundos das propriedades. Por conseguinte, a partir da Lei de Terras, implantada no ano de 1850, que transformou a terra em uma propriedade, ou seja, um bem com limites bem definidos que poderia ser comprado e vendido, a forma tradicional e histórica desses acessarem um pedaço de chão e praticarem agricultura e



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

criação, foi alterada (SILVA, 2015). Tal processo, associado à introdução do arame liso, fez com que as estratégias desses grupos para acesso à terra passassem a jogar com esses instrumentos legais, embora seja necessário ressaltar que o acesso a esses espaços seguia sendo permitido, desde que não afetassem os interesses das elites.

Ainda que o processo de fragmentação das grandes propriedades seja uma realidade em campo, as relações entre grupos sociais mantêm, de certa forma, elementos que atualizam o sistema das sesmarias. Convivem “nas casa” não apenas (ou nem sempre) a família nuclear (pai, mãe, filhos, filhas e avós). As configurações variam e abrigam relações de trabalho entre pessoas solteiras, bem como relações de compadrio entre pessoas que não são parentes, mas são “de casa”, “como da família”. Um destaque nesse tipo de relação é a presença de afilhados oriundos de famílias de trabalhadores e de prestadores de serviço da localidade, que trabalham/vivem na casa dos padrinhos, proprietários de estabelecimentos de maior escala. Tal dinâmica de compadrio é histórica e bastante comum nos contextos da pecuária (FARINATTI, 2010). Nesse sistema inclui-se, também, outras formas de acesso à terra, como a de ocupantes e de agregados, que recebem uma parcela de terra para criar animais, cultivar e morar, em troca de serviços ou fornecimento de produtos para o proprietário (FARINATTI, 2018).

Por conseguinte, além dos processos de sucessão rural por fracionamento das grandes propriedades, outras formas atuais de acesso à terra por agricultores e pecuaristas familiares se deram pela compra, doação, indenização, demarcação ou ocupação de lotes em áreas marginais aos interesses da expansão colonial e, tempos depois, da modernização agrícola. Seu Beto começou a trabalhar como peão e agregado na Fazenda do Sossego, dividindo o que produzia com a proprietária. Tempos depois, tornou-se peão campeiro e capataz. Seus pais não tinham terras e “moravam nos corredores”. Quando conseguiu juntar uma quantidade considerável de “plata”, comprou uma chácara para seus pais, localizada no município de Caçapava do Sul. Ali ficaram até falecerem. Tempos depois, como forma de pagamento pelos anos de trabalho, adquiriu uma “quadra de campo” – cerca de 90 hectares – da fazenda em que trabalhava. Assim, vendeu a chácara que comprara para seus pais, já falecidos, e seguiu trabalhando na fazenda, dedicando parte das horas do dia à sua terra. No caso de Vanda Tarouco, pecuarista familiar no distrito do Barroço, em Piratini, por sua vez, o acesso à terra se deu pela compra, a partir da aposentadoria. “*Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavar. Sempre ajudei meu pai*”. Após o casamento, “*fui para a cidade de Pelotas. Ficamos lá 30 anos. Criei minhas filhas. Estou aqui desde 2002. Mas eu vinha, tirava uma semana e voltava. Efetivo foi em 2004.*”

Nas últimas décadas, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, ocorreram outras formas de acesso à terra, como no caso de lotes destinados à Reforma Agrária, pelo INCRA, com assentamentos rurais, além da demarcação de Comunidades Quilombolas e de Terras indígenas, a partir de processos, também, variados, conforme será apresentado, posteriormente. Conforme Kosby (2017a), a comunidade do Quilombo de Palmas, em Bagé, é composta por cerca de 40 famílias, ligadas por laços de parentesco, compadrio e matrimonialidade. De acordo com a

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

antropóloga, as famílias que constituem a comunidade são descendentes de escravos campeiros das estâncias da região, exímios na lida com os animais, hábeis ginetes e no tiro do laço. Os quilombolas exerciam o trabalho de changuear, atividades como consertar arames, limpar algum campo, cuidar de rebanhos, esquilar umas ovelhas, cortar lenha, carnear, levar ou buscar uma tropa de gado pelas estâncias, sem vínculos empregatícios ou salariais, plantando roças em lavouras alheias, como meeiros. A demarcação da terra quilombola foi reivindicada em 2005, pela Associação Quilombola de Palmas, e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, em 2017.

Nesse sentido, deve-se levar em conta que nem todos os Marcos edificados ocorrem de forma concomitante, ou, em alguns casos, podem apresentar variações e particularidades, devido à configuração do local ou da propriedade. A seguir, buscamos sintetizar aqueles que são recorrentes no campo.

**“AS CASA”** – O termo “as casa” refere-se a um conjunto de espaços que, para além da casa de moradia, envolvem os galpões, mangueiras, hortas e cercados, quintas, campos e matos, arroios e rios, havendo uma complementaridade entre estes, de maneira a formar um emaranhado de relações. É “nas casa” onde se processa a lida caseira, enquanto práticas de cuidado de humanos, de animais e de plantas, seja com a limpeza e manutenção do próprio espaço, seja com a transferência e condução de atividades mais identificadas com a *lida campeira* para ele por uma demanda de intensificação de cuidados. Ou seja, tornar o espaço casa, por intermédio da limpeza do entorno, muitas vezes, com a remoção total da vegetação, convertendo-o em “terreiro”, no qual se consegue afastar ou visualizar melhor animais vindos do mato/campo, como, por exemplo, as cobras e os *sorros*. A manutenção do terreiro limpo, além de facilitar essa atenção, demonstra o cuidado em distinguir o espaço “das casa” do espaço do mato/campo, de modo a atender suas finalidades representativas e de trabalho.

**ESTÂNCIA** – A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas, a partir do século 17, quando padres e indígenas transferiram os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados geopolíticos entre as coroas portuguesa e espanhola –, bem como captura de indígenas para o trabalho escravizado ou exploração dos mesmos, via *encomiendas* ou ataques de bandeirantes. Nesse processo, os rebanhos foram abandonados no campo, como na região da Vacaria dos Pinhais, no nordeste do Rio Grande do Sul, ou na Vacaria do Mar, na região costeira ao sul do estado. Esses animais xucros multiplicavam-se devido à abundância de pastos e aguadas e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (AURÉLIO PORTO, 1943; RAHMEIER, 2007; SCHLEE, 2019a).

Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e, também, por agricultura, em meados do século 19 passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escravizada e/ou assalariada e com uma arquitetura formada pela sede (casa

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (LUCCAS, 1997; RAHMEIER, 2007; OSÓRIO, 2016). Geralmente, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não constitui a base econômica principal. Nesse momento dá-se, também, o início do cercamento dos campos, delimitando invernadas, rodeios e campos para os rebanhos, e, ao mesmo tempo, criando situações novas para a mobilidade de grupos e de coletivos. Dessa forma, propriedades menores, anteriormente chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente, passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem indígena, com significado de “plantação” (SAINT-HILAIRE, 2002), ou por designações locais, como “campo”, “fazendinha”, “granja”, “sítio”, “roça”, “quadra de campo”, entre outras.

Atualmente, estância corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde mantém-se os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém podem não ser consideradas como estâncias, devido ao seu tamanho.

**RANCHO** – Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé (*Panicum prionitis*) e a taquara (tipo de bambu) são cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e as janelas, as paredes são preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresenta uma espessura aproximada de 50cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustenta as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes, são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim. (LESSA, 1986; MATTOS, 2003). Regis Medeiros, peão campeiro e pecuarista familiar em Palmas, Bagé, ensinou que para manejar o capim santa-fé, é necessário cuidar as “farpas” que existem nas folhas que são capazes de cortar a pele. As folhas são cortadas e dispostas em maços que são deixados ao sol para secarem. Somente após estarem secas, poderão ser direcionadas para a construção da *quincha*. O chão é de terra batida e pode haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundo e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986).

Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados. Até fins do século 18 e início do 19, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas. Predominavam, portanto, as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana. (LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 2002; ISABELLE, 2006). A utilização das casas de torrão como galpão ou cozinha é uma forma de manifestação cultural comum a povos e comunidades tradicionais da pampa

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

(MAZURANA; DIAS; LAUREANO et al, 2016), sendo os conhecimentos passados de uma geração para outra. Em algumas propriedades familiares, se encontrou ranchos como moradias e, também, como galpões, indicando que outrora fora moradia da família. Nas comunidades quilombolas de Palmas e do Corredor dos Munhós, observou-se a existência de ranchos como moradia.

**GALPÃO** – Para Schlee (2019b), os galpões são dependência edificada das estâncias (com torrões de barro, paredes de madeira ou de tijolos), coberta (de palha ou telhas) e permanentemente aberta – que serve de depósito, alojamento para os peões e para animais criados sob teto, além de espaço para a realização de determinadas tarefas campeiras. São espaços multifuncionais, utilizados para fins variados e relacionados ao dia a dia e às atividades na *lida campeira*. É onde se mantêm os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões, que podem se reunir nesse espaço no início, no intervalo ou ao fim da lida, bem como para realizarem as suas refeições. É recorrente a existência de um espaço com lareira – pode ser fogo de chão ou fogão a lenha – para aquecer os corpos, a água do mate, assar o churrasco e outros alimentos. Em frente ao fogo são colocados pequenos bancos e cadeiras. Podia servir como dormitório de alguns peões ou de pessoas de passagem pelas propriedades. Em outros casos, os galpões são espaços em que os bichos passam a noite nos períodos de chuvas e de frio, ou nas épocas de parição, como forma de cuidado.

**TAPERAS** – De acordo com Schlee (2019b), tapera é uma ruína. Rancho, casa ou outra edificação da campanha – abandonada e destruída por não ter quem a habite. Conforme a etnografia, costuma-se dizer, de forma crítica ou de forma jocosa, que uma moradia mal cuidada, por exemplo, com muitos galhos e folhas caídas ao redor do pátio, com terreiros por varrer, com cercas avariadas, com galinheiros e galpões com defeitos e com pomares sem trato, é uma tapera, em referência às casas e aos locais abandonados, sem moradores. Isso denota a atenção dada ao cuidado cotidiano com “as casa” e com o entorno. Uma casa cuidada é uma casa habitada.

Outros atributos foram elencados pelos/as interlocutores/as como indicadores de uma casa habitada. Seu Beto, pecuarista familiar em Palmas, em Bagé, considera que uma casa sem *quinta* – ou pomar – não era casa, mas uma tapera. A casa que se deixa ser tomada pelo mato e pelo campo, e destruída pela ação do tempo, traz para si a existência de animais do mato, como cobras, “sorros”, pássaros. Nos dias de chuva, o gado busca abrigo nestes locais. Em algumas situações, porém, mantêm-se relações com esses espaços, mesmo que ocasionais, como nos casos das *quintas* que ficam abandonadas ao redor das taperas, que podem ser utilizadas para a coleta de frutos, como foi relatado por comunidades quilombolas. Conforme Amilton Camargo, do Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, “as mulheres se reúnem no verão aí, janeiro, fevereiro, março, né, para fazer as tachadas de doce. Vão fazendo em conjunto. Levantam cedo de manhã, vão buscar fruta lá no mato, né? Aqui a gente tem muitas árvores de frutas que os antigos plantaram, marmeleiro, principalmente, no mato, né?”



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

A tapera se opõe à casa habitada por seres humanos e gera tristeza e estranhamento por quem passa por elas. O aspecto de ruína é uma metáfora de um processo mais amplo de esvaziamento do rural e de um passado de um lugar que era “cheio de gente”.

Embora seja um espaço não mais habitado por seres humanos, é comum os relatos da existências de outros seres habitando as taperas (sobre-humanos, extra-humanos). Os chamados “causos de assombrações” referem-se a “gritos de escravos”, “mulheres chorando”, “luzes dentro da casa”. Quenedy, peão campeiro em três Estradas, Lavras do Sul, contou que viu muita “coisa estranha” ao cruzar, a cavalo, durante a noite, pelas taperas.

**CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA** – As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Suas origens remontam às reduções Guarani missioneiras, ao passo que cada redução possuía vacarias e estâncias delimitadas por rios, riachos, matas, bem como currais de pedra ou torrão (AURÉLIO PORTO, 1943; JAEGER, 1958). As mangueiras, currais ou encerras são construções circulares ou retangulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão ou taipas de torrão. Produções recentes têm trazido para o debate que os grupos indígenas eram os detentores dos saberes para a construção de algumas estruturas, como os currais de palmas, já que manejam outros herbívoros nestes currais, como os cervos, antes da introdução do gado bovino (DABEZIES; SUÁREZ; BAÑOBRE et al, 2021).

Na propriedade de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, encontramos três tipos de mangueiras: uma estrutura de terra, que o pecuarista entende ter sido feita pelos indígenas missioneiros; uma estrutura de pedra, construída após a chegada de sua família, que recebeu a propriedade como doação de sesmaria; e uma feita de vala que, conforme o campeiro, estava interligada às outras. Sobre as mangueiras de terra, o pecuarista comentou: “*Achei estranho aquilo ali. Depois que eu olhei de cima e fui perguntar, descobri que era uma mangueira, anterior a mangueira de pedra. Era feita de taipa. Marcavam um círculo, cavavam e atiravam a terra para cima, formando a mangueira. É anterior à família do meu tataravô, porque, se fosse usada, não teriam construído a de pedra. Quando aquela já estava em desuso é que fora construída a de pedra. Para mim aquilo ali era dos índios. Tem uma parte de valo, que é abaixo, e uma parte de pedra. A mangueira de valo é anterior à mangueira de pedra. Eles faziam o valo para conter o animal, uma cerca.*”

Conforme Bruno Martins Farias (2013), estes currais indicam e percorrem os antigos caminhos das tropas. São diferentes estruturas de diferentes épocas e técnicas construtivas, com formatos e com matérias-primas diversas, sendo mais comuns as de terra, de pedras e de plantas. Eram utilizadas pelos tropeiros para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (revezando-se para vigiar os animais). Junto às mangueiras haviam as pastagens para alimentação do gado. Conforme Luciano, as

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*“paradas eram chamadas de pastagens, para pouso. As tropas andavam na estrada como caminhão. Tinha uma tropa atrás de outra. Na hora de parar, à tardinha, o capataz da tropa, mandava um peão na frente para saber se naquele lugar tinha pouso. Era cobrado pelo proprietário.”*

A entrada da mangueira é chamada de *porteira*. Nela eram colocadas duas *“tronqueiras”*, que são objetos verticais, de pedra ou de madeira, postos em cada lado da abertura, com perfurações em que eram encaixadas e dispostas *varas* (madeiras retas) atravessando a porteira e evitando a fuga dos animais. Luciano narrou, diante da mangueira de pedra, localizada na propriedade da família, como faziam para o gado bravo entrar nos currais. Ao redor desses currais, haviam bois mansos, os chamados *“sinuelos”*, que eram treinados para entrar e, imediatamente, sair da mangueira. Assim, quando a tropa de gado, que era *xucro*, se aproximava do local, estes bois eram incorporados e conduziam os outros animais para a mangueira. *“Quando a última vaca entrava, esses bois saiam da mangueira”* (LIMA, 2020).

**CAMINHOS** – Estradas, corredores e atalhos (usados para acesso). Ao seguir as indicações dos/as interlocutores/as, foi-se delineando que a pesquisa para o Inventário desenhava por cima dos traçados dos antigos caminhos das tropas e carretas, por onde eram conduzidos bois e outras mercadorias de diferentes lugares da pampa, para as charqueadas e, posteriormente, os frigoríficos, localizados nos municípios de Pelotas, de Bagé, entre outros. Tais caminhos eram pontuados por entre-lugares de apoio como pousos, vendas (ou *“bolichos”*), currais, corredores, paradouros. As vendas, pousos e paradouros eram espaços de comércio e convívio de tropeiros e outros viajantes, onde realizavam refeições, rodas de conversas intercaladas com sons de gaitas e violões, jogatinas, entre outros. Juntos a estes estabelecimentos haviam diferentes artífices como ferreiros, carpinteiros e outros que ofereciam serviços. Os bolichos comercializavam, também, alimentos para os animais, como o milho, comprados na região de agricultores familiares ou até mesmo cultivados pela família proprietária. Os paradouros ou pastagens eram espaços com aguadas, galpões, currais e pastagens para a parada e pernoite das gentes, bois de tropas e carretas, cavalos de tropas e carroças entre outros/as viajantes. Ficavam dentro das propriedades podendo ser cedidas ou alugadas. Os currais eram usados, também, para a exposição de animais para a venda. Trafegavam por estes caminhos e descaminhos, para além do gado, inúmeras outras mercadorias e contrabandos, bem como pessoas com ideias, especialidades, modos de viver (SILVA, 2006; LIMA, 2020). Parte destes antigos caminhos são, hoje, rodovias estaduais e federais asfaltadas.

Como parte destes caminhos, estão os corredores, que são pequenas estradas públicas que cruzam entre os alambrados que delimitam as propriedades. Alguns corredores cruzam por dentro das propriedades fazendo a circulação ser marcada por um abrir e fechar porteiras. Os corredores são lugares habitados e dinâmicos, permitindo o trânsito de pessoas, bichos e carros para diferentes lugares, pois se ligam entre eles. É pelos corredores em que se fazem as tropeadas que, atualmente, são realizadas para conduzir o gado de um campo para outro, bem como para conduzir o gado para banheiros de imersão alugados ou de associações de pecuaristas familiares. Nos corredores estão localizados os *bolichos*, sendo espaços de convivência e onde são realizados eventos como jogos e festas.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Quando são públicos, se tornam espaços estratégicos para os criadores de gado, quando os mesmos observam que o campo está com baixa capacidade de suprir a alimentação dos bichos dentro das unidades de produção. A preferência de colocar o gado no corredor é sazonal e se dá pela leitura de que o campo está a ponto de ficar “rapado” (BRITO, 2010). Por outro lado, a preferência pelos corredores se dá, também, pelos animais. Vera Colares, pecuarista familiar em Palmas, Bagé, comentou que o gado prefere, nos dias quentes, pernoitar nos corredores para se proteger do contato com os carrapatos.

Os corredores são referências para a localização e, portanto, são identificados por nomes, como o “Corredor dos Munhós”, o “Corredor da Lexiguana”, etc. Eles se ligam entre si e permitem uma circulação pelos diferentes lugares. Entretanto, quando não fazem essa ligação, a estratégia para o trânsito é dada pelos “atalhos”, que são pequenos caminhos que seguem por dentro das propriedades. Esses caminhos são criados e manejados pelos animais. Os atalhos que são feitos por dentro dos matos, por exemplo, são manejados pelas cabras junto a outros bichos, como as vacas e as ovelhas. Embora as condições de acesso sejam limitadas para um trânsito a cavalo ou a pé, alguns atalhos podem ser realizados por carros. Nesse sentido, somente quem habita os lugares conhecem esses diferentes caminhos e suas condições de acesso.

Obs.: Para mais informações ver Ficha “Identificação Ofícios Lida Caseira”.

**6.3. Agenciamento do espaço para a atividade**

A região é repleta de matos densos, onde as cabras se alimentam. Algumas famílias possuem currais, onde, às vezes, os animais passam a noite ou são alimentados, mas isso é pouco comum para o manejo de cabras. É mais comum que elas saiam dos matos quando chamadas, para ganharem milho e outros alimentos. Essa maneira de alimentar as cabritas é, também, um jeito de mantê-las próximas do convívio humano o suficiente para não se asselvajarem. É comum as cabras andarem pela estrada ou ultrapassarem os limites da terra quilombola ou os limites das propriedades, em busca de alimento. Estes animais precisam de terreno seco, como as pedras, para evitar parasitas nos cascos. Andar pelos peraus, outrossim, oferece solo seco, evitando a doença mais recorrente entre as cabritas: as frieiras nos cascos. “Elas adoram ficar em cima das pedras e normalmente dormem em cima das pedras porque precisam de campo que tem pedra para gastar os cascos. Se os cascos vão crescendo, dá problemas e doenças nelas. Por isso, elas se adaptam bem a esta região.” (Vera Colares). Alguns interlocutores optaram por não ter ou se desfizeram dos rebanhos caprinos, pois não respeitam limites, pulam cercas, invadem “quintas” (pomares), plantações e casas, o que pode gerar constrangimento e “incomodação” entre os vizinhos.

## 7. Tempo

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>7.1. Periodicidade</b>	Os cuidados são realizados diariamente e em tempo integral. Abrangem desde a alimentação dos animais “nas casa”, alimentando as cabras, os filhotes guachos, tirando leite, até os cuidados no campo, observando e analisando a saúde dos animais. Assim, conforme a Vera Colares, a “ <i>nossa vida é cuidando, todos os dias, dos animais para que eles fiquem bem e não adoçam e morram.</i> ” O rebanho caprino precisa ser reunido com alguma periodicidade, que varia conforme os interlocutores, de três, cinco dias, uma semana ou a cada doze dias, porém, não é recomendável um período muito maior que este, pois corre-se o risco de que os animais se asselvagem, fiquem xucros, e não ignorem aos chamados dos pecuaristas. Os cuidados podem aumentar durante o período de <i>parição</i> , quando as cabras ganham os filhotes, ainda que sejam considerados animais mais “rústicos”, que conseguem se defender dos animais do mato. Os filhotes precisam, ainda, serem assinalados com o desenho dos donos e “ <i>capados</i> ”, castrados.
---------------------------	--

7.2. Ocorrência efetiva desde 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

## 8. Biografia

**Angela Marcia Colares** - Pecuarista familiar em Palmas, Bagé. “*Desde criança eu acompanhava meu pai na criação de cabritas, ajudava a juntar, ajudava a pegar na mangueira para curar, acompanhava o parto, que, às vezes, era difícil. Lembro de quando criança, uma ocasião em que uma cabrita morreu no parto e conseguimos salvar o cabritinho. Isso me marcou, fiquei com muita pena dela, mas me consolava pensando que pelo menos o filhotinho tinha sido salvo. Uma das coisas que gostava muito era de cuidar dos guachos, que sempre havia muitos lá em casa. A mãe também sempre gostou de lidar com eles. Os cabritinhos tem uma personalidade 'arteira', adoram subir nas camas, se tem oportunidade. Nessas ocasiões, fazem xixi em cima das camas ou coisa pior. Dos cabritos usávamos a carne e as peles, que fazíamos tapetinhos ou vendíamos para fazerem 'loncas' [fios de couro cru, sob forma de tira pelada, raspada e sovada, utilizados na feitura das coisas da lida campeira/guasqueria]. Até hoje a pele é valorizada para esse fim. Atualmente, tenho minha própria criação, que comecei a partir de cabritas doadas pelo meu pai Godofredo Miranda Collares, da mesma raça, que chamamos de crespas. Essa raça era criada pelo meu avô Laurindo Miranda Collares, que transmitiu para o meu pai, que, por sua vez, nos passou o amor pelas cabritas crespas. Então, pra nós, a criação dessas cabritas têm um grande valor familiar e sentimental. A minha criação é relativamente recente, mas embora tenha certa dificuldade de lidar com elas, porque são criadas nas costas do Camaquã, numa área grande e a parte de manejo fique praticamente com o Beto e o Olavo, em razão da minha falta de tempo para acompanhar de*



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*perto, faço questão de mantê-las e sempre que posso interajo com elas, nos cuidados, medicação, escolha de bodes [reprodutores], manejo dos filhotes na época de darem cria. Inclusive, eu tenho um bode mimoso (melhor, ex-bode), porque foi castrado, mas mora na volta de casa. Como foi guacho, parece acreditar que é bovino, vive no meio das vacas e nunca quis ir para o campo com as cabritas. No final de semana passado fomos a Caçapava do Sul, nas costas do Camaquã, do outro lado, visitar um amigo e buscar dois bodes que ganhamos (eu e a Vera). Esse amigo também cria cabritas crespas e nos deu esses bodes pra variar a genética.”*

**Comunidade Quilombola de Palmas** - Não se sabe ao certo quando as cabras chegaram à comunidade, mas é praticamente unânime a narrativa de que os antepassados já criavam caprinos. Dona Maria Eva Alves, em entrevista aos pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (INCRA; UFRGS, 2017), conta que conter os cabritos é muito difícil e que sempre passou trabalho com esses animais. A necessidade de contê-los tinha como principal objetivo evitar que destruíssem roças e lavouras ou fugissem. Faziam-se cercas de rama, de pau a pique, moirões e cercas de pedra. Em 2005, houve um incentivo do Programa RS Rural – desenvolvido pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul, a partir de empréstimo do Banco Mundial (BIRD) – com a contrapartida do Estado do Rio Grande do Sul, para diversos tipos de atividades produtivas que teriam a ver com a realidade da comunidade, dentre elas, a caprinocultura, a apicultura e a ovinocultura. Na ocasião, vários moradores optaram por criar cabritas, porque são animais que “*não dão muito trabalho*”, quase não adoecem, não precisam de grande investimento para reproduzirem, requerendo apenas uma certa atenção à manutenção do convívio com os humanos, para não se afastarem muito da casa de quem as cria. Enfim, os que optaram pelas cabritas já sabiam como conviver com estes animais. Aqueles que hesitaram em escolher “*as cabritas do governo*”, mas acabaram aceitando o desafio de criá-las, ao invés de optar por outros subsídios estatais, no início tiveram dificuldade para lidar com a itinerância dos bandos. O Sr. Pedro Alves se queixava de ter que andar “*gastando o cavalo*”, subindo e descendo cerro atrás de cabrita. Mas, com o tempo, foram se entendendo, humanos e cabritas; aqueles oferecendo milho numa determinada hora do dia, alguns dias por semana, estas atendendo (mas nem sempre de imediato) ao barulho dos grãos sendo sacudidos no balde e aos gritos de “*chiba, chiba!*”

**Decionil Pereira Franco e Irene Pereira Franco** - Os irmãos são pecuaristas familiares em Minas do Camaquã, distrito de Caçapava do Sul, criam cabras e ovelhas nos cânions que caracterizam a paisagem da região. Possuem cabras crespas, mantendo a criação que adquiriu com o pai de Vera e Marcia Colares. No final de tarde, quando o sol começa a se por, esses lugares ficam tomados por pontinhos brancos que são as cabras. Seu Decinho, como é conhecido, diz que quando as cabras estão nas pedras, não incomodam, ou seja, elas não atacam os cercados. O manejo é feito com milho e todos os dias elas vão às casa para comer ração. O campeiro vai até um local no campo, próximo aos cânions, e as chama. Com o grito de chamado, elas respondem com berros e, em poucos minutos, começam a sair dos matos. Quando não aparecem, é preciso percorrer esses locais a pé, acompanhado pelos cachorros. Seu Decinho, possuía quatro cães: a Sapira, a Chiquita, a Belezinha e a Paqueta. A Safira é uma excelente

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

campeira, pois late nos bichos que estão com bicheiras e controla o movimento das cabras quando elas estão indo muito rápido e se distanciando do pastor.

**Fabiani Franco Alves** - Pecuarista familiar quilombola em Palmas, Bagé. “(...) aqui em casa a gente cria cabrito. A gente começou com cabrito sem raça definida e depois foi introduzido o Boer, para carne. A gente participava do Alto Camaquã, então tinha essa ideia de produzir (...) para carne. Atualmente, a gente está, também, com o Kalahari, que também é para carne, o Kalahari Red que é o vermelho, mas só que, como a gente tem vendido mais para a religião, a gente precisa dar uma colorida no rebanho. Então, a gente estava muito com branco, com Boer, e agora introduziu esse vermelho que também é para carne, e a gente consome também. Mais é para consumo, a gente não vende para carne (...). (...) os campos são muito mais apropriados para cabritos.”

**Márcia Cristina Colares** - Moradora de Palmas, Distrito de Bagé. “Crio cabritas já há alguns anos. Comecei minha criação com duas cabritinhas que ficaram órfãs, ganhei elas bem pequenininhas e criei dando leite na mamadeira. Não tenho muitas porque minha extensão de terra não é muita, e porque prefiro elas envolta de casa. A cabrita é um animal complicado de criar, porque são muito ‘fujonas’, não respeitam muito as cercas, mas porém fácil de lidar, não precisa de muito remédio. Uma ou duas vezes no ano, dou vermífugo. Raciono elas todos os dias, até pra aprenderem vir todos os dias pra perto de casa. Elas se reproduzem duas vezes ao ano, geralmente, parem gêmeos e até trigêmeos.”

**Régis Colares** - Pecuarista familiar e peão campeiro, nasceu e vive no Corredor da Toca, em Palmas, Bagé. Trabalha com pastoreio de bovinos, ovinos e caprinos. Tem atuado para o melhoramento genético do rebanho caprino na propriedade da família, em Palmas. É médico veterinário.

**Vera Colares** - “Nós, aqui nas Palmas, criamos cabritos há muitos anos. Meu avô, meu bisavô, meu pai, meus irmãos, todos aqui criamos cabras. Elas são uma paixão em nossa família. Criamos uma derivada da raça angorá que é uma cabrita lanera. Ela tem uma lã bem crespa, bonita. Depois de muitos anos criando essa raça, já virou uma nova raça. Um professor da UFRGS veio aqui, fez uns testes e chegou à conclusão que era uma nova raça que apelidou de ‘raça crespa’. A gente não registrou ainda. As cabritas ficam soltas no campo. Gostam muito de comer árvores. Adoram ficar em cima das pedras e normalmente dormem em cima das pedras porque precisam de campo que tem pedra para gastar os cascos. Se os cascos vão crescendo, dá problemas e doenças nelas. Por isso, elas se adaptam bem a esta região. Elas são danadas. Gostam de pular para o campo dos outros, pular pelas cercas, são bem arteiras. Às vezes, temos que colocar cangalhas nelas, para não irem embora. Eu costumo dar comida à tardinha, um farelo, um sal, que aí elas vêm para perto das casas e ficam mansas e não fogem muito.”

## 9. Atividade

### 9.1. Origens, motivos, sentidos e transformações

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

A criação de caprinos no Rio Grande do Sul é realizada a partir da introdução dos rebanhos pelos europeus colonizadores. Os padres jesuítas deram início à introdução dos rebanhos na região das Missões, a partir da criação tanto de caprinos, como de ovinos, de equinos e de bovinos. De acordo com Afonso Aurélio Porto (1943), os rebanhos de gados menores entraram em Assunção, no Paraguai, em 1569. Assunção se tornou o empório fornecedor a todas as demais cidades que se fundaram na região do Rio da Prata, devido à grande proliferação das ovelhas e das cabras. Conforme o historiador (1943: 204):

Corrientes, Santa Fé, Buenos Aires, recebem daí os primeiros sementais que são cascos originários dos grandes rebanhos lanares que se disseminam em seus campos ótimos para a criação de ovelhas. Quando o general Juan de Garay funda a última destas cidades, em 1580, para ali transporta, além de grande quantidade de gado vacuno que é distribuído pelos povoadores, outra não menor de ovelhas e cabras. E é desta origem que procedem os rebanhos de gado menor que os jesuítas introduzem, por via Santa Maria do Uruguai, em suas reduções do Rio Grande do Sul, em 1634, como veremos.

O naturalista espanhol Félix de Azara (1896b), aponta, também, a introdução dos rebanhos como um elemento importante nas propostas de colonização da região das bacias platinas, como a do espanhol Juan Ortiz de Zarate, segundo o qual “introduciría en su gobierno en tres años contados desde su arribo á él cuatro mil cabezas de ganado vacuno y otras tantas de lanar, con 500 yeguas y caballos y 500 cabras que todo lo tenia en sus dehesas de Charcas y de Tarijá” (p. 217).

No que diz respeito ao território que configura o Rio Grande do Sul, é necessário ponderar sobre as regiões do estado em que havia a ocupação portuguesa, ainda que seja difícil definir a qualidade e a quantidade desses rebanhos durante boa parte do período colonial (NEVES,1992). Embora a introdução de caprinos remonte ao século 17, a atividade começou a ser desenvolvida como atividade econômica por volta de 1730, por meio da distribuição de sesmarias, quando foram formadas ou demarcadas as primeiras estâncias. Com o cercamento dos campos, se teve a possibilidade de ordenar a criação, facilitando, assim, o manejo dos rebanhos e o aumento da produção. Cabe pontuar, porém, que existem lacunas no que tange ao manejo de caprinos, sendo necessário aprofundar aspectos históricos da presença desses rebanhos na pampa.

Não se sabe ao certo quando as cabritas chegaram à Comunidade Quilombola de Palmas, em Bagé, mas é praticamente unânime a narrativa de que os antepassados da comunidade já criavam caprinos. As cabras, bodes e cabritos sempre acompanharam os quilombola de Palmas. Fornecem carne, leite, queijo, limpam os matos, vão onde os humanos não conseguem ir. Além da subsistência da comunidade, as cabras se prestam, também, à comercialização com Casas de Religiões de Matriz Africana da região de Porto Alegre, bem como de Bagé, de Uruguiana, entre outras. Nestas casas de Batuque (Nação), além de alimentarem as pessoas da comunidade, alimentam, ainda, orixás, entidades e espíritos.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Dona Maria Eva Alves, em entrevista aos pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (INCRA; UFRGS, 2017), conta que conter os cabritos é muito difícil, e que sempre passou trabalho com esses animais. A necessidade de contê-los tinha como principal objetivo evitar que destruíssem roças e lavouras ou fugissem. Faziam-se cercas de rama, de pau a pique, moirões e cercas de pedra. Dona Onélia, moradora na comunidade quilombola de Palmas, conta que ela e os irmãos se criaram tomando leite de cabrita, que possui um gosto forte e é adocicado. Diz também que é comum a cabrita parir gêmeos e até trigêmeos, o que, muitas vezes, incorre em criar algum dos filhotes como guaxos, deixando-os mais mansos do que aqueles que se criam soltos. As cabritas enquanto muito próximas dos humanos, se permitir, andam por cima das camas, das mesas, dos sofás, se deixam abraçar, beijar. No entanto, basta passarem alguns dias sem contato com as pessoas, ou sem comida, que já rumam para os matos, para as andanças, e logo se tornam tão bravias que somente estratégias de caça são capazes de trazê-las de volta para o convívio humano.

Em 2005, houve um incentivo do Programa RS Rural – pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul, a partir de empréstimo do Banco Mundial (BIRD) – com a contrapartida do Estado do Rio Grande do Sul, para diversos tipos de atividades produtivas que teriam a ver com a realidade da comunidade, dentre elas, a caprinocultura, a apicultura e a ovinocultura. Na ocasião, vários moradores do Quilombo optaram por criar cabritas, porque são animais que “*não dão muito trabalho*”, quase não adoecem, não precisam de grande investimento para reproduzirem. Enfim, os que optaram pelas cabritas já sabiam como conviver com estes animais. Aqueles que hesitaram em escolher “*as cabritas do governo*”, mas acabaram aceitando o desafio de criá-las, ao invés de optar por outros subsídios estatais, no início tiveram dificuldade para lidar com a itinerância dos bandos. O Sr. Pedro Alves se queixava de ter que andar “*gastando o cavalo*”, subindo e descendo cerro atrás de cabrita. Mas, com o tempo, foram se entendendo, humanos e cabritas; aqueles oferecendo milho numa determinada hora do dia, alguns dias por semana, estas atendendo (mas nem sempre de imediato) ao barulho dos grãos sendo sacudidos no balde e aos gritos de “*chiba, chiba!*”

De acordo com as pesquisas de Oliveira (2010), a criação de caprinos no Alto Camaquã possui caráter de subsistência e para venda a cultos religiosos. Contudo, alguns produtores buscam a partir da venda da carne de cabrito viabilizar economicamente a atividade. Isso requer orientação quanto à produção, buscando identificar a viabilidade destes animais para produção de carne e verificar a possibilidade da criação de uma marca de qualidade para carne de cabrito do Alto Camaquã. Segundo o autor, a criação de caprinos se destaca na região, em razão do ambiente reunir características favoráveis a esta atividade. Áreas de topografia acidentada, serras e solos rasos, melhor utilizados pelos caprinos. Estas características contribuíram na formação de tipicidades próprias do sistema de produção praticado na região: utilização de genótipos baseados em raças ou ecotipos naturalizados, criações extensivas, baixo



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

uso de insumos e alta dependência dos recursos ecossistêmicos. “Outra característica importante é o hábito de pastejo arbóreo-arbustivo da espécie caprina, comportamento comum desta espécie” (p. 30).

De acordo com Régis Colares, pecuarista familiar e médico veterinário em Palmas, Bagé, o manejo dos caprinos é realizado pela família desde 1919. Inicialmente, tinham cores distintas, como preto, amarelo ou vermelho. Optaram pela espécie branca, com lã crespa, por ser, no depoimento do veterinário, muito mais dóceis. Ao ser questionado sobre a raça da cabrita, o veterinário relata que por muito tempo pensaram se tratar da Cabra Angorá (*Capra aegagrus hircus*), mas ele acredita que seja uma nova raça, chamada por ele de “cabrita crespa” ou “raça crespa”, conforme as pesquisas de Lopes, Fernandez, Poli et al (2016). Segundo o pecuarista familiar, “cabrita não gosta de molhado. Cabrita gosta de pedra”, assim como ir para o alto das pedras, pois “elas gostam de ver”. No campo, durante as chuvas, escondem-se nas grutas e nos buracos pelas rochas. As cabritas devem ser reunidas e alimentadas regularmente, para evitar que se asselvajem. O tempo varia, conforme Régis, pode ser tanto, três, cinco, dez ou doze dias, mas não recomenda um período maior que esse. Juntam os animais, que sozinhos ou em pequenos grupos, se alimentam pelos matos e pedras, aos gritos de “cabrita” ou de “chiba”. As que se extraviam, ou não querem vir, são tocadas com a ajuda de cachorros, que se tornam essenciais nos campos dobrados, devido à dificuldade de acesso aos penhascos, matagais e peraus.

De acordo com o pecuarista, os animais costumam ser buscados ao nascer do sol, nas pedras, onde dormem. Quando o sol nasce, dispersam-se e “ninguém mais acha”. As que são criadas guaxas, ou trazidas filhotes com as mães para próximo “às casa” retornam quando chove. A docilidade não impede que acabem roendo aquilo que fica ao alcance, como plantas, folhagens, tecidos, galhos, fios, cascas. Os caprinos precisam de pouco cuidado, pois são animais pouco propensos a doenças e verminoses. “Cabrito pasta para cima. Os bichos dão embaixo, verminose fica mais junto do chão. Eles comem mais a parte de cima da grama, ou galho de árvore”. Os vários pés de pitanga, vermelha e preta, que têm pelos campos são um dos alimentos delas. Vera Colares, de Bagé, ressalta que as cabritas “se automedicam”, pois “só comem chá”. Ela acredita que muitas pitangueiras nascem das sementes que ficam nas fezes das cabritas. Para Régis, os rebanhos caprinos se encontram, majoritariamente, no Nordeste do Brasil, e que a região da Serra do Sudeste é a maior produtora no Rio Grande do Sul. Sobre os animais, o médico veterinário afirma: “A cabrita, sai.”

O manejo de caprinos envolve a assinalação, quando são realizadas as marcas nas orelhas, que associam os animais aos seus donos. Nessas ocasiões pode ocorrer, também, a castração, quando os machos ainda jovens são “capados”, geralmente, até completarem um mês. A castração visa o controle dos rebanhos, para que não fiquem muitos machos e se reproduzam de forma descontrolada, o que poderia aumentar demais a quantidade de filhotes e, por consequência, a competição por alimento. Tem como objetivo, ainda, deixar a carne mais macia, sem a “morrinha”, gosto e cheiro característicos dos machos. Porém, alguns machos não são castrados, tendo em vista a demanda das

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

casas de religião, que buscam bodes para os rituais de sacralização nas terreiras da região. Dessa forma, os bodes podem ser deixados presos em cercados e liberados quando os pecuaristas desejam que “*cupram*” as fêmeas.

De acordo com a tese de Kosby (2017a), a comercialização com as casas de religião de matriz afro-brasileiras, onde os animais devem alimentar humanos e orixás, segue os preceitos dos cultos de Batuque (Nação). Nesse sentido, os animais são escolhidos a partir, por exemplo, da cor, de serem machos ou de serem fêmeas, de serem virgens, de já terem reproduzido, de serem capados, de terem guampas, de serem filhotes, de serem pequenos, de serem bodês mais velhos, entre outras características.

**9.2. Narrativas e representações**

A temática da *vida campeira*, da atividade pastoril e da lide no campo está disseminada nas narrativas e nas representações culturais e artísticas na região platina, na pampa e no Rio Grande do Sul, seja na literatura de viagem, seja nas obras literárias, seja nas músicas gauchescas, seja nas canções folclóricas, seja nas produções nativistas, seja nas representações iconográfica a respeito do “Sul”.

Um traço dessa representação costuma ser a relação entre natureza e cultura, ou entre ambiente e sociedade, que emana e acompanha o pensamento de gerações de artistas e intelectuais que produzem suas obras com foco na região, que podem se debruçar sobre os tipos sociais, as guerras de fronteira, as andanças pelos campo ou o manejo dos rebanhos. Tal ênfase fica evidente em obras clássicas e contemporâneas da literatura platina, como, por exemplo, *Diálogos*, de Bartolomé Hidalgo, *Martín Fierro*, de José Hernández, *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento, e *As aventuras de China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara, entre tantas outras. Da mesma forma, é possível perceber a presença da melancolia, ou certo pessimismo, em relação à continuidade do modo de vida campeiro ou do contato com o campo. Nesse sentido, o tema do fim, da ruína, da morte, do saudosismo ou da impossibilidade de continuidade costuma ser recorrente.

Na literatura do Rio Grande do Sul, nomes como João Simões Lopes Neto, Ramiro Barcelos (sob o pseudônimo de Amaro Juvenal), Erico Verissimo, Cyro Martins, Jayme Caetano Braun, Barbosa Lessa são apenas alguns dos expoentes que abordam ou dedicam suas produções a refletir sobre essas temáticas. Da mesma forma, pode-se citar autores contemporâneos, que buscam refletir sobre a pampa e seus viventes, como, por exemplo, Aldyr Garcia Schlee, Luiz Antonio de Assis Brasil, Tabajara Ruas, Eron Vaz Mattos, José Carlos Queiroga, Marília Floôr Kosby e Clarissa Ferreira, entre outros.

Contudo, em relação ao pastoreio e ao manejo de rebanhos caprinos as referências são poucas e esparsas, seja na literatura, seja na iconografia, seja nos relatos de viajantes naturalistas. Tendo em vista, de acordo com Aurélio Porto (1943), que a introdução dos caprinos remonta ao período jesuíta, junto aos demais rebanhos missioneiros na região

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

platina, tal ausência parece significativa. Uma hipótese pode ser a especificidade regional, uma vez que são animais associados ao ambiente de cerros e serras, bem como o fato de tais animais serem recorrentes entre populações tradicionais, de acordo com Kosby (2017a). Essa associação fica evidente no relato do francês Arsène Isabelle (2006), que percorreu o Rio Grande do Sul durante a década de 1830. Ao descrever Porto Alegre, o viajante deixou o seguinte comentário: “O forasteiro sente-se só nessa rua, porque não pode, de maneira alguma, apesar do seu alto grau de filantropia, sentir-se em sociedade no meio de negros embrutecidos, que circulam misturados com os bodes e cabras de que as ruas estão cheias” (p. 238).

Letra de música que faz menção ao pastoreio de caprino:

**Cordoba Norte**

Adiós Cerro Colorado  
 Cerro de piedras pintadas.  
 Algún día he de volver  
 Por tu camino de cabras.

Me voy par él cuesta arriba  
 Orillando lo quebrada.  
 Pura piedra y soledad,  
 Camino de Caminiaga.

El alto de Santa Cruz  
 Tiene una selva de palmas.  
 Por ellas se va la tarde  
 Con una luz de vidalas.

Adiós norte cordobés,  
 Tierra de lindos paisanos.  
 Ya se van las tradiciones.  
 ¡Adiós Don Tristán Moyano!

Me voy por la senda vieja,  
 Por Deanfunes y Ongamira.  
 Entre coplas y caminos

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Se me va yendo la vida:

No quiero cantar tristezas  
 Pero hay caminos que apenan.  
 Algunos con sol quemantes  
 Y algunos con luna llena.

Corazón. ¿Dónde vas yendo,  
 De adonde te andan llamando?  
 Tal vez pa' darte consuelo,  
 O pa' largarte llorando.

Adiós norte cordobés,  
 Tierra de lindos paisanos.  
 Ya se van las tradiciones.  
 Adiós Don Tristán Moyano.  
 (Letra: Atahualpa Yupanqui)

<b>9.3. Cronologia</b>	
<b>Data</b>	<b>Evento</b>
Século 17 (década de 1630)	Introdução dos rebanhos bovinos, muar, ovinos, equinos, caprinos na região das bacias platinas, a partir das Reduções Guarani na Província Jesuítica do Paraguai. Abandono das reduções na margem oriental do Rio Uruguai, devido aos ataques de bandeirantes. Asselvajamento dos rebanhos na Vacaria do Pinhais e na Vacaria do Mar.
Século 17 (década de 1680)	Retomada do projeto Missioneiro na margem oriental do Rio Uruguai e fundação dos Sete Povos das Missões. Implantação das estâncias dos Guarani na região da pampa para a criação de rebanhos, tendo em vista o abastecimento das reduções e a comercialização do gado.
Século 18 (década de 1730)	Aumento da colonização portuguesa na região, a partir da distribuição de sesmarias e da fundação de povoados.
Século 18	Caça do gado bravo para comercialização da carne e do couro. Caça do gado muar para fornecimento na região das minas brasileiras.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3

Século 18 (1753-1756)	Guerra Guaranítica, envolvendo os exércitos portugueses e espanhóis contra o povo Guarani Missioneiro e os padres Jesuítas. Declínio das Missões. Abandono das estâncias Guarani e dos rebanhos.
Século 18 (1780)	Fundação das primeiras charqueadas na região pampeana do Brasil, do Uruguai e da Argentina.
Século 19	Intensificação da instalação das charqueadas no Rio Grande do Sul, com vasta utilização de mão de obra africana escravizada.
Século 19 (1850)	Lei de Terras é publicada pelo imperador Dom Pedro II, apropriação das terras e alteração da estrutura fundiária.
Século 19 e início do século 20	Declínio das charqueadas e instalação de frigoríficos.
Século 20 (a partir de 1950)	Aumento do monocultivo, com lavouras de arroz, de milho, de soja e da silvicultura.
Século 20 (a partir da década de 1980)	Novos modelos fundiários. Assentamentos da Reforma Agrária. Comunidades Quilombolas. Terras Indígenas.
Século 21	Intensificação da supressão da pampa, através de projetos de monocultivo, de mineração e outros.

## 10. Produtos patrimoniais

<b>10.1. Repertório ou principais produtos</b>
<i>Lida campeira</i> , a partir da criação de caprinos para a produção de leite e de carne. O leite de cabra costuma ser citado como uma fonte nutricional importante, por exemplo, no Quilombo de Palmas, em Bagé. Também a produção de carne para o consumo da família, principalmente, e de “loncas”, utilizadas na confecção de <i>tentos</i> , tiras de couro escreita e comprida, utilizada para atar e trançar coisas da lida/guasqueria. Comercialização de animais vivos para os rituais de cultos afro-religiosos nas terreiras.

<b>10.2. Processo de trabalho e comercialização</b>	
<b>Etapa</b>	<b>Atividade</b>
Manejo	Campear bodes, cabras e cabritos para que não sumam nos matos; cuidar para que não sejam pegos por predadores; alimentá-los com certa regularidade, principalmente com milho, para que

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>não percam a domesticidade; atentar para os deslocamentos dos rebanhos, para que não invadam plantações ou saiam das terras.</p> <p>Atentar para o nascimento de filhotes e para o risco de predadores; deixar que os animais caminhem e se desloquem, para evitar frieiras; evitar ter que prender caprinos em mangueiras ou galpões, para que não estejam sujeitos a pisar sobre a própria urina e desenvolver doenças.</p>
Parição	<p>As cabritas não têm cio periódico, podendo copular e emprenhar caso haja um bode por perto. A reprodução é controlada tirando os bodes do rebanho, em determinados períodos, para que os recursos naturais de alimento não se esgotem e que não tenham filhotes em demasia.</p> <p>As cabritas possuem certa autonomia na proteção contra predadores: ao contrário das ovelhas, elas conseguem defender os filhotes recém nascidos dos <i>sorros</i> (<i>Lycalopex gymnocercus</i>), cachorros do mato, ou javalis. Por outro lado, se precisarem deixar a cria escondida em um buraco no chão e sair para comer no mato, elas o fazem. Outro viés interessante dessa autonomia das cabras é sua proteção contra doenças, garantida pelo fato de quase não pastarem, não comerem gramíneas próximas do chão e contaminadas por verminoses. Segundo os quilombolas, raramente morre uma cabrita por doença ou ataque de predadores. O máximo que acontece é morrerem filhotes quando de grandes geadas ou de algum caprino ficar preso entre galhos ou no tronco de árvores quando se penduram para comer folhas mais altas.</p> <p>Alguns criadores adotam manejos para que as cabras permaneçam, ao redor das casas. <i>“Na época em que elas estão dando crias temos que trazer pras casa, para darem cria em casa, para evitar que os predadores, principalmente, os sorros, comam. As cabritas, em geral, deixam os cabritinhos e saem a pastar e os filhotes ficam suscetíveis aos predadores. Então, trazemos para perto das casas para darem cria. Outra razão, é que elas são muito suscetíveis à chuva, frio, pois dão cria nos meses de inverno, daí os filhotinhos sentem muito frio. A lã deles é diferente da lã das ovelhas (nem chamam de lã, mas de pelo). Então, se molham muito, os filhotinhos podem morrer. Trazemos para casa. Quando estão pequenininhos, botamos dentro do galpão. Eu deixo no potrerinho perto das casa, mas tem gente que, quando tem muitas, de manhã larga as cabritas no campo para pastar e deixa os filhotinhos presos no galpão. A tardinha, elas vem dar mamar e ficam a noite. Depois, quando ficam grandinhos, largamos para o campo, pois já estão espertinhos para seguirem as mães.”</i> (Vera Colares)</p>
Assinalar	<p>Consiste em fazer um recorte na orelha do animal com a faca ou assinalador, fazendo um desenho que identifique o dono do rebanho. A assinalação é feita quando as cabritas e cabritos ainda são pequenos, na ocasião em que os machos são castrados, próximo de completarem um mês. Quando o proprietário possui ferrete com desenho para marcar o couro dos animais com ferro quente, a marcação é feita junto.</p>

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Abate	Abate-se caprinos para alimentação doméstica. Quando tornam-se selvagens, “são caçadas”. As demais, devem ser pegas. A diferença está na arma: na caça alveja-se à distância, no abate doméstico usa-se a faca. Sem dúvida, matar e carnear um guaxo não é uma ação que se faça sem pesar, sendo bem mais comum abater cabritos (mais os machos do que as fêmeas) que ficam mais afastados do convívio humano. Conforme Seu Decinho, “os machos são mais passeadores”.
Comercialização	A comercialização de cabritos se dá de duas maneiras: - Venda para as casas de religiões de matriz africana. A condição para esta venda é de não estarem as cabritas com filhote “no pé”, ou seja, com filhotes recém nascidos, dependendo, também, de algumas especificidades de cor, de sexo, de possuírem guampas ou não, de não estarem prenhas, de serem virgens. Todas essas especificidades estão relacionadas ao orixá ou entidade a quem elas vão ser ofertadas; - Venda comercial para consumo de carne. A ADAC, detentora da marca “Alto Camaquã”, trabalha com parcerias para investimentos tecno-científicos, para reorientar aspectos da criação e produção da carne, identificando as viabilidades para obtenção de uma “marca de qualidade” da carne de cabrito do Alto Camaquã. Entre essas reorientações, está o desenvolvimento de um padrão genético de “caprinos nativos”, de maneira a evitar cruzamentos com raças exóticas. Segundo Oliveira (2010, p. 20), os “caprinos nativos ou naturalizados caracterizam-se como animais altamente adaptados devido ao processo de seleção natural a que foram submetidos ao longo dos cinco séculos, sendo considerado atualmente valioso material genético.”

10.3. Principais participantes	
Status	Função
Pecuaristas familiares	Realizam o cuidado diário e o manejo dos rebanhos na pecuária familiar. Pastoreio extensivo, em campo nativo, geralmente, com o apoio de cães e cavalos.

10.4. Capital e instalações	
Descrição	Matos
Quem provê	A preservação dos matos é imprescindível para a criação de caprinos, assim como para a manutenção de muitas outras espécies locais.
Função	Abrigo e alimento.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3

<b>Descrição</b>	<b>Mangueiras ou currais</b> - Cercas de arame ou madeira, em diferentes formatos, onde os animais ficam presos durante os processos de vacinação, cura, banho, castração e demais atividades de cuidado.
<b>Quem provê</b>	A família é quem provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
<b>Função</b>	Evitar que os animais se dispersem pelo campo antes de serem tratados.

<b>Descrição</b>	<b>Brete</b> - Corredor de madeira por onde os animais passam para serem tratados, ou para serem presos.
<b>Quem provê</b>	A família é quem provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
<b>Função</b>	Individualizar o tratamento dos animais, colocando-os enfileirados, um atrás do outro, sem que possam se deslocar.

<b>Descrição</b>	<b>Embarcadouro ou Carregador</b> - O mesmo que embarcadeira. Rampa de troncos, com inclinação adequada, para permitir o acesso de animais (bovinos, equinos, ovinos, caprinos) a um caminhão de transporte ou a um vagão de trem. Lugar, na costa de um rio ou num porto, onde se transladam animais, veículos ou cargas para um barco, chata ou balsa (SCHLEE, p. 347, 2019).
<b>Quem provê</b>	A família é provê utilizando materiais na propriedade ou compra com recursos próprios. Pode-se contratar mão de obra especializada. A manutenção pode ser feita por pessoas especializadas ou pelos membros da família.
<b>Função</b>	Organizar o embarque dos animais, colocando-os enfileirados, um atrás do outro, para que entrem no transporte.

<b>10.5. Matérias primas e ferramentas de trabalho</b>	
<b>Descrição</b>	<b>Cangalhas ou Cangas</b>
<b>Quem provê</b>	A família ou a comunidade é quem provê.
<b>Função/ Significado</b>	Faz-se um triângulo com três pedaços de varas, que é colocado em torno do pescoço dos caprinos, para evitar que cruzem cercas de arames.
<b>Disponibilidade</b>	Feitas com matéria-prima da propriedade.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3

<b>Descrição</b>	<b>Assinalador ou Sinal</b> - Espécie de alicate cortante, cuja forma do corte deixa um sinal, ou seja, um desenho que identifica a propriedade do animal.
<b>Quem provê</b>	O/a pecuarista familiar.
<b>Função/ Significado</b>	Assinalar a orelha do carneiro. O sinal não é exclusivo de cada propriedade, mas, juntando-se a marca no quarto com o sinal, é possível identificar a quem o animal pertence. Isso é feito porque o animal pode passar por vários proprietários. Em geral, ainda que isso não seja uma regra, a marca a ferro é aplicada apenas pelo primeiro proprietário, enquanto as orelhas do animal podem apresentar mais de um sinal. O sinal também pode diferenciar os donos do gado quando o estabelecimento pertence a mais de um proprietário.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente de artesãos ferreiros ou em lojas especializadas.

<b>Descrição</b>	<p><b>Faca ou Facão</b> - Demétrio Xavier (Ficha de Contatos) menciona que seu pai dizia que “<i>faca não é arma é ferramenta</i>”, indicava, também, que esta coisa de lida era um instrumento masculino, distinguindo-se da faca de cozinha. Menciona, ainda, o texto de Ondina Fachel Leal sobre o uso da faca pelas mulheres na benzedura e simpatia.</p> <p>Conforme Demétrio o gauchismo, quer pelo caminho do tradicionalismo organizado ou de forma mais independente, muitas vezes, faz com que as pessoas busquem os costumes mais “ancestrais” e deixem de lado suas versões mais contemporâneas, que talvez lhes pareçam menos interessantes. Então, desde as primeiras décadas do século 20, é muito mais usual como faca gaúcha a “<i>carneadeira</i>”, adequada ao trabalho que o nome indica. Uma faca sem ponta, de lombo reto, larga. Mas quem cultiva o gauchesco prefere, muitas vezes, um modelo anterior, uma faca polivalente que remete muito mais ao século 19. Facas que eram simultaneamente armas e ferramentas. Ao longo do século 20, certamente as carneadeiras foram as facas mais usadas. Hoje, os colecionadores de facas começam a despertar para esse tipo de artigo, mas certamente essa seria a faca que se veria às costas de um peão de campo, desde os anos 20. Talvez ele também usasse uma adaga ou um punhal, exclusivamente pela necessidade de uma arma branca ou gosto por portá-la. mas a faca por excelência no campo é a carneadeira, acompanhada ou não de chaira.</p> <p>Contudo, o debate sobre as facas implica na dimensão das coisas e das pessoas na <i>lida campeira</i>, bem como a dificuldade de separação entre os domínios da casa e do campo. Como apontam autores como Baretta e Marcoff (1978) e Farinatti (2007), a mesma mão de obra utilizada nas atividades pastoris era a utilizada nas guerras, ao longo de toda a constituição das fronteiras no Brasil meridional. Isso gerava a necessidade de cada estância possuir um número de peões suficientes para empenhar-se nos confrontos, tendo, ainda, aqueles que pudessem permanecer na</p>
------------------	--

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>propriedade, seja para a defesa do local, seja para, mesmo que minimamente, dar andamento às atividades de manejo dos rebanhos. Em diálogo com Baretta e Markoff (1978), a expansão colonial na América Latina foi responsável pela introdução de rebanhos nos territórios indígenas, motivo de constantes confrontos e tensões no avanço de fronteiras. Sejam guerras causadas pelos tantos conflitos para defesa e demarcação (ou expansão) das fronteiras, mas, também, pelas tensões provenientes do interior dessa sociedade.</p> <p>Em combate, os conhecimentos sobre o território e o manejo dos animais eram elementos importantes para a manutenção das tropas – e as ferramentas de trabalho eram, virtualmente, as armas. Nesse sentido, pensar na faca enquanto uma ferramenta de trabalho, leva-nos a pensar no que consiste tal trabalho, bem como a dimensão de “instituição total” que pode configurar os regimes produtivos nas estâncias, em que relações de parentesco, compadrio e afinidade nem sempre podem ser desassociadas. Logo, é possível pensar em uma “tradição de violência”, como apontam Baretta e Markoff (1978: 587), ou num recorrente “espaço de morte”, comum a processos coloniais de longa duração, como defende Taussig (1993), que torna a experiência da pecuária e do pastoreio uma atividade em relação constante com confrontos e disputas fronteiriças.</p>
<b>Quem provê</b>	Cada campeiro tem a sua faca que, geralmente, o acompanha na lida.
<b>Função/ Significado</b>	Faca para carnear, “ferramenta” da lida - com bom corte para “ <i>todo o serviço</i> ”. A faca como arma, punhal. A faca como símbolo de masculinidade.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente com artesãos cutedeiros ou em lojas especializadas.

Obs.: Para mais informações ver Ficha “Identificação Ofícios Lida Caseira”.

<b>10.6. Comidas e bebidas</b>	
<b>Descrição</b>	Leite e carne de cabrita.
<b>Quem provê</b>	A partir do manejo de rebanhos caprinos.
<b>Função/ Significado</b>	Dona Onélia, moradora no Quilombo de Palmas, conta que ela e os irmãos se criaram tomando leite de cabrita, que possui um gosto forte e é adocicado. De acordo com os interlocutores, a carne do cabrito é mais magra e mais saudável que a carne de ovino, pois são animais que comem apenas “chá”, ervas.

<b>10.7. Objetos e instrumentos rituais</b>	
<b>Descrição</b>	
<b>Quem provê</b>	

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Função/ Significado</b>	
--------------------------------	--

**10.8. Trajes e adereços**

<b>Descrição</b>	Pilcha - Conjunto de vestimentas utilizada por homens e mulheres campeiros/as. Compõe-se de bombachas (calças presas por botões no tornozelo), lenços (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargatas (sapatilhas de tecido com sola de corda ou borracha), chapéus (feito de couro ou feltro) ou boinas (espécie de boné, sem aba, feita de lã ou feltro), ponchos e palas, que são capas de pano ou lã, com forma redonda, retangular ou ovalada, tendo uma abertura no centro por onde passa a cabeça e, por fim, as botas, feitas em couro. A bota é um calçado apropriado para andar a cavalo, pois não têm agarradeiras, o que facilita que deslize do estribo em um eventual acidente. A bota protege os pés contra ataques de animais como cobras.
<b>Quem executa</b>	Cada pessoa é responsável por prover os seus trajes e adereços.
<b>Função / Significado</b>	Peças da indumentária campeira, atuam como artefatos para proteger da chuva, do sol, do frio, dos bichos. Atuam, também, como elementos simbólicos de um modo de ser e viver campeiro, que transpassam o cotidiano da lida, sendo reinventado por movimentos culturais urbanos (VARGAS, 2016b).

**10.9. Danças**

<b>Descrição</b>	
<b>Quem executa</b>	
<b>Função / Significado</b>	

**10.10. Músicas e orações**

<b>Descrição</b>	Música campeira - Estilo musical cujas letras narram, refletem e representam os modos de viver dos/as campeiros/as. Narram situações de lidas, bem como aspectos que se esperam ou se interpretam como característicos deste modo de viver, tais como as melhores maneiras de manejar os animais e os atributos necessários para ser campeiro/a. As situações cantadas, muitas vezes, foram vividas pelo próprio narrador ou referem-se a fatos cotidianos, de relações com os bichos e com os campos. Contudo, em relação ao pastoreio e ao manejo de rebanhos caprinos as referências nas músicas são poucas e esparsas. Uma hipótese pode ser a especificidade regional,
------------------	---

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	uma vez que são animais associados ao ambiente de cerros e serras, bem como o fato de tais animais serem recorrentes entre populações tradicionais.
<b>Quem provê</b>	Artistas musicais e poetas, envolvidos direta ou indiretamente com os modos de viver campeiro/as.
<b>Função / Significado</b>	A música campeira é escutada nos momentos de sociabilidade, como o chimarrão ou churrasco ou nos momentos entre as lidas como no início da manhã e no final de tarde. Nas vivências etnográficas pelos galpões percebeu-se que nesses ambientes era comum ouvir rádios sintonizados em emissoras com programas voltados para tal estilo. Por conseguinte, interlocutores e interlocutoras fazem referências a determinadas letras de música como forma de argumento do seu relato. Alguns interlocutores e interlocutoras são poetas, compositores e músicos.

<b>10.11. Instrumentos musicais</b>	
<b>Descrição</b>	
<b>Quem provê</b>	
<b>Função / Significado</b>	

<b>10.12. Atividades após a execução</b>	
<b>Executante</b>	<b>Atividade</b>

**11. Destinação do produto**

<b>Para uso próprio</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Vende</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Troca</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Outro</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Especificar:</b>
<b>Participação na renda familiar</b>	<b>Sim</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Não</b> <input type="checkbox"/>	<b>Principal fonte de renda</b> <input type="checkbox"/>	<b>Complemento</b> <input checked="" type="checkbox"/>
<b>Modo de Comercialização</b>	<b>Direto</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Intermediário</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Cooperativa/Associação</b> <input checked="" type="checkbox"/>	

**12. Participação em cooperativas ou associações**

Alguns pecuaristas da região do Alto Camaquã fazem parte de associações comunitárias e de projetos de assessoria rural, que incentivam a comercialização do que produzem. A venda desses bens pode ser realizada em feiras,



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

exposições pecuárias e nos comércios comunitários e locais, o que contribui na renda familiar. Os produtores participam e são associados a diferentes entidades tais como, a Cooperativa de Lãs Mauá, a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO), a Associação para o Desenvolvimento sustentável do Alto Camaquã (ADAC), a Associação para a Grandeza e União de Palmas (AGRUPA), a Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS-Ascar), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), o Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, bem como de associações religiosas e de associações quilombolas.

### 13. Bens associados

Denominação	Código
Carneada/Cutelaria	<p>Conforme Schlee (2019a: 210) consiste no ato “de abater, matar um animal – e separar-lhe as partes para utilizar sua carne, couro, vísceras e ossos”. De uma maneira geral, as etapas da carneada são as seguintes: “escolher o animal, deixá-lo em repouso, sangrar, retirar o couro, retirar os intestinos e vísceras e realizar os cortes da carne” (CALDEIRA, 2021: 83).</p> <p>O ato é marcado por gestos que justificam que não será uma morte “em vão” (CALDEIRA, 2021). O abate deve ser realizado o mais rapidamente possível, para evitar causar dor desnecessária ao animal bem como de respeito pela vida que está em processo de se tornar carne. Nesse sentido, dois aspectos devem ser considerados no ato: 1) a habilidade do <i>sangrador</i>, que é o responsável por cortar as veias e artérias jugulares ou introduzir a faca no <i>sangradouro</i> que fica no lado direito do pescoço, junto ao peito do animal. O <i>sangrador</i> deve conhecer estes locais e ter em mãos uma boa faca, de “<i>bom corte</i>” e “<i>bem afiada</i>”, reconhecida como a “<i>faca carneadeira</i>”. Com ela em mãos, o <i>sangrador</i> adota uma performance de mediação entre o bicho vivo e o <i>carneado</i>; 2) os envolvidos no momento de sangrar não podem sentir “pena”, pois isso pode gerar dor ou fazer com que o animal leve mais tempo para morrer. Em alguns casos, filhos pequenos e/ou pessoas que sentem “pena” ou “dó” do animal devem ser afastadas, para não presenciarem o ato. Somente quando o animal estiver abatido essas pessoas poderão retornar ao local e seguir participando ou acompanhando o processo. Quando possível, após o abate, os filhos são estimulados a participarem, auxiliando em alguns preparos, para se familiarizar com a prática.</p>

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3

Geralmente, a carneada envolve mais de uma pessoa. Pode ser realizada de forma coletiva, com a participação de vizinhos ou de parentes de outras localidades. Quando o *sangrador*, que é o mestre, está prestes a sangrar, todos ficam quieto e observam o ato. Após a ação da faca, o animal esvai-se em sangue e morre lentamente. O *sangrador* lava as mãos e a faca suja de sangue e observa a morte. Após, os demais participam do processo retirando o couro e cortando as partes. Busca-se aproveitar o máximo possível, desde o couro, as vísceras até os ossos. A carne costuma ser distribuída entre os participantes que contribuíram com o abate. Os melhores cortes são destinados ao churrasco. Pode ser pensada, também, como uma atividade multiespécie (TAUSSIG, 2018), já que envolve outros animais, como os cachorros, que participam do ato se alimentando do sangue e das partes que não serão destinadas ao consumo humano. Em alguns casos, as vísceras são destinadas à alimentação dos porcos, com exceção de cortes como o coração e o fígado. Pode contar, ainda, com a participação dos animais do mato, como corvos e sorros, que podem se alimentar das carcaças e ossos que são colocados no campo, após o abate. Nem todo/a campeiro/a é o *sangrador*, participando da carneada em outras tarefas. O ato é marcado por um aprendizado contínuo, no qual quanto mais experiências de *carnear* mais ágil e habilidoso o carneador se torna. Por fazer a mediação entre a vida e a morte, o carneador torna-se *sangrador* após longo tempo de prática. Outros já trazem a vocação e aprendem a *sangrar* já nas primeiras carneadas. Embora de diferentes maneiras, o fato é que ele vai sendo afetado pela experiência da morte. Inicialmente como uma “adrenalina”, em que “não sente pena”, o passar do tempo faz com que comece a pensar na morte e o ato requer outras atitudes de respeito e cuidado com animal que se tornará carne (CALDEIRA, 2021).

Além da faca carneadeira, existem outros diferentes tipos de faca que transitam entre os domínios da casa e do campo. Uma boa faca, *de bom corte e fio*, não é fácil de encontrar. Além disso, a escolha envolve aspectos como a beleza, o material do qual ela é feita, a durabilidade, a resistência e o conforto para as mãos de quem a maneja. Pode-se dizer que a faca “escolhe” o seu dono, passando a acompanhá-lo nos diferentes manejos. A “boa faca” é aquela que realiza com eficiência a ação ao qual ela foi destinada. Seja para cortar um arreo, em caso de acidente com o cavalo, seja para sangrar ou courear um

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3

	<p>animal, e até mesmo para cortar o churrasco, quando acionada, deve fazer um “<i>serviço bem feito</i>”. Nesse sentido, as “<i>boas facas</i>” são feitas pelos melhores artesãos couteiros, reconhecidos pelas habilidades manuais na confecção destas ferramentas cortantes. Considera-se que o couteiro artesão, por participar de todos os processos na feitura da faca, imprime uma qualidade diferenciada ao artefato. Além disso, a relação direta com consumidor faz com que se crie vínculos de confiança, pois o couteiro busca atender o seu gosto, bem como o consumidor tem a certeza de que foi feita para atender o desejo dele. Uma faca feita a mão é um artigo considerado “de luxo”, com qualidade superior às facas compradas em lojas, vistas como de qualidade duvidosa, embora muitas delas possam “surpreender” quem as adquire.</p>
Agricultura de cercado	<p>O cercado é um “espaço delimitado por uma cerca – geralmente utilizado na campanha para a lavoura” (SCHLEE, 2019a: 226). O “<i>cercado</i>” tem sua existência em função da presença de animais domésticos como galinhas, porcos, cavalos, bois, ovelhas e cabras, bem como animais asselvajados como javalis, lebres e preás. Por isso, o entorno é feito com cercas de arames, bambus e outros materiais.</p> <p>É o local onde se produz grãos, como o milho e o feijão, tubérculos como a batata-doce, a abóbora e a mandioca entre outros alimentos voltados para o consumo de humanos e de outros animais. De acordo com Dona Vanda, em Piratini, “<i>Feijão a gente planta. O milho a gente planta. A gente colhe abóbora e verduras. Então, a gente só compra coisas de mercado</i>”. Conforme Amilton Camargo, no Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, as famílias plantam: “<i>milho, feijão, tudo que... hortaliça, tudo que é pra consumo próprio mesmo, pra subsistência mesmo, não é pra vendas (...). Tem lavoura de milho, mandioca, batata, é... Que a gente chama de produto de cercado. São as coisas, assim, mais grossas, pra alimentação mesmo. Produção de cercado que é mandioca, batata, essas coisas que a gente produz ali.</i>”</p> <p>Tal riqueza de alimentos é fator de cobiça dos bichos que estão tanto no campo quanto no mato. Assim, além da cerca, colocam-se espantalhos, redes e outras estratégias para dificultar o acesso de bichos que a cerca não impede, tais como pássaros, ouriços, tatus. O animal doméstico que consegue cercar as barreiras e entrar no cercado é chamado de “<i>chacareiro</i>” ou “<i>roceiro</i>”. Nesse caso, uma das estratégias acionadas é o uso de <i>cangas</i> ou <i>cangalhas</i>, que dificultam ainda</p>

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3

mais o acesso. Entretanto, nos casos em que estas estratégias não surtam efeitos, o animal deverá ser trocado de campo, ou mantido “a sogá”, que é ficar preso por uma corda, ou até mesmo ser vendido. Tanta cobiça se dá pelo fato de que, para além dos cultivos existentes, é o local onde os pastos estão verdes por não estarem sendo consumidos. Nesse sentido, o cercado é, também, uma reserva de pastos, os quais, após a retirada dos cultivos, serão liberados para consumo, principalmente dos animais “fracos”, que estão amamentando ou que precisam de um engorde mais rápido. A presença dos animais, por sua vez, alimenta e nutre a terra pelo esterco e pela urina, fazendo com que a mesma se renove para a próxima plantação.

O cercado está, assim, emaranhado com as lidas caseiras e campeiras enquanto um fator de autonomia e vitalidade (DIAS, 2021). Cuidar da terra e receber dela os alimentos que nutrem os corpos de humanos e bichos constitui o movimento que dá vitalidade aos seres vivos e ao ambiente. Nesse emaranhado de relações estão envolvidos outros fatores, como a incidência da luz solar e das chuvas. Nos finais de tarde, quando o serviço na fazenda estava feito, Seu Beto descia do cavalo, colocava umas botas de borracha e se dirigia ao cercado. “*Eu venho para cá à tardinha. Venho, planto um pouco. No outro dia venho e planto mais um pouco. É pela própria natureza que a gente colhe aqui. Não tem remédio.*” Portanto, há uma relação de reciprocidade entre os humanos, os bichos e a terra, em que se trabalha, cuida e nutre a terra, que, por sua vez, produz alimentos em retribuição. Mas para retribuir, o solo tem que ser respeitado, ou seja, não receber “remédios” – defensivos químicos. Trabalha-se a terra ao passo que ela retribui com suas potencialidades, em um processo de “negociação” entre as necessidades de consumo e o que a terra pode oferecer (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997; LIMA, 2020).

No cercado, chamado, por vezes, de “roça”, misturam-se diferentes cultivos e vidas, remetendo estes manejos às práticas agrícolas Guarani. Ao etnografar essas práticas na comunidade Guarani *Yyguá Porã*, às margens do Rio Camaquã, na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, a antropóloga Cristiane Feijó (2015), demonstra o quanto a organização destes espaços estão relacionados à cosmovisão desses povos, sendo a roça um entrecruzamento de relações e reciprocidades entre humanos, divindades e plantas-sementes. Tais relações, segue a autora, alimentam não somente os corpos, mas todo o mundo



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3

	<p><i>Mbya</i> Guarani, envolvendo relações de trocas com os rios, com as matas, com os animais, com os minerais, com as sementes, etc, constituídos, por sua vez, pelos espíritos de seus “donos”, divindades do panteão Guarani. É assim que o cercado, ou a roça, operam como espaços de trocas de vitalidades que nutrem os corpos-espíritos dos modos de viver e habitar das populações tradicionais.</p>
Cultivo tradicional de erva-mate	<p>Historicamente, a exploração comercial da erva-mate (<i>Ilex paraguariensis</i> A. St. Hil.) foi responsável por um dos principais ciclos da economia brasileira, quando estimulou o surgimento e o desenvolvimento de diversas localidades na região Sul brasileira. O cultivo e a exportação de erva-mate foi essencial para a manutenção das reduções Guarani, desde o século 17, por meio do manejo dos ervais nativos na região platina. Atualmente, o cultivo dessa espécie ainda representa importante potencial econômico, sociocultural e ecológico à região.</p> <p>Conforme as pesquisas da Embrapa (PENTEADO JUNIOR; GOULART, 2019), a erva-mate é o principal produto florestal não madeireiro da economia na região Sul do Brasil. A espécie ocorre naturalmente nos estados do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, no sul do Mato Grosso do Sul e no extremo sul de São Paulo. Consumida na forma de chimarrão e de infusão, especialmente nos estados do Sul do país, a cada dia aumenta o interesse do mercado internacional pelas propriedades da erva-mate, como teor de cafeína, teobromina e saponina.</p> <p>Existe um amplo espaço para ocupar neste mercado, mas é possível, também, desenvolver novos produtos tendo a erva-mate como matéria-prima, como infusões, energéticos, cosméticos e produtos de limpeza. Crescem as oportunidades do mercado de erva-mate e melhorias no sistema de produção podem auxiliar o produtor a se tornar mais competitivo.</p> <p>A prática do cultivo e do manejo de erva-mate oferece, ainda, uma alternativa econômica entre grupos Guarani (<i>Mbya</i>), no Rio Grande do Sul, como foi possível visualizar na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, na Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, que realizada a produção tradicional.</p>

**14. Plantas, mapas e croquis**

--

**15. Documentos inventariados**

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

15.1. Documentos escritos, desenhos e impressos em geral



Imagem 1: Cabritas e campos de pedras.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Cabritas limpando o mato.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 3: Os animais, os campos e os matos.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

**15.2. Registros sonoros e audiovisuais**

**15.3. Registros fotográficos**  
 Para mais informações sobre os Registros Fotográficos ver Ficha “Anexo: Registros Audiovisuais”.

**16. Observações**

**16.1. Aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento**



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

--

<b>16.2. Identificação de outros bens mencionados nesta ficha</b>

<b>16.3. Outras observações</b>
---------------------------------

Em termos de recomendações relacionadas à salvaguarda da *lida campeira*, é indispensável considerar as transformações que vive a Pampa brasileira. Ocorre que, essa região, correspondente, em linhas gerais, ao quadrante sul do Rio Grande do Sul, vem se constituindo em uma nova fronteira agrícola em expansão, mediante a conversão de grandes extensões de campos naturais. O avanço das plantações de espécies florestais e, sobretudo, da soja, constitui a expressão mais saliente disso. Hoje a soja marca presença em quase toda a diversidade ambiental do estado, adentrando o coração do bioma Pampa, em tradicionais áreas anteriormente dedicadas à pecuária.

Portanto, nessa região, onde durante séculos a criação de bovinos e ovinos foi o carro chefe do setor agropecuário, a soja é, atualmente, a atividade preponderante na maior parte de seus municípios (IBGE, 2020). Algumas das poucas exceções ficam exatamente em municípios do Alto Camaquã, onde as contingências do meio geográfico impõem limitações à agricultura intensiva e fazem confinar as áreas mais extensas e contínuas de campos nativos remanescentes do bioma Pampa. É nessa zona onde se concentram, em nítido caráter residual, os municípios nos quais a criação de bovinos e de ovinos ainda permanece como atividade agropecuária preponderante, como Pinheiro Machado e Caçapava do Sul, por exemplo.

Assim, singularidades seculares da Pampa, como é o caso da *lida campeira*, vão se tornando residuais como o próprio Pampa, frente à crescente conversão do bioma em áreas dedicadas à moderna agricultura. De modo que, hoje, quando esse processo se acelera a níveis inéditos, a diversidade “natural” do Pampa é substituída de vez por uma nova diversidade, definida agora pela especialização agrícola, distinguindo as paisagens da soja, do arroz, do fumo, do eucalipto, da mineração etc. e, residualmente, as da pecuária extensiva, onde ainda podem ser percebidas algumas expressões resilientes dessa antiga diversidade das relações entre paisagens e práticas de acordo com a diversidade da própria natureza local.

O Alto camaquã, enquanto área de remanescentes, aparece como espécie de conservatório, também, de algumas dessas antigas singularidades. É assim que as velhas especificidades de lidar “*nas pedras*”, “*em campos lisos*” ou em “*campos dobrados*” encontram, em alguma medida, sua razão de ser. Trata-se de relíquias cuja existência, já residual, não se explica fora da, também, residual materialidade que as abriga: a da Pampa que remanesce por marginal, ou

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

seja, cuja conservação é produto de seus próprios limites funcionais-produtivos para outras atividades que não a pastoril.

Podemos falar, nesse sentido, em um caráter de relicário dessas manchas de vegetação nativa, manifesto tanto no sentido etimológico da palavra, enquanto sinônimo de resto ou resíduo (remanescente da Pampa), quanto no sentido mais usual, enquanto local que abriga coisas valiosas, heranças. Um relicário, aliás, chama atenção para a indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre o tangível e o intangível, enfim, entre o ambiente e a vida que o anima, dado que um relicário (uma forma, um suporte) guarda relíquias (artefatos, saberes-fazeres, práticas, falas, jeitos etc.).

O reconhecimento institucional do Pampa como um dos biomas brasileiros pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se deu apenas em 2004, na esteira do processo de supressão, como um evidente sintoma reativo. Ocorre, no entanto, que as metamorfoses do Pampa não se amortizam pela dimensão ambiental, da perda de biodiversidade. Não se trata, somente, da substituição dos campos nativos por lavouras. Se trata da supressão de formas, mas, também, de conteúdo, de objetos, de relações sociais singulares, de natureza e de cultura. Trata-se da míngua de espécies e de ecossistemas, bem como de componentes históricos, arqueológicos, paisagísticos e etnográficos. Por isso, se inicialmente o reconhecimento do Pampa veio através de uma abordagem, digamos, ecológica, de atenção, sobretudo, ao seu patrimônio “natural” e biológico, o momento atual aponta para a importância de outras de suas dimensões. O contexto mundial de crise e alertas ambientais que dá eco ao tema da biodiversidade, tem o seu correspondente cultural que, frente à massificação das paisagens numa sociedade, cada vez mais, global, dá eco a um crescente apego cultural ao que é próprio e distintivo.

No mundo, as tendências globalizadoras geradoras de recursos genéricos e de caráter deslocalizável são confrontadas pela revitalização experimentada pelas identidades locais dos territórios, onde estão ancorados recursos patrimoniais específicos, de caráter singular e irrepetível (PÉREZ; SALINAS, 2008). Do esquecimento e da marginalidade, esses tipos de paisagens, lugares de trabalho e habitação, espaços de sociabilidades, de expressões orais e rituais singulares, passam agora, ainda que lentamente, a ser vistos como potenciais recursos identitários em que podem se apoiar, inclusive, processos de desenvolvimento (PÉREZ, 2008).

Ao se falar na Pampa remanescente, é oportuno falar na paisagem-vida pastoril remanescente. Seria dizer, além de um patrimônio “natural” ou biológico, estaríamos falando de um patrimônio territorial, em sentido amplo, e/ou um patrimônio agrário, em sentido estrito. Enquanto patrimônio territorial, seria falar na paisagem-vida pastoril como um legado de vidas sociais precedentes no devir histórico que reúnem elementos naturais e os acréscimos artificiais oriundos desse processo, e que se constitui em elemento de identidade social ao refletir, em sua fisionomia, os modos e condições de vida da sociedade que a moldou e a molda (VALCÁRCEL, 1998).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Já enquanto patrimônio agrário, seria chamar atenção para o legado relacionado, especificamente, à herança histórica da exploração agropecuária, no sentido trazido por Pérez (2008), neste caso, notadamente a da pecuária extensiva. Herança esta, manifesta tanto em sua face material, traduzida nos sistemas de objetos relacionados à produção, quanto em sua face etnográfica, expressa em ofícios, artefatos, identidades etc. Seria pensar a paisagem e a vida pastoril como testemunhas (i)materiais de uma atividade que faz parte da história da sociedade gaúcha e platina, cuja expressão pode ser encontrada em elementos como aperos, edificações, habitats, costumes, ofícios, rituais, tradições orais etc. (PÉREZ, 2008).

### 17. Identificação da Ficha

<b>Questionários analisados</b>	Ver item “3. Executantes”. Questionário pastoreio com caprinos na Comunidade Quilombola de Palmas.	
<b>Pesquisador(es)</b>	Andreia Nunes Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Montebianco, Flávia Rieth, Leonardo Sapucaia, Marília Floôr Kosby, Mateus Fernandes da Silva, Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Supervisor</b>	Flávia Rieth, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Redator</b>	Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Montebianco, Marília Floôr Kosby, Vagner Barreto Rodrigues	Data 12/2021
<b>Responsável pelo inventário</b>	Flávia Rieth	







<b>INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS</b> <b>Ficha de Identificação</b> <b>Ofícios e Modos de Fazer</b>	CODIGO DA FICHA					
	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	3.1
	UF	Sítio-	Loc	Ano	Ficha	No.

### 1. Localização

<b>Sítio Inventariado</b>	Região do Alto Camaquã/RS e Entorno
<b>Entorno do Sítio</b>	Arroio Grande Herval Jaguarão Pelotas
<b>Localidade</b>	Bagé (Sede, Corredor da Lexiguana e Distrito de Palmas) Caçapava do Sul (Sede, Guaritas e Vila Progresso) Canguçu (Sede, Coxilha do Fogo e Vila Silva) Encruzilhada do Sul Lavras do Sul (Três Estradas, Corredor dos Munhóz) Pinheiro Machado Piratini (Alto da Figueira, Barroçao e Estrada 392) Santana da Boa Vista (Serra dos Vargas)
<b>Municípios / UF Sítio e Entorno</b>	Arroio Grande, Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Herval, Jaguarão, Lavras do Sul, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista.

### 2. Bem Cultural

<b>Denominação</b>	Pastoreio de caprinos		
<b>Outras denominações</b>	Criação de cabras		
<b>Condição atual</b>	X vigente / íntegro	<input type="checkbox"/> memória	<input type="checkbox"/> ruína

### 3. Executante

Obs: Para mais informações sobre o(a) entrevistado(a) ver Ficha "Anexo: Contatos".

<b>Nome</b>	Comunidade Quilombola de Palmas	<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	1
<b>Ocupação</b>	Terra de uso comum por agricultores e pecuaristas familiares quilombolas.	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	1812
<b>Relação com o bem</b>	X mestre	X produtor	<input type="checkbox"/> público

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<input checked="" type="checkbox"/> aprendiz	<input checked="" type="checkbox"/> vendedor	<input checked="" type="checkbox"/> executante
	<input type="checkbox"/> outro _____		

#### 4. Fotos

Obs: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar Ficha “Anexo: Registros audiovisuais”.

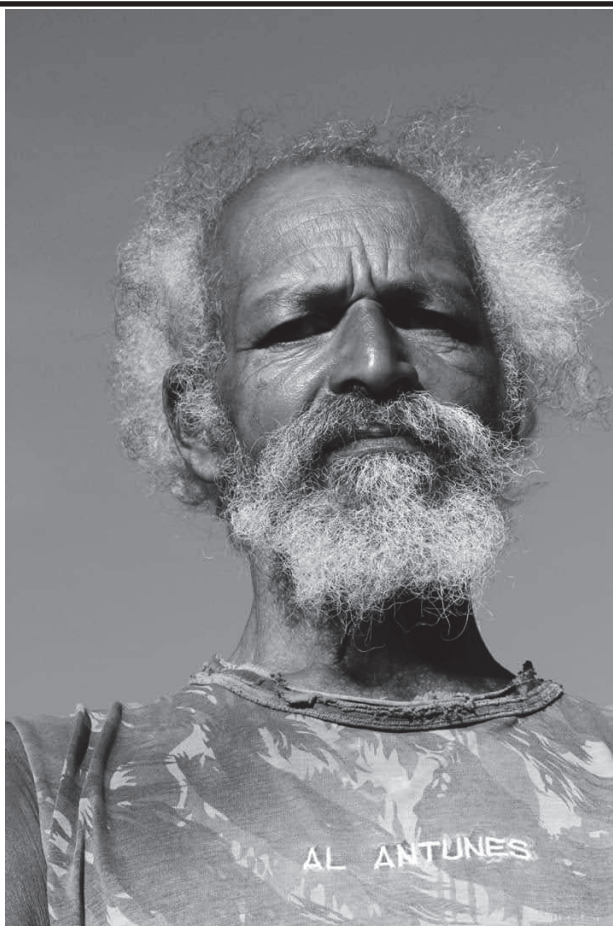


Imagem 1: Comunidade Quilombola de Palmas. Exposição Quilombos Rurais: O Gaúcho Negro.

Fonte: Exposição Quilombos Rurais. Autor: Eduardo Tavares.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Comunidade Quilombola de Palmas. Exposição Quilombos Rurais: O Gaúcho Negro.  
 Fonte: Exposição Quilombos Rurais. Autor: Eduardo Tavares.



Imagem 3: Roca. Comunidade Quilombola de Palmas. Exposição Quilombos Rurais: O Gaúcho Negro.  
 Fonte: Exposição Quilombos Rurais. Autor: Eduardo Tavares.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 4: Roça. Comunidade Quilombola de Palmas. Exposição Quilombos Rurais: O Gaúcho Negro.  
 Fonte: Exposição Quilombos Rurais. Autor: Eduardo Tavares.



Imagem 5: Fazendo fios de lã. Comunidade Quilombola de Palmas. Exposição Quilombos Rurais: O Gaúcho Negro.  
 Fonte: Exposição Quilombos Rurais. Autor: Eduardo Tavares.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 6: Rancho de leivas e pau a pique. Comunidade Quilombola de Palmas.

Fonte: INRC Lida Campeira. Autor: Renato Vaz.



Imagem 7: Rancho de leivas e pau a pique com cercado de cana ou taquara. Comunidade Quilombola de Palmas.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Renato Vaz.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 8: Rancho de leivas e pau a pique. Comunidade Quilombola de Palmas.  
Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Renato Vaz.



Imagem 9: Comunidade Quilombola de Palmas.  
Fonte: Acervo Emater.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 10: Pastoreio de cabras. Comunidade Quilombola de Palmas.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Kosby.

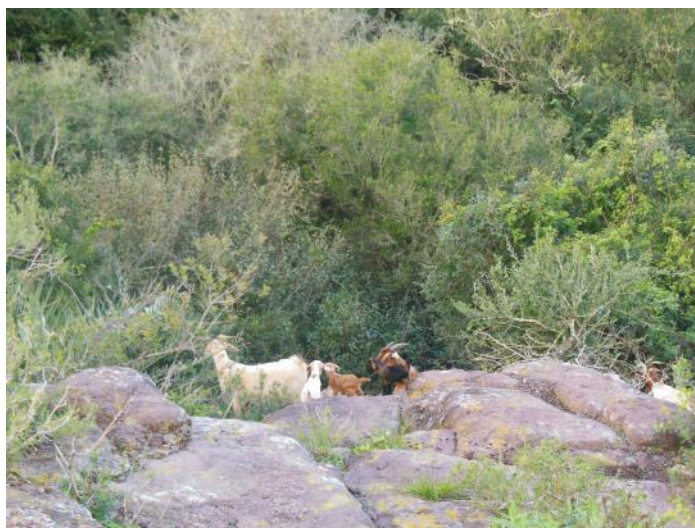


Imagem 11: Pastoreio de cabras. Comunidade Quilombola de Palmas.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 12: Pastoreio de cabras. Comunidade Quilombola de Palmas.  
Acervo: INRC Lida Campeira. Autora: Marília Kosby.



Imagem 13: Vanderlei Alves, Sr. Pedro Alves e Sra. Neli Alves. Comunidade Quilombola de Palmas.  
Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Kosby.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 14: Pastoreio de ovinos no Rincão do Inferno. Comunidade Quilombola de Palmas.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Kosby.



Imagem 15: Carregamento de Ovinos e caprino, na Região de Palmas, rumo aos terreiros de Porto Alegre e Região.

Alguns animais provenientes da Comunidade Quilombola de Palmas.

Acervo: INRC Lida Campeira. Autora: Marília Kosby.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 16: Estrada que leva à Comunidade Quilombola de Palmas.  
Acervo: INRC Lida Campeira. Autora: Marília Kosby.



Imagem 17: Pastoreio de caprinos. Comunidade Quilombola de Palmas.  
Acervo: INRC Lida Campeira. Autora: Marília Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 18: Esquila. Comunidade Quilombola de Palmas.  
Acervo: INRC Lida Campeira. Autora: Vera Caetano.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 19: Esquila 1. Comunidade Quilombola de Palmas.

Acervo: INRC Lida Campeira. Autora: Vera Tavares.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 20: Artesanato em lã. Comunidade Quilombola de Palmas.  
Acervo: INRC Lida Campeira. Autora: Vera Tavares.

### 5. Descrição do bem identificado

Não se sabe ao certo quando as cabritas chegaram à Comunidade Quilombola de Palmas, mas é praticamente unânime a narrativa de que os antepassados da comunidade já criavam caprinos. Dona Maria Eva Alves, em entrevista aos pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (INCRA; UFRGS, 2017), conta que conter os cabritos é muito difícil, que sempre passou trabalho com esses animais. A necessidade de contê-los tinha como principal objetivo evitar que destruíssem roças e lavouras ou fugissem. Faziam-se cercas de rama, de pau a pique, moirões e cercas de pedra.

Houve, em 2005, um incentivo do Programa RS Rural - desenvolvido pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul, a partir de empréstimo do Banco Mundial (BIRD), com a contrapartida do Estado do Rio Grande do Sul, para diversos tipos de atividades produtivas que teriam a ver com a realidade da comunidade, dentre elas, a caprinocultura, a apicultura, a ovinocultura. Na ocasião, vários moradores optaram por criar cabritas,

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

porque são animais que “*não dão muito trabalho*”, quase não adoecem, não precisam de grande investimento para reproduzirem, requerendo apenas uma certa atenção à manutenção do convívio com os humanos, para não se afastarem muito da casa de quem as cria. Enfim, os que optaram pelas cabritas já sabiam como conviver com estes animais. Aqueles que hesitaram em escolher “*as cabritas do governo*”, mas acabaram aceitando o desafio de criá-las, ao invés de optar por outros subsídios estatais, no início tiveram dificuldade para lidar com a itinerância dos bandos. O Sr. Pedro Alves se queixava de ter que andar “*gastando o cavalo*”, subindo e descendo cerro atrás de cabrita. Mas, com o tempo, foram se entendendo, humanos e cabritas; aqueles oferecendo milho numa determinada hora do dia, alguns dias por semana, estas atendendo (mas nem sempre de imediato) ao barulho dos grãos sendo sacudidos no balde e aos gritos de “*chiba, chiba!*”

A manutenção dos rebanhos de cabritas é uma das atividades pecuárias viáveis para a comunidade quilombola de Palmas, justamente, porque esses animais são profundos conhecedores dos matos e de suas trilhas, das ervas comestíveis, e destros transeuntes nos peraus. Por se alimentarem de brotos e do mato – pastando somente em casos de não haver alternativa e mesmo assim preferindo os pastos recém brotados – a necessidade de alimentá-las com milho ou ração se faz menos urgente. Dentre as plantas mais abundantes nos matos de Palmas, as cabritas comem folhas e brotos de pitangueira, cambará, aroeira branca, São João, embira – esta última é venenosa em determinadas épocas do ano, e as cabritas sabem disso, comendo-as só quando possível. A embira é venenosa para os humanos se for bebida como chá, mas pode ser usada como emplastro cicatrizante em feridas, explica Leomar.

O Sr. Alcíbio Franco, morador da localidade do Rincão do Inferno, em entrevista à equipe de pesquisadores do *Relatório Sócio, Histórico e Antropológico da Comunidade quilombola de Palmas* (INCRA; UFRGS, 2007), conta que tem uns cabritos guaxos (órfãos criados perto dos humanos) na volta da casa, mas que araganos (afastados do convívio humano), soltos campo afora (ou seria mato adentro?), são mais de 80 animais, assinalados na orelha, mas sem marcação no couro. Assinalar é fazer um recorte na orelha do animal com a faca, fazendo um desenho que identifique o dono do rebanho. O rebanho do vizinho da Comunidade, J., é marcado com o contorno de uma “*chave de boca*”, por exemplo. Seus rebanhos “*de raça*” usam brinco. A assinalação é feita quando as cabritas e cabritos ainda são pequenos, na ocasião em que os machos são castrados. Quando o proprietário possui ferrete com desenho para marcar o couro dos animais com ferro quente a marcação é feita junto. A maioria do pessoal de Palmas não marca os animais com ferrete. A marcação, castração e assinalação também são procedimentos feitos nos rebanhos de gado bovino, nas mais diversas propriedades rurais de pecuária extensiva no pampa. As cabritas, segundo o Sr. Alcíbio, gostam das pedras, que abundam em Palmas. E gostam de andar. “*Para elas não tem campo... para elas é caminhar... nem sei como permanecem aí na volta...*” (idem, p.115). A questão é que as cabritas devem ser “*amansadas*” com mais frequência do que as ovelhas, por exemplo. O Sr. Alcíbio tem umas quatro ovelhas que aparecem de manhã na volta

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

da casa para receberem comida, sem precisarem ser atraídas. Se fossem cabritas teriam que ser chamadas, ou ficariam devorando os brotos e folhinhas do mato.

Conforme a Sra. Zair Franco, *“as cabritas não têm paradeiro, são danadas”*. A estratégia delas para se manterem alimentadas é a itinerância pelos matos e peraus. Pode-se perceber que os matos mais fechados, mais densos, acabam por ficar *“limpos”* até certa altura, pois as cabritas vão clareando as picadas conforme vão comendo o que está ao seu alcance. E embora não haja necessidade de grandes investimentos financeiros na manutenção do rebanho, é fundamental que as cabritas sejam manejadas pelo menos uma ou duas vezes por semana, para que não fiquem *“bagualas”* (xucras ou araganas), já que sua condição de domesticadas, ou não, não é definitiva. Quando *“bagualas”*, custam para atender ao chamado com oferta de milhos. Entocam-se nos matos, ou saem a caminhar pelas pedras e não voltam para os locais de referência, onde costumavam encontrar-se com os humanos.

Ana Luísa Soares, criadora da comunidade de Palmas, quando engravidou, diminuiu o contato com as suas cabritas e elas ficaram bagualas, tendo que ser *“campeadas”* novamente. O marido de Ana Luísa cria abelhas, quase não intervém na criação de suas cabritas. *“Campear”* é cuidar, observar, ter certo controle dos movimentos de outrem, o que é atributo daqueles mais astutos.

No Rincão do Inferno a topografia composta por cânions de pedra (que formam o vale do Rio Camaquã) e matas densas, faz com que se torne muito árduo o trabalho de se deslocar em busca das cabritas, estas se tornando *“selvagens”* pela vida no mato, *“por aí”*. O último rebanho do casal Alcíbio e Onélia Franco saiu a andar e se tem notícias de que no verão atravessaram o rio e foram para a propriedade do outro lado do paredão (cânion). Às vezes, quando alguém aparece com arma, faz-se uma caçada e se consegue trazer um cabrito para casa, para comê-lo. As demais, devem ser pegadas. A diferença está na arma: na caça alveja-se à distância, no abate doméstico usa-se a faca. Sem dúvida, matar e carnear um guaxo não é uma ação que se faça sem pesar, sendo bem mais comum abater cabritos (mais os machos do que as fêmeas) que ficam mais afastados do convívio humano. Essa aproximação/afastamento, como já foi visto, é negociada constantemente.

Dona Onélia conta que ela e os irmãos se criaram tomando leite de cabrita, que possui um gosto forte e é adocicado. Diz que é comum a cabrita parir gêmeos e até trigêmeos, o que, muitas vezes, incorre em criar algum dos filhotes como guaxos, deixando-os mais mansos do que aqueles que se criam soltos. As cabritas enquanto muito próximas dos humanos, tais como guaxas, se se permitir, andam por cima das camas, das mesas, dos sofás, se deixam abraçar, beijar. No entanto, é só passarem alguns dias sem contato com as pessoas, ou sem comida, que já rumam para os matos, para as andanças, e logo se tornam tão bravias que somente estratégias de caça são capazes de trazê-las de volta para o convívio humano.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Ainda na esfera dos cuidados, as cabritas possuem certa autonomia na proteção contra predadores: ao contrário das ovelhas, elas conseguem defender os filhotes recém nascidos dos zorros, ou cachorros do mato. Por outro lado, se precisarem deixar a cria escondida em um buraco no chão e sair para comer no mato, elas o fazem. A isso se soma o fato de um cabritinho com quatro meses de idade já poder “se governar”, ou seja, comer sem precisar da mãe e querer cobrir (copular com) as cabritas (que com cerca de seis meses já permitem cobertura).

Outro viés interessante dessa autonomia das cabritas é sua proteção contra doenças, garantida pelo fato de quase não pastarem, não comerem gramíneas próximas do chão e contaminadas por verminoses. Segundo os quilombolas, raramente morre uma cabrita por doença ou ataque de predadores. O máximo que acontece é morrerem filhotes quando de grandes geadas ou de algum caprino ficar preso entre galhos ou no tronco de árvores quando se penduram para comer folhas mais altas. Andar pelos peraus, outrossim, oferece solo seco, evitando a doença mais recorrente entre as cabritas: as frieiras nos cascos. Aqui, novamente, eclode a atmosfera de sua existência enquanto membros da comunidade de palmas: autonomia com relação à subsistência e a constante necessidade de os humanos reforçarem os laços de convivência com os animais. Às vezes, tem-se a impressão de que as cabritas também esperam dos humanos que eles não se “asselvagem” em relação a elas.

Segundo Leomar Alves, as cabritas, comendo ração, podem dar até quatro crias por ano. Para que uma cabrita se reproduza bem, quinze dias depois de parir ela já pode emprenhar de novo, desde que esteja bem nutrida, ou seja, que haja espaço e alimento suficiente para todo o rebanho. Colocar muitos caprinos em um pequeno espaço significa menos reprodução dos mesmos. As cabritas não têm cio periódico, podendo copular e emprenhar caso haja um bode por perto. A reprodução é controlada tirando-se os bodes do rebanho, em determinados períodos, e é controlada para que os recursos naturais de alimento não se esgotem. A venda dos animais para as casas de religião fica dependendo de não estarem as cabritas com filhote “no pé”, ou seja, com filhotes recém nascidos, dependendo também de algumas especificidades de cor, de sexo, de possuírem guampas ou não, de não estarem prenhas, de serem virgens. Todas essas especificidades estão relacionadas ao orixá ou entidade a quem elas vão ser ofertadas, como veremos mais à frente.

Para a comunidade quilombola, é extremamente dispendioso se aproximar dos padrões de produtividade de órgãos como a Embrapa, principalmente os sanitários, exigidos àqueles que buscam se beneficiar dos programas estatais de incentivo à produção rural e permanência no campo, no que diz respeito à produção de caprinos de corte. Algumas famílias da comunidade até criam as cabritas próximo à casa, com um certo controle de sua reprodução e manejo regular, mas sem controlar com tanto afincos o jeito “aragano” desses animais se deslocarem pelo espaço, sem respeitar muito os aramados, as estradas, os limites impostos pelo mato e a propriedade. São colocadas cangalhas (triângulos feitos com varas) ao redor do pescoço das cabritas para evitar que passem as cercas de arame, que

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

comam as hortas, que estraguem as plantações dos vizinhos. Esta foi a motivação dada pelos quilombolas, que vivem em terras coletivas.

Já J., como não tem roças de vizinho por perto, usa as cangalhas para evitar que as cabritas escapem da propriedade.

No caso da criação das cabritas que são consumidas domesticamente e pelas casas de religião, não há investimentos na construção de abrigos e a compra de alimentos específicos, pois “o mato sempre deu tudo” que é preciso para uma grande criação de cabritas saudáveis. Outro fator importante é que as cabritas criadas pelo pessoal do quilombo não são de nenhuma raça específica de corte, como a bôer ou a anglonubiana, as quais encontrei na propriedade vizinha, de J. Tampouco produzem leite como produziram raças como a saanen. Para Leomar Alves, o fato de as cabritas “não terem raça definida” dificulta a colocação dos produtores no mercado de produtos caprinos, já que a produção não é competitiva em relação a dos produtores que tem capital para investir em animais de raça, cujo preço do espécime pode equivaler ao preço de um bovino de raça, além de a criação exigir investimentos em abrigo e alimento. Para ele, o ideal seria que se pudesse criar os dois tipos de caprinos, aqueles que são vendidos para as casas de religião e aqueles que se prestam a *commodities*, especificamente.

É bom lembrar que muitas cabritas da comunidade de Palmas foram adquiridas com apoio de política estatal, o que exige que se problematize a eficácia de tais programas e suas potencialidades em possibilitar aos pequenos produtores de comunidades quilombolas que tenham condições de manter seus saberes tradicionais sem que isso corresponda a limitarem-se à produção para o consumo doméstico.

Outra contradição interessante de ser pensada reside nas qualidades que o pessoal do quilombo atribui à carne de cabrita - como o fato dela ser saudável porque a alimentação dos animais se faz de brotos e folhas de árvores do mato, classificadas como “chás” para a alimentação humana, alimentos assegurados por suas andanças - parecem não ter o mesmo estatuto de importância quando se tratam de raças que devem comer ração, milho, dormir em abrigos, ou que o valor econômico do espécime requeira uma maior contenção de suas peregrinações em busca de alimento.

Apesar das diferenças aparentemente polarizadoras, é fundamental ressaltar que praticamente não há produção de cabritas para o mercado de carne na comunidade quilombola de Palmas, tampouco a venda de cabrita para as religiões de matriz africana gera rendimentos que permitam investir em outras formas de manejo, já que a presença de mediadores (mercador e o vizinho com capital, que barra a entrada do mercador no quilombo) estabelece uma distância entre os consumidores e os criadores. Tanto o pessoal de terreira quanto os quilombolas ficam à mercê dos preços estabelecidos pelos mediadores, e há por parte de alguns produtores brancos da região a intenção de apagar a origem das cabritas quando estas vêm do quilombo. Assim, justificar-se-ia a frase “os negros de palmas não produzem nada”, mesmo que se esteja ganhando dinheiro com as cabritas da comunidade quilombola.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Texto adaptado da tese de Marília Floôr Kosby: **Alma-carroço**: Peregrinações com cabras negras no extremo sul do Brasil. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

## 6. Descrição do lugar da atividade

### 6.1. Características gerais

A comunidade quilombola de Palmas é composta por cerca de 30 a 40 famílias, todas ligadas por vínculos comuns de ancestralidade. Uma ancestralidade assentada na relação com a terra, na ocupação territorial da região em questão, além de laços de parentesco, compadrio e matrimonialidade. A área, cuja demarcação de terras de uso coletivo foi reivindicada pela Associação Quilombola de Palmas, está situada ao norte do município de Bagé, ao sul do rio Camaquã, a leste do arroio Palmas e a oeste da rodovia BR 153. Os quatro locais são interligados pelo segmento populacional de origem comum supracitado, os três primeiros possuem continuidade geográfica por meio de trilhas, estando apenas o Rincão do Inferno mais afastado e com acesso via estradas da região. O próximo passo da regularização do território quilombola de Palmas é a decretação das terras a serem desapropriadas, para depois, finalmente, haver a titulação da área em nome da comunidade.

A Associação das Comunidades Quilombolas Rurais de Palmas foi constituída em 2006, para representar juridicamente a Comunidade e cumprir as especificações do Decreto 4887/2003 para titular os territórios quilombolas. A comunidade quilombola Palmas teve seu território definitivamente reconhecido pelo Incra no dia 17 de fevereiro de 2017. São 837,984 hectares compostos pelas áreas: Rincão da Pedreira e Rincão dos Alves (751,57 ha); Campo do Sr. Ourique (41, 929 ha); e Rincão do Inferno (44,485 ha).

Segundo o *Relatório Sócio, Histórico e Antropológico da Comunidade quilombola de Palmas*:

Essa microrregião é uma área que faz fronteira com os municípios de Lavras do Sul, Caçapava e Santana da Boa Vista. Possui um solo litólico, bastante pedregoso e irregular, uma área íngreme, cujas características quanto mais se adentra no quilombo e nos aproximarmos do Rincão do Inferno essas características são acentuadas quando se está mais próximo ao vale do Rio Camaquã-Chico (sic). Depreende-se daí o fato de os negros terem obtido concessões para ocupar essas áreas ou então de adquiri-las, uma vez que são consideradas impróprias para a prática de uma agricultura extensiva ou familiar. (INCRA; UFRGS, 2007: 17).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Em Palmas, o relevo ondulado e fortemente ondulado, por “coxilhas” e “cerros”, com altitudes entre 200 e 300 metros, o solo composto por frequentes afloramentos rochosos, por “lajes de pedra”, “peraus” e “paredões”, densa vegetação arbórea, os “matos”, e raras áreas de vegetação rasteira, apenas com pasto, as “vages” ou “várzeas”, são em linhas gerais descrições físico-geográficas e paisagísticas que se contrapõem à imagem hegemônica que se convencionou ter das regiões marcadas pela comarca pampeana, quais sejam, as vastidões de pastagens, várzeas e planícies da Campanha, povoadas por extensos latifúndios, grandes rebanhos bovinos.

Em termos mais amplos: “Desde uma perspectiva estritamente geográfica o Alto Camaquã constitui a parte superior da bacia do rio Camaquã e está situado entre as coordenadas geográficas 30o 25’ a 31o 33’ de latitude Sul e 52o 48’ a 54o 12’ de longitude Oeste, sobre o Escudo Cristalino (formação geológica) e inclui áreas dos municípios de Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Lavras do Sul, Piratini, Pinheiro Machado e Santana da Boa Vista, com uma área de 8.670 km2. Desde o ponto de vista ambiental a região se caracteriza por grande beleza paisagística com topografia dobrada, terreno em declive e a presença intensa de matas nas ladeiras, vertentes e margens dos cursos de água. A vegetação arbórea aparece associada à vegetação herbácea campestre, formando mosaicos de mato-campo. A região possui mais de 70% de cobertura de vegetação natural, configurando-se como uma das regiões mais preservadas do Rio Grande do Sul. Do ponto de vista produtivo o Alto Camaquã se caracteriza pelo predomínio da pecuária de campo nativo realizada em pequenas e médias unidades produtivas.”

Disponível em: <http://www.altocamaqua.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 26 abr. 2016.

**6.2. Marcos naturais e/ou edificados**

A região possui muitos cerros, peraus e afloramentos rochosos. Um tipo de construção característica da comunidade é o rancho de leivas de barro, aqui com a especificidade de ser construído de forma híbrida, combinada com a técnica de pau a pique.

**6.3. Agenciamento do espaço para a atividade**

A região ocupada pela terra quilombola é repleta de matos bastante densos, onde as cabras se alimentam, majoritariamente. A terra é de uso coletivo, por todas as famílias quilombolas, mas há algumas cercas, protegendo roças da invasão de animais (caprinos, bovinos, equinos). Algumas famílias possuem currais, onde às vezes os animais passam a noite ou são alimentados, mas isso é pouco comum para o manejo de cabras. É mais comum que elas saiam dos matos quando chamadas, para ganharem milho. Essa maneira de alimentar as cabritas é também um jeito de mantê-las próximas do convívio humano o suficiente para não se asselvajarem. É comum as cabras andarem



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

pela estrada ou ultrapassarem os limites da terra quilombola, em busca de alimento. Estes animais também precisam de terreno seco, como as pedras, para evitar parasitas nos cascos.

### 7. Tempo

<b>7.1. Periodicidade</b>	Desde idos de 1812.
---------------------------	---------------------

<b>7.2. Ocorrência efetiva desde 1990</b>											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

### 8. Biografia

A comunidade quilombola de Palmas é composta por cerca de 30 a 40 famílias, todas ligadas por vínculos comuns de ancestralidade. Uma ancestralidade assentada na relação com a terra, na ocupação territorial da região em questão, além de laços de parentesco, compadrio e matrimonialidade. A área cuja demarcação de terras de uso coletivo foi reivindicada pela Associação Quilombola de Palmas está situada ao norte do município de Bagé, ao sul do rio Camaquã, a leste do arroio Palmas e a oeste da rodovia BR 153. Os quatro locais são interligados pelo segmento populacional de origem comum supracitado, os três primeiros possuem continuidade geográfica por meio de trilhas, estando apenas o Rincão do Inferno mais afastado e com acesso via estradas da região. O próximo passo da regularização do território quilombola de Palmas é a decretação das terras a serem desapropriadas, para depois, finalmente, haver a titulação da área em nome da comunidade.

A Associação das Comunidades Quilombolas Rurais de Palmas foi constituída em 2006, para representar juridicamente a Comunidade e cumprir as especificações do Decreto 4887/2003 para titular os territórios quilombolas. A comunidade quilombola Palmas teve seu território definitivamente reconhecido pelo Incri no dia 17 de fevereiro de 2017. São 837,984 hectares compostos pelas áreas: Rincão da Pedreira e Rincão dos Alves (751,57 ha); Campo do Sr. Ourique (41, 929 ha); e Rincão do Inferno (44,485 ha).

### 9. Atividade

<b>9.1. Origens, motivos, sentidos e transformações</b>
As cabras, bodes e cabritos sempre acompanharam a comunidade quilombola de Palmas. Fornecem carne, leite, queijo, limpam os matos, vão onde os humanos não conseguem ir. Além da subsistência da comunidade, as cabras se

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

prestam também à comercialização para com Casas de Religiões de Matriz Africana da região de Porto Alegre. Nestas casas, além de alimentarem as pessoas da comunidade, alimentam, também, orixás, entidades e espíritos.

**9.2. Narrativas e representações**  
As cabras são consideradas araganas, danadas, por não terem paradeiro, estarem sempre andando.

**9.3. Cronologia**

Data	Evento
1812	Fixação dos primeiros quilombolas na região de Palmas.
Séc. 19, 20 e 21	Criação de cabras para a subsistência.
A partir da déc. de 1960	Venda de caprinos e ovinos para Casas de religiões de Matriz africana.

**10. Produtos patrimoniais**

**10.1. Repertório ou principais produtos**  
Criação e manutenção de rebanhos de caprinos.

**10.2. Processo de trabalho e comercialização**

Etapa	Atividade
Manejo	Campear cabras, bodes e cabritos para que não sumam nos matos; cuidar para que não sejam pegos por predadores; alimentá-los com certa regularidade, para que não percam a domesticidade; atentar para os deslocamentos dos rebanhos, para que não invadam plantações ou saiam das terras da comunidade.  Atentar para o nascimento de filhotes e o risco de predadores; deixar que os animais caminhem e se desloquem, para evitar frieiras; evitar que ter que prender caprinos em mangueiras ou galpões, para que não estejam sujeitos a pisar sobre a própria urina e desenvolver doenças.
Abate	Abate-se caprinos para alimentação doméstica.
Comercialização	Os principais compradores de cabritos da Comunidade Quilombola de Palmas são casas de religiões de matriz africana. No entanto, os compradores não chegam até a comunidade, pois são interceptados por um vizinho, não quilombola, que também vende suas cabas para fim religioso. A

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

venda de algum cabrito quilombola fica dependendo da demanda deste vizinho. Assim, a comunidade vende as cabras pelo valor mais baixo na cadeia desse comércio.

<b>10.3. Principais participantes</b>	
Status	Função
Criadores Comunidade Quilombola de Palmas	Manejam, consomem e comercializam as cabras.

<b>10.4. Capital e instalações</b>	
Descrição	Matos
Quem provê	A preservação dos matos é imprescindível para a criação de caprinos, assim como para a manutenção de muitas outras espécies locais.
Função	Abrigo e alimento.

<b>10.5. Matérias primas e ferramentas de trabalho</b>	
Descrição	Cangalhas ou Cangas
Quem provê	Comunidade.
Função/ Significado	Faz-se um triângulo com três pedaços de varas, que é colocado em torno do pescoço dos caprinos, para evitar que cruzem cercas de arames.
Disponibilidade	A comunidade fabrica.

<b>10.6. Comidas e bebidas</b>	
Descrição	
Quem provê	
Função/ Significado	

<b>10.7. Objetos e instrumentos rituais</b>	
Descrição	
Quem provê	

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Função/ Significado	
------------------------	--

<b>10.8. Trajes e adereços</b>	
Descrição	
Quem executa	
Função / Significado	

<b>10.9. Danças</b>	
Descrição	
Quem executa	
Função / Significado	

<b>10.10. Músicas e orações</b>	
Descrição	
Quem provê	
Função / Significado	

<b>10.11. Instrumentos musicais</b>	
Descrição	
Quem provê	
Função / Significado	

<b>10.12. Atividades após a execução</b>	
Executante	Atividade
Comunidade	A atividade é constante e ininterrupta.



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**11. Destinação do produto**

Para uso próprio <input checked="" type="checkbox"/>	Vende <input checked="" type="checkbox"/>	Troca <input type="checkbox"/>	Outro <input type="checkbox"/>	Especificar:
Participação na renda familiar	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Principal fonte de renda <input type="checkbox"/>	Complemento <input checked="" type="checkbox"/>
Modo de Comercialização	Direto <input type="checkbox"/>	Intermediário <input checked="" type="checkbox"/>	Cooperativa/Associação <input checked="" type="checkbox"/>	

**12. Participação em cooperativas ou associações**

Associação Quilombola de Palmas.

**13. Bens associados**

Denominação	Código

**14. Plantas, mapas e croquis**

**15. Documentos inventariados**

**15.1. Documentos escritos, desenhos e impressos em geral**

**15.2. Registros sonoros e audiovisuais**

**15.3. Registros fotográficos**

Para mais informações sobre os Registros Fotográficos ver Ficha “Anexo: Registros Audiovisuais”.

**16. Observações**

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	3.1
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**16.1. Aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento**

INCRA; UFRGS. (2007). Relatório Sócio, Histórico e Antropológico da Comunidade quilombola de Palmas, Bagé/RS. (Disponível na sede do Incra, em Porto Alegre, RS)

KOSBY, Marília Floôr. (2017). **Alma-carroço**: Peregrinações com cabras negras no extremo sul do Brasil. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIRES, Antônio Candido S. (1992). **Palmas da gente, guardados da memória**. Bagé: Ediurcamp.

**16.2. Identificação de outros bens mencionados nesta ficha**

--

**16.3. Outras observações**

--

**17. Identificação da Ficha**

<b>Questionários analisados</b>	-Ver item “3. Executantes” -Questionário pastoreio com caprinos na Comunidade Quilombola de Palmas	
<b>Pesquisador(es)</b>	Andreia Nunes Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Montebianco, Flávia Rieth, Leonardo Sapucaia, Marília Floôr Kosby, Mateus Fernandes da Silva, Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Supervisor</b>	Flávia Rieth, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Redator</b>	Marília Floôr Kosby	Data 12/2021
<b>Responsável pelo inventário</b>	Flávia Rieth	









<p>INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS</p> <p><b>Ficha de Identificação</b></p> <p><b>Ofícios e Modos de Fazer</b></p>	CODIGO DA FICHA					
	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	4
	UF	Sítio-	Loc	Ano	Ficha	No.

### 1. Localização

<b>Sítio Inventariado</b>	Região do Alto Camaquã/RS e Entorno
<b>Entorno do Sítio</b>	Arroio Grande Herval Jaguarão Pelotas
<b>Localidade</b>	Bagé (Sede, Corredor da Lexiguana e Distrito de Palmas) Caçapava do Sul (Sede, Guaritas e Vila Progresso) Canguçu (Sede, Coxilha do Fogo e Vila Silva) Encruzilhada do Sul Lavras do Sul (Três Estradas, Corredor dos Munhóz) Pinheiro Machado Piratini (Alto da Figueira, Barroçao e Estrada 392) Santana da Boa Vista (Serra dos Vargas)
<b>Municípios / UF Sítio e Entorno</b>	Arroio Grande, Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Herval, Jaguarão, Lavras do Sul, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista.

### 2. Bem Cultural

<b>Denominação</b>	Lida Campeira: Lida Caseira
<b>Outras denominações</b>	Lida “na volta ‘das casa’”, lida no terreiro
<b>Condição atual</b>	<input checked="" type="checkbox"/> vigente / íntegro <input type="checkbox"/> memória <input type="checkbox"/> ruína

### 3. Executante

Obs: Para mais informações sobre o(a) entrevistado(a) ver Ficha “Anexo: Contatos”.

<b>Nome</b>	Alberto Gonçalves Rodrigues (Seu Beto)	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	1
<b>Ocupação</b>	Peão campeiro. Capataz. Pecuárta familiar.	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	16/07/1953
<b>Relação com o bem</b>	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público		

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____
---

Nome	Amilton Cesar Camargo	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	2
Ocupação	Pecuarista familiar quilombola	Data de Nascimento / Fundação	08/12/1986
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> executante	

Nome	Ana Rosa da Silveira Sonáglio	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	3
Ocupação	Extensionista da EMATER/RS - ASCAR, Bagé	Data de Nascimento / Fundação	30/12/1962
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input checked="" type="checkbox"/> outro - Extensionista da EMATER	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> executante	

Nome	Clara Marineli Silveira Luiz Vaz	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	4
Ocupação	Veterinária, Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	06/03/1945
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> outro _____	<input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> executante	

Nome	Fabiani Franco Alves	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	5
------	----------------------	--	---

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Ocupação	Pecuarista familiar quilombola	Data de Nascimento / Fundação	02/11/1993
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor                      x executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Isaurina de Oliveira Garcia	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	6
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Karina Torma Scholante	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	7
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	12/10/1982
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Laís de Moraes	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	8
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	1990
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Nome	Rudinei Ribeiro de Oliveira		<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	9
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação		
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

Nome	Vanda Rosa Peligrinotti Tarouco		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	10
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	1953	
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

Nome	Vera Colares		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	11
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	22.09.1964	
Relação com o bem	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

#### 4. Fotos

Obs: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar Ficha “Anexo: Registros audiovisuais”.



Imagem 1: Lida caseira, “as casa”, no Quilombo de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Marília Floôr Kosby.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Lida caseira, “as casa”, localidade de Palmas, Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 3: Lida caseira, “as casa”, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 4: Lida caseira, “as casa”, localidade de Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige Barbosa.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 5: Lida caseira, “as casa”, Piratini.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 6: Lida caseira, “as casa”, localidade de Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige Barbosa.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 7: Lida caseira, galpões, localidade de Vila Silva, Canguçu.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 8: Lida caseira, encerras, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Daniel Vaz Lima.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 9: Lida caseira, galpões, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 10: Lida caseira, galpões, localidade de Três Estradas, Lavras do Sul.

. Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige Barbosa.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 11: Lida caseira, churrasco campeiro, Piratini.  
 Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

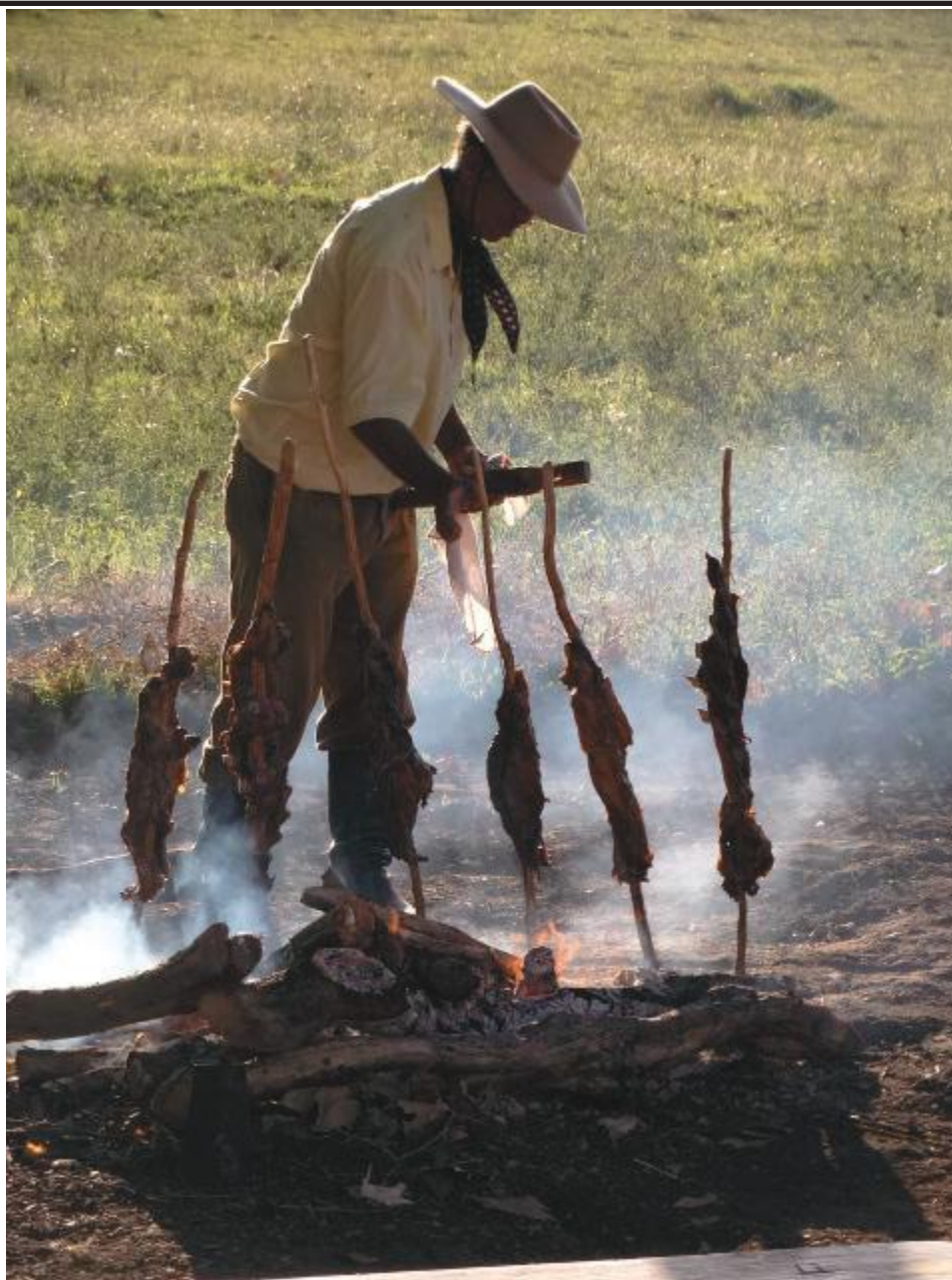


Imagem 12: Lida caseira, churrasco campeiro, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Daniel Vaz Lima.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 13: Lida caseira, feitura de embutidos, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Márcia Colares.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 14: Lida caseira, feitura de charque, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Márcia Colares.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 15: Lida caseira, feitura de doce em tacho de cobre, localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Daniel Vaz Lima.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 16: Lida caseira, feitura de doce com leite (ambrosia), localidade de Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Vera Colares.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 17: Produção tradicional de erva-mate (*ka'a*), Terra Indígena Pacheca, em Camaquã.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vherá Xunú.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 17: Produção tradicional de erva-mate (*ka'a*), Terra Indígena Pacheca, em Camaquã.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vherá Xunú.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 19: Lida caseira, facas.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Demétrio Xavier.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 20: Lida caseira, selas e arreios no galpão, localidade de Três Estradas, Lavras do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Luciene Mourige Barbosa.

### 5. Descrição do bem identificado

Conforme demanda dos/das interlocutoras/es, esta ficha complementa a ficha da lida caseira na Região de Bagé, justificando-se pela apresentação da culinária campeira. A *lida campeira* abarca múltiplas atividades relacionadas ao cotidiano das propriedades rurais que configuram um modo de vida, entre elas está a Lida Caseira.

A lida caseira abrange os serviços de manutenção doméstica e o manejo dos animais que estão “na volta das casa”, esse complexo que abriga as estruturas de moradia e de produção para consumo e/ou complementares à *lida campeira*. Pode incluir os serviços de cozinha e limpeza da casa e do terreiro, limpeza e manutenção dos galpões e mangueiras, capinar, limpar os chiqueiros e galinheiros, alimentar os animais, ordenhar as vacas, criar os guachos, carnear, cuidar da “quinta” (pomar), da horto e do cercado, reconhecer, coletar e processar plantas condimentares e aromáticas, cortar lenha, etc. São atividades rotineiras, entretanto, algumas apresentam sazonalidade. Conforme Vera

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Colares, a carneada (para consumo doméstico) acontece uma vez ao ano, geralmente, no inverno: *“A carneada é uma atividade, pelo menos, anual, uma por ano, em que se mata uma vaca e um porco para fazer charque, linguiça, tirar banha, etc., geralmente, ocorre no inverno. Antes não se tinha geladeira, então não se podia guardar a carne fresca.”* Uma opção era conservar a carne imersa em latas com banha de porco, após o preparo, retirando conforme a necessidade de consumo.

Outra atividade destacada por acompanhar os ciclos da natureza é o fazer doces de tacho. Esta atividade é realizada no verão, época de colheita do pêssego, do marmelo, da pêra, do figo. Frutas colhidas no mato, pelas mulheres do Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul. Conforme Amilton: *“As mulheres se reúnem no verão, janeiro, fevereiro, março, né, para fazer as tachadas de doce. Vão fazendo em conjunto. Levantam cedo de manhã, vão buscar fruta lá no mato. Aqui a gente tem muitas árvores de frutas que os antigos plantaram. Marmeleiro, principalmente, no mato. E pera... E vão lá, buscam no mato e trazem pra casa para preparar. E, às vezes, deixam de um dia para o outro ou vários dias ali, para depois preparar os doces. (...) É, mais é marmelada. A marmelada que tem mais, mas tem a pêrada, pêssegada, figada”*. Por sua vez, os doces com leite, como a ambrosia e a rapadura de leite, podem ser realizados e guardados ao longo do ano, ou conforme a disponibilidade de leite, que pode aumentar quando do nascimento de bezerros, durante a *“parição”*. Assim, utiliza-se a feitura de doces para evitar que o leite estrague ou vá fora.

Da mesma forma, é comum que os homens se engajem na manutenção e na melhoria das mangueiras, cercas, encerras, bretes e galpões. Isso tem em vista tanto a qualificação desses espaços, seja para receber mais animais, seja pelo aumento do rebanho, seja pela aquisição de algum equipamento, bem como para reparos que necessitam ser feitos periodicamente, como trocar alguma madeira quebrada, substituir uma viga ou consertar o telhado. Eventos como chuvas e tempestades podem deixar avarias, como as citadas, bem como derrubar árvores na *quinta* ou, ainda, deixar o terreiro cheio de galhos e folhas.

## 6. Descrição do lugar da atividade

**6.1. Características gerais**

As atividades ao redor das casa, no terreiro – de manutenção doméstica e manejo dos animais que estão no terreiro – são realizadas todos os dias, com influência das estações do anos (lida na quinta, na horta, destacadas a carneada e a feitura de doces de frutas); atividades, geralmente, executadas pelas mulheres. Atividades que abarcadas pela lida caseira antecedem e finalizam a *lida campeira*.

As lidas caseiras, de manejo dos animais, antecedem e finalizam o trabalho no campo. Conforme Vera Colares: *“Depois que a gente faz estas lidas na volta de casa, a gente pega o cavalo, encilha e vamos camperiar com os cães.”* Após tomar o chimarrão, Seu Beto ordenha as vacas e alimenta os animais (porcos, ovelhas, cabras, patos, galinhas,

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

cavalos). alguns animais encerrados nas mangueiras são soltos e, “quando sobra tempo passo uma vassoura na casa”, na sede da Estância do Sossego, onde é capataz. Seu Beto começou a ser introduzido na lida caseira durante a infância. Aprendeu com Dona Eni Collares a fazer pão, biscoito, doces, queijadinha e ensopado de carne com batata. Ajudava, também, na horta e na lavoura.

Comumente, na propriedade familiar, as atividades que abarcam a lida caseira são realizadas por homens, mulheres e filhos, observando uma divisão sexual do trabalho. Conforme Vera Colares: “Os homens executam as atividades de carneada, esquila, camperiada, aramados, etc. cuidar da horta e do pomar”, enquanto as mulheres, são responsáveis por “cuidar dos animais domésticos, limpar a casa, cozinhar, cuidar da horta e do pomar”. Contudo, existem diferentes configurações dos grupos domésticos que modificam a dinâmica, como, por exemplo, a presença de homens ou mulheres solteiras (COSTA, 2014), que vivem sozinhos ou dentro de um núcleo familiar com pais e/ou irmãos ou mesmo entre funcionários e empregadores/as. Como comentou o pecuarista familiar Rudinei de Oliveira, “na lida é eu, a esposa e o cachorro” (RIETH; LIMA; RODRIGUES et al, 2019). Outra interlocutora, dona Zeni Crizel, moradora do interior de Piratini, que realiza as atividades cotidianas da propriedade apenas com auxílio de cães ovelheiros, afirmou que a “mulher faz as mesmas coisas que o homem. Basta querer.” A atuação feminina em campo, porém, chama a atenção para a complementaridade entre as lidas caseiras e as lidas no campo, já que cabe às mulheres, também, o cuidado diário das propriedades e o manejo dos animais. Em outros casos, homens e mulheres ao se considerarem completamente aptos e aptas para as lidas classificam por vezes as suas competência com um dito popular: “eu sou das rédeas ao esfregão”, considerando a necessidade de domínio de todos os âmbitos da lida.

Esses arranjos familiares podem ser alterados ou sofrerem modificação conforme demandas e sazonalidades, como no caso do artesanato em lã, visualizado em Piratini, em Jaguarão e na Vila Progresso em Caçapava do Sul, por exemplo, uma vez que o ambiente doméstico é o mesmo no qual o artesanato é produzido. Na Vila Progresso, em Caçapava do Sul, além da produção ocorre, também, a comercialização, realizada em tendas nos pátios, que são visitadas por viajantes e por clientes ao longo de todo o dia, cujo movimento pode crescer, em determinados períodos, como férias ou feriados. De acordo com a artesã Andrea Madruga, de Piratini, as atribuições femininas podem dificultar a realização de atividades artesanais, que requerem tempo, educação da atenção, repetição, busca de referências, já que, muitas vezes, cabe às mulheres o cuidado cotidiano das propriedades, de manejo dos animais e pode ser doloroso “romper com a bicharada”. Segundo Geisel e Lody (1983), a fiação e a tecelagem eram elementos diários na vida das mulheres, assim como os afazeres da casa, cuidados com a família e o trabalho na propriedade. O artesanato em lã em Jaguarão é um trabalho que as artesãs desenvolvem no âmbito da casa. Apesar de haver espaços para a venda dos produtos, como a Casa da Economia Solidária e a Associação dos Artesãos de Jaguarão, não há um lugar para o trabalho coletivo.

Uma vez que é realizado no ambiente da casa, o trabalho artesanal ou a feitura de doces e de outros alimentos está emaranhado à vida familiar, aos cuidados com os filhos e aos afazeres domésticos e da propriedade. Não havendo um

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

recorte temporal para começar ou terminar as atividades, logo, vão fazendo os trabalhos nos intervalos de tempo, entre o trabalho doméstico. A casa é um importante espaço para o desenvolvimento do artesanato, pois as mulheres podem desenvolver uma atividade que lhes permite obter renda, enquanto estão cuidando da casa e dos filhos. O dia a dia da artesã Elci é em função da trabalhar com a lã e das atividades com a lida caseira, que envolve as atividades da casa e os cuidados com os animais. Elci relata: *“Levanto de manhã, lavo a louça que ficou de ontem, e dou um para te quieta aqui no más. Gosto de alimentar os bichos, de ver de barriga cheia. De manhã, antes de tomar café, eu vou, boto milho pra galinhas, pros pinto, se tem um gato miando já dou uma comidinha, pra depois eu sentar. Não posso ver os bichos com fome. Primeiro os bichos, depois eu. Sento na máquina, vou lá, trago a comida e almoço, solto o prato e sigo fiando de novo. E quando tem lida com as ovelhas o artesanato rende pouco.”*

Na Vila Progresso, na cidade de Caçapava do Sul, de modo geral, a família está envolvida na confecção e comercialização das peças artesanais em lã. No caso da família de Jocelaine, as peças são comercializadas na tenda, propriedade da família, nas margens da BR 290. O casal de artesãos trabalha na confecção das peças, acabamentos e comercialização das mesmas. O artesão trabalha no tear e na tenda, juntamente com o filho do casal, atendendo aos clientes na comercialização dos produtos artesanais, já a esposa artesã trabalha com o acabamento das peças, a confecção de peças de lã em tricô e na comercialização dos produtos na tenda. Logo que casou, Joceneine trabalhava sozinha na confecção das peças de lã enquanto o seu marido trabalhava na lavoura. Com o rendimento maior da atividade do artesanato em lã, toda a família se envolveu na confecção e comercialização das peças de lã nas tendas.

Observam-se as relações estabelecidas entre “as casa”, o mato, o campo, a quinta/pomar, as frutas do mato, tais como a goiaba do mato, figo, goiaba, pitanga, etc. As atividades de plantar árvores frutíferas e colher frutas no mato, apresentam ocorrência nas comunidades quilombolas e de pecuaristas familiares. Em alguns casos, as frutas são encontradas em antigas quintas conservadas nas moradias, como também presentes em “taperas”. Observa-se o plantar árvores frutíferas nas quintas e/ou no mato como um elemento de troca entre vizinhos. A colheita das frutas é feita na primavera e no verão e, os doces produzidos são guardados em conserva e consumidos como sobremesa, durante a recepção de visitas e como presente entre parentes e afins durante o ano todo. Fabiani Franco menciona, também, a produção de mel no mato, no Quilombo de Palmas: *“Também tem o mel. Aqui a gente tem uma senhora que criou doze filhos a base de mel, né. Ela mesmo melava, vendia. Cozinhava o mel, deixava o mel cozido aqui, que fica aquele mel preto, que ele dura mais.”*

O Sr. Rudinei, do Barroco, em Piratini, plantou os marmeleiros na borda do mato. O mato protege a casa como quebra o vento. Muitas cacimbas que abastecem animais e “as casa” estão no mato ou no campo, como no Quilombo de Palmas ou nas propriedades de Clara e de Rudinei. Conforme Clara: *“É! E nós temos a melhor riqueza, porque na fronteira, os animais, às vezes, só tem um açude com água cheia de barro, os animais não querem aquela água porque já tem um cheiro ruim. Eu vou te dizer uma coisa que aconteceu comigo, assim, oh: eu tinha que ir no arroio do Silveira, no Arroio da Sepultura, que é um afluente do Torrinhos, ele é lindo, lindo, porque ele corre, assim, sob areia*



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*pura e pedra, pedrinhas. E é muito encanoado esse arroio. E eu tinha que buscar água, mais de 500 litros, porque lá as minhas cacimbas são por declividade, são cacimbas com mais de 100 anos, duas com mais de 100 anos e sempre foi água por declividade, e não dá pra fazer poço artesiano. Então eu tava carregando cerca de 500 litros d'água por dia pras ovelhas, pra umas vacas e para os cavalos. Por quê? Porque não tinha água e eles não queriam tomar a água podre, a água dos poços que eu mandei fazer. Eu mandei abrir, pra eles não entrarem em sanga, eu mandei fazer uns bebedouros, assim, uns pequenos açudezinhos, né. E mesmo assim, o açude grande, que foi construído ainda pelo meu avô, que deve ter, assim, ¼ de hectare, ele estava com a água muito podre, muito, assim, não chovia pra mudar a água, para oxigenar aquela água. E os animais ficam com sede. E aí, aonde é que eles têm? Eles têm as tais cacimbinhas, essas, que se formam no leito das sangas, por que geralmente é de pedra, é de rocha...“*

**P: São as nascentes? São as nascentes, os olhos d'água?**

*Clara: “Nós temos nascentes, nós temos esses olhos d'água, assim, no meio do campo, temos nascentes... geralmente, é todas cobertas e protegidas por mato. Com mato. E é no curso, ela é, vai faltando água, vai, a seca, quando tá muito forte, como foi agora, tu encontra assim as sangas cortadas, não é, os cursos d'água cortados, e vai ficando uma cacimbinhas entre, um colar, aqueles buraquinho, assim, um colar, dentro da rocha. E essa, e é muito interessante por que, a água, de noite, se renova. Lá no curso começa a brotar, a brotação, quando se arma pra chuva, ou de noite sempre corre um pouquinho d'água, daí vai enchendo as cacimbinhas. É tão interessante, tão bonito! Quando vê, eu acho que tenho algumas fotografias sobre isso e eu posso...”*

*De acordo com Fabiani, no Quilombo de Palmas, “A água mesmo que a gente usa aqui em casa ela vem de cima do cerro, é uma cacimba em cima do cerro. No geral, é isso, assim. E tem um lugar na pedreira, que ele é bem próximo da sanga. A sanga passa, assim, no meio da comunidade, mas só que ela seca no verão, não secava antes. Também tinha uns mananciais na casa da minha avó materna, tinha verão que qualquer chuvinha que vinha tu tinha que pular pra passar, para ir na casa da minha 'bisa'. E hoje não, é bem seco ali.”*

*Neste ponto registra-se a entrevista de Amilton com a poluição do Arroio da Mantiqueira com agrotóxicos, em razão da plantação de soja nas propriedades do entorno do Quilombo Corredor dos Munhós: “Na verdade, assim, ele antigamente era um arroio que tipo, a gente, é, vivia em função dele, né!? Mas com o tempo agora, é, com o negócio das lavoura, aqui acima, né, do arroio, ele começou a ficar um pouco assoreado. E também o veneno, então a gente já não tira mais água pra beber, não toma mais banho ali naquele arroio no verão, porque tem o veneno, né, das lavoura que ficam acima do rio. Isso prejudica um pouco nosso modo de vida, vamo dizer assim, né, que a gente nasceu e se criou ali na beira do arroio, né!?”*

A diferenciação desse espaço social identificado como “as casa”, onde se processa a lida caseira, se dá pelas intervenções de cuidado, seja com a limpeza e manutenção do próprio espaço, seja com a transferência e condução de atividades mais identificadas com a *lida campeira* para ele por uma demanda de intensificação de cuidados. Ou

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

seja, tornar o espaço casa por intermédio da limpeza do entorno, muitas vezes, com a remoção total da vegetação convertendo-o em “terreiro”, no qual se consegue afastar ou visualizar melhor animais vindos do mato/campo como as cobras. A manutenção do terreiro limpo, além de facilitar essa atenção, demonstra o cuidado em distinguir o espaço “das casa” do espaço do mato/campo, de modo a atender suas finalidades representativas e de trabalho.

**Relações quilombo/estância:** Amilton menciona a circulação das mulheres nas estâncias de gado do entorno do Quilombo Corredor dos Munhós para realizar o trabalho caseiro: *“Então, sempre teve esse negócio assim, e a gente sempre meio que conviveu ali com as estâncias. Tipo, quando precisava fazer algum serviço chamavam lá a minha mãe, por exemplo, chamava lá e ela ia, ai pagavam ela, dava um pedaço de carne, às vezes, ou chamavam pra fazer uma carneada, ou chamavam pra fazer doce, também, né, que as estância também tinha fruta ali, e também fazia doce.”*

**6.2. Marcos naturais e/ou edificados**

**“AS CASA”: ESTÂNCIA; RANCHO; GALPÃO; TAPERAS; CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA; CAMINHOS**

Ao etnografar a organização das unidades de produção familiar camponesas na zona da mata norte do Estado de Pernambuco, a antropóloga Beatriz Heredia (1979) mostrou que os diferentes espaços internos estavam organizados seguindo lógicas relacionadas aos aspectos mais amplos de habitar o território e das condições históricas de acesso à terra. Com base nesta leitura, é possível observar os aspectos históricos que configuram a existência dos povos tradicionais na pampa brasileira. Assim, um primeiro aspecto a considerar é que a estrutura fundiária constituiu-se a partir da organização Guarani Missioneira, que configurou uma paisagem marcada por grandes extensões de terras, que combinavam práticas agrícolas e extrativistas com pastoreio extensivo (ÁLVAREZ, 2015). Inicialmente, as chamadas estâncias missioneiras ou estâncias dos Guarani, na margem oriental do Rio Uruguai, estavam distribuídas em um amplo território, que corresponde, atualmente, ao nordeste e a região costeira do Rio Grande do Sul, na Vacaria dos Pinhais e Vacaria do Mar, e, posteriormente, ao norte da República Oriental do Uruguai e na metade sul do Rio Grande do Sul.

No século 18, com a desestruturação do projeto missioneiro e o avanço colonial sobre as estâncias, o acesso às terras, consideradas devolutas, se deu pelo sistema de sesmarias, via concessão da posse a grupos militares, a comerciantes e a famílias com boas relações com a coroa portuguesa (BRITO, 2010). Assim, um pequeno grupo de pecuaristas familiares são descendentes de sesmeiros, como a família de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, que, no século 18, recebeu uma sesmaria com dezoito quadras de campo, que foi fragmentada ao longo das gerações. *“Meu tataravô que*

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*veio para cá. Nós somos de sesmeiros. Foi concedido pelo império. (...). [A terra] foi dividida entre a família.”* Luciano é responsável pelos cuidados das terras dos irmãos e dos pais, que moram na cidade.

Estando localizadas em áreas estratégicas e prioritárias à colonização, essas grandes propriedades eram delimitadas por referências naturais, tais como rios, arroios, peraus, formações rochosas, campos sujos, chamados de “rincões”. O acesso a tais locais era concedido aos *posteiros*, famílias as quais era permitido a moradia, a criação de alguns animais e o cultivar da terra, de maneira que as mesmas ficassem responsáveis por cuidar e manejar o gado da estância (FARINATTI; MATHEUS, 2017). Nestes locais, estavam instalados os *rodeios*. Em outras áreas marginais, de pouco interesse no processo colonial, o acesso se dava pelos grupos marginalizados, como pequenos lavradores, peões campeiros e posseiros, sendo locais estratégicos, também, para os aquilombamentos, pela “fuga para fora” (KOSBY, 2017a), nos fundões das propriedades. Por conseguinte, a partir da Lei de Terras, implantada no ano de 1850, que transformou a terra em uma propriedade, ou seja, um bem com limites bem definidos que poderia ser comprado e vendido, a forma tradicional e histórica desses acessarem um pedaço de chão e praticarem agricultura e criação, foi alterada (SILVA, 2015). Tal processo, associado à introdução do arame liso, fez com que as estratégias desses grupos para acesso à terra passassem a jogar com esses instrumentos legais, embora seja necessário ressaltar que o acesso a esses espaços seguia sendo permitido, desde que não afetassem os interesses das elites.

Ainda que o processo de fragmentação das grandes propriedades seja uma realidade em campo, as relações entre grupos sociais mantêm, de certa forma, elementos que atualizam o sistema das sesmarias. Convivem “nas casa” não apenas (ou nem sempre) a família nuclear (pai, mãe, filhos, filhas e avós). As configurações variam e abrigam relações de trabalho entre pessoas solteiras, bem como relações de compadrio entre pessoas que não são parentes, mas são “de casa”, “como da família”. Um destaque nesse tipo de relação é a presença de afilhados oriundos de famílias de trabalhadores e de prestadores de serviço da localidade, que trabalham/vivem na casa dos padrinhos, proprietários de estabelecimentos de maior escala. Tal dinâmica de compadrio é histórica e bastante comum nos contextos da pecuária (FARINATTI, 2010). Nesse sistema inclui-se, também, outras formas de acesso à terra, como a de ocupantes e de agregados, que recebem uma parcela de terra para criar animais, cultivar e morar, em troca de serviços ou fornecimento de produtos para o proprietário (FARINATTI, 2018).

Por conseguinte, além dos processos de sucessão rural por fracionamento das grandes propriedades, outras formas atuais de acesso à terra por agricultores e pecuaristas familiares se deram pela compra, doação, indenização, demarcação ou ocupação de lotes em áreas marginais aos interesses da expansão colonial e, tempos depois, da modernização agrícola. Seu Beto começou a trabalhar como peão e agregado na Fazenda do Sossego, dividindo o que produzia com a proprietária. Tempos depois, tornou-se peão campeiro e capataz. Seus pais não tinham terras e “*moravam nos corredores*”. Quando conseguiu juntar uma quantidade considerável de “*plata*”, comprou uma chácara para seus pais, localizada no município de Caçapava do Sul. Ali ficaram até falecerem. Tempos depois, como forma de pagamento pelos anos de trabalho, adquiriu uma “quadra de campo” – cerca de 90 hectares – da fazenda em que

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

trabalhava. Assim, vendeu a chácara que comprara para seus pais, já falecidos, e seguiu trabalhando na fazenda, dedicando parte das horas do dia à sua terra. No caso de Vanda Tarouco, pecuarista familiar no distrito do Barroço, em Piratini, por sua vez, o acesso à terra se deu pela compra, a partir da aposentadoria. *“Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavrar. Sempre ajudei meu pai”*. Após o casamento, *“fui para a cidade de Pelotas. Ficamos lá 30 anos. Criei minhas filhas. Estou aqui desde 2002. Mas eu vinha, tirava uma semana e voltava. Efetivo foi em 2004.”*

Nas últimas décadas, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, ocorreram outras formas de acesso à terra, como no caso de lotes destinados à Reforma Agrária, pelo INCRA, com assentamentos rurais, além da demarcação de Comunidades Quilombolas e de Terras indígenas, a partir de processos, também, variados, conforme será apresentado, posteriormente. Conforme Kosby (2017a), a comunidade do Quilombo de Palmas, em Bagé, é composta por cerca de 40 famílias, ligadas por laços de parentesco, compadrio e matrimonialidade. De acordo com a antropóloga, as famílias que constituem a comunidade são descendentes de escravos campeiros das estâncias da região, exímios na lida com os animais, hábeis ginetes e no tiro do laço. Os quilombolas exerciam o trabalho de changuear, atividades como consertar arames, limpar algum campo, cuidar de rebanhos, esquilar umas ovelhas, cortar lenha, carnear, levar ou buscar uma tropa de gado pelas estâncias, sem vínculos empregatícios ou salariais, plantando roças em lavouras alheias, como meeiros. A demarcação da terra quilombola foi reivindicada em 2005, pela Associação Quilombola de Palmas, e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, em 2017.

Nesse sentido, deve-se levar em conta que nem todos os Marcos edificadas ocorrem de forma concomitante, ou, em alguns casos, podem apresentar variações e particularidades, devido à configuração do local ou da propriedade. A seguir, buscamos sintetizar aqueles que são recorrentes no campo.

**“AS CASA”** – O termo “as casa” refere-se a um conjunto de espaços que, para além da casa de moradia, envolvem os galpões, mangueiras, hortas e cercados, quintas, campos e matos, arroios e rios, havendo uma complementaridade entre estes, de maneira a formar um emaranhado de relações. É *“nas casa”* onde se processa a lida caseira, enquanto práticas de cuidado de humanos, de animais e de plantas, seja com a limpeza e manutenção do próprio espaço, seja com a transferência e condução de atividades mais identificadas com a *lida campeira* para ele por uma demanda de intensificação de cuidados. Ou seja, tornar o espaço casa, por intermédio da limpeza do entorno, muitas vezes, com a remoção total da vegetação, convertendo-o em “terreiro”, no qual se consegue afastar ou visualizar melhor animais vindos do mato/campo, como, por exemplo, as cobras e os *sorros*. A manutenção do terreiro limpo, além de facilitar essa atenção, demonstra o cuidado em distinguir o espaço “das casa” do espaço do mato/campo, de modo a atender suas finalidades representativas e de trabalho.

**ESTÂNCIA** – A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas, a partir do século 17,



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

quando padres e indígenas transferiram os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados geopolíticos entre as coroas portuguesa e espanhola –, bem como captura de indígenas para o trabalho escravizado ou exploração dos mesmos, via *encomiendas* ou ataques de bandeirantes. Nesse processo, os rebanhos foram abandonados no campo, como na região da Vacaria dos Pinhais, no nordeste do Rio Grande do Sul, ou na Vacaria do Mar, na região costeira ao sul do estado. Esses animais xucros multiplicavam-se devido à abundância de pastos e aguadas e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (AURÉLIO PORTO, 1943; RAHMEIER, 2007; SCHLEE, 2019a).

Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e, também, por agricultura, em meados do século 19 passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escravizada e/ou assalariada e com uma arquitetura formada pela sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (LUCCAS, 1997; RAHMEIER, 2007; OSÓRIO, 2016). Geralmente, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não constitui a base econômica principal. Nesse momento dá-se, também, o início do cercamento dos campos, delimitando invernadas, rodeios e campos para os rebanhos, e, ao mesmo tempo, criando situações novas para a mobilidade de grupos e de coletivos. Dessa forma, propriedades menores, anteriormente chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente, passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem indígena, com significado de “plantação” (SAINT-HILAIRE, 2002), ou por designações locais, como “campo”, “fazendinha”, “granja”, “sítio”, “roça”, “quadra de campo”, entre outras.

Atualmente, estância corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde mantém-se os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém podem não ser consideradas como estâncias, devido ao seu tamanho.

**RANCHO** – Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé (*Panicum prionitis*) e a taquara (tipo de bambu) são cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e as janelas, as paredes são preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresenta uma espessura aproximada de 50cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustenta as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes, são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim. (LESSA, 1986; MATTOS, 2003). Regis Medeiros, peão campeiro e pecuarista familiar em Palmas, Bagé, ensinou que para manejar o capim santa-fé, é necessário cuidar as “farpas” que existem nas folhas que são capazes de cortar a pele. As folhas são

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

cortadas e dispostas em maços que são deixados ao sol para secarem. Somente após estarem secas, poderão ser direcionadas para a construção da *quincha*. O chão é de terra batida e pode haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundo e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986).

Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados. Até fins do século 18 e início do 19, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas. Predominavam, portanto, as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana. (LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 2002; ISABELLE, 2006). A utilização das casas de torrão como galpão ou cozinha é uma forma de manifestação cultural comum a povos e comunidades tradicionais da pampa (MAZURANA; DIAS; LAUREANO et al, 2016), sendo os conhecimentos passados de uma geração para outra. Em algumas propriedades familiares, se encontrou ranchos como moradias e, também, como galpões, indicando que outrora fora moradia da família. Nas comunidades quilombolas de Palmas e do Corredor dos Munhós, observou-se a existência de ranchos como moradia.

**GALPÃO** – Para Schlee (2019b), os galpões são dependência edificada das estâncias (com torrões de barro, paredes de madeira ou de tijolos), coberta (de palha ou telhas) e permanentemente aberta – que serve de depósito, alojamento para os peões e para animais criados sob teto, além de espaço para a realização de determinadas tarefas campeiras. São espaços multifuncionais, utilizados para fins variados e relacionados ao dia a dia e às atividades na *lida campeira*. É onde se mantêm os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões, que podem se reunir nesse espaço no início, no intervalo ou ao fim da lida, bem como para realizarem as suas refeições. É recorrente a existência de um espaço com lareira – pode ser fogo de chão ou fogão a lenha – para aquecer os corpos, a água do mate, assar o churrasco e outros alimentos. Em frente ao fogo são colocados pequenos bancos e cadeiras. Podia servir como dormitório de alguns peões ou de pessoas de passagem pelas propriedades. Em outros casos, os galpões são espaços em que os bichos passam a noite nos períodos de chuvas e de frio, ou nas épocas de parição, como forma de cuidado.

**TAPERA** – De acordo com Schlee (2019b), tapera é uma ruína. Rancho, casa ou outra edificação da campanha – abandonada e destruída por não ter quem a habite. Conforme a etnografia, costuma-se dizer, de forma crítica ou de forma jocosa, que uma moradia mal cuidada, por exemplo, com muitos galhos e folhas caídas ao redor do pátio, com terreiros por varrer, com cercas avariadas, com galinheiros e galpões com defeitos e com pomares sem trato, é uma tapera, em referência às casas e aos locais abandonados, sem moradores. Isso denota a atenção dada ao cuidado cotidiano com “as casa” e com o entorno. Uma casa cuidada é uma casa habitada.

Outros atributos foram elencados pelos/as interlocutores/as como indicadores de uma casa habitada. Seu Beto, pecuarista familiar em Palmas, em Bagé, considera que uma casa sem *quinta* – ou pomar – não era casa, mas uma

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

tapera. A casa que se deixa ser tomada pelo mato e pelo campo, e destruída pela ação do tempo, traz para si a existência de animais do mato, como cobras, “sorros”, pássaros. Nos dias de chuva, o gado busca abrigo nestes locais. Em algumas situações, porém, mantêm-se relações com esses espaços, mesmo que ocasionais, como nos casos das *quintas* que ficam abandonadas ao redor das taperas, que podem ser utilizadas para a coleta de frutos, como foi relatado por comunidades quilombolas. Conforme Amilton Camargo, do Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, “*as mulheres se reúnem no verão aí, janeiro, fevereiro, março, né, para fazer as tachadas de doce. Vão fazendo em conjunto. Levantam cedo de manhã, vão buscar fruta lá no mato, né? Aqui a gente tem muitas árvores de frutas que os antigos plantaram, marmeleiro, principalmente, no mato, né?*”

A tapera se opõe à casa habitada por seres humanos e gera tristeza e estranhamento por quem passa por elas. O aspecto de ruína é uma metáfora de um processo mais amplo de esvaziamento do rural e de um passado de um lugar que era “*cheio de gente*”.

Embora seja um espaço não mais habitado por seres humanos, é comum os relatos da existências de outros seres habitando as taperas (sobre-humanos, extra-humanos). Os chamados “*causos de assombrações*” referem-se a “*gritos de escravos*”, “*mulheres chorando*”, “*luzes dentro da casa*”. Quenedy, peão campeiro em três Estradas, Lavras do Sul, contou que viu muita “*coisa estranha*” ao cruzar, a cavalo, durante a noite, pelas taperas.

**CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA** – As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Suas origens remontam às reduções Guarani missionárias, ao passo que cada redução possuía vacarias e estâncias delimitadas por rios, riachos, matas, bem como currais de pedra ou torrão (AURÉLIO PORTO, 1943; JAEGER, 1958). As mangueiras, currais ou encerras são construções circulares ou retangulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão ou taipas de torrão. Produções recentes têm trazido para o debate que os grupos indígenas eram os detentores dos saberes para a construção de algumas estruturas, como os currais de palmas, já que manejam outros herbívoros nestes currais, como os cervos, antes da introdução do gado bovino (DABEZIES; SUÁREZ; BAÑOBRE et al, 2021).

Na propriedade de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, encontramos três tipos de mangueiras: uma estrutura de terra, que o pecuarista entende ter sido feita pelos indígenas missionários; uma estrutura de pedra, construída após a chegada de sua família, que recebeu a propriedade como doação de sesmaria; e uma feita de vala que, conforme o campeiro, estava interligada às outras. Sobre as mangueiras de terra, o pecuarista comentou: “*Achei estranho aquilo ali. Depois que eu olhei de cima e fui perguntar, descobri que era uma mangueira, anterior a mangueira de pedra. Era feita de taipa. Marcavam um círculo, cavavam e atiravam a terra para cima, formando a mangueira. É anterior à família do meu tataravô, porque, se fosse usada, não teriam construído a de pedra. Quando aquela já estava em desuso é que*

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*fora construída a de pedra. Para mim aquilo ali era dos índios. Tem uma parte de valo, que é abaixo, e uma parte de pedra. A mangueira de valo é anterior à mangueira de pedra. Eles faziam o valo para conter o animal, uma cerca.”*

Conforme Bruno Martins Farias (2013), estes currais indicam e percorrem os antigos caminhos das tropas. São diferentes estruturas de diferentes épocas e técnicas construtivas, com formatos e com matérias-primas diversas, sendo mais comuns as de terra, de pedras e de plantas. Eram utilizadas pelos tropeiros para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (revezando-se para vigiar os animais). Junto às mangueiras haviam as pastagens para alimentação do gado. Conforme Luciano, as *“paradas eram chamadas de pastagens, para pouso. As tropas andavam na estrada como caminhão. Tinha uma tropa atrás de outra. Na hora de parar, à tardinha, o capataz da tropa, mandava um peão na frente para saber se naquele lugar tinha pouso. Era cobrado pelo proprietário.”*

A entrada da mangueira é chamada de *porteira*. Nela eram colocadas duas *“tronqueiras”*, que são objetos verticais, de pedra ou de madeira, postos em cada lado da abertura, com perfurações em que eram encaixadas e dispostas *varas* (madeiras retas) atravessando a porteira e evitando a fuga dos animais. Luciano narrou, diante da mangueira de pedra, localizada na propriedade da família, como faziam para o gado bravio entrar nos currais. Ao redor desses currais, haviam bois mansos, os chamados *“sinuelos”*, que eram treinados para entrar e, imediatamente, sair da mangueira. Assim, quando a tropa de gado, que era *xucro*, se aproximava do local, estes bois eram incorporados e conduziam os outros animais para a mangueira. *“Quando a última vaca entrava, esses bois saíam da mangueira”* (LIMA, 2020).

**CAMINHOS** – Estradas, corredores e atalhos (usados para acesso). Ao seguir as indicações dos/as interlocutores/as, foi-se delineando que a pesquisa para o Inventário desenhava por cima dos traçados dos antigos caminhos das tropas e carretas, por onde eram conduzidos bois e outras mercadorias de diferentes lugares da pampa, para as charqueadas e, posteriormente, os frigoríficos, localizados nos municípios de Pelotas, de Bagé, entre outros. Tais caminhos eram pontuados por entre-lugares de apoio como pousos, vendas (ou *“bolichos”*), currais, corredores, paradouros. As vendas, pousos e paradouros eram espaços de comércio e convívio de tropeiros e outros viajantes, onde realizavam refeições, rodas de conversas intercaladas com sons de gaitas e violões, jogatinas, entre outros. Juntos a estes estabelecimentos haviam diferentes artífices como ferreiros, carpinteiros e outros que ofereciam serviços. Os bolichos comercializavam, também, alimentos para os animais, como o milho, comprados na região de agricultores familiares ou até mesmo cultivados pela família proprietária. Os paradouros ou pastagens eram espaços com aguadas, galpões, currais e pastagens para a parada e pernoite das gentes, bois de tropas e carretas, cavalos de tropas e carroças entre outros/as viajantes. Ficavam dentro das propriedades podendo ser cedidas ou alugadas. Os currais eram usados, também, para a exposição de animais para a venda. Trafegavam por estes caminhos e descaminhos, para além do gado, inúmeras outras mercadorias e contrabandos, bem como pessoas com ideias, especialidades, modos de viver (SILVA, 2006; LIMA, 2020). Parte destes antigos caminhos são, hoje, rodovias estaduais e federais asfaltadas.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Como parte destes caminhos, estão os corredores, que são pequenas estradas públicas que cruzam entre os alambrados que delimitam as propriedades. Alguns corredores cruzam por dentro das propriedades fazendo a circulação ser marcada por um abrir e fechar porteiros. Os corredores são lugares habitados e dinâmicos, permitindo o trânsito de pessoas, bichos e carros para diferentes lugares, pois se ligam entre eles. É pelos corredores em que se fazem as tropeadas que, atualmente, são realizadas para conduzir o gado de um campo para outro, bem como para conduzir o gado para banheiros de imersão alugados ou de associações de pecuaristas familiares. Nos corredores estão localizados os *bolichos*, sendo espaços de convivência e onde são realizados eventos como jogos e festas. Quando são públicos, se tornam espaços estratégicos para os criadores de gado, quando os mesmos observam que o campo está com baixa capacidade de suprir a alimentação dos bichos dentro das unidades de produção. A preferência de colocar o gado no corredor é sazonal e se dá pela leitura de que o campo está a ponto de ficar “*rapado*” (BRITO, 2010). Por outro lado, a preferência pelos corredores se dá, também, pelos animais. Vera Colares, pecuarista familiar em Palmas, Bagé, comentou que o gado prefere, nos dias quentes, pernoitar nos corredores para se proteger do contato com os carrapatos.

Os corredores são referências para a localização e, portanto, são identificados por nomes, como o “*Corredor dos Munhós*”, o “*Corredor da Lexiguana*”, etc. Eles se ligam entre si e permitem uma circulação pelos diferentes lugares. Entretanto, quando não fazem essa ligação, a estratégia para o trânsito é dada pelos “*atalhos*”, que são pequenos caminhos que seguem por dentro das propriedades. Esses caminhos são criados e manejados pelos animais. Os atalhos que são feitos por dentro dos matos, por exemplo, são manejados pelas cabras junto a outros bichos, como as vacas e as ovelhas. Embora as condições de acesso sejam limitadas para um trânsito a cavalo ou a pé, alguns atalhos podem ser realizados por carros. Nesse sentido, somente quem habita os lugares conhecem esses diferentes caminhos e suas condições de acesso.

Obs.: Para mais informações ver Ficha “Identificação Ofícios Lida Caseira”.

**6.3. Agenciamento do espaço para a atividade**

A principal dimensão que diferencia o espaço destinado à lida caseira é o cuidado. O cuidado que vem por intermédio da limpeza e da manutenção do espaço para que este tenha vivacidade e não se torne uma *tapera*. São cuidados cotidianos para a casa não ficar com aspecto de abandonada ou desabitada. Assim, como os cuidados dispensados às plantas e aos animais do entorno, que demandam atenção cotidiana, mais do que o espaço do mato/campo – que tem menos agenciamento humano. Animais doentes, fêmeas prestes a parir, animais de manejo diário como as “*vacas mansas*” (que são animais retirados do rebanho que está no campo e destinadas à ordenha), as pequenas criações, como as galinhas, os patos e os porcos, os guachos (animais jovens que ficaram órfãos ou foram rejeitados e são trazidos do campo para as casa), costumam ficar próximo da casa, recebendo atenção e alimentação ao longo do dia.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

## 7. Tempo

<b>7.1. Periodicidade</b>	Atividades são realizadas todos os dias, observando-se a sazonalidade de algumas destas, conforme as estações do ano. Alimentação diária dos animais próximos das residências, nas encerras e cercados. Cuidados com o pátio, com as plantas e com as árvores do terreiro. Cuidados e manutenções periódicas com as instalações, como cercas, encerras, mangueiras e galpões. Colheita e coleta de frutas conforme as estações. Feitura dos doces e carneada dos animais, geralmente, uma vez ao ano.
---------------------------	---

<b>7.2. Ocorrência</b>	<p>A lida caseira é atividade cotidiana para a manutenção da propriedade.</p> <p>Conforme Vera Colares: <i>“A rotina se inicia ao clarear do dia, com o acender do fogo à lenha e o esquentar da água para o primeiro chimarrão. Tira-se o leite das vacas e a leiteira é trazida até a cozinha. Prepara-se e serve-se o café-da-manhã. Começa-se, então, as demais lidas que podem ser com os animais, no cercado, na horta, dependendo da necessidade. As mulheres arrumam diariamente a casa e varrem o terreiro ao redor das casas, alimentam as galinhas, recolhem-se os ovos. Lava-se a roupa. Prepara-se o almoço. Na tarde, o café. à noite, a janta.</i></p> <p><i>As horas intermediárias são ocupadas com tarefas suplementares à lide doméstica, tais como: preparação de alimentos para posterior cozimento, costurar, passar roupa, cuidar das crianças, fazer comida para os cachorros. Ao entardecer é servido o jantar. geralmente, seu preparo é mais rápido em relação ao almoço. Após a janta, enquanto a mulher lava a louça os demais conversam ou assistem televisão.”</i></p>
------------------------	---

## 8. Biografia

<p><b>Alberto Gonçalves Rodrigues, Seu Beto</b> - Filho de peões campeiros que trabalhavam para a família Collares. Peão na Fazenda Sossego, em Palmas, Bagé, desde que os pais se aposentaram. É proprietário de uma <i>“quadra de campo”</i> (em torno de 90 hectares) que recebeu como pagamento pelos anos de trabalho na fazenda, onde, junto à família, cria gado e ovelha, cultiva milho, feijão, batata doce, mandioca, abóbora e outras hortaliças e legumes e produz frutas.</p> <p><b>Amilton Cesar Camargo</b> - Agricultor familiar e quilombola, Comunidade do Quilombo Corredor dos Munhós, Mantiqueira, Lavras do Sul.</p> <p><b>Ana Rosa da Silveira Sonaglio</b> - <i>“Sou filha de produtores da agricultura familiar da região de Bagé. Em 1994 passei a fazer parte dos técnicos da EMATER RS ASCAR. A instituição tem como missão promover o Desenvolvimento Rural Sustentável por meio de ações de assistência técnica e extensão rural mediante processos educativos e participativos,</i></p>
--

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*visando o fortalecimento da agricultura familiar, buscamos sempre conciliar o saber fazer do agricultor, como ponto de partida, para novas ações. Fazemos os resgates da biodiversidade por intermédio da abordagem alimentar.”*

**Clara Marineli Silveira Luiz Vaz** - Pecuarista familiar e médica veterinária aposentada. Trabalhou na EMBRAPA, onde prestou assistência técnica para pecuaristas familiares da região da pampa, criadores de rebanhos ovinos. *“Eu sou médica veterinária aposentada, mas antes de mais nada eu sou produtora rural, por que eu nasci e me criei lá. Fiz o curso de veterinária pensando em dar sequência ao método, como eram os animais criados desde os meus avós, na mesma propriedade.”*

**Fabiani Franco Alves** - Comunidade Quilombola de Palmas: *“A gente sempre morou no Quilombo, tanto meus avós, quanto meus pais. E estudei aqui, não dentro do Quilombo, eu estudava numa escola próxima, em 2000, que foi quando eu fiz a primeira série, depois essa escola fechou, (...) Sempre morando no Quilombo. A única época que eu estive fora foi nesses dois anos estudando no IFSul.”*

**Isaurina de Oliveira Garcia** - Artesã e pecuarista familiar. Reside no interior de Piratini. Produz peças em tear de parede, conhecido como *“rústico”* ou *“primitivo”*. Produz, também, fios coloridos com a utilização de fuso de madeira, que comercializa para a produção de artesanato na região.

**Karina Torma Scholante** - Doceira e pecuarista familiar. *“Depois que eu parei de estudar, eu tinha uns 20 anos. Eu sempre fui da zona rural. Tirei um tempo fora, mas depois eu voltei a morar aqui. Com 19 anos eu voltei. A partir daquele momento, eu comecei a me interessar pelas coisas que a minha avó fazia tipo os doces de batata e as broas de milho, ela fazia, e eu amava tudo aquilo. (...) E eu gosto da alimentação. Eu fui adaptando daqui e dali porque, lógico que vocês sabem, cada um tem o seu ponto.”*

**Laís de Moraes** - Pecuarista familiar. Laís nasceu na cidade de Bagé. Reside em Três Estradas, Lavras do Sul. O pai foi criado na campanha, *“já fez de tudo”*. Conforme Laís, mesmo sem conviver com o pai, gosta muito da vida na campanha. *“Eu conheci o campo foi com o Luciano”* (marido), antes *“não frequentava CTG, não ouvia música gaúcha”*. Gosta de realizar o pastoreio de bovinos e de ovinos a cavalo, com a ajuda de cães. *“Tu tem a casa para limpar, o campo para recorrer.”*

**Rudinei Ribeiro de Oliveira** - Pecuarista familiar. A propriedade está localizada no interior de Piratini, anteriormente as terras estavam arrendadas para plantação de soja, pretende, atualmente, retomar a criação. Realiza o manejo do mato para proteção das nascentes, os marmeleiros foram plantados na borda do mato em razão das geadas e dos ventos. Está refazendo a antiga quinta próxima à casa.

**Vanda Rosa Peligrinote Tarouco** - Pecuarista Familiar. Nasceu no interior de Piratini, casou e foi morar em Pelotas onde criou as filhas. Morou em Pelotas por cerca de 30 anos, desde 2004 reside no interior da cidade de Piratini, na localidade do Barroço. *“Eu campereio a pé. Junto cento e poucas reses. Perdi minha cachorra, a Filó. Só eu e ela*

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*juntávamos todo o gado. (...) Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavrar. Sempre ajudei meu pai. Ele tinha 10 filhos. Então, a gente se criou sempre na lida. O guris foram crescendo e indo embora. As gurias é quem foram ficando e trabalhando na lavoura. (...) Enquanto eu puder, eu vou estar aqui. Eu vou criar. O dia em que eu não puder mais criar eu vou trocar. Vendo o gado de cria e vou criar boi, então.”*

**Vera Colares** - Contabilista e aposentada da Receita Federal. Pecuarista familiar e Presidente da Associação para Grandeza e União de Palmas (Agrupa).

## 9. Atividade

### 9.1. Origens, motivos, sentidos e transformações

Conforme Vera Colares: *“A dificuldade de acesso às cidades fazia com que fossemos quase que autossuficientes na produção de alimentos, roupas (costura e artesanato, bordado), inclusive, no trato de doenças com chás, benzeduras e na realização de partos pelas parteiras. Com a abertura de estradas, ônibus, esses costumes se alteraram e muita coisa deixou de ser produzida e outras se incorporaram.”*

Conforme Vera, as mulheres não são devidamente valorizadas e remuneradas por suas atividades e há certo preconceito em relação às suas habilidades no trato com os animais, bem como na repartição e administração das rendas da propriedade, o que contribui para o abandono do campo. O mesmo acontece com os jovens. Os homens da casa não querem dividir espaço na propriedade, causando afastamento e solidão.

### 9.2. Narrativas e representações

A temática da *lida campeira*, da atividade pastoril e da lide no campo está disseminada nas narrativas e nas representações culturais e artísticas na região platina, na pampa e no Rio Grande do Sul, seja na literatura de viagem, seja nas obras literárias, seja nas músicas gauchescas, seja nas canções folclóricas, seja nas produções nativistas, seja nas representações iconográfica a respeito do “Sul”.

Um traço dessa representação costuma ser a relação entre natureza e cultura, ou entre ambiente e sociedade, que emana e acompanha o pensamento de gerações de artistas e intelectuais que produzem suas obras com foco na região, que podem se debruçar sobre os tipos sociais, as guerras de fronteira, as andanças pelos campo ou o manejo dos rebanhos. Tal ênfase fica evidente em obras clássicas e contemporâneas da literatura platina, como, por exemplo, *Diálogos*, de Bartolomé Hidalgo, *Martín Fierro*, de José Hernández, *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento, e *As aventuras de China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara, entre tantas outras. Da mesma forma, é possível perceber a presença da melancolia, ou certo pessimismo, em relação à



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

continuidade do modo de vida campeiro ou do contato com o campo. Nesse sentido, o tema do fim, da ruína, da morte, do saudosismo ou da impossibilidade de continuidade costuma ser recorrente.

Na literatura do Rio Grande do Sul, nomes como João Simões Lopes Neto, Ramiro Barcelos (sob o pseudônimo de Amaro Juvenal), Erico Verissimo, Cyro Martins, Jayme Caetano Braun, Barbosa Lessa são apenas alguns dos expoentes que abordam ou dedicam suas produções a refletir sobre essas temáticas. Da mesma forma, pode-se citar autores contemporâneos, que buscam refletir sobre a pampa e seus viventes, como, por exemplo, Aldyr Garcia Schlee, Luiz Antonio de Assis Brasil, Tabajara Ruas, Eron Vaz Mattos, José Carlos Queiroga, Marília Floôr Kosby e Clarissa Ferreira, entre outros.

Logo, destaca-se a profusão e a diversidade de tais obras para a música, a literatura, a poesia, as artes visuais, entre outras formas expressivas. Assim, buscamos trazer algumas dessas narrativas e representações, sem, contudo, esgotá-las.

O naturalista francês Saint-Hilaire, em sua passagem pela região, narra os hábitos e costumes que cercam o acesso às propriedades:

Após haver parado ao meio-dia perto de um bosque, vim aqui pedir pousada. Eu havia tomado a dianteira e me apresentado sozinho a esta casa, mas fui extremamente mal recebido. Meu hospedeiro me repreendeu acremente por eu ter atravessado a cerca que separa o seu pátio do campo. "Ninguém", advertiu-me ele, "senão um homem mal-educado se portaria assim; o senhor devia ficar do lado de fora, chamando-me e esperando que alguém lhe respondesse." (2002: 428).

O escritor João Simões Lopes Neto (2011), no conto *No manantial*, faz alusão à presença de *quintas* e frutas encontradas nas taperas, algo que foi possível identificar em campo, quando da feitura de doces. Na obra, o peão campeiro Blau Nunes descreve a coleta de pêssego e de marmelo na tapera, bem como a riqueza de aguadas:

Está vendo aquele umbu, lá embaixo, à direita do coxilhão? Pois ali é a tapera do Mariano. Nunca vi pêssegos mais bonitos que os que amadurecem naquele abandono; ainda hoje os marmeleiros carregam, que é uma temeridade! Mais para baixo, como umas três quadras, há uns olhos-d'água, minando as pedras, e logo adiante uns coqueiros; depois pega um cordão de araçazeiros. Diziam os antigos que ali encostado havia um lagoão mui fundo onde até jacaré se criava. Eu, desde guri conheci o lagoão já tapado pelos capins, mas o lugar sempre respeitado como um tremedal perigoso: até contavam de um mascate que aí atolou-se e sumiu-se com duas mulas cargueiras e canastras e tudo... (2011: 55).

Aldyr Garcia Schlee (1988), na obra *Linha divisória*, traz alguns dos cuidados cotidianos com a lida caseira nas propriedades rurais. "Quando os pessegueiros não floriram, João entendeu que era o sinal. Saiu pela quinta, entre as árvores cinzentas de galhos retorcidos e cascudos, pastos pelo joelho, tropeçando nas cupins, e se convenceu de que tudo havia mesmo acabado" (p. 30). No conto *O sinal*, aparecem, também, aspectos relacionados à dificuldade de

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

sucessão rural e a possibilidade de ruína dos manejos campeiros em uma propriedade que, aos poucos, está esvaziando:

Os pessegueiros se abriam em flor e tudo melhoraria. A chácara toda iria recender a perfume de flor de pessegueiro. Seria preciso abrir a casa e enxotar as galinhas e reformar as cercas e buscar porcos e limpar os pastos e lavrar a terra e, depois, colher os frutos e arrumar as coisas e limpar os tachos e cozinhar os doces e preparar as comportas. E então haveria os cheiros e as cores da brotação e todos os animais estariam no cio e se acasalariam aos cacarejos e gorjeios e gritos e relinchos e haveria coragem de chegar para a Mariana e vê-la contente e remuçada e dizer-lhe, dizer-lhe, enfim, essas coisas todas que é preciso dizer para as pessoas com quem a gente vive, de quem a gente precisa, e a quem a gente ama muito, muito. (1988: 34).

Letras de músicas que fazem menção à lida caseira:

### **Carqueja**

Carqueja, curandeira pra uns

E daninha pra os outros

E qualquer lado que eu vá

Carqueja que eu faço a vassoura

E que bebo o meu chá

Carqueja que vem dessa terra bem antes da gente

Que andaste pelas mãos charruas e velhos ervais

De natureza nua e crua muito diferente

Da terra que anda correndo e não descansa mais

Me fala como é carqueja ser sobrevivente

Num campo que agora cresce diferente

Aos olhos dos "home" e dos seus animais

Arbusto nativo que tem por guarida

As verdes coxilhas dos pampas abertos

Onde pasta o gado e o rebanho ovino

E o touro brasino domina por certo

Nos dias de inverno já deste guarida

Pra ovelha parida nas tardes de frio

Quebrando minuano ou vento pampero

Que sopra altanero com chuva ou estio

Vassoura campeira de grande valor

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Pra o trabalhador ajeitar a fazenda  
 Ou mesmo a pessoa que varre solita  
 Aguardando a visita que o abraço encomenda  
 Carqueja do campo te presto a homenagem  
 Ao ver na paisagem teu verde esplendor  
 E o dia em que o vento se tornar só brisa  
 E eu vire apenas o que tu precisa  
 Me tornando paz, luz e cinza  
 Estarei em ti depois que eu me for.

Carqueja que amarga a erva nos mates que ceva  
 Amanunciando o pensamento do homem rural  
 Dos altiplanos friorentos do sul dessas serras  
 Às pradarias da campanha e da banda oriental  
 Pensando cresço assim  
 Carqueja trançado no arame  
 Pra escapar dos cascos de algum infame  
 Mas enrarizado nesse pastical  
 (Letra: André Coelho e Ricardo Baptistella)

**Amargo**

Velha infusão gauchesca  
 De topete levantado  
 O porongo requeimado  
 Que te serve de vasilha  
 Tem o feitio da coxilha  
 Por onde o guasca domina  
 E esse gosto de resina  
 Que não é amargo nem doce  
 É o beijo que desgarrou-se  
 Dos lábios de alguma China

A velha bomba prateada  
 Que atrás do cerro desponta

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Como uma lança de ponta  
 Encravada no repecho  
 Assim jogada ao desleixo  
 Até parece que espera  
 O retorno de algum cuera  
 Esparramado do bando  
 Que decerto anda peleando  
 N'algun rincão de tapera

Velho mate-chimarrão  
 As vezes quando te chupo  
 Eu sinto que me engarupo  
 Bem sobre a anca da história  
 E repassando a memória  
 Vejo tropilhas de um pelo  
 Selvagens em atropelo  
 Entreverados na orgia  
 Dos passes de bruxaria  
 Quando o feiticeiro inculto  
 Rezava o primeiro culto  
 Da pampeana liturgia!

Nessa lagoa parada  
 Cheia de paus e de espuma  
 Vão cruzando uma, por uma  
 Antepassadas visões  
 Fandangos e marcações  
 Entreveros e bochinchos  
 Clarinadas e relinchos  
 Por descampados e grotas  
 E quando tu te alvorotas  
 No teu ronco anunciador  
 Escuto ao longe o rumor  
 De uma cordeona floreando  
 E o vento norte assobiando



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Nos flecos do tirador

Sangue verde do meu pago  
Quando o teu gosto me invade  
Eu sinto necessidade  
De ver céu e campo aberto  
É algum mistério por certo  
Que arrebetando maneias  
Te faz corcovear nas veias  
Como se o sangue encarnado  
Verde tivesse voltado  
Do curador das peleias  
[...]  
(Letra: Jayme Caetano Braun)

**Velha faca**

Um palmo e pico de aço,  
rude e glorioso pedaço  
da espada de um general.  
Cabo de prata estrangeira  
- velha faca brigadeira  
que nunca me deixou mal.

Nesse tempo eu era moço,  
não tinha o sangue tão grosso  
nem a memória tão fraca.  
Índio gaudério sem marca  
era maior que um monarca  
quando empunhava essa faca.

Mas não era compra-briga,  
desses que enchem a barriga  
em bochinchos de galpão.  
Mui amigo do sossego

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

não arriscava o pelego  
em 'rolos' sem precisão.

Mas quando lá volta e meia  
me entreverava em peleia  
por honra ou obrigação,  
afrontava qualquer risco  
e essa faca era um corisco  
brigando na minha mão.

Sei que há quem ria disso:  
- a faca tinha feitiço,  
coisa botada, sei lá!  
Se escapava da bainha  
e ia brigar sozinha  
se eu deixasse ela brigar!

Mas Dom Tempo barbaçudo  
que dá sumiço em tudo,  
coisa viva e coisa morta,  
foi-se chegando ronceiro,  
cruzou sem pressa o terreiro,  
passou depois pela porta.

Quantas vezes já nem lembro,  
vi enfeitar-se setembro  
com as flores roxas do ipê.  
Do moço de antigamente  
resta este trapo de gente  
que mal e fica em pé...

E a velha faca amigaça  
me acompanhou na desgraça,  
me aparceirou na miséria.  
Extraviada de bainha

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

ainda lá pela cozinha  
nas mãos da negra Quitéria  
(Letra: Apparicio Silva Rillo)

Na iconografia sobre a região platina e o sul do Brasil constam representações sobre o cotidiano das propriedades, o interior dos ranchos, os aspectos imagéticos das casas e o dia a dia das comunidades rurais.

<b>9.3. Cronologia</b>	
<b>Data</b>	<b>Evento</b>
Século 17 (década de 1630)	Introdução dos rebanhos bovinos, muar, ovinos, equinos, caprinos na região das bacias platinas, a partir das Reduções Guarani na Província Jesuítica do Paraguai. Abandono das reduções na margem oriental do Rio Uruguai, devido aos ataques de bandeirantes. Asselvajamento dos rebanhos na Vacaria do Pinhais e na Vacaria do Mar.
Século 17 (década de 1680)	Retomada do projeto Missioneiro na margem oriental do Rio Uruguai e fundação dos Sete Povos das Missões. Implantação das estâncias dos Guarani na região da pampa para a criação de rebanhos, tendo em vista o abastecimento das reduções e a comercialização do gado.
Século 18 (década de 1730)	Aumento da colonização portuguesa na região, a partir da distribuição de sesmarias e da fundação de povoados.
Século 18	Caça do gado bravo para comercialização da carne e do couro. Caça do gado muar para fornecimento na região das minas brasileiras.
Século 18 (1753-1756)	Guerra Guaránica, envolvendo os exércitos portugueses e espanhóis contra o povo Guarani Missioneiro e os padres Jesuítas. Declínio das Missões. Abandono das estâncias Guarani e dos rebanhos.
Século 18 (1780)	Fundação das primeiras charqueadas na região pampeana do Brasil, do Uruguai e da Argentina.
Século 19	Intensificação da instalação das charqueadas no Rio Grande do Sul, com vasta utilização de mão de obra africana escravizada.
Século 19 (1850)	Lei de Terras é publicada pelo imperador Dom Pedro II, apropriação das terras e alteração da estrutura fundiária.
Século 19 e início do século 20	Declínio das charqueadas e instalação de frigoríficos.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Século 20 (a partir de 1950)	Aumento do monocultivo, com lavouras de arroz, de milho, de soja e da silvicultura.
Século 20 (a partir da década de 1980)	Novos modelos fundiários. Assentamentos da Reforma Agrária. Comunidades Quilombolas. Terras Indígenas.
Século 21	Intensificação da supressão da pampa, através de projetos de monocultivo, de mineração e outros.

## 10. Produtos patrimoniais

<b>10.1. Repertório ou principais produtos</b>
Comidas à base de carne, leite, frutas e grãos, via de regra, produzidos na propriedade.
<b>Cercado (Agricultura de cercado)</b> - “Espaço delimitado por uma cerca - geralmente utilizado na campanha para a lavoura.” (SCHLEE, 2019a: 226).
Dona Vanda produz <i>“Feijão a gente planta. O milho a gente planta. A gente colhe abóbora e verduras. Então, a gente só compra coisas de mercado”</i> . E, no Quilombo Corredor dos Munhós, as famílias plantam: <i>“milho, feijão, tudo que... hortaliça, tudo que é pra consumo próprio mesmo, pra subsistência mesmo, não é pra vendas (...). Tem “Lavoura de milho, mandioca, batata, é... Que a gente chama de produto de cercado. São as coisas, assim, mais grossa pra alimentação mesmo. Produção de cercado que é mandioca, batata, essas coisas que a gente produz ali.”</i> , conforme Amilton Camargo.

<b>10.2. Processo de trabalho: Carneação</b>	
<b>Etapa</b>	<b>Atividade</b>
<b>Matança de porco e de vaca:</b> Atividade realizada, geralmente, uma vez por ano com objetivo de ter alimentos por um bom tempo. Abater uma vaca e um porco era sinônimo de mesa farta. As mantas da carne são separadas e desossadas; coloca-se em uma gamela de madeira, coberta com sal grosso, deixando descansar um dia. No dia seguinte, é estendido a sombra em varais e recolhido à tardinha. O processo leva aproximadamente dez dias, depende da temperatura.	Culinária à base de carne. A <b>carneada</b> é o ato de abater e desmembrar o animal para o consumo da família e dos agregados. O abate deve ser realizado o mais rapidamente possível, para evitar causar dor desnecessária ao animal. em alguns casos, filhos pequenos e/ou pessoas que sentem “pena” ou “dó” do animal devem ser afastadas no momento do abate, para não presenciarem o ato, pois isso pode gerar dor ou fazer com que o animal leve mais tempo para morrer. Geralmente, a carneada envolve mais de uma pessoa. Pode ser realizada de forma coletiva, com a participação de vizinhos ou parentes de outras propriedades. Quando



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<p>Atividade realizada com apoio e ajuda da vizinhança. Os vizinhos que ajudaram na matança ganham um pouco da produção. Quando estava acabando a carne, outro vizinho repetia o ciclo.</p> <p>Faziam o abate dos animais para produzir varal de <b>linguiça, salame, charque, queijo de porco, patês, peles salgadas, banha.</b></p> <p>A <b>banha</b> era derretida em panelões, no fogo de chão, coada com saco branco em latões para a conservação, deixava-se alguma linguiça e pedaços de carne frita, na medida que ia usando a banha aparecia a linguiça ou a carne.</p> <p>As <b>carnes</b> eram curtidas com sal em mantas.</p> <p>As <b>peles e orelhas</b> eram salgadas.</p> <p>O salame feito do <b>lombo</b> de porco é defumado.</p> <p>A <b>cabeça de porco</b> é cozida com temperos, desossa, pica-se e coloca-se num saco branco na prensa (geralmente, uma forma sem fundo para dar o formato e uma pedra em cima) para fazer o queijo de porco.</p> <p>Patês são feitos com os <b>miúdos</b>.</p> <p>Os <b>ossos</b> serrados e usados para fervidos.</p> <p>As <b>patas, mondongo e tripas</b> são limpas para fazer mocotó e linguiças de porco, gado e mista.</p> <p>Os <b>ossos, couros, patas e orelhas do porco, da vaca ou da ovelha</b> são salgados para fazer feijão ou fervido.</p> <p>Na região da fronteira tem-se a influência de <b>temperos, como chimichurri</b> (ingredientes: Salsinha, alho, cebola, tomilho, orégano, pimenta vermelha moída, pimentão, louro, pimenta-do-reino, mostarda em pó, salsão, vinagre e azeite, molho tradicional na Argentina e no Uruguai).</p>	<p>possível, após o abate, os filhos são estimulados a participarem, auxiliando em alguns preparos, para se familiarizar com a prática.</p> <p>Busca-se aproveitar o máximo possível, desde o couro, as vísceras até os ossos. A carne costuma ser distribuída entre os participantes que contribuíram com o abate.</p> <p><b>Carneada de ovino:</b> o animal é pendurado pela pata e o “carneador” faz a sangria e a retirada do pelego. O primeiro assado é o sangrador (carne do pescoço onde é feita a sangria). As vísceras (rins, coração, tripa gorda, fígado e coalheira) são os primeiros a irem para o fogo para tirar o gosto. Separa-se uma metade (paleta, costela e quarto), tira-se o espinhaço e, após, a outra metade. Todos os cortes, com exceção do espinhaço, são utilizados para o churrasco. A cabeça de ovelha assada é bem disputada.</p> <p><b>Carneada de bovino:</b> após ser escolhido para ser abatido, ele é laçado e garreado para imobilizar o animal. então é feita a sangria. A carneada é feita no chão. Depois de coureada, extrai-se o matambre. O carneador tira a paleta e o quarto, tira o lombo, a manta do peito, a arca do peito e depois a costela. Após é tirado do sangrador (que sai juntamente com a língua), vira a carcaça e faz o mesmo processo do outro lado, ficando o espinhaço que é separado em duas partes. a primeira sai junto com o pescoço e a segunda junto com o alcatre. do alcatre é tirado os filés. No momento em que são tiradas as partes, são levadas para pendurar, deixando escorrer para ser desmanchada.</p> <p><b>Consumo de peixes:</b> os campeiros apreciam os peixes de água doce como traíra, lambari, jundiá e algum pintado. O pintado e o jundiá são preparados ensopados e em moquecas (pirão com farinha de mandioca). O lambari e a traíra são consumidos frito ou assado. As cabeças de peixe são usadas para sopas.</p>
---	---

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

10.3. Principais participantes	
Status	Função
Campeiros e campeiras	Realização das atividades cotidianas de manejo e de manutenção nas localidades rurais, “nas casa” e entorno, via de regra, dependem do engajamento familiar, com o apoio de outros animais, como os cães.

10.4. Capital e instalações	
Descrição	
Quem provê	
Função	

10.5. Matérias primas e ferramentas de trabalho	
Descrição	<p><b>Faca Carneadeira</b></p> <p>Demétrio Xavier (ver Ficha “Anexo: Contatos”) menciona que seu pai dizia que “<i>faca não é arma é ferramenta</i>”, indicava, também, que esta coisa de lida era um instrumento masculino, distinguindo-se da faca de cozinha. Menciona, ainda, o texto de Ondina Fachel Leal sobre o uso da faca pelas mulheres na benzedura e simpatia.</p> <p>Conforme Demétrio o gauchismo, quer pelo caminho do tradicionalismo organizado ou de forma mais independente, muitas vezes, faz com que as pessoas busquem os costumes mais “ancestrais” e deixem de lado suas versões mais contemporâneas, que talvez lhes pareçam menos interessantes. Então, desde as primeiras décadas do século 20, é muito mais usual como faca gaúcha a “<i>carneadeira</i>”, adequada ao trabalho que o nome indica. Uma faca sem ponta, de lombo reto, larga. Mas quem cultiva o gauchesco prefere, muitas vezes, um modelo anterior, uma faca polivalente que remete muito mais ao século 19. Facas que eram simultaneamente armas e ferramentas. Ao longo do século 20, certamente as carneadeiras foram as facas mais usadas. Hoje, os colecionadores de facas começam a despertar para esse tipo de artigo, mas certamente essa seria a faca que se veria às costas de um peão de campo, desde os anos 20. Talvez ele também usasse uma adaga ou um punhal, exclusivamente pela necessidade de uma arma branca ou gosto por portá-la. mas a faca por excelência no campo é a carneadeira, acompanhada ou não de chaira.</p> <p>Contudo, o debate sobre as facas implica na dimensão das coisas e das pessoas na <i>lida campeira</i>, bem como a dificuldade de separação entre os domínios da casa e do campo. Como apontam autores como Baretta e Marcoff (1978) e Farinatti (2007), a mesma mão de obra utilizada nas atividades pastoris era a utilizada nas guerras, ao longo de toda a constituição das fronteiras no Brasil meridional. Isso gerava a necessidade de cada estância possuir um número de peões</p>

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>suficientes para empenhar-se nos confrontos, tendo, ainda, aqueles que pudessem permanecer na propriedade, seja para a defesa do local, seja para, mesmo que minimamente, dar andamento às atividades de manejo dos rebanhos. Em diálogo com Baretta e Markoff (1978), a expansão colonial na América Latina foi responsável pela introdução de rebanhos nos territórios indígenas, motivo de constantes confrontos e tensões no avanço de fronteiras. Sejam guerras causadas pelos tantos conflitos para defesa e demarcação (ou expansão) das fronteiras, mas, também, pelas tensões provenientes do interior dessa sociedade.</p> <p>Em combate, os conhecimentos sobre o território e o manejo dos animais eram elementos importantes para a manutenção das tropas – e as ferramentas de trabalho eram, virtualmente, as armas. Nesse sentido, pensar na faca enquanto uma ferramenta de trabalho, leva-nos a pensar no que consiste tal trabalho, bem como a dimensão de “instituição total” que pode configurar os regimes produtivos nas estâncias, em que relações de parentesco, compadrio e afinidade nem sempre podem ser desassociadas. Logo, é possível pensar em uma “tradição de violência”, como apontam Baretta e Markoff (1978: 587), ou num recorrente “espaço de morte”, comum a processos coloniais de longa duração, como defende Taussig (1993), que torna a experiência da pecuária e do pastoreio uma atividade em relação constante com confrontos e disputas fronteiriças.</p>
<b>Quem provê</b>	Cada campeiro tem a sua faca que, geralmente, o acompanha na lida.
<b>Função/ Significado</b>	Faca para carnear, “ferramenta” da lida - com bom corte para “ <i>todo o serviço</i> ”. A faca como arma, punhal. A faca como símbolo de masculinidade.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente com artesãos cuteleiros ou em lojas especializadas.

<b>Descrição</b>	<b>Chaira</b> - “Peça de aço, com cabo de osso ou madeira, em que os carneadores, em matadouros e charqueadas, afiam suas facas.” (SCHLEE, 2019a: 229).
<b>Quem provê</b>	Cada campeiro tem a sua chaira.
<b>Função/ Significado</b>	Afiar facas.
<b>Disponibilidade</b>	Adquirido diretamente com artesãos cuteleiros ou em lojas especializadas.

<b>10.6. Comidas e bebidas: Culinária campeira</b>	
<b>Descrição</b>	Pratos Salgados / Comida à base de carne e grãos produzidos na propriedade <b>Churrasco Bovino:</b> Churrasco no couro; Churrasco na grelha; Churrasco de costilhar (ponta da agulha, costilhar divide em partes a costela do traseiro, o matambre e o vazio); Costelão; De espeto (picanha, maminha, costela).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	4
---	----	------------------------------	--	------	-----	---

		<p><b>Churrasco ovino:</b> Assado inteiro com couro; assado inteiro sem couro; pedaços em espeto (quarto, costela, paleta).</p>
		<p><b>Arroz de carreteiro:</b> É um prato comum no dia a dia. O preparo tradicional é à base de charque, arroz e cebola. Porém, pode-se incluir outros ingredientes.</p>
		<p><b>Rabada:</b> Cauda (rabo) da vaca com molho e mandioca cozida.</p>
		<p><b>Galinha com arroz:</b> A galinha caseira é criada solta ou em galinheiro, a pasto e milho. Para abater (matar) costuma-se torcer o pescoço, depenar com água quente, sapecar para remover resquícios de penas, lavar, abrir e cortar em pedaços. Colocar na panela de ferro a galinha e refogar com temperos da preferência, acrescentar o arroz e a água. Prato muito apreciado para receber visitas.</p>
		<p><b>Arroz com linguiça:</b> Chamado, também, de “arroz de china pobre”. O preparo deste prato é usado, principalmente, arroz e linguiça. É incrementado com temperos, como cebola, alho, manjerona e sal.</p>
		<p><b>Espinhaço com pirão:</b> Espinhaço de ovelha em pedaços. É frito com temperos a gosto do cozinheiro, ficando um molho, mexe-se com farinha de mandioca.</p>
		<p><b>Quibebe:</b> Abóbora bem cozida, com temperos, uma pitada de açúcar e mexido com farinha de mandioca. Depois de pronto, coloca-se tempero verde.</p>
		<p><b>Canjica de trigo:</b> Canjica salgada, com espinhaço de ovelha. O modo de preparo é parecido com o feijão.</p>
		<p><b>Canjica de milho:</b> Canjica de milho salgada, pode-se colocar tanto a carne de ovelha como a de vaca ou de porco. O modo de preparo é semelhante a canjica de trigo.</p>
		<p><b>Carne frita:</b> Qualquer carne (ovina ou bovina). Coloca-se a carne na panela com todos os temperos (cebola, alho, sal, manjerona, pimenta...). Coloca-se água para o cozimento, após a carne estar cozida, a água vai secando e a carne vai fritando.</p>
		<p><b>Puchero: ou fervido.</b> É uma sopa que se usa os ossos e vários legumes e verduras e temperos. Depois de estar tudo cozido, usa-se o caldo para fazer um pirão com farinha de mandioca.</p>



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Pratos Doces / Doces à base de leite e doces de fruta ou de tacho	<p><b>Mocotó:</b> Cozido feito com as patas da vaca, a tripa gorda, o mondongo, feijão branco, linguiça e molho de tomate. Usa-se tempero verde picado, ovo cozido e azeitona picada, que cada um coloca a gosto.</p>
	<p><b>Galinha ao molho pardo:</b> Abater a galinha caseira e reservar o sangue da mesma. Depois de bem limpa e “desmanchada” (cortada em pedaços), coloca-se para cozinhar com todos os temperos que achar necessário e acrescenta-se o sangue.</p>
	<p><b>Sarrabulho:</b> Junta-se o sangue e as vísceras de cordeiro, leitão ou peru e faz-se um guisado bem temperado.</p>
	<p><b>Matambre:</b> O matambre pode ser assado no espeto ou frito, da mesma forma que se faz a carne frita.</p>
	<p><b>Queijo de porco:</b> Cozinhar a cabeça do porco com temperos, desossar, picar e colocar num saco branco na prensa (geralmente, uma forma sem fundo para dar o formato) e uma pedra em cima.</p>
	<p><b>Doce de leite:</b> Tradicional sobremesa, feita apenas com leite e açúcar, podendo dar o ponto que achar conveniente, seu preparo é demorado e diminui muito a quantidade após a feitura.</p>
	<p><b>Ambrosia:</b> Usa-se leite, açúcar e ovos batidos. Coloca-se o leite, o açúcar e os ovos batidos, deixando no fogo brando até criar as bolotas. O ponto é a gosto.</p>
	<p><b>Moganga caramelada:</b> Moganga em pedaços com açúcar – cozinha-se os mogangas já cortadas em pedaços com um pouco de açúcar, após queima-se o açúcar e caramela os pedaços de moganga. Pode ser servido como acompanhamento do almoço e jantar.</p>
	<p><b>Arroz com leite:</b> É usado arroz, leite e ovos, receita que varia de pessoa para pessoa, cada um tem seus segredos e modo de fazer.</p>
	<p><b>Canjica de milho:</b> Cozinha-se a canjica sem açúcar, deixando com caldo, quando a pessoa for comer pode usar açúcar, leite ou vinho.</p>
<p><b>Canjica de trigo:</b> É semelhante ao arroz com leite, usa-se a canjica de trigo, açúcar, leite e ovos.</p>	
<p><b>Doce de batata:</b> Usa-se a batata doce descascada em pedaços e açúcar, em fogo brando até curtir bem e ficar cozida, podendo ser feita em várias etapas.</p>	

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p><b>Doce de abóbora:</b> Abóbora em pedaços e açúcar, descascar a abóbora, cortar em pedaços, colocar na panela com açúcar por cima, deixar de um dia para o outro, colocar no fogo lento até cozinhar. Pode usar uma trouxinha de cal para deixar molinho por dentro e cascudinho por fora.</p> <p><b>Arroz com pêssego:</b> Deixar de molho o pêssego (passas seca/origone), cozinhar com o arroz, quando o arroz estiver cozido coloca-se o açúcar e mais o açúcar queimado (cor caramelo), mistura-se tudo.</p> <p><b>Doce de figo:</b> Figo verde e açúcar – pelar os figos (descascar ou ferver e colocar no freezer) após colocar açúcar água e os figos e deixar ferver até aprontar. Pode fazer em mais etapas.</p> <p><b>Sagu com vinho:</b> Cozinha-se o sagu com vinho e água, quando estiver quase cozido, coloca-se o açúcar e deixe ferver até ficar bem cozido, pode ser servido só ou com mingau feito de gemas.</p> <p><b>Doces de tacho:</b> Marmelada, batatada, figada, perada, aboborada, etc. São doces tradicionais feitos com a massa da fruta e o açúcar, cada um em suas porções, em tacho e no fogo de chão.</p> <p><b>Rapadura de leite:</b> Leite e açúcar. Levar ao fogo até dar o ponto. Muito comum e apreciado nos bolichos de campanha, nas carreiras, comercializado, também, na cidade.</p> <p><b>Pão caseiro e broas:</b> Existem várias receitas à base de farinha de trigo ou de milho, banha/azeite/manteiga, açúcar, sal, fermento e água. Assado no forno ou fogão a lenha.</p>
Licores para “obsequiar” as visitas	<p><b>Licores de frutas:</b> Com as frutas da época curtidas na cachaça: laranja, bergamota, butiá, pitanga, figo, etc. Após curtir as frutas na cachaça, coar e misturar em uma calda média.</p> <p><b>Licor de leite:</b> Açúcar, leite e cachaça.</p> <p><b>Licor de gema:</b> Açúcar, gemas e cachaça.</p>
Infusões de ervas	<p><b>“Chás” digestivos:</b> infusões de carqueja, murta, marcela, manjerona. Conforme Aldyr Garcia Schlee (2019a: 228.), a infusão é um importante <i>“instrumento de aplicação e de difusão da medicina pampeana e sul-rio-Grandense. Passa, às vezes, por até três fervuras; e recebe os mais variados nomes, dependendo de o que se empregue na infusão”</i>.</p>
Mate de leite	<p><b>Mate de leite ou mate de comadre:</b> Ferve o leite com jujo (ervas) ou especiarias (cravo e canela), adoça e serve o mate. Este mate é</p>

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

		apreciado à tarde em roda de conversa. Este mate é feito em cuia de vidro ou copo.
	Chimarrão	<b>Chimarrão, “mate”, “verde” ou “amargo”:</b> Infusão de erva-mate ( <i>Ilex paraguariensis</i> ). “Mate-amargo. O mesmo que amargo, mate ou simplesmente verde. Bebida feita com uma infusão de erva-mate e água, tomada quente – em cuia ou recipiente semelhante – através de um canudo de metal chamado bomba.” (SCHLEE, 2019a: 239). Registra-se a ocorrência do uso da casca seca da laranja no chimarrão: “bom para não se engripar, bom para um monte de coisas”.
	Café	<b>Café tropeiro:</b> O pó é misturado à água fervente, utilizando uma brasa para separar resíduos do líquido. A brasa faz com que o pó que está no topo passe pelo processo de decantação, ou seja, a separação entre líquido e sólido.
Quem provê	As famílias.	
Função/Significado	Alimentação cotidiana na <i>lida campeira</i> .	

<b>10.7. Objetos e instrumentos rituais</b>	
Descrição	
Quem provê	
Função/Significado	

<b>10.8. Trajes e adereços</b>	
Descrição	Pilcha - Conjunto de vestimentas utilizada por homens e mulheres campeiros/as. Compõe-se de bombachas (calças presas por botões no tornozelo), lenços (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargatas (sapatilhas de tecido com sola de corda ou borracha), chapéus (feito de couro ou feltro) ou boinas (espécie de boné, sem aba, feita de lã ou feltro), ponchos e palas, que são capas de pano ou lã, com forma redonda, retangular ou ovalada, tendo uma abertura no centro por onde passa a cabeça e, por fim, as botas, feitas em couro. A bota é um calçado apropriado para andar a cavalo, pois não têm agarradeiras, o que facilita que deslize do estribo em um eventual acidente. A bota protege os pés contra ataques de animais como cobras.
Quem executa	Cada pessoa é responsável por prover os seus trajes e adereços.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Função / Significado</b>	Peças da indumentária campeira, atuam como artefatos para proteger da chuva, do sol, do frio, dos bichos. Atuam, também, como elementos simbólicos de um modo de ser e viver campeiro, que transpassam o cotidiano da lida, sendo reinventado por movimentos culturais urbanos (VARGAS, 2016b).
-----------------------------	---

<b>10.9. Danças</b>	
<b>Descrição</b>	
<b>Quem executa</b>	
<b>Função / Significado</b>	

<b>10.10. Músicas e orações</b>	
<b>Descrição</b>	Música campeira – estilo musical cujas letras narram, refletem e representam os modos de viver dos/as campeiros/as narrando situações de lidas bem como aspectos que se esperam ou se interpretam como característicos deste modo de viver tais como as melhores maneiras de manejar os animais e os atributos necessários para ser campeiro/a. As situações cantadas muitas vezes foram vividas pelo próprio narrador ou referem-se a fatos cotidianos, de relações com os bichos e com os campos.
<b>Quem provê</b>	Artistas musicais e poetas, envolvidos direta ou indiretamente com os modos de viver campeiro/as.
<b>Função / Significado</b>	A música campeira é escutada nos momentos de sociabilidade como o chimarrão ou churrasco ou nos momentos entre as lidas como no início da manhã e no final de tarde. Nas vivências etnográficas pelos galpões percebeu-se que nestes ambientes sempre haviam rádios sintonizados em emissoras com programas voltados para tal estilo. Por conseguinte, interlocutores e interlocutoras fazem referências a determinadas letras de música como forma de argumento do seu relato. Alguns interlocutores e interlocutoras são poetas, compositores e músicos.

<b>10.10. Músicas e orações</b>	
<b>Descrição</b>	
<b>Quem provê</b>	
<b>Função / Significado</b>	



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>10.11. Instrumentos musicais</b>	
Descrição	
Quem provê	
Função / Significado	

<b>10.12. Atividades após a execução</b>	
Executante	Atividade

**11. Destinação do produto**

<p>Para uso próprio <input checked="" type="checkbox"/>      Vende <input checked="" type="checkbox"/>      Troca <input checked="" type="checkbox"/>      Outro <input checked="" type="checkbox"/></p>	<p><b>Especificar:</b> Em muitos casos, as atividades podem ser realizadas com apoio de parentes, vizinhos e afins, que costumam deslocar-se até a localidade onde será a feitura das carneadas ou dos doces. Nessas ocasiões, pode ser oferecido partes da carne e doces como forma de reciprocidade pelo apoio. Também são oportunidades de atualização das redes de parentesco e afinidade, por meio da circulação entre as propriedades. Doces e embutidos são, também, dados enquanto presente para amigos e parentes.</p>
<p>Participação na renda familiar</p>	<p>Sim <input type="checkbox"/>      Não <input type="checkbox"/>      Principal fonte de renda <input type="checkbox"/>      Complemento <input checked="" type="checkbox"/></p>

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Modo de Comercialização	Direto X	Intermediário X	Cooperativa/Associação X
-------------------------	----------	-----------------	--------------------------

### 12. Participação em cooperativas ou associações

Alguns pecuaristas da região do Alto Camaquã fazem parte de associações comunitárias e de projetos de assessoria rural, que incentivam a comercialização de alimentos feitos nas propriedades, como queijos, doces, pães, entre outros. A venda desses bens pode ser realizada em feiras, exposições pecuárias e nos comércios comunitários e locais, o que contribui na renda familiar. Os produtores participam e são associados a diferentes entidades, tais como a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO), a Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC), a Associação para a Grandeza e União de Palmas (AGRUPA), a Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS-Ascar), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), o Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, bem como de associações religiosas e associações quilombolas.

### 13. Bens associados

Denominação	Código
Carneada/Cutelaria	<p>Conforme Schlee (2019a: 210) consiste no ato “de abater, matar um animal – e separar-lhe as partes para utilizar sua carne, couro, vísceras e ossos”. De uma maneira geral, as etapas da carneada são as seguintes: “escolher o animal, deixá-lo em repouso, sangrar, retirar o couro, retirar os intestinos e vísceras e realizar os cortes da carne” (CALDEIRA, 2021: 83).</p> <p>O ato é marcado por gestos que justificam que não será uma morte “em vão” (CALDEIRA, 2021). O abate deve ser realizado o mais rapidamente possível, para evitar causar dor desnecessária ao animal bem como de respeito pela vida que está em processo de se tornar carne. Nesse sentido, dois aspectos devem ser considerados no ato: 1) a habilidade do <i>sangrador</i>, que é o responsável por cortar as veias e artérias jugulares ou introduzir a faca no <i>sangradouro</i> que fica no lado direito do pescoço, junto ao peito do animal. O <i>sangrador</i> deve conhecer estes locais e ter em mãos uma boa faca, de “<i>bom corte</i>” e “<i>bem afiada</i>”, reconhecida como a “<i>faca carneadeira</i>”. Com ela em mãos, o <i>sangrador</i> adota uma performance de mediação entre o bicho vivo e o <i>carneado</i>; 2) os envolvidos no momento de sangrar não podem sentir “pena”, pois isso pode gerar dor ou fazer com que o animal leve mais tempo para morrer. Em alguns casos, filhos</p>

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	4

pequenos e/ou pessoas que sentem “pena” ou “dó” do animal devem ser afastadas, para não presenciarem o ato. Somente quando o animal estiver abatido essas pessoas poderão retornar ao local e seguir participando ou acompanhando o processo. Quando possível, após o abate, os filhos são estimulados a participarem, auxiliando em alguns preparos, para se familiarizar com a prática.

Geralmente, a carneada envolve mais de uma pessoa. Pode ser realizada de forma coletiva, com a participação de vizinhos ou de parentes de outras localidades. Quando o *sangrador*, que é o mestre, está prestes a sangrar, todos ficam quieto e observam o ato. Após a ação da faca, o animal esvai-se em sangue e morre lentamente. O *sangrador* lava as mãos e a faca suja de sangue e observa a morte. Após, os demais participam do processo retirando o couro e cortando as partes. Busca-se aproveitar o máximo possível, desde o couro, as vísceras até os ossos. A carne costuma ser distribuída entre os participantes que contribuíram com o abate. Os melhores cortes são destinados ao churrasco. Pode ser pensada, também, como uma atividade multiespécie (TAUSSIG, 2018), já que envolve outros animais, como os cachorros, que participam do ato se alimentando do sangue e das partes que não serão destinadas ao consumo humano. Em alguns casos, as vísceras são destinadas à alimentação dos porcos, com exceção de cortes como o coração e o fígado. Pode contar, ainda, com a participação dos animais do mato, como corvos e sorros, que podem se alimentar das carcaças e ossos que são colocados no campo, após o abate.

Nem todo/a campeiro/a é o *sangrador*, participando da carneada em outras tarefas. O ato é marcado por um aprendizado contínuo, no qual quanto mais experiências de *carnear* mais ágil e habilidoso o carneador se torna. Por fazer a mediação entre a vida e a morte, o carneador torna-se *sangrador* após longo tempo de prática. Outros já trazem a vocação e aprendem a *sangrar* já nas primeiras carneadas. Embora de diferentes maneiras, o fato é que ele vai sendo afetado pela experiência da morte. Inicialmente como uma “adrenalina”, em que “não sente pena”, o passar do tempo faz com que comece a pensar na morte e o ato requer outras atitudes de respeito e cuidado com animal que se tornará carne (CALDEIRA, 2021).

Além da faca carneadeira, existem outros diferentes tipos de faca que transitam entre os domínios da casa e do campo. Uma boa faca, *de bom corte e fio*, não é fácil de encontrar. Além disso, a escolha envolve aspectos como a beleza, o

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	4

	<p>material do qual ela é feita, a durabilidade, a resistência e o conforto para as mãos de quem a maneja. Pode-se dizer que a faca “escolhe” o seu dono, passando a acompanhá-lo nos diferentes manejos. A “<i>boa faca</i>” é aquela que realiza com eficiência a ação ao qual ela foi destinada. Seja para cortar um arreio, em caso de acidente com o cavalo, seja para sangrar ou courear um animal, e até mesmo para cortar o churrasco, quando acionada, deve fazer um “<i>serviço bem feito</i>”. Nesse sentido, as “<i>boas facas</i>” são feitas pelos melhores artesãos cuteleiros, reconhecidos pelas habilidades manuais na confecção destas ferramentas cortantes. Considera-se que o cuteleiro artesão, por participar de todos os processos na feitura da faca, imprime uma qualidade diferenciada ao artefato. Além disso, a relação direta com consumidor faz com que se crie vínculos de confiança, pois o cuteleiro busca atender o seu gosto, bem como o consumidor tem a certeza de que foi feita para atender o desejo dele. Uma faca feita a mão é um artigo considerado “de luxo”, com qualidade superior às facas compradas em lojas, vistas como de qualidade duvidosa, embora muitas delas possam “surpreender” quem as adquire.</p>
Agricultura de cercado	<p>O cercado é um “espaço delimitado por uma cerca – geralmente utilizado na campanha para a lavoura” (SCHLEE, 2019a: 226). O “cercado” tem sua existência em função da presença de animais domésticos como galinhas, porcos, cavalos, bois, ovelhas e cabras, bem como animais asselvajados como javalis, lebres e preás. Por isso, o entorno é feito com cercas de arames, bambus e outros materiais.</p> <p>É o local onde se produz grãos, como o milho e o feijão, tubérculos como a batata-doce, a abóbora e a mandioca entre outros alimentos voltados para o consumo de humanos e de outros animais. De acordo com Dona Vanda, em Piratini, “<i>Feijão a gente planta. O milho a gente planta. A gente colhe abóbora e verduras. Então, a gente só compra coisas de mercado</i>”. Conforme Amilton Camargo, no Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, as famílias plantam: “<i>milho, feijão, tudo que... hortaliça, tudo que é pra consumo próprio mesmo, pra subsistência mesmo, não é pra vendas (...). Tem lavoura de milho, mandioca, batata, é... Que a gente chama de produto de cercado. São as coisas, assim, mais grossas, pra alimentação mesmo. Produção de cercado que é mandioca, batata, essas coisas que a gente produz ali.</i>”</p> <p>Tal riqueza de alimentos é fator de cobiça dos bichos que estão tanto no campo quanto no mato. Assim, além da cerca, colocam-se espantalhos, redes e outras</p>



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

estratégias para dificultar o acesso de bichos que a cerca não impede, tais como pássaros, ouriços, tatus. O animal doméstico que consegue cercar as barreiras e entrar no cercado é chamado de “*chacareiro*” ou “*roceiro*”. Nesse caso, uma das estratégias acionadas é o uso de *cangas* ou *cangalhas*, que dificultam ainda mais o acesso. Entretanto, nos casos em que estas estratégias não surtam efeitos, o animal deverá ser trocado de campo, ou mantido “*a sogá*”, que é ficar preso por uma corda, ou até mesmo ser vendido. Tanta cobiça se dá pelo fato de que, para além dos cultivos existentes, é o local onde os pastos estão verdes por não estarem sendo consumidos. Nesse sentido, o cercado é, também, uma reserva de pastos, os quais, após a retirada dos cultivos, serão liberados para consumo, principalmente dos animais “*fracos*”, que estão amamentando ou que precisam de um engorde mais rápido. A presença dos animais, por sua vez, alimenta e nutre a terra pelo esterco e pela urina, fazendo com que a mesma se renove para a próxima plantação.

O cercado está, assim, emaranhado com as lidas caseiras e campeiras enquanto um fator de autonomia e vitalidade (DIAS, 2021). Cuidar da terra e receber dela os alimentos que nutrem os corpos de humanos e bichos constitui o movimento que dá vitalidade aos seres vivos e ao ambiente. Nesse emaranhado de relações estão envolvidos outros fatores, como a incidência da luz solar e das chuvas. Nos finais de tarde, quando o serviço na fazenda estava feito, Seu Beto descia do cavalo, colocava umas botas de borracha e se dirigia ao cercado. “*Eu venho para cá à tardinha. Venho, planto um pouco. No outro dia venho e planto mais um pouco. É pela própria natureza que a gente colhe aqui. Não tem remédio.*” Portanto, há uma relação de reciprocidade entre os humanos, os bichos e a terra, em que se trabalha, cuida e nutre a terra, que, por sua vez, produz alimentos em retribuição. Mas para retribuir, o solo tem que ser respeitado, ou seja, não receber “*remédios*” – defensivos químicos. Trabalha-se a terra ao passo que ela retribui com suas potencialidades, em um processo de “*negociação*” entre as necessidades de consumo e o que a terra pode oferecer (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997; LIMA, 2020).

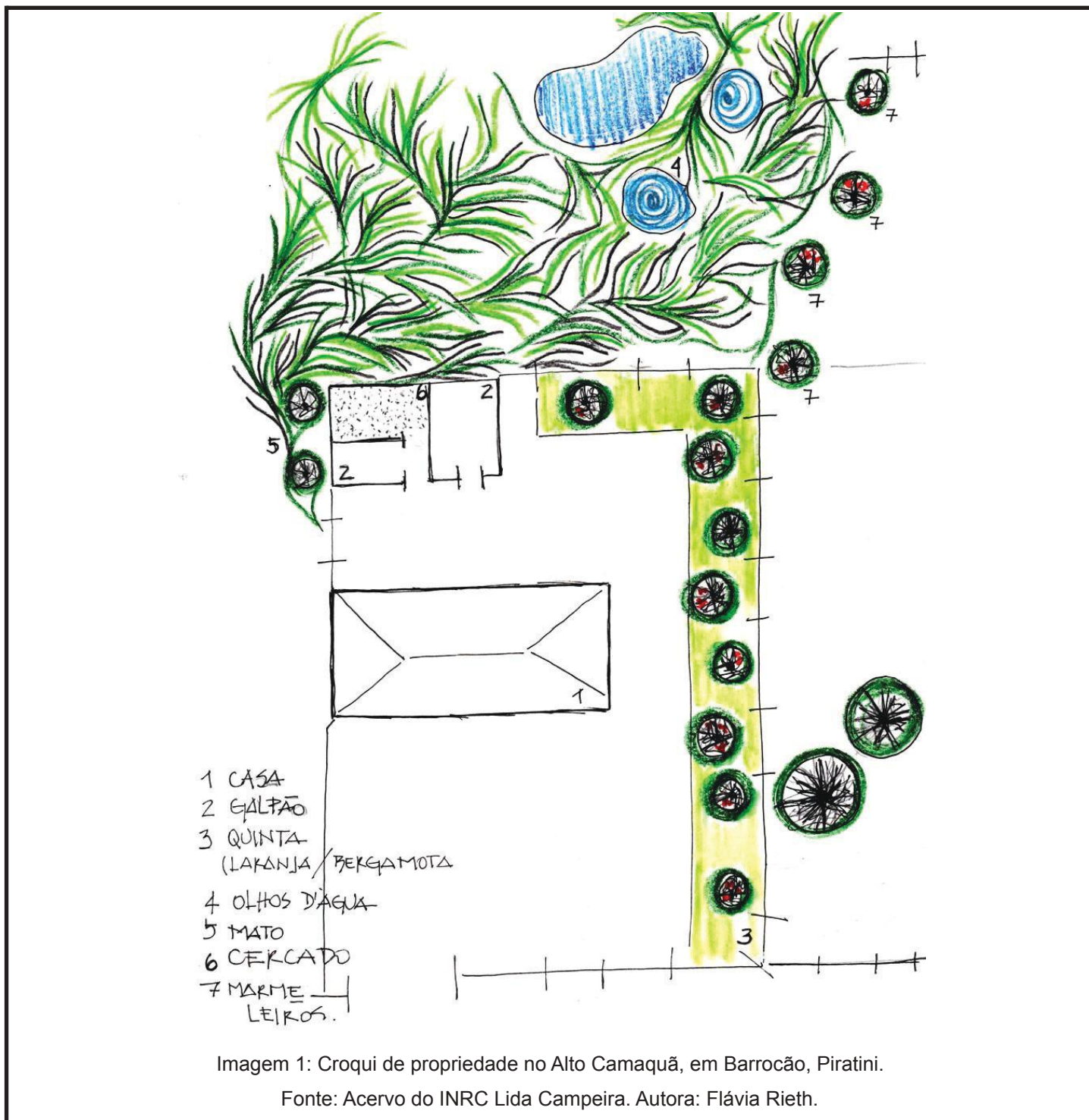
No cercado, chamado, por vezes, de “*roça*”, misturam-se diferentes cultivos e vidas, remetendo estes manejos às práticas agrícolas Guarani. Ao etnografar essas práticas na comunidade Guarani *Yyguá Porã*, às margens do Rio Camaquã, na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, a antropóloga Cristiane Feijó (2015), demonstra o quanto a organização destes espaços estão

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>relacionados à cosmovisão desses povos, sendo a roça um entrecruzamento de relações e reciprocidades entre humanos, divindades e plantas-sementes. Tais relações, segue a autora, alimentam não somente os corpos, mas todo o mundo <i>Mbya</i> Guarani, envolvendo relações de trocas com os rios, com as matas, com os animais, com os minerais, com as sementes, etc, constituídos, por sua vez, pelos espíritos de seus “donos”, divindades do panteão Guarani. É assim que o cercado, ou a roça, operam como espaços de trocas de vitalidades que nutrem os corpos-espíritos dos modos de viver e habitar das populações tradicionais.</p>
Cultivo tradicional de erva-mate	<p>Historicamente, a exploração comercial da erva-mate (<i>Ilex paraguariensis</i> A. St. Hil.) foi responsável por um dos principais ciclos da economia brasileira, quando estimulou o surgimento e o desenvolvimento de diversas localidades na região Sul brasileira. O cultivo e a exportação de erva-mate foi essencial para a manutenção das reduções Guarani, desde o século 17, por meio do manejo dos ervais nativos na região platina. Atualmente, o cultivo dessa espécie ainda representa importante potencial econômico, sociocultural e ecológico à região.</p> <p>Conforme as pesquisas da Embrapa (PENTEADO JUNIOR; GOULART, 2019), a erva-mate é o principal produto florestal não madeireiro da economia na região Sul do Brasil. A espécie ocorre naturalmente nos estados do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, no sul do Mato Grosso do Sul e no extremo sul de São Paulo. Consumida na forma de chimarrão e de infusão, especialmente nos estados do Sul do país, a cada dia aumenta o interesse do mercado internacional pelas propriedades da erva-mate, como teor de cafeína, teobromina e saponina.</p> <p>Existe um amplo espaço para ocupar neste mercado, mas é possível, também, desenvolver novos produtos tendo a erva-mate como matéria-prima, como infusões, energéticos, cosméticos e produtos de limpeza. Crescem as oportunidades do mercado de erva-mate e melhorias no sistema de produção podem auxiliar o produtor a se tornar mais competitivo.</p> <p>A prática do cultivo e do manejo de erva-mate oferece, ainda, uma alternativa econômica entre grupos Guarani (<i>Mbya</i>), no Rio Grande do Sul, como foi possível visualizar na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, na Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, que realizou a produção tradicional.</p>

14. Plantas, mapas e croquis

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	4



Imagem 2: Croqui de propriedade no Alto Camaquã, em Palmas, Bagé.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

15. Documentos inventariados

15.1. Documentos escritos, desenhos e impressos em geral



Imagem 1: Plantas do mato, araçá.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Quintas e matos.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	4



Imagem 3: As casa.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

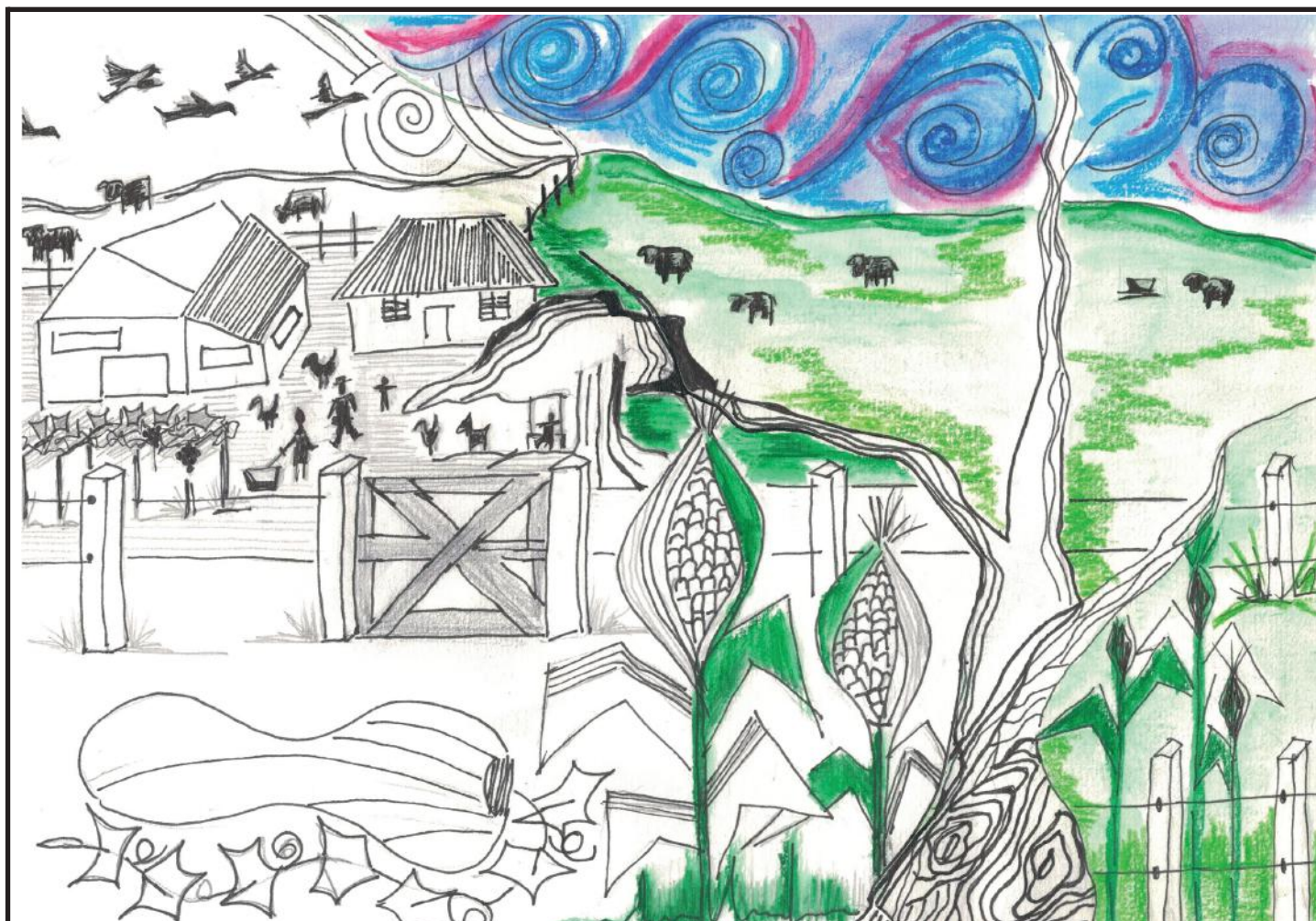


Imagem 4: Agricultura de cercado.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora: Flávia Rieth.

**15.2. Registros sonoros e audiovisuais**

**15.3. Registros fotográficos**  
 Para mais informações sobre os Registros Fotográficos ver Ficha “Anexo: Registros Audiovisuais”.

**16. Observações**

**16.1. Aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento**



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**16.2. Identificação de outros bens mencionados nesta ficha**

A *lida campeira* abarca um emaranhado de saberes e fazeres que constituem o cotidiano da manutenção das propriedades, atividades que se desdobram em pastoreio de bovinos, ovinos, caprinos, artesanato em lã, lida caseira e como bens associados carneada, cultivo tradicional de erva-mate e agricultura de cercado.

**16.3. Outras observações**

Em termos de recomendações relacionadas à salvaguarda da *lida campeira*, é indispensável considerar as transformações que vive a Pampa brasileira. Ocorre que, essa região, correspondente, em linhas gerais, ao quadrante sul do Rio Grande do Sul, vem se constituindo em uma nova fronteira agrícola em expansão, mediante a conversão de grandes extensões de campos naturais. O avanço das plantações de espécies florestais e, sobretudo, da soja, constitui a expressão mais saliente disso. Hoje a soja marca presença em quase toda a diversidade ambiental do estado, adentrando o coração do bioma Pampa, em tradicionais áreas anteriormente dedicadas à pecuária.

Portanto, nessa região, onde durante séculos a criação de bovinos e ovinos foi o carro chefe do setor agropecuário, a soja é, atualmente, a atividade preponderante na maior parte de seus municípios (IBGE, 2020). Algumas das poucas exceções ficam exatamente em municípios do Alto Camaquã, onde as contingências do meio geográfico impõem limitações à agricultura intensiva e fazem confinar as áreas mais extensas e contínuas de campos nativos remanescentes do bioma Pampa. É nessa zona onde se concentram, em nítido caráter residual, os municípios nos quais a criação de bovinos e de ovinos ainda permanece como atividade agropecuária preponderante, como Pinheiro Machado e Caçapava do Sul, por exemplo.

Assim, singularidades seculares da Pampa, como é o caso da *lida campeira*, vão se tornando residuais como o próprio Pampa, frente à crescente conversão do bioma em áreas dedicadas à moderna agricultura. De modo que, hoje, quando esse processo se acelera a níveis inéditos, a diversidade “natural” do Pampa é substituída de vez por uma nova diversidade, definida agora pela especialização agrícola, distinguindo as paisagens da soja, do arroz, do fumo, do eucalipto, da mineração etc. e, residualmente, as da pecuária extensiva, onde ainda podem ser percebidas algumas expressões resilientes dessa antiga diversidade das relações entre paisagens e práticas de acordo com a diversidade da própria natureza local.

O Alto camaquã, enquanto área de remanescentes, aparece como espécie de conservatório, também, de algumas dessas antigas singularidades. É assim que as velhas especificidades de lidar “*nas pedras*”, “*em campos lisos*” ou em “*campos dobrados*” encontram, em alguma medida, sua razão de ser. Trata-se de relíquias cuja existência, já residual,

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

não se explica fora da, também, residual materialidade que as abriga: a da Pampa que remanesce por marginal, ou seja, cuja conservação é produto de seus próprios limites funcionais-produtivos para outras atividades que não a pastoril.

Podemos falar, nesse sentido, em um caráter de relicário dessas manchas de vegetação nativa, manifesto tanto no sentido etimológico da palavra, enquanto sinônimo de resto ou resíduo (remanescente da Pampa), quanto no sentido mais usual, enquanto local que abriga coisas valiosas, heranças. Um relicário, aliás, chama atenção para a indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre o tangível e o intangível, enfim, entre o ambiente e a vida que o anima, dado que um relicário (uma forma, um suporte) guarda relíquias (artefatos, saberes-fazeres, práticas, falas, jeitos etc.).

O reconhecimento institucional do Pampa como um dos biomas brasileiros pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se deu apenas em 2004, na esteira do processo de supressão, como um evidente sintoma reativo. Ocorre, no entanto, que as metamorfoses do Pampa não se amortizam pela dimensão ambiental, da perda de biodiversidade. Não se trata, somente, da substituição dos campos nativos por lavouras. Se trata da supressão de formas, mas, também, de conteúdo, de objetos, de relações sociais singulares, de natureza e de cultura. Trata-se da minguagem de espécies e de ecossistemas, bem como de componentes históricos, arqueológicos, paisagísticos e etnográficos. Por isso, se inicialmente o reconhecimento do Pampa veio através de uma abordagem, digamos, ecológica, de atenção, sobretudo, ao seu patrimônio “natural” e biológico, o momento atual aponta para a importância de outras de suas dimensões. O contexto mundial de crise e alertas ambientais que dá eco ao tema da biodiversidade, tem o seu correspondente cultural que, frente à massificação das paisagens numa sociedade, cada vez mais, global, dá eco a um crescente apego cultural ao que é próprio e distintivo.

No mundo, as tendências globalizadoras geradoras de recursos genéricos e de caráter deslocalizável são confrontadas pela revitalização experimentada pelas identidades locais dos territórios, onde estão ancorados recursos patrimoniais específicos, de caráter singular e irrepetível (PÉREZ; SALINAS, 2008). Do esquecimento e da marginalidade, esses tipos de paisagens, lugares de trabalho e habitação, espaços de sociabilidades, de expressões orais e rituais singulares, passam agora, ainda que lentamente, a ser vistos como potenciais recursos identitários em que podem se apoiar, inclusive, processos de desenvolvimento (PÉREZ, 2008).

Ao se falar na Pampa remanescente, é oportuno falar na paisagem-vida pastoril remanescente. Seria dizer, além de um patrimônio “natural” ou biológico, estaríamos falando de um patrimônio territorial, em sentido amplo, e/ou um patrimônio agrário, em sentido estrito. Enquanto patrimônio territorial, seria falar na paisagem-vida pastoril como um legado de vidas sociais precedentes no devir histórico que reúnem elementos naturais e os acréscimos artificiais oriundos desse processo, e que se constitui em elemento de identidade social ao refletir, em sua fisionomia, os modos e condições de vida da sociedade que a moldou e a molda (VALCÁRCEL, 1998).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	4
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Já enquanto patrimônio agrário, seria chamar atenção para o legado relacionado, especificamente, à herança histórica da exploração agropecuária, no sentido trazido por Pérez (2008), neste caso, notadamente a da pecuária extensiva. Herança esta, manifesta tanto em sua face material, traduzida nos sistemas de objetos relacionados à produção, quanto em sua face etnográfica, expressa em ofícios, artefatos, identidades etc. Seria pensar a paisagem e a vida pastoril como testemunhas (i)materiais de uma atividade que faz parte da história da sociedade gaúcha e platina, cuja expressão pode ser encontrada em elementos como aperos, edificações, habitats, costumes, ofícios, rituais, tradições orais etc. (PÉREZ, 2008).

### 17. Identificação da Ficha

<b>Questionários analisados</b>	Ver item “3. Executantes”	
<b>Pesquisador(es)</b>	Andreia Nunes Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Monteblanco, Flávia Rieth, Leonardo Sapucaia, Mateus Fernandes da Silva, Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Supervisor</b>	Flávia Rieth, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Redator</b>	Andreia Nunes Sá Brito, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Monteblanco, Flávia Rieth, Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	Data 12/2021
<b>Responsável pelo inventário</b>	Flávia Rieth	







<p>INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS</p> <p><b>Ficha de Identificação</b></p> <p><b>Ofícios e Modos de Fazer</b></p>	CODIGO DA FICHA					
	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	5
	UF	Sítio-	Loc	Ano	Ficha	No.

### 1. Localização

<b>Sítio Inventariado</b>	Região do Alto Camaquã/RS e Entorno
<b>Entorno do Sítio</b>	Arroio Grande Herval Jaguarão Pelotas
<b>Localidade</b>	Bagé (Sede, Corredor da Lexiguana e Distrito de Palmas) Caçapava do Sul (Sede, Guaritas e Vila Progresso) Canguçu (Sede, Coxilha do Fogo e Vila Silva) Encruzilhada do Sul Lavras do Sul (Três Estradas, Corredor dos Munhós) Pinheiro Machado Piratini (Alto da Figueira, Barroção e Estrada 392) Santana da Boa Vista (Serra dos Vargas)
<b>Municípios / UF Sítio e Entorno</b>	Arroio Grande, Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Herval, Jaguarão, Lavras do Sul, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista.

### 2. Bem Cultural

<b>Denominação</b>	Lida Campeira: Artesanato em lã		
<b>Outras denominações</b>	Artesanato em lã crua		
<b>Condição atual</b>	X vigente / íntegro	<input type="checkbox"/> memória	<input type="checkbox"/> ruína

### 3. Executante

Obs: Para mais informações sobre o(a) entrevistado(a) ver Ficha "Anexo: Contatos".

<b>Nome</b>	Andrea Madruga Garcia	<input type="checkbox"/> Masculino	1
		<input checked="" type="checkbox"/> Feminino	

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
	Caçapava do Sul		Canguçu			

<b>Ocupação</b>	Artesã e pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	23/04/1972
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Antônio	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	2
<b>Ocupação</b>	Artesão	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Ari Santos	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	3
<b>Ocupação</b>	Artesão	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Cenilza Dreckmann	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	4
<b>Ocupação</b>	Artesã	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	08/06/1971
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Nome	Clair Schneid Vaz		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	5
Ocupação	Artesã e pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	59 anos	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

Nome	Clara Marineli Silveira Luiz Vaz		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	6
Ocupação	Artesã e pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	06/03/1945	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

Nome	Cristiane Amaral		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	7
Ocupação	Artesã	Data de Nascimento / Fundação		
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____			

Nome	Débora Lima		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	8
Ocupação	Artesã	Data de Nascimento / Fundação	15/08/1980	



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre	<input checked="" type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> executante
	<input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Elci Caldas		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	9
Ocupação	Artesã e pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	13/09/1959	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre	<input checked="" type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público	
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> executante	
	<input type="checkbox"/> outro _____			

Nome	Inês Machado		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	10
Ocupação	Artesã	Data de Nascimento / Fundação		
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre	<input checked="" type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público	
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> executante	
	<input type="checkbox"/> outro _____			

Nome	Isaurina de Oliveira Garcia		<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	11
Ocupação	Artesã	Data de Nascimento / Fundação	1973	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre	<input checked="" type="checkbox"/> produtor	<input type="checkbox"/> público	
	<input type="checkbox"/> aprendiz	<input type="checkbox"/> vendedor	<input type="checkbox"/> executante	
	<input type="checkbox"/> outro _____			

Nome	Jucelaine Bittencourt	<input type="checkbox"/> Masculino	12
------	-----------------------	------------------------------------	----

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

			X Feminino
Ocupação	Artesã	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre                      X produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Luiz Cassuriaga	X Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	13
Ocupação	Pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	27/04/1961
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre                      X produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Nilda Marques	<input type="checkbox"/> Masculino X Feminino	14
Ocupação	Artesã	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre                      X produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

Nome	Nilda Silveira	<input type="checkbox"/> Masculino X Feminino	15
Ocupação	Artesã e pecuarista familiar	Data de Nascimento / Fundação	
Relação com o bem	<input type="checkbox"/> mestre                      X produtor <input type="checkbox"/> público		

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____
---

<b>Nome</b>	Nilma Silveira da Silva	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	16
<b>Ocupação</b>	Artesã e pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	1946
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Nilva Domingues Silveira	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	17
<b>Ocupação</b>	Artesã	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	1926
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Nilza Marques	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	18
<b>Ocupação</b>	Artesã	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Nilza Peres de Oliveira	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	19
-------------	-------------------------	--	----

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Ocupação</b>	Artesã	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	1940
<b>Relação com o bem</b>	<input checked="" type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Noé Bittencourt	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	20
<b>Ocupação</b>	Artesão	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		

<b>Nome</b>	Rosangele Soares Scholante	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	21
<b>Ocupação</b>	Artesã e pecuarista familiar	<b>Data de Nascimento / Fundação</b>	30/01/1958
<b>Relação com o bem</b>	<input type="checkbox"/> mestre <input checked="" type="checkbox"/> produtor <input type="checkbox"/> público <input type="checkbox"/> aprendiz <input type="checkbox"/> vendedor <input type="checkbox"/> executante <input type="checkbox"/> outro _____		



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

#### 4. Fotos

Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar Ficha “Anexo: Registros audiovisuais”.



Imagem 1: Criação de ovinos em campo nativo, interior de Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Esquila ou tosquia a martelo, em Piratini.  
 Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 3: Demonstração de esquila a máquina (técnica Tally Hi), em Bagé.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 4: Artesã Cenilza durante a lavagem da lã para a retirada de impurezas, em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 5: Artesã Cenilza realizando a secagem da lã, em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 6: Demonstração de cardagem, quando a lã é penteada, em Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 7: Artesã Cenilza durante o processo de fiar a lã na roca de pedal, em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 8: Artesã Elci durante o processo de fiar a lã no fuso de madeira, em Herval.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 9: Fios de lã no Ateliê Fio Farroupilha, em Piratini.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 10: Peça sendo tecida em tear de parede ou “rústico”, em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 11: Artesã Rosangele tecendo peça no tear de pente, em Palmas, em Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Guilherme Santos/Sul21.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 12: Peça sendo tecida no tear de prego no Ateliê do Fio Farroupilha, em Piratini.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 13: Peça sendo tecida no tear de prego, em Jaguarão.  
 Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Miriel Bilhalva Herrmann.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 14: Peça confeccionada em tear de prego, pela artesã Andrea, Ateliê Fio Farroupilha, em Piratini.

Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 15: Poncho confeccionado em *jacquard*, pela artesã Débora, em Jaguarão.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Débora Lima.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 16: Xergão feito pela artesã Isaurina, no tear de parede, em Barrocão, Piratini.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 17: Artesã Andrea com poncho feito no tear de prego, Ateliê Fio Farroupilha, em Piratini.

Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 18: Feira de artesanato em lã, em Bagé.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autor: Vagner Barreto.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 19: Artesanato em lã exposto nas tendas da Vila Progresso, em Caçapava do Sul.

Fonte: Acervo INRC Lida Campeira. Autora: Daiane Loreto de Vargas.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 20: Exposição do artesanato em lã na Casa de Cultura Pedro Wayne, em Bagé.

Fonte: Fio Farroupilha. Autora: Andrea Madruga/Fio Farroupilha.

### 5. Descrição do bem identificado

O artesanato em lã é um saber-fazer desenvolvido a partir da pecuária extensiva de ovinos. É uma atividade característica de regiões da pampa e da campanha, sendo recorrente em pequenas, médias e grandes propriedades, tradicionalmente, enquanto uma atividade familiar. O artesanato está ligado à criação extensiva de ovinos e à pecuária familiar, em que a produção da carne da ovelha serve para o consumo e para a produção de lã, matéria prima para o artesanato. A lã é muito utilizada pelas mulheres para fazer peças para uso cotidiano, como palas, ponchos, xergões, boinas, para proteção contra o frio e usadas na *lida campeira*. Parte da lã pode ser comercializada na localidade, em barracas que realizam a compra da lã, em cooperativas laneiras, em indústrias têxteis ou com artesãs, contribuindo para as despesas da propriedade. A atividade produz uma íntima relação dos vivos humanos, não humanos e ambiente. Há diversas formas de tecer disseminadas pela pampa, seja em teares e em crochê, lançando mão de



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

diferentes técnicas de transformação da lã em peças artesanais. Segundo os interlocutores e interlocutoras, uma peça artesanal em lã, se bem cuidada, *“pode durar uma vida toda”*.

## 6. Descrição do lugar da atividade

**6.1. Características gerais**

O artesanato em lã, geralmente, é uma atividade realizada na casa das artesãs, mas, também, pode ser realizada em espaços como cooperativas, associações de artesãos ou tendas, como na Vila Progresso, em Caçapava do Sul, por exemplo. O ofício envolve a criação extensiva dos rebanhos ovinos, a escolha de um bom velo até a comercialização das peças. Após a escolha, a lã passa por um processo de lavagem para retirar todos os resíduos naturais, assim como os que aderem à fibra, como terra, pasto ou excrementos. Logo após ser lavada e seca, a lã é cardada, que consiste em pentear a lã, deixando a fibra no mesmo sentido, momento em que pode-se retirar nós e resíduos que não saíram durante a lavagem. Com a lã cardada, é realizada a transformação da fibra no fio, que será usado para tecer as peças. A fiação pode ser realizada em roca de pedal, em roca elétrica ou em fuso. As peças são tecidas de diferentes formas, como no tricô, no crochê em *jacquard* e em diferentes teares.

**6.2. Marcos naturais e/ou edificados**

**“AS CASA”: ESTÂNCIA; RANCHO; GALPÃO; TAPERA; CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA; CAMINHOS**

Ao etnografar a organização das unidades de produção familiar camponesas na zona da mata norte do Estado de Pernambuco, a antropóloga Beatriz Heredia (1979) mostrou que os diferentes espaços internos estavam organizados seguindo lógicas relacionadas aos aspectos mais amplos de habitar o território e das condições históricas de acesso à terra. Com base nesta leitura, é possível observar os aspectos históricos que configuram a existência dos povos tradicionais na pampa brasileira. Assim, um primeiro aspecto a considerar é que a estrutura fundiária constituiu-se a partir da organização Guarani Missioneira, que configurou uma paisagem marcada por grandes extensões de terras, que combinavam práticas agrícolas e extrativistas com pastoreio extensivo (ÁLVAREZ, 2015). Inicialmente, as chamadas estâncias missioneiras ou estâncias dos Guarani, na margem oriental do Rio Uruguai, estavam distribuídas em um amplo território, que corresponde, atualmente, ao nordeste e a região costeira do Rio Grande do Sul, na Vacaria dos Pinhais e Vacaria do Mar, e, posteriormente, ao norte da República Oriental do Uruguai e na metade sul do Rio Grande do Sul.

No século 18, com a desestruturação do projeto missioneiro e o avanço colonial sobre as estâncias, o acesso às terras, consideradas devolutas, se deu pelo sistema de sesmarias, via concessão da posse a grupos militares, a comerciantes e a famílias com boas relações com a coroa portuguesa (BRITO, 2010). Assim, um pequeno grupo de pecuaristas

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

familiares são descendentes de sesmeiros, como a família de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, que, no século 18, recebeu uma sesmaria com dezoito quadras de campo, que foi fragmentada ao longo das gerações. *“Meu tataravô que veio para cá. Nós somos de sesmeiros. Foi concedido pelo império. (...). [A terra] foi dividida entre a família.”* Luciano é responsável pelos cuidados das terras dos irmãos e dos pais, que moram na cidade.

Estando localizadas em áreas estratégicas e prioritárias à colonização, essas grandes propriedades eram delimitadas por referências naturais, tais como rios, arroios, peraus, formações rochosas, campos sujos, chamados de “rincões”. O acesso a tais locais era concedido aos *posteiros*, famílias as quais era permitido a moradia, a criação de alguns animais e o cultivar da terra, de maneira que as mesmas ficassem responsáveis por cuidar e manejar o gado da estância (FARINATTI; MATHEUS, 2017). Nestes locais, estavam instalados os *rodeios*. Em outras áreas marginais, de pouco interesse no processo colonial, o acesso se dava pelos grupos marginalizados, como pequenos lavradores, peões campeiros e posseiros, sendo locais estratégicos, também, para os aquilombamentos, pela “fuga para fora” (KOSBY, 2017a), nos fundões das propriedades. Por conseguinte, a partir da Lei de Terras, implantada no ano de 1850, que transformou a terra em uma propriedade, ou seja, um bem com limites bem definidos que poderia ser comprado e vendido, a forma tradicional e histórica desses acessarem um pedaço de chão e praticarem agricultura e criação, foi alterada (SILVA, 2015). Tal processo, associado à introdução do arame liso, fez com que as estratégias desses grupos para acesso à terra passassem a jogar com esses instrumentos legais, embora seja necessário ressaltar que o acesso a esses espaços seguia sendo permitido, desde que não afetassem os interesses das elites.

Ainda que o processo de fragmentação das grandes propriedades seja uma realidade em campo, as relações entre grupos sociais mantém, de certa forma, elementos que atualizam o sistema das sesmarias. Convivem “nas casa” não apenas (ou nem sempre) a família nuclear (pai, mãe, filhos, filhas e avós). As configurações variam e abrigam relações de trabalho entre pessoas solteiras, bem como relações de compadrio entre pessoas que não são parentes, mas são “de casa”, “como da família”. Um destaque nesse tipo de relação é a presença de afilhados oriundos de famílias de trabalhadores e de prestadores de serviço da localidade, que trabalham/vivem na casa dos padrinhos, proprietários de estabelecimentos de maior escala. Tal dinâmica de compadrio é histórica e bastante comum nos contextos da pecuária (FARINATTI, 2010). Nesse sistema inclui-se, também, outras formas de acesso à terra, como a de ocupantes e de agregados, que recebem uma parcela de terra para criar animais, cultivar e morar, em troca de serviços ou fornecimento de produtos para o proprietário (FARINATTI, 2018).

Por conseguinte, além dos processos de sucessão rural por fracionamento das grandes propriedades, outras formas atuais de acesso à terra por agricultores e pecuaristas familiares se deram pela compra, doação, indenização, demarcação ou ocupação de lotes em áreas marginais aos interesses da expansão colonial e, tempos depois, da modernização agrícola. Seu Beto começou a trabalhar como peão e agregado na Fazenda do Sossego, dividindo o que produzia com a proprietária. Tempos depois, tornou-se peão campeiro e capataz. Seus pais não tinham terras e

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

“*moravam nos corredores*”. Quando conseguiu juntar uma quantidade considerável de “*plata*”, comprou uma chácara para seus pais, localizada no município de Caçapava do Sul. Ali ficaram até falecerem. Tempos depois, como forma de pagamento pelos anos de trabalho, adquiriu uma “quadra de campo” – cerca de 90 hectares – da fazenda em que trabalhava. Assim, vendeu a chácara que comprara para seus pais, já falecidos, e seguiu trabalhando na fazenda, dedicando parte das horas do dia à sua terra. No caso de Vanda Tarouco, pecuarista familiar no distrito do Barroço, em Piratini, por sua vez, o acesso à terra se deu pela compra, a partir da aposentadoria. “*Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavar. Sempre ajudei meu pai*”. Após o casamento, “*fui para a cidade de Pelotas. Ficamos lá 30 anos. Criei minhas filhas. Estou aqui desde 2002. Mas eu vinha, tirava uma semana e voltava. Efetivo foi em 2004.*”

Nas últimas décadas, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, ocorreram outras formas de acesso à terra, como no caso de lotes destinados à Reforma Agrária, pelo INCRA, com assentamentos rurais, além da demarcação de Comunidades Quilombolas e de Terras indígenas, a partir de processos, também, variados, conforme será apresentado, posteriormente. Conforme Kosby (2017a), a comunidade do Quilombo de Palmas, em Bagé, é composta por cerca de 40 famílias, ligadas por laços de parentesco, compadrio e matrimonialidade. De acordo com a antropóloga, as famílias que constituem a comunidade são descendentes de escravos campeiros das estâncias da região, exímios na lida com os animais, hábeis ginetes e no tiro do laço. Os quilombolas exerciam o trabalho de changuear, atividades como consertar arames, limpar algum campo, cuidar de rebanhos, esquilar umas ovelhas, cortar lenha, carnear, levar ou buscar uma tropa de gado pelas estâncias, sem vínculos empregatícios ou salariais, plantando roças em lavouras alheias, como meeiros. A demarcação da terra quilombola foi reivindicada em 2005, pela Associação Quilombola de Palmas, e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, em 2017.

Nesse sentido, deve-se levar em conta que nem todos os Marcos edificadas ocorrem de forma concomitante, ou, em alguns casos, podem apresentar variações e particularidades, devido à configuração do local ou da propriedade. A seguir, buscamos sintetizar aqueles que são recorrentes no campo.

“**AS CASA**” – O termo “as casa” refere-se a um conjunto de espaços que, para além da casa de moradia, envolvem os galpões, mangueiras, hortas e cercados, quintas, campos e matos, arroios e rios, havendo uma complementaridade entre estes, de maneira a formar um emaranhado de relações. É “*nas casa*” onde se processa a lida caseira, enquanto práticas de cuidado de humanos, de animais e de plantas, seja com a limpeza e manutenção do próprio espaço, seja com a transferência e condução de atividades mais identificadas com a *lida campeira* para ele por uma demanda de intensificação de cuidados. Ou seja, tornar o espaço casa, por intermédio da limpeza do entorno, muitas vezes, com a remoção total da vegetação, convertendo-o em “terreiro”, no qual se consegue afastar ou visualizar melhor animais vindos do mato/campo, como, por exemplo, as cobras e os sorros. A manutenção do terreiro limpo, além de facilitar

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

essa atenção, demonstra o cuidado em distinguir o espaço “das casa” do espaço do mato/campo, de modo a atender suas finalidades representativas e de trabalho.

**ESTÂNCIA** – A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas, a partir do século 17, quando padres e indígenas transferiram os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados geopolíticos entre as coroas portuguesa e espanhola –, bem como captura de indígenas para o trabalho escravizado ou exploração dos mesmos, via *encomiendas* ou ataques de bandeirantes. Nesse processo, os rebanhos foram abandonados no campo, como na região da Vacaria dos Pinhais, no nordeste do Rio Grande do Sul, ou na Vacaria do Mar, na região costeira ao sul do estado. Esses animais xucros multiplicavam-se devido à abundância de pastos e aguadas e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (AURÉLIO PORTO, 1943; RAHMEIER, 2007; SCHLEE, 2019a).

Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e, também, por agricultura, em meados do século 19 passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escravizada e/ou assalariada e com uma arquitetura formada pela sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (LUCCAS, 1997; RAHMEIER, 2007; OSÓRIO, 2016). Geralmente, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não constitui a base econômica principal. Nesse momento dá-se, também, o início do cercamento dos campos, delimitando invernadas, rodeios e campos para os rebanhos, e, ao mesmo tempo, criando situações novas para a mobilidade de grupos e de coletivos. Dessa forma, propriedades menores, anteriormente chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente, passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem indígena, com significado de “plantação” (SAINT-HILAIRE, 2002), ou por designações locais, como “campo”, “fazendinha”, “granja”, “sítio”, “roça”, “quadra de campo”, entre outras.

Atualmente, estância corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde mantém-se os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém podem não ser consideradas como estâncias, devido ao seu tamanho.

**RANCHO** – Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé (*Panicum prionitis*) e a taquara (tipo de bambu) são cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e as janelas, as paredes são preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresenta uma espessura aproximada de 50cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustenta as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes, são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim. (LESSA, 1986; MATTOS, 2003). Regis Medeiros, peão campeiro e pecuarista familiar em Palmas, Bagé, ensinou que para manejar o capim santa-fé, é necessário cuidar as “*farpas*” que existem nas folhas que são capazes de cortar a pele. As folhas são cortadas e dispostas em maços que são deixados ao sol para secarem. Somente após estarem secas, poderão ser direcionadas para a construção da *quincha*. O chão é de terra batida e pode haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundo e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986).

Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados. Até fins do século 18 e início do 19, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas. Predominavam, portanto, as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana. (LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 2002; ISABELLE, 2006). A utilização das casas de torrão como galpão ou cozinha é uma forma de manifestação cultural comum a povos e comunidades tradicionais da pampa (MAZURANA; DIAS; LAUREANO et al, 2016), sendo os conhecimentos passados de uma geração para outra. Em algumas propriedades familiares, se encontrou ranchos como moradias e, também, como galpões, indicando que outrora fora moradia da família. Nas comunidades quilombolas de Palmas e do Corredor dos Munhós, observou-se a existência de ranchos como moradia.

**GALPÃO** – Para Schlee (2019b), os galpões são dependência edificada das estâncias (com torrões de barro, paredes de madeira ou de tijolos), coberta (de palha ou telhas) e permanentemente aberta – que serve de depósito, alojamento para os peões e para animais criados sob teto, além de espaço para a realização de determinadas tarefas campeiras. São espaços multifuncionais, utilizados para fins variados e relacionados ao dia a dia e às atividades na *lida campeira*. É onde se mantêm os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões, que podem se reunir nesse espaço no início, no intervalo ou ao fim da lida, bem como para realizarem as suas refeições. É recorrente a existência de um espaço com lareira – pode ser fogo de chão ou fogão a lenha – para aquecer os corpos, a água do mate, assar o churrasco e outros alimentos. Em frente ao fogo são colocados pequenos bancos e cadeiras. Podia servir como dormitório de alguns peões ou de pessoas de passagem pelas propriedades. Em outros casos, os galpões são espaços em que os bichos passam a noite nos períodos de chuvas e de frio, ou nas épocas de parição, como forma de cuidado.

**TAPERA** – De acordo com Schlee (2019b), tapera é uma ruína. Rancho, casa ou outra edificação da campanha – abandonada e destruída por não ter quem a habite. Conforme a etnografia, costuma-se dizer, de forma crítica ou de

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

forma jocosa, que uma moradia mal cuidada, por exemplo, com muitos galhos e folhas caídas ao redor do pátio, com terreiros por varrer, com cercas avariadas, com galinheiros e galpões com defeitos e com pomares sem trato, é uma tapera, em referência às casas e aos locais abandonados, sem moradores. Isso denota a atenção dada ao cuidado cotidiano com “as casa” e com o entorno. Uma casa cuidada é uma casa habitada.

Outros atributos foram elencados pelos/as interlocutores/as como indicadores de uma casa habitada. Seu Beto, pecuarista familiar em Palmas, em Bagé, considera que uma casa sem *quinta* – ou pomar – não era casa, mas uma tapera. A casa que se deixa ser tomada pelo mato e pelo campo, e destruída pela ação do tempo, traz para si a existência de animais do mato, como cobras, “*sorros*”, pássaros. Nos dias de chuva, o gado busca abrigo nestes locais. Em algumas situações, porém, mantêm-se relações com esses espaços, mesmo que ocasionais, como nos casos das *quintas* que ficam abandonadas ao redor das taperas, que podem ser utilizadas para a coleta de frutos, como foi relatado por comunidades quilombolas. Conforme Amilton Camargo, do Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, “*as mulheres se reúnem no verão aí, janeiro, fevereiro, março, né, para fazer as tachadas de doce. Vão fazendo em conjunto. Levantam cedo de manhã, vão buscar fruta lá no mato, né? Aqui a gente tem muitas árvores de frutas que os antigos plantaram, marmeleiro, principalmente, no mato, né?*”

A tapera se opõe à casa habitada por seres humanos e gera tristeza e estranhamento por quem passa por elas. O aspecto de ruína é uma metáfora de um processo mais amplo de esvaziamento do rural e de um passado de um lugar que era “*cheio de gente*”.

Embora seja um espaço não mais habitado por seres humanos, é comum os relatos da existências de outros seres habitando as taperas (sobre-humanos, extra-humanos). Os chamados “*causos de assombrações*” referem-se a “*gritos de escravos*”, “*mulheres chorando*”, “*luzes dentro da casa*”. Quenedy, peão campeiro em três Estradas, Lavras do Sul, contou que viu muita “*coisa estranha*” ao cruzar, a cavalo, durante a noite, pelas taperas.

**CURRAL DE PEDRA, DE TORRÃO E DE VALA** – As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Suas origens remontam às reduções Guarani missioneiras, ao passo que cada redução possuía vacarias e estâncias delimitadas por rios, riachos, matas, bem como currais de pedra ou torrão (AURÉLIO PORTO, 1943; JAEGER, 1958). As mangueiras, currais ou encerras são construções circulares ou retangulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão ou taipas de torrão. Produções recentes têm trazido para o debate que os grupos indígenas eram os detentores dos saberes para a construção de algumas estruturas, como os currais de palmas, já que manejam outros herbívoros nestes currais, como os cervos, antes da introdução do gado bovino (DABEZIES; SUÁREZ; BAÑOBRE et al, 2021).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Na propriedade de Luciano Jardim, em Lavras do Sul, encontramos três tipos de manguueiras: uma estrutura de terra, que o pecuarista entende ter sido feita pelos indígenas missioneiros; uma estrutura de pedra, construída após a chegada de sua família, que recebeu a propriedade como doação de sesmaria; e uma feita de vala que, conforme o campeiro, estava interligada às outras. Sobre as manguueiras de terra, o pecuarista comentou: *“Achei estranho aquilo ali. Depois que eu olhei de cima e fui perguntar, descobri que era uma mangueira, anterior a mangueira de pedra. Era feita de taipa. Marcavam um círculo, cavavam e atiravam a terra para cima, formando a mangueira. É anterior à família do meu tataravô, porque, se fosse usada, não teriam construído a de pedra. Quando aquela já estava em desuso é que fora construída a de pedra. Para mim aquilo ali era dos índios. Tem uma parte de valo, que é abaixo, e uma parte de pedra. A mangueira de valo é anterior à mangueira de pedra. Eles faziam o valo para conter o animal, uma cerca.”*

Conforme Bruno Martins Farias (2013), estes currais indicam e percorrem os antigos caminhos das tropas. São diferentes estruturas de diferentes épocas e técnicas construtivas, com formatos e com matérias-primas diversas, sendo mais comuns as de terra, de pedras e de plantas. Eram utilizadas pelos tropeiros para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (revezando-se para vigiar os animais). Junto às manguueiras haviam as pastagens para alimentação do gado. Conforme Luciano, as *“paradas eram chamadas de pastagens, para pouso. As tropas andavam na estrada como caminhão. Tinha uma tropa atrás de outra. Na hora de parar, à tardinha, o capataz da tropa, mandava um peão na frente para saber se naquele lugar tinha pouso. Era cobrado pelo proprietário.”*

A entrada da mangueira é chamada de *porteira*. Nela eram colocadas duas *“tronqueiras”*, que são objetos verticais, de pedra ou de madeira, postos em cada lado da abertura, com perfurações em que eram encaixadas e dispostas *varas* (madeiras retas) atravessando a porteira e evitando a fuga dos animais. Luciano narrou, diante da mangueira de pedra, localizada na propriedade da família, como faziam para o gado bravio entrar nos currais. Ao redor desses currais, haviam bois mansos, os chamados *“sinuelos”*, que eram treinados para entrar e, imediatamente, sair da mangueira. Assim, quando a tropa de gado, que era *xucro*, se aproximava do local, estes bois eram incorporados e conduziam os outros animais para a mangueira. *“Quando a última vaca entrava, esses bois saíam da mangueira”* (LIMA, 2020).

**CAMINHOS** – Estradas, corredores e atalhos (usados para acesso). Ao seguir as indicações dos/as interlocutores/as, foi-se delineando que a pesquisa para o Inventário desenhava por cima dos traçados dos antigos caminhos das tropas e carretas, por onde eram conduzidos bois e outras mercadorias de diferentes lugares da pampa, para as charqueadas e, posteriormente, os frigoríficos, localizados nos municípios de Pelotas, de Bagé, entre outros. Tais caminhos eram pontuados por entre-lugares de apoio como pousos, vendas (ou *“bolichos”*), currais, corredores, paradouros. As vendas, pousos e paradouros eram espaços de comércio e convívio de tropeiros e outros viajantes, onde realizavam refeições, rodas de conversas intercaladas com sons de gaitas e violões, jogatinas, entre outros. Juntos a estes estabelecimentos haviam diferentes artífices como ferreiros, carpinteiros e outros que ofereciam serviços. Os bolichos

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

comercializavam, também, alimentos para os animais, como o milho, comprados na região de agricultores familiares ou até mesmo cultivados pela família proprietária. Os paradouros ou pastagens eram espaços com aguadas, galpões, currais e pastagens para a parada e pernoite das gentes, bois de tropas e carretas, cavalos de tropas e carroças entre outros/as viajantes. Ficavam dentro das propriedades podendo ser cedidas ou alugadas. Os currais eram usados, também, para a exposição de animais para a venda. Trafegavam por estes caminhos e descaminhos, para além do gado, inúmeras outras mercadorias e contrabandos, bem como pessoas com ideias, especialidades, modos de viver (SILVA, 2006; LIMA, 2020). Parte destes antigos caminhos são, hoje, rodovias estaduais e federais asfaltadas.

Como parte destes caminhos, estão os corredores, que são pequenas estradas públicas que cruzam entre os alambrados que delimitam as propriedades. Alguns corredores cruzam por dentro das propriedades fazendo a circulação ser marcada por um abrir e fechar porteiros. Os corredores são lugares habitados e dinâmicos, permitindo o trânsito de pessoas, bichos e carros para diferentes lugares, pois se ligam entre eles. É pelos corredores em que se fazem as tropeadas que, atualmente, são realizadas para conduzir o gado de um campo para outro, bem como para conduzir o gado para banheiros de imersão alugados ou de associações de pecuaristas familiares. Nos corredores estão localizados os *bolichos*, sendo espaços de convivência e onde são realizados eventos como jogos e festas. Quando são públicos, se tornam espaços estratégicos para os criadores de gado, quando os mesmos observam que o campo está com baixa capacidade de suprir a alimentação dos bichos dentro das unidades de produção. A preferência de colocar o gado no corredor é sazonal e se dá pela leitura de que o campo está a ponto de ficar “*rapado*” (BRITO, 2010). Por outro lado, a preferência pelos corredores se dá, também, pelos animais. Vera Colares, pecuarista familiar em Palmas, Bagé, comentou que o gado prefere, nos dias quentes, pernoitar nos corredores para se proteger do contato com os carrapatos.

Os corredores são referências para a localização e, portanto, são identificados por nomes, como o “*Corredor dos Munhós*”, o “*Corredor da Lexiguana*”, etc. Eles se ligam entre si e permitem uma circulação pelos diferentes lugares. Entretanto, quando não fazem essa ligação, a estratégia para o trânsito é dada pelos “*atalhos*”, que são pequenos caminhos que seguem por dentro das propriedades. Esses caminhos são criados e manejados pelos animais. Os atalhos que são feitos por dentro dos matos, por exemplo, são manejados pelas cabras junto a outros bichos, como as vacas e as ovelhas. Embora as condições de acesso sejam limitadas para um trânsito a cavalo ou a pé, alguns atalhos podem ser realizados por carros. Nesse sentido, somente quem habita os lugares conhecem esses diferentes caminhos e suas condições de acesso.

Obs.: Para mais informações sobre o agenciamento do espaço ver Ficha “Identificação Ofícios Lida Caseira”.

**6.3. Agenciamento do espaço para a atividade**



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Não há uma separação absoluta entre o trabalho doméstico e o remunerado, ou entre a realização de afazeres da casa, os cuidados com os filhos e a produção do artesanato, uma vez que a maioria das artesãs desenvolve o seu trabalho artesanal nas próprias casas. A casa é um importante espaço para o desenvolvimento do artesanato, pois as mulheres podem desenvolver uma atividade que lhes permite obter renda, enquanto estão cuidando da casa e dos filhos.

### 7. Tempo

<b>7.1. Periodicidade</b>	<p>O manejo dos rebanhos ovinos costuma ser realizado diariamente ou algumas vezes durante a semana, pois são animais considerados vulneráveis às intempéries da temperatura e aos animais do mato (corvos, <i>sorros</i>, javalis, cães selvagens). Podem ser colocadas em cercados e em galpões à noite e liberadas pela manhã. Costuma-se cuidar, no caso de verminoses e “<i>frieiras</i>” – que dão nos cascos e podem levar à morte do animal.</p> <p>A esquila dos ovinos, quando ocorre a retirada da lã, matéria prima para a confecção do artesanato, é realizada uma vez ao ano, geralmente, de outubro a dezembro, período em que as temperaturas ficam mais amenas.</p> <p>O artesanato é produzido ao longo de todo o ano, pois, na época de esquila, as artesãs adquirem grande quantidade de fibra. Ocorre, ainda, o compartilhamento de matéria prima entre as artesãs. Assim como existe, também, a possibilidade de adquirir a fibra nas cooperativas e nas barracas de lã, que comercializam o produto ao longo do ano.</p>
---------------------------	---

7.2. Ocorrência efetiva desde 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

### 8. Biografia

**Andrea Madruga Garcia** - Artesã e pecuarista familiar. Reside no 5º Distrito, interior de Piratini. É proprietária do ateliê Fio Farroupilha. Passou a realizar artesanato em lã em 1997, a partir de cursos oferecidos pela Emater, que, naquele momento, realizava oficinas voltadas para grupos de mulheres. Desde então, tem buscado melhorar a qualidade do rebanho ovino da propriedade familiar, por meio de assistência técnica da Emater/RS-Ascar e da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**Antônio** - Artesão. Nasceu em Caçapava do Sul. Relata que até os anos de 2005 trabalhava como construtor civil (pedreiro) em uma localidade próxima à Vila Progresso, mas, percebendo o desenvolvimento da atividade do artesanato em lã na comunidade e sendo conhecedor da arte de tecer desde a infância, tendo em vista a convivência com a mãe e com a avó, as quais preservavam a arte de tecer para confeccionar produtos de uso cotidiano para seus familiares, o artífice e sua família (esposa e filho) instalaram-se no local, onde passaram a trabalhar com os saberes artesanais em lã.

**Ari Santos** - Artesão. Nasceu em Caçapava do Sul. Até meados dos anos de 1995–1997 trabalhava como agricultor em uma localidade próxima à Vila Progresso. Casou-se com uma moça daquela comunidade e foi residir no local. Quando chegou ali, percebeu que já havia artesãos na comunidade obtendo bons rendimentos econômicos com a comercialização das peças em lã. Além disso, a esposa já realizava algumas atividades artesanais com familiares que residiam na localidade. A partir desse contexto, o casal passou a confeccionar artesanalmente peças em lã.

**Genilza Dreckmann** - Artesã. Participa da Casa da Economia Solidária e do grupo As Cardadeiras (do qual é uma das fundadoras). Nascida em Jaguarão, diz que sua relação com a lã vem desde criança, *“começou com a própria família, a mãe, os avós, tias na ‘campanha’”*.

**Clair Schneid Vaz** - Artesã e pecuarista familiar. Nascida na localidade de Palmas em Bagé. Foi criada pela avó, em Palmas, após o falecimento da mãe. Aprendeu o artesanato em lã com a avó, que fazia artesanato. Realiza todo o processo, desde esquila, lavagem, carda e fio. Utiliza, também, fuso de madeira.

**Clara Marineli Silveira Luiz Vaz** - Pecuarista familiar e médica veterinária aposentada. Trabalhou na EMBRAPA, onde prestou assistência técnica para pecuaristas familiares da região da pampa, criadores de rebanhos ovinos. *“Eu sou médica veterinária aposentada, mas antes de mais nada eu sou produtora rural, por que eu nasci e me criei lá. Fiz o curso de veterinária pensando em dar sequência ao método, como eram os animais criados desde os meus avós, na mesma propriedade.”*

**Cristiane Amaral** - Artesã. Nascida em Caçapava do Sul. Iniciou sua atividade com a lã por meados de 2000, migrando da atividade comercial de gêneros alimentícios para a produção e a comercialização dos produtos em lã. O aprendizado dela e do esposo ocorreu por meio do contato com os vizinhos artesãos. Atualmente, a filha contribui no trabalho comercial dos artigos artesanais.

**Débora Lima** - Artesã. É natural de Porto Alegre e reside na cidade de Jaguarão. Trabalha com a lã e o crochê em *jacquard* há oito anos. Realizava peças de crochê em barbante para a decoração da casa e passou a realizar a técnica *jacquard*, a partir do convite de uma artesã chamada Gilda.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

**Elci Caldas** - Artesã. Nasceu e reside no interior, no distrito de Cerrito, no Município de Herval. A artesã vive em uma propriedade onde tem criação de galinhas, de alguns marrecos e de rebanho de ovinos. Começou a trabalhar com artesanato em lã durante a infância no convívio familiar, com outras mulheres. *“A minha vó por parte de pai fazia. O tear de parede que tenho aí, era dela, foi meu vô que fez”*. A artesã trabalha no tear “primitivo” ou de parede. faz xergão, cobertores, mantas, mas, atualmente, tem se dedicado a fiação da lã, atendendo a demanda de artesãs que tecem o crochê em *jacquard*.

**Inês Machado** - Artesã. Nasceu em Caçapava do Sul, desde a infância aprendeu a tecer peças em lã com o auxílio da mãe, a qual também era artesã. Ela e a mãe residiam na cidade de Caçapava do Sul e confeccionavam vestimentas de lã em tricô e com a utilização do tear, comercializando as mesmas no espaço urbano. A artífice somente foi residir na Vila Progresso quando se casou com um artesão da comunidade, a partir desse momento o casal montou sua própria tenda para comercializar os artigos que confeccionavam.

**Isaurina de Oliveira Garcia** - Artesã e pecuarista familiar. Reside no interior de Piratini. Produz peças em tear de parede, conhecido como *“rústico”* ou *“primitivo”*. Produz, também, fios coloridos com a utilização de fuso de madeira, que comercializa para a produção de artesanato na região.

**Jucelaine Bittencourt** - Artesã. Nasceu em Caçapava do Sul. Iniciou sua atividade com a lã por meados dos anos de 1995–1997. Trabalhava como prestadora de serviço para as primeiras artífices que se instalaram no local, foi com elas que aprendeu a arte de tecer e de confeccionar as vestimentas em lã, assim como realizar vários tipos de acabamentos nas peças. Passados os anos 2000, foi trabalhar com familiares e em seguida conseguiu construir sua própria tenda.

**Luiz Cassuriaga** - Pecuarista familiar. Nasceu e vive até hoje no interior de Jaguarão. Trabalha na propriedade que é da família, que passou do avô para o pai e do pai para ele. *“Vem de herança, desde o avô criava ovelha”*. Trabalha com a pecuária de ovinos e bovinos de recria (abrange desde a desmama dos filhotes até a fase de acasalamento, cio das fêmeas, e a engorda dos machos que não serão utilizados como reprodutores). Participa de toda a administração da propriedade e também das atividades da *lida campeira*, como recorrer o campo, fazer tratamentos parasitários no rebanho, cuidar no período de reprodução, entre outras atividades.

**Nilda Marques** - Artesã. Nasceu em Caçapava do Sul. Aprendeu na infância a tecer peças em lã com o auxílio da avó. A atividade artesanal na família da artesã está na quarta geração, ela, juntamente com a mãe e a irmã, foi a pioneira na atividade na comunidade da Vila Progresso. A artesã e seu esposo artesão confeccionam peças artesanais em lã e comercializam as mesmas em suas tendas e para lojas de produtos gauchescos, são proprietários do

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

estabelecimento comercial e dos instrumentos utilizados para produção, como: teares, roca, fuso e máquina de costura.

**Nilda Silveira** - Artesã. Nasceu e foi criada em em uma propriedade rural no 2º subdistrito de Jaguarão. É aposentada rural e faz parte da Associação dos Artesãos de Jaguarão. É irmã de Nilma Silveira da Silva e filha de Nilva Domingues Silveira.

**Nilma Silveira da Silva** - Artesã. Nasceu e foi criada em uma propriedade rural no 2º subdistrito de Jaguarão. É aposentada rural e integra o grupo de artesãos da Casa da Economia Solidária. É uma das fundadoras da Associação dos Artesãos de Jaguarão e uma das tecedeiras de *jacquard* mais antigas da região.

**Nilva Domingues Silveira** - Artesã. Nasceu e se criou no meio rural em Jaguarão. É aposentada rural. Fazia peças no tear e em 1970 aprendeu a fiar lã em um curso e em 1983 aprendeu a fazer o crochê em *jacquard* com a artesã Nilza Peres de oliveira. É uma das artesãs do artesanato em lã mais antigas de Jaguarão.

**Nilza Marques** - Artesã. Nasceu em Caçapava do Sul. Desde a infância aprendeu a tecer peças em lã com o auxílio da mãe e da irmã. A atividade artesanal na família da artesã está na quarta geração, ela, juntamente com a mãe e a irmã, foi a pioneira na atividade na comunidade da Vila Progresso. A artesã e seu esposo artesão confeccionam peças artesanais em lã e comercializam as mesmas em suas tendas, em feiras comerciais que ocorrem no estado e para lojas do ramo logístico (lojas de produtos gauchescos). São proprietários do estabelecimento comercial e dos instrumentos utilizados para produção, como: teares, roca, fuso e máquina de costura.

**Nilza Peres de Oliveira** - Artesã. Nasceu em Pinheiro Machado e cresceu na “*campanha*”, “*foi aí que comecei a ser artesã*”. É aposentada rural e participa da Associação dos Artesãos de Jaguarão. Conhecida como professora, ensinou o crochê em *jacquard* para a grande maioria das artesãs de Jaguarão que trabalham com a técnica.

**Noé Bittencourt** - Artesão. Nasceu em Caçapava do Sul. Em meados dos anos de 1997-2000 trabalhava como agricultor em uma localidade próxima à Vila Progresso. Sua família, esposa e três filhos, já trabalhavam na atividade artesanal com familiares que haviam estabelecidos pontos comerciais no local. O artesão somente deixou sua atividade agrícola e tornou-se um artífice, tecendo e construindo uma tenda para a sua família, quando percebeu que o rendimento obtido pela esposa e pelos filhos com a comercialização das peças que confeccionavam e comercializavam junto a demais familiares estava sendo mais lucrativo do que o seu trabalho na lavoura.

**Rosangele Soares Scholante** - Artesã e pecuarista familiar. Reside no distrito de Palmas, no interior de Bagé. Iniciou o artesanato em lã “*do nada*”. “*Não tinha curso nenhum. Fui aprendendo a tecelagem em lã, fui inventando e cada vez*



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul			
			Canguçu			
			Encruzilhada do Sul			
			Lavras do Sul			
			Pinheiro Machado			
			Piratini			
			Santana da Boa Vista			

*queria aprender mais.*” Realiza peças no tear de pente, com lã obtida na propriedade familiar. Muitas vezes, conta com a ajuda do marido e do filho para a realização das peças.

## 9. Atividade

### 9.1. Origens, motivos, sentidos e transformações

Refletir sobre o artesanato em lã envolve pensar os caminhos da lã, no qual estão emaranhados diferentes saberes e fazeres pecuários. A lã, fibra natural de origem animal, muda suas características de acordo com a raça do animal, quanto à finura, à cor, à ondulação, à resistência, ao comprimento e à elasticidade. A fibra da ovelha é matéria prima largamente utilizada na indústria têxtil, em produtos para proteção contra o calor e o frio. Entre as características da lã, aparece, também, a repelência à água e o efeito retardador de chamas (FELIPE, 2015).

Os caminhos da lã começam no campo, com a criação de ovinos lanados, principal fonte da matéria prima para a confecção das peças artesanais. A criação de ovinos no Rio Grande do Sul é realizada a partir da introdução dos rebanhos pelos europeus colonizadores. Os padres jesuítas deram início à introdução dos rebanhos na região das Missões, a partir da criação tanto de ovinos, como de equinos e de bovinos. De acordo com Afonso Aurélio Porto (1943), os rebanhos de gados menores entraram em Assunção, no Paraguai, em 1569. Assunção se tornou, então, o empório fornecedor a todas as demais cidades que se fundaram na região do Rio da Prata, devido à grande proliferação de ovelhas e cabras. A preocupação, desde a fase inicial da fundação das missões, era prover os ameríndios de roupas que, “*cobrinde-lhes a nudez*”, contribuíssem para resguardá-los do frio intenso em certas regiões. Conforme o historiador (1943: 204):

Corrientes, Santa Fé, Buenos Aires, recebem daí os primeiros sementais que são cascos originários dos grandes rebanhos lanares que se disseminam em seus campos ótimos para a criação de ovelhas. Quando o general Juan de Garay funda a última destas cidades, em 1580, para ali transporta, além de grande quantidade de gado vacum que é distribuído pelos povoadores, outra não menor de ovelhas e cabras. E é desta origem que procedem os rebanhos de gado menor que os jesuítas introduzem, por via Santa Maria do Uruguai, em suas reduções do Rio Grande do Sul, em 1634, como veremos.

O espanhol Félix de Azara (1896a), que viajou pelo Paraguai e pelo Rio da Prata no fim do século 18, descreve a presença difusa de rebanhos ovinos na região, entre os indígenas e a população colona. Segundo o autor, certos grupos indígenas “cultivan poco, pero crián algunos vacas, caballos y ovejas: de su lana tejen gergas y ponchos y las permutan con los [indios] Pampas, quienes las llevan á vender en Buenos Aires” (p. 220).

É necessário ponderar sobre as regiões do estado em que havia a ocupação portuguesa, ainda que seja difícil definir a qualidade e a quantidade desses rebanhos durante boa parte do período colonial (NEVES, 1992). Embora a introdução de ovinos remonte ao século 16, a ovinocultura começou a ser desenvolvida como atividade econômica por volta de

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

1730, por meio da distribuição de sesmarias, quando foram formadas ou demarcadas as primeiras estâncias. Posteriormente, com o cercamento dos campos, se teve a possibilidade de ordenar a criação, facilitando, assim, o manejo dos rebanhos e o aumento da produção.

Nesse período, a ovinocultura era voltada para a produção de pelegos e de peles. A lã era aproveitada para o consumo das famílias. A ovinocultura pode ser evidenciada nos relatos do viajante francês Auguste Saint-Hilaire, durante a sua passagem pelo Rio Grande do Sul, entre 1820 e 1821, no qual descreve a criação de ovinos e a utilização da lã pelas famílias produtoras. Saint-Hilaire (2002) observa que cada estancieiro possui um rebanho constituído, muitas vezes, por vários milhares de carneiros, e, com a lã, “as mulheres fabricam no tear ponchos” (p. 82). Nesse sentido, é possível inferir que outros agentes tenham contribuído para a inserção dos rebanhos na região platina (PESAVENTO, 2014).

A criação de ovinos é uma atividade característica das regiões da pampa, compreendendo desde pequenas, médias e grandes propriedades. Tradicionalmente, é reconhecida como uma atividade familiar. Para a pecuária familiar, a carne da ovelha serve para o consumo da propriedade e a lã para a confecção de vestimentas, como o xergão e o poncho, utilizados na lida, entre outras peças, para uso cotidiano da família. Logo, o restante da lã é vendida, seja para artesãos, seja para cooperativas de lã, seja para barracas ou, ainda, seja para indústrias. A comercialização da lã contribui para os custos da propriedade.

Porém, apenas no século 20 a ovinocultura passou a investir na produção laneira (VIANA; SILVEIRA, 2009), quando a pecuária de ovinos para a produção de lã tornou-se uma atividade comercial, devido a valorização da fibra em âmbito internacional e ao desenvolvimento de tecnologias e inovações na produção, algo que agregou qualidade aos rebanhos. O intercâmbio com produtores do Uruguai e da Argentina e a ascensão dos valores no mercado internacional acarretou em uma melhor organização da criação de ovinos, visando a produção da lã.

Na década de 1940, a produção de ovinos no Rio Grande do Sul teve seu período de maior crescimento. Naquele momento, ocorreu a constituição das primeiras cooperativas de lã, assim como de diferentes organizações de assistência aos criadores, como a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO) e o Serviço de Inseminação Artificial. A partir do desenvolvimento de instituições de comercialização, de promoção à criação, assim como do surgimento de inovações na área de tratamentos veterinários e zootécnicos, possibilitou-se aos criadores melhorarem a qualidade dos rebanhos e da lã (BOFILL, 1996). Todos estes avanços, no que diz respeito à relação a melhores manejos, aos tratamentos veterinários, à constituição de suportes de comercialização, à entidades de promoção a produção, levaram a ovinocultura a um elevado crescimento. Na década de 1960, a produção da ovinocultura representava uma grande riqueza nos campos da pampa. A lã era considerada o “ouro branco”, produto muito importante e valorizado, um dos principais na exportação do estado, responsável por prover as despesas da família e da propriedade (BOFILL, 1996).

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Entretanto, nos anos após à década de 1960, a economia baseada na lã enfrentou uma queda, devido a dois fatores: a perda de apoio governamental aos produtores de ovinos e a crise da lã. O primeiro momento se deu a partir da transformação na política agrária, que, na década de 1970, destinou grande parte dos incentivos à produção de grãos no Rio Grande do Sul. Muitos ovinocultores, sem incentivos governamentais e sem condições de dar continuidade a criação de ovinos, migraram para a agricultura de grãos, marcando a expansão da área de produção de arroz e de soja (BOFILL, 1996). Outro momento que determinou a queda foi a crise internacional da lã na década de 1980, devido à competitividade dos valores perpetrados pela Austrália, enquanto maior produtora de lã mundial. Dessa forma, com significativo rebanho, grandes estoques e qualidade, a Austrália passou a regerar o mercado laneiro. Com o aumento dos preços da lã, o mercado têxtil passa a introduzir fibras sintéticas, por causa dos custos serem menores que o das fibras naturais. Isso acarretou na desvalorização da lã e, conseqüentemente, na redução da pecuária de ovinos com aptidão laneira (BOFILL, 1996; NOCCHI, 2001). Em 1990, a partir da abertura do mercado e o aumento da demanda da carne ovina, propiciou uma mudança na produção laneira, priorizando a criação de cordeiros voltados para o abate.

Na contemporaneidade, a ovinocultura no Rio Grande do Sul é direcionada para a produção de carne e de lã, podendo compensar a atividade, uma vez que quando o mercado de um produto estiver em desvalorização, os produtores têm a possibilidade de dedicar-se a outro (VIANA; SILVEIRA, 2009). No entanto, mesmo com tantas dificuldades e incertezas da pecuária de ovinos, muitos criadores ainda seguem com a produção laneira, já que é uma atividade considerada tradicional, herdada e passada pelas gerações.

A criação de ovinos envolve a tradição e a inovação. Diversos cuidados são empregados, seja em relação ao melhoramento genético do rebanho, seja à alimentação, seja ao tratamentos de doenças, ou seja, ainda, ao controle de parasitas. Tudo isso vai propiciar uma maior produção e qualidade da lã. Atualmente, a cadeia produtiva de lã do estado tem se preocupado com a finura da lã, a partir da micronagem, processo que mede o diâmetro da fibra em micras e, por meio dessa classificação, pode-se qualificar lã. A avaliação é realizada pela ARCO, que coleta mechas de lã do rebanho, classifica e analisa a fibra, com o uso de um aparelho portátil, denominado de OFDA ou OFDA 2000 (Optical Fibre Diameter Analysis). A partir dos dados da análise, que resulta em um brinco, com os quais as ovelhas são identificadas, o produtor sabe o que precisa melhorar no rebanho em relação à nutrição, fazendo modificações no manejo, assim como, também, tem detalhes da qualidade, da finura e da resistência da lã.

A artesã Andrea Madruga voltou a criar ovelhas com o marido, no 5º Distrito de Piratini, quando casou, em 1994. Na propriedade, criam, além de ovinos, gado de corte, gado leiteiro, galinhas e seis cachorros ovelheiros. Em 1997, durante a realização da Feira e Festa Estadual da Ovelha (Feovelha), em Pinheiro Machado, Andrea encontrou o estande da Emater, que, naquele momento, oferecia oficinas voltadas para grupos de mulheres. A partir das reuniões do grupo, formaram a Associação Comunitária Ponte do Império, que foi premiada já em sua primeira participação em feiras. Posteriormente, Andrea ficou com a marca Fio Farroupilha e deu continuidade na formação, com cursos

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

oferecidos pelo Centro de Formação de Agricultores (CETAC), em Canguçu. Com o uso do OFDA, disponibilizado pela ARCO, a artesã identifica o diâmetro da fibra da lã, em função do acabamento das peças e do conforto proporcionado no corpo. As ovelhas são identificadas com brincos. A rastreabilidade da lã permite que sejam criadas “matrizes” de animais com a melhor micra e auxilia no acompanhamento da qualidade da lã, bem como na seleção de reprodutores. Para a artesã, contudo, *“não existe lã ruim, cada uma vai se prestar para um serviço.”* Andrea utiliza, também, o tacho de cobre para realizar o tingimento natural dos fios. Segundo a artesã: *“Porque pigmenta melhor. A gente não precisa usar tanto os fixadores. O cobre já fixa a cor da planta na lã. A gente só precisa colocar um mordente caso queira uma cor mais intensa, mais forte. Além disso, no cobre não tem variações na tonalidade. Se a gente colocar no alumínio, qualquer resíduo que tenha no alumínio, vai alterar a cor.”* Os mordentes preparam as fibras e ajudam a absorver e a manter as cores.

Por meio do artesanato em lã, Andrea evidencia relações, que demonstram as dinâmicas pelos caminhos da região. Uma malha composta, especialmente, por outras artesãs, uma vez que o artesanato é constituído por meio de trocas, compartilhado em momentos de encontros, em feiras, como a Feovelha, a Fenadoce, a Expointer, a Expo Alto Camaquã, entre outras. Em alguns casos, as peças do Fio Farroupilha podem conter detalhes com lãs, fios e feltragem tecidos pelas mãos de mulheres de comunidades próximas. É o caso da pecuarista familiar e artesã dona Isaurina de Oliveira Garcia, do Barroirão, interior de Piratini, que, algumas vezes, fornece fios de cores diferenciadas, em matizes de bege, de *“prata”*, feitos em um fuso de madeira. Para tecer as peças, Isaurina utiliza o tear de parede, chamado, também, de tear *“rústico”* ou de tear *“primitivo”*, que foi construído pelo pai da artesã. Segundo Isaurina, o pai foi *“no mato”* e buscou a madeira com a qual fez o tear. Entre as peças artesanais, destaca-se o xergão, peça em forma retangular utilizada na montaria, que é realizada com lã mais grossa.

Diferentes fatores estão envolvidos na classificação da lã, visando a obtenção da finura da lã ou da micronagem, que envolve a relação com o ambiente e a vida do ovino. Dessa forma, para melhorar a qualidade de lã, é preciso estar atento aos diferentes elementos no manejo. Entre os fatores estão os tratamentos sanitários adequados; a qualidade e a quantidade da alimentação; os cuidados no pré e pós gestação (que garantem a maturação dos folículos, responsáveis pelo desenvolvimento da fibra); os fatores ambientais, como excesso ou escassez de chuvas, que influenciam a qualidade e a quantidade da lã que o animal vai produzir durante a sua vida (SILVEIRA; BRONDANI; LEMES, 2015). Seu Luiz, criador de ovinos em Jaguarão/RS, relata que: *“Se tu sabes a finura da lã é possível agregar valor ao produto. Se eu vender sem ser para a cooperativa, como se diz ‘no escuro’, sem classificar, o cara vai te oferecer um preço e eu dou pra ele a finura da lã, não aceito o preço. Peço pela classificação da ARCO. Se não me pagar pela finura da lã, não me serve.”*

Segundo Dona Clara, produtora em Bagé, porém, *“é uma variação muito grande, de acordo com o estado da ovelha. Por exemplo, a ovelha tem uma cria, ela vai ter uma alteração. Por exemplo, a ovelha que já pariu, que teve a gestação*



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

*e que teve a lactação, amamentando cordeiro, o velo dela vai ser, a lã não é tão boa quanto a de uma ovelha que não deu cria. As melhores lãs são das ovelhas que não sofreram o efeito da amamentação e da gestação. Isso aqui é por causa do nível nutricional. Os nossos rebanhos são alimentados, basicamente, com vegetação nativa. E quando enfrenta um ano como este [2020], que foi horrível, foi terrível a seca, as nossas lãs vão estar muito mal classificadas, porque as ovelhas sofreram muito.”*

A preocupação com a micronagem é um olhar que atende, sobretudo, à demanda industrial, que está focada apenas em um tipo específico de lã, a lã branca e fina, na qual há uma ideia de qualidade. Mas há diferentes tipos de lã, uma diversidade de lãs, médias e grossas, naturalmente coloridas, que são muito utilizadas e valorizadas para os diferentes trabalhos artesanais.

*“Bom, além da classificação comercial, cada velo vai ter uma classificação por qualidade. Ou seja, se ele tem bastante suavidade ao toque, tem um brilho e aqueles frisos do velo são uniformes, nós vamos dizer que ele tem ‘caráter’. Então, esse caráter, que junta coloração branca, muito branca, livre de pelos no meio, com ondulações bem demarcadas e suavidade, nós vamos dizer que é uma lã de qualidade supra, a de maior qualidade. Depois com um pequeno defeito, por exemplo, algum pedaço que se rompe, ou uma sujidade, um amarelo infeccioso. Amarelo infeccioso é quando dá muito calor, tem muita umidade e calor, daí pode ficar a lã amarelada, por que esse é por infecção por bactéria, então isso já vai causar transtorno na indústria. Então, por isso, a qualidade é sempre a mesma, está descrita na ABNT, que está relacionado com a suavidade, o comprimento de mecha, a coloração, os frisos, essa coisa assim. Que o friso é que vai dar elasticidade na lã. É as ondulações da lã que vai te dar elasticidade, ou tu espicha mais, tu traciona mais ou menos. Na indústria, vai ser usado nas cardas e nos pentes, tem muita importância isso aí. Isso vai da demanda mundial, porque sempre há tendências. Agora, só se fala em lã Merino, Merino, Merino... Mas acontece que todas as lãs têm emprego. As lãs mais grossas, geralmente, é pra carpetes, pra tweed, pra tecidos mais grossos, encorpados. E as lãs mais finas tu vai utilizar, assim, pra caxemira, pra essas lãs mais, caxemiras, né.”*  
(Clara Vaz, 2020).

Outro manejo realizado é a tosquia, a retirada da lã dos ovinos lanados, ou seja, aqueles animais com aptidão para a produção de lã. Ainda que a finalidade do rebanho seja a carne, a esquila é realizada. A prática é indispensável, sendo feita anualmente. É uma forma de proporcionar bem estar ao animal, pois retira o velo que lhe aquece e pesa sobre o corpo no período de calor, assim propicia que o animal possa se movimentar e se alimentar melhor. O Sr. Luiz afirma que *“a tosa é remédio, é como se a ovelha fosse dosada. Ela come melhor, pois a lã é como um peso para ela, sem a lã ela se movimenta melhor, se alimenta melhor.”*

A esquila propicia o abastecimento do comércio de lã. A comercialização pode ser feita entre artesãs, que adquirem a fibra para complementar a produção das peças, bem como com as cooperativas de lã e as barracas, que armazenam,

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

beneficiam e distribuem a lã. Enquanto as cooperativas, geralmente, pagam de acordo com a classificação da lã, as barracas não costumam levar isso em conta, adquirindo a lã toda, sem classificação. Cabe destacar que as barracas de lã são uma alternativa para aquelas pecuaristas familiares que não mantêm vínculos ou não são atendidas pelas cooperativas, pois podem, assim, escoar a produção. Contudo, as informações sobre as barracas são bastante esparsas, sendo um tema que carece de pesquisas mais aprofundadas.

Segundo Geisel e Lody (1983), a fição e a tecelagem eram elementos diários na vida das mulheres, assim como os afazeres da casa, cuidados com a família e o trabalho na propriedade. O artesanato em lã é realizado no ambiente da casa, em que o trabalho artesanal está emaranhado à vida familiar, aos cuidados com os filhos e aos afazeres domésticos. Não havendo um recorte temporal para começar ou terminar as atividades com o artesanato, as artesãs vão fazendo os trabalhos artesanais nos intervalos de tempo, entre o trabalho doméstico.

A casa apresenta-se como espaço de compartilhamento entre a vida cotidiana e o artesanato, espaço de independência e realização onde as mulheres conseguem desenvolver uma atividade econômica e ao mesmo tempo cuidar dos filhos. A existência marcante de mulheres é visível na pecuária familiar, onde há a atuação feminina nas lidas caseiras, que envolve os afazeres da casa, e ao redor da propriedade (RIETH; KOSBY; NUNES et al, 2021).

O artesanato em lã versa sobre um ofício manual, que promove diferentes técnicas, na sua grande maioria realizadas por mulheres e, tradicionalmente, disseminadas entre mulheres (EGGERT, 2011). Compreender o artesanato em lã exige acompanhar um caminho que abrange uma enorme diversidade de técnicas, materiais, maneiras de transformar a lã, um pluriverso de saberes e fazeres disseminados pela Pampa sul- rio-grandense.

O artesanato em lã conecta significados que envolve a tradição herdada de gerações anteriores e a inovação que está na recriação da tradição pelas gerações seguintes. Abarca diversos saberes e fazeres, que vão desde a retirada da lã, através da esquila, e a transformação da lã até a produção das peças artesanais. Este processo inclui lavar, cardar, tingir, ou não, fazer o fio e tecer.

Acompanhando o caminho da matéria-prima, a lã depois de ser esquilada precisa ser lavada, para a remoção de sujidades que se aderem à fibra. Cada artesã tem uma forma de realizar esse processo, mas, basicamente, a lã é lavada com água e sabão. Logo, a lã lavada e seca é preciso fazer o cardamento, executado com cardas manuais ou cardas de tambor, procedimento é realizado para desembaraçar a lã, deixando as fibras no mesmo sentido, pronta para ser fiada. Fazer o fio é um momento importante no processo artesanal, pois um fio bem feito é essencial para que o trabalho seja executado. A fição pode ser realizada em rocas de pedal, em rocas elétricas ou em fusos. Após a feitura do fio, essa lã pode ser tingida, ou não, já que a lã de ovinos apresenta diferentes tonalidades como: branco, marrom, bege, cinza e preto. Para obter outras tonalidades, as artesãs tingem a fibra branca. Algumas utilizam

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

corantes industrializados e outras fazem o tingimento natural, em que são utilizadas ervas, chás e cascas disponíveis na região em que vivem ou colhidas nas proximidades das casas.

Logo, após esta etapa, a lã está pronta para ser tecida. O tecer é o momento de transformação do fio em peças, período em que as artesãs estabelecem padronagens, cores e estampas. Nesse processo de fazer as peças, existem diferentes formas de tramar a lã, pode ser em teares ou agulhas, como no caso do crochê em *jacquard*. São diferentes teares, têm os teares de prego, estes podem ser retangular, utilizado para fazer ponchos, tapetes e cobertores; tear de prego circular específico para produzir boinas; tear de prego hexagonal, para tecer a técnica Nhanduti, em que forma uma trama que lembra a teia de aranha. Há, também, o tear vertical, designado pelas artesãs como tear de parede, bem como tear “*rústico*” ou tear “*primitivo*”. Existe o tear de pente ou de mesa, estes são horizontais. Outras técnicas de trabalhar a lã, são a feltragem molhada, feltragem com agulha, macramê e crochê em *jacquard*.

Disseminadas pela pampa têm-se diferentes saberes e fazeres, revelados por meio das técnicas de transformação da lã. Podemos citar como exemplo, os artesãos de Caçapava do Sul, desenvolvendo peças tecidas em grandes teares através de grupos familiares (VARGAS, 2016b). Em Piratini destaca-se o Fio Farroupilha, com produção em teares de prego e a feltragem. Há, também, o desenvolvimento do crochê em *jacquard*, que se destaca em Jaguarão pela diversidade de padronagens que podem ser realizadas.

Texto adaptado da dissertação de Miriel Bilhalva Herrmann: **Pelos caminhos da lã: uma etnografia do artesanato crochê em *jacquard* feito por mulheres em Jaguarão/RS**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

**9.2. Narrativas e representações**

A temática da *lida campeira*, da atividade pastoril e da lide no campo está disseminada nas narrativas e nas representações culturais e artísticas na região platina, na pampa e no Rio Grande do Sul, seja na literatura de viagem, seja nas obras literárias, seja nas músicas gauchescas, seja nas canções folclóricas, seja nas produções nativistas, seja nas representações iconográfica a respeito do “Sul”.

Um traço dessa representação costuma ser a relação entre natureza e cultura, ou entre ambiente e sociedade, que emana e acompanha o pensamento de gerações de artistas e intelectuais que produzem suas obras com foco na região, que podem se debruçar sobre os tipos sociais, as guerras de fronteira, as andanças pelos campo ou o manejo dos rebanhos. Tal ênfase fica evidente em obras clássicas e contemporâneas da literatura platina, como, por exemplo, *Diálogos*, de Bartolomé Hidalgo, *Martín Fierro*, de José Hernández, *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento, e *As aventuras de China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara, entre tantas outras. Da mesma forma, é possível perceber a presença da melancolia, ou certo pessimismo, em relação à

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

continuidade do modo de vida campeiro ou do contato com o campo. Nesse sentido, o tema do fim, da ruína, da morte, do saudosismo ou da impossibilidade de continuidade costuma ser recorrente.

Na literatura do Rio Grande do Sul, nomes como João Simões Lopes Neto, Ramiro Barcelos (sob o pseudônimo de Amaro Juvenal), Erico Verissimo, Cyro Martins, Jayme Caetano Braun, Barbosa Lessa são apenas alguns dos expoentes que abordam ou dedicam suas produções a refletir sobre essas temáticas. Da mesma forma, pode-se citar autores contemporâneos, que buscam refletir sobre a pampa e seus viventes, como, por exemplo, Aldyr Garcia Schlee, Luiz Antonio de Assis Brasil, Tabajara Ruas, Eron Vaz Mattos, José Carlos Queiroga, Marília Floôr Kosby e Clarissa Ferreira, entre outros.

Logo, destaca-se a profusão e a diversidade de tais obras para a música, a literatura, a poesia, as artes visuais, entre outras formas expressivas. Assim, buscamos trazer algumas dessas narrativas e representações, sem, contudo, esgotá-las.

O escritor Erico Verissimo descreve uma roca de fiar na trilogia *O tempo e o vento* (2013a: 80), épico em que aborda a fundação do Rio Grande do Sul. A roca faz parte dos pertences que a família Terra possui no rancho, instalado em uma sesmaria, no século 18:

O mobiliário era simples e rústico: uma mesa de pinho sem verniz, algumas cadeiras de assento e respaldo de couro, uma arca também de couro, com fechos de ferro, um armário meio desmantelado e, sobre um estrado, a velha roca de d. Henriqueta. Numa das outras repartições ficava a cama do casal, sobre a qual, na parede, pendia um crucifixo de madeira negra, com um Cristo de nariz carcomido; ao pé da cama ficava um mosquete carregado, sempre pronto para o que desse e viesse.

Na narrativa, a roca está associada à Dona Henriqueta, mãe da personagem Ana Terra, que costuma passar “horas e horas” pedalando na roca. Tanto que, na obra, mesmo após a morte de Henriqueta, ainda é possível ouvir o som repetitivo da roca, à noite.

Em outras madrugadas Ana tornou a ouvir o mesmo ruído. Por fim convenceu-se de que era mesmo a alma da mãe que vinha fiar na calada da noite. Nem mesmo na morte a infeliz se livrara de sua sina de trabalhar, trabalhar, trabalhar... (2013a: 100).

A roca faz parte dos bens que Ana Terra leva consigo para Santa Fé, com o crucifixo e a tesoura grande de podar, após o rancho ser atacado e destruído.

Letra de música que faz menção ao artesanato em lã:

**As mãos da fiandeira**



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

As mãos da fiandeira têm segredos  
 Desvendados no galope dos seus dedos  
 Sob as linhas que recordam esse tempo  
 Que o próprio tempo extraviou pelas distâncias

Se embala nesse quadro de recuerdos  
 Uma vó que desfiava seus romances  
 Com sua roca pedalando desde cedo  
 Pelas manhãs da casa grande da velha estância

Fia fiando a fiandeira...  
 Fia fiando recordando...  
 Aqueles dias que a vida foi deixando  
 Entre essas linhas que se formam no olhar

Roda rodando vai na roca...  
 Roda rodando uma saudade...  
 Que vai brotando quando voltam as imagens  
 De um velho tempo que não pode mais voltar

As mãos da fiandeira tecem rumos  
 Nas lãs que deixam rastros nesse mundo  
 À luz de velas alumando um tempo escuro  
 De uma era que existiu na minha infância  
 (Letra: Martim César)

A descrição dos ponchos artesanais em lã costuma ser um elemento presente na literatura de viagem produzida a respeito da região platina, bem como na iconografia sobre o sul.

<b>9.3. Cronologia</b>	
Data	Evento
Século 17 (década de 1630)	Introdução dos rebanhos bovinos, muar, ovinos, equinos, caprinos na região das bacias platinas, a partir das Reduções Guarani na Província Jesuítica do Paraguai. Abandono das reduções na

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	margem oriental do Rio Uruguai, devido aos ataques de bandeirantes. Asselvajamento dos rebanhos na Vacaria do Pinhais e na Vacaria do Mar.
Século 17 (década de 1680)	Retomada do projeto Missioneiro na margem oriental do Rio Uruguai e fundação dos Sete Povos das Missões. Implantação das estâncias dos Guarani na região da pampa para a criação de rebanhos, tendo em vista o abastecimento das reduções e a comercialização do gado.
Século 18 (década de 1730)	Aumento da colonização portuguesa na região, a partir da distribuição de sesmarias e da fundação de povoados.
Século 18	Caça do gado bravo para comercialização da carne e do couro. Caça do gado muar para fornecimento na região das minas brasileiras.
Século 18 (1753-1756)	Guerra Guaranítica, envolvendo os exércitos portugueses e espanhóis contra o povo Guarani Missioneiro e os padres Jesuítas. Declínio das Missões. Abandono das estâncias Guarani e dos rebanhos.
Século 18 (1780)	Fundação das primeiras charqueadas na região pampeana do Brasil, do Uruguai e da Argentina.
Século 19	Intensificação da instalação das charqueadas no Rio Grande do Sul, com vasta utilização de mão de obra africana escravizada.
Século 19 (1850)	Lei de Terras é publicada pelo imperador Dom Pedro II, apropriação das terras e alteração da estrutura fundiária.
Século 19 e início do século 20	Declínio das charqueadas e instalação de frigoríficos.
Década de 1940	Constituição das primeiras cooperativas voltadas para a produção laneira no Rio Grande do Sul.
Século 20 (a partir de 1950)	Aumento do monocultivo, com lavouras de arroz, de milho, de soja e da silvicultura.
Década de 1960	Momento de grande produção laneira para abastecimento do mercado nacional e internacional.
Década de 1970	Declínio da produção, em função do incentivo à produção de grãos, uso de tecidos sintéticos e à competitividade com a produção internacional.
Século 20 (a partir da década de 1980)	Novos modelos fundiários. Assentamentos da Reforma Agrária. Terras Quilombolas. Terras Indígenas.
Década de 1990	Aumento dos rebanhos ovinos, voltados para a produção de carne.

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Século 21	Intensificação da supressão da pampa, através de projetos de monocultivo, de mineração e outros.
-----------	--

## 10. Produtos patrimoniais

<b>10.1. Repertório ou principais produtos</b>
<i>Lida campeira</i> , a partir da criação de ovinos para a produção da lã. Retirada da lã pela esquila. Atividades de transformação da lã: fiar e tecer, gerando a produção de inúmeras peças, como poncho, xergão, mantas que são destaque por serem muito utilizados pelos trabalhadores do campo nas atividades da <i>lida campeira</i> .

<b>10.2. Processo de trabalho e comercialização</b>	
Etapa	Atividade
Lavar a lã	Após a retirada da lã do ovino (tosquia), a lã é lavada para a retirada de impurezas.
Cardar a lã	Logo após a lã estar limpa e seca é necessário cardar (pentear), processo que desembaraça a lã para que possa ser feito o fio.
Fiar a lã	Com a lã desembaraçada, a lã pode ser fiada na roca ou no fuso, obtendo, assim, o fio.
Produção das peças	Por fim, após ser feito o fio da lã, a artesã obtém a principal matéria prima para fazer o artesanato.

<b>10.3. Principais participantes</b>	
Status	Função
Artesã	Geralmente, executa todas as etapas. Na contemporaneidade, algumas artesãs se especializam na feitura do fio, realizando a preparação da lã, que envolve lavar, cardar e fiar a lã.
Esquilador	Individualmente, ou em equipes, chamadas, também, de " <i>comparsas</i> ", realizam a retirada da lã.

<b>10.4. Capital e instalações</b>	
Descrição	A casa das artesãs.
Quem Provê	As próprias artesãs.
Função	A casa é o local de convívio familiar e ambiente de trabalho, onde a artesã desenvolve o artesanato em lã.

<b>10.5. Matérias primas e ferramentas de trabalho</b>
--

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Descrição</b>	<b>A lã crua</b> , o pelo da ovelha, é a principal matéria prima utilizada na feitura de peças. A fibra muda sua característica de acordo com a raça do animal, quanto à finura, à cor, à ondulação, à resistência, ao comprimento e à elasticidade. A fibra da ovelha é uma matéria prima largamente utilizada na indústria têxtil, gerando produtos para proteção do calor e do frio e, também, tendo outros usos, como a repelência à água e o efeito retardador de chamas.
<b>Quem provê</b>	É adquirida pelas artesãs nas propriedades ou por meio da compra direto do produtor de ovinos ou na cooperativa de lã, que vende velo sujo ou tops de lã, em que a lã vem pronta para ser fiada.
<b>Função / Significado</b>	Utilizada na feitura de peças artesanais.
<b>Disponibilidade</b>	Muitas artesãs são criadoras de rebanhos ovinos e/ou complementam com a produção de vizinhos, bem como de cooperativas e de barracas de lã.

<b>Descrição</b>	A <b>carda manual</b> é composta por duas escovas de madeira em que as cerdas são de fios de aço.
<b>Quem provê</b>	A artesã.
<b>Função / Significado</b>	Cardar a lã, deixando a fibra no mesmo sentido, retirando nós e sujeiras que não saíram na lavagem, deixando a lã pronta para ser fiada.
<b>Disponibilidade</b>	Algumas são herdadas ou podem ser feitas nas propriedades. É possível adquirir em feiras de artesanato em feiras agropecuárias.

<b>Descrição</b>	A <b>roca</b> , pode ser de pedal ou elétrica. A roca de pedal mais utilizada entre as artesãs, consiste em uma mesa apoiada sobre duas pernas e uma base, onde está adaptado o pedal. A roda de ferro montada numa das extremidades é acionada pelo pedal que está ligado à roda, movida por uma tira de couro ou de elástico que ativa o fuso que fia e enrola o fio.
<b>Quem provê</b>	As artesãs.
<b>Função / Significado</b>	Utilizada para transformar a lã em fio.
<b>Disponibilidade</b>	Algumas são herdadas ou podem ser feitas nas propriedades. É possível adquirir em feiras de artesanato e em feiras agropecuárias.

<b>Descrição</b>	<b>Fuso</b> , geralmente, feito em madeira. É composto por uma haste em que se prende um disco, que serve de contrapeso e dá estabilidade e movimento ao girar, fazendo com que o fio se enrole.
<b>Quem provê</b>	As artesãs.



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<b>Função / Significado</b>	Utilizado para transformar a lã em fio, muito utilizado para fazer fios mais grossos, utilizados para fazer xergão.
<b>Disponibilidade</b>	Algumas são herdadas ou podem ser feitas nas propriedades. É possível adquirir em feiras de artesanato e em feiras agropecuárias.

<b>Descrição</b>	<b>A máquina de costura.</b>
<b>Quem provê</b>	As artesãs.
<b>Função / Significado</b>	Utilizada para costura e acabamentos nas peças - como colocar botões, golas e adereços.
<b>Disponibilidade</b>	Algumas são herdadas ou podem ser adquiridas em lojas e em indústrias voltadas à costura.

<b>Descrição</b>	<b>Teares</b> , são diferentes formas de teares, de prego, de pente, “ <i>rústico</i> ” ou “ <i>primitivo</i> ”. Teares são utilizados para tensionar um conjunto de fios perpendicularmente, montando a urdidura, esta vai determinar o tamanho da peça e a padronagem que vai ser tecida. Primeiro a artesã determina a quantidade de fios que irá precisar para então desenvolver a trama, que é o segundo conjunto de fios que serão cruzados no sentido horizontal, entre os fios da urdidura.
<b>Quem provê</b>	Teares são herdados, construídos pelos próprios artesãos, como também são comprados.
<b>Função / Significado</b>	Tecer o fio da lã, transformando em peças.
<b>Disponibilidade</b>	Alguns são herdados ou podem ser feitos nas propriedades. É possível adquirir em feiras de artesanato e em feiras agropecuárias.

<b>Descrição</b>	<b>Agulha de crochê.</b>
<b>Quem provê</b>	A artesã.
<b>Função / Significado</b>	Tecer o fio da lã, transformando em peças.
<b>Disponibilidade</b>	Algumas são herdadas ou podem ser adquiridas em lojas e em indústrias voltadas à costura.

<b>Descrição</b>	<b>Faca ou facão</b> – Demétrio Xavier (ver Ficha de Contatos) menciona que seu pai dizia que “ <i>facão não é arma é ferramenta</i> ”, indicava, também, que esta coisa de lida era um instrumento masculino,
------------------	--

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

distinguindo-se da faca de cozinha. Menciona, ainda, o texto de Ondina Fachel Leal sobre o uso da faca pelas mulheres na benzedura e simpatia.

Conforme Demétrio o gauchismo, quer pelo caminho do tradicionalismo organizado ou de forma mais independente, muitas vezes, faz com que as pessoas busquem os costumes mais “ancestrais” e deixem de lado suas versões mais contemporâneas, que talvez lhes pareçam menos interessantes. Então, desde as primeiras décadas do século 20, é muito mais usual como faca gaúcha a “*carneadeira*”, adequada ao trabalho que o nome indica. Uma faca sem ponta, de lombo reto, larga. Mas quem cultiva o gauchesco prefere, muitas vezes, um modelo anterior, uma faca polivalente que remete muito mais ao século 19. Facas que eram simultaneamente armas e ferramentas. Ao longo do século 20, certamente as carneadeiras foram as facas mais usadas. Hoje, os colecionadores de facas começam a despertar para esse tipo de artigo, mas certamente essa seria a faca que se veria às costas de um peão de campo, desde os anos 20. Talvez ele usasse, também, uma adaga ou um punhal, exclusivamente pela necessidade de uma arma branca ou gosto por portá-la. mas a faca por excelência no campo é a carneadeira, acompanhada ou não de chaira.

Contudo, o debate sobre as facas implica na dimensão das coisas e das pessoas na *lida campeira*, bem como a dificuldade de separação entre os domínios da casa e do campo. Como apontam autores como Baretta e Marcoff (1978) e Farinatti (2007), a mesma mão de obra utilizada nas atividades pastoris era a utilizada nas guerras, ao longo de toda a constituição das fronteiras no Brasil meridional. Isso gerava a necessidade de cada estância possuir um número de peões suficientes para empenhar-se nos confrontos, tendo, ainda, aqueles que pudessem permanecer na propriedade, seja para a defesa do local, seja para, mesmo que minimamente, dar andamento às atividades de manejo dos rebanhos. Em diálogo com Baretta e Markoff (1978), a expansão colonial na América Latina foi responsável pela introdução de rebanhos nos territórios indígenas, motivo de constantes confrontos e tensões no avanço de fronteiras. Sejam guerras causadas pelos tantos conflitos para defesa e demarcação (ou expansão) das fronteiras, mas, também, pelas tensões provenientes do interior dessa sociedade.

Em combate, os conhecimentos sobre o território e o manejo dos animais eram elementos importantes para a manutenção das tropas – e as ferramentas de trabalho eram, virtualmente, as armas. Nesse sentido, pensar na faca enquanto uma ferramenta de trabalho, leva-nos a pensar no que consiste tal trabalho, bem como a dimensão de “instituição total” que pode configurar os regimes produtivos nas estâncias, em que relações de parentesco, compadrio e afinidade nem sempre podem ser desassociadas. Logo, é possível pensar em uma “tradição de violência”, como apontam Baretta e Markoff (1978: 587), ou num recorrente “espaço de morte”, comum a processos

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	coloniais de longa duração, como defende Taussig (1993), que torna a experiência da pecuária e do pastoreio uma atividade em relação constante com confrontos e disputas fronteiriças.
Quem provê	Cada campeiro/a tem a sua faca que, geralmente, o acompanha na lida.
Função / Significado	Faca para carnear, “ferramenta” da lida - com bom corte para “ <i>todo o serviço</i> ”. A faca como arma, punhal. A faca como símbolo de masculinidade.
Disponibilidade	Adquirido diretamente com artesãos cutedeiros ou em lojas especializadas.

<b>10.6. Comidas e bebidas</b>	
Descrição	Para mais informações ver “Ficha: Ofícios e Modos de Fazer - Lida Caseira”.
Quem provê	
Função / Significado	

<b>10.7. Objetos e instrumentos rituais</b>	
Descrição	
Quem provê	
Função / Significado	

<b>10.8. Trajes e adereços</b>	
Descrição	Poncho, pala, ruana, xergão, boina, entre outras peças artesanais.
Quem provê	Artesãs.
Função / Significado	Para proteção contra o frio e usadas na <i>lida campeira</i> .

Descrição	Pilcha - Conjunto de vestimentas utilizada por homens e mulheres campeiros/as. Compõe-se de bombachas (calças presas por botões no tornozelo), lenços (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargatas (sapatilhas de tecido com sola de corda ou borracha), chapéus (feito de couro ou feltro) ou boinas (espécie de boné, sem aba, feita de lã ou feltro), ponchos e
-----------	--

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista	2021	F60	5

	palas, que são capas de pano ou lã, com forma redonda, retangular ou ovalada, tendo uma abertura no centro por onde passa a cabeça e, por fim, as botas, feitas em couro. A bota é um calçado apropriado para andar a cavalo, pois não têm agarradeiras, o que facilita que deslize do estribo em um eventual acidente. A bota protege os pés contra ataques de animais como cobras.
<b>Quem executa</b>	Cada pessoa é responsável por prover os seus trajes e adereços.
<b>Função / Significado</b>	Peças da indumentária campeira, atuam como artefatos para proteger da chuva, do sol, do frio, dos bichos. Atuam, também, como elementos simbólicos de um modo de ser e viver campeiro, que transpassam o cotidiano da lida, sendo reinventado por movimentos culturais urbanos (VARGAS, 2016).

<b>10.9. Danças</b>	
<b>Descrição</b>	
<b>Quem executa</b>	
<b>Função / Significado</b>	

<b>10.10. Músicas e orações</b>	
<b>Descrição</b>	Música campeira - Estilo musical cujas letras narram, refletem e representam os modos de viver dos/as campeiros/as. Narram situações de lidas, bem como aspectos que se esperam ou se interpretam como característicos deste modo de viver, tais como as melhores maneiras de manejar os animais e os atributos necessários para ser campeiro/a. As situações cantadas, muitas vezes, foram vividas pelo próprio narrador ou referem-se a fatos cotidianos, de relações com os bichos e com os campos.
<b>Quem provê</b>	Artistas musicais e poetas, envolvidos direta ou indiretamente com os modos de viver campeiro/as.
<b>Função / Significado</b>	A música campeira é escutada nos momentos de sociabilidade, como o chimarrão ou churrasco ou nos momentos entre as lidas como no início da manhã e no final de tarde. Nas vivências etnográficas pelos galpões percebeu-se que nesses ambientes era comum ouvir rádios sintonizados em emissoras com programas voltados para tal estilo. Por conseguinte, interlocutores e interlocutoras fazem referências a determinadas letras de música como forma de argumento do seu relato. Alguns interlocutores e interlocutoras são poetas, compositores e músicos.

<b>10.11. Instrumentos musicais</b>
-------------------------------------



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Descrição	
Quem provê	
Função / Significado	

<b>10.12. Atividades após a execução</b>	
Executante	Atividade

**11. Destinação do produto**

Para uso próprio <input checked="" type="checkbox"/>	Vende <input checked="" type="checkbox"/>	Troca <input checked="" type="checkbox"/>	Outro <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Especificar:</b> Utilizado para presentear parentes e amigos.
Participação na renda familiar	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Principal fonte de renda <input checked="" type="checkbox"/>	Complemento <input checked="" type="checkbox"/>
Modo de Comercialização	Direto <input checked="" type="checkbox"/>	Intermediário <input type="checkbox"/>	Cooperativa/Associação <input checked="" type="checkbox"/>	

**12. Participação em cooperativas ou associações**

Algumas artesãs participam de associações de artesãos, que são espaços onde as mulheres podem comercializar suas peças, divulgar seu trabalho, assim como se organizarem para a participação em feiras, exposições e concursos. As entidades que compõem essa cadeia da lã são a Associação dos artesãos de Jaguarão, a Casa da Economia Solidária, a Cooperativa de Lãs Mauá, a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO), a Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC), a Associação para a Grandeza e União de Palmas (AGRUPA), a Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS-Ascar), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), o Comitê dos Povos Tradicionais do Pampa, bem como de associações religiosas e de associações quilombolas.

**13. Bens associados**

Denominação	Código

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

Carneada/Cutelaria	<p>Conforme Schlee (2019a: 210) consiste no ato “de abater, matar um animal – e separar-lhe as partes para utilizar sua carne, couro, vísceras e ossos”. De uma maneira geral, as etapas da carneada são as seguintes: “escolher o animal, deixá-lo em repouso, sangrar, retirar o couro, retirar os intestinos e vísceras e realizar os cortes da carne” (CALDEIRA, 2021: 83).</p> <p>O ato é marcado por gestos que justificam que não será uma morte “em vão” (CALDEIRA, 2021). O abate deve ser realizado o mais rapidamente possível, para evitar causar dor desnecessária ao animal bem como de respeito pela vida que está em processo de se tornar carne. Nesse sentido, dois aspectos devem ser considerados no ato: 1) a habilidade do <i>sangrador</i>, que é o responsável por cortar as veias e artérias jugulares ou introduzir a faca no <i>sangradouro</i> que fica no lado direito do pescoço, junto ao peito do animal. O <i>sangrador</i> deve conhecer estes locais e ter em mãos uma boa faca, de “<i>bom corte</i>” e “<i>bem afiada</i>”, reconhecida como a “<i>faca carneadeira</i>”. Com ela em mãos, o <i>sangrador</i> adota uma performance de mediação entre o bicho vivo e o <i>carneado</i>; 2) os envolvidos no momento de sangrar não podem sentir “pena”, pois isso pode gerar dor ou fazer com que o animal leve mais tempo para morrer. Em alguns casos, filhos pequenos e/ou pessoas que sentem “pena” ou “dó” do animal devem ser afastadas, para não presenciarem o ato. Somente quando o animal estiver abatido essas pessoas poderão retornar ao local e seguir participando ou acompanhando o processo. Quando possível, após o abate, os filhos são estimulados a participarem, auxiliando em alguns preparos, para se familiarizar com a prática.</p> <p>Geralmente, a carneada envolve mais de uma pessoa. Pode ser realizada de forma coletiva, com a participação de vizinhos ou de parentes de outras localidades. Quando o <i>sangrador</i>, que é o mestre, está prestes a sangrar, todos ficam quieto e observam o ato. Após a ação da faca, o animal esvai-se em sangue e morre lentamente. O <i>sangrador</i> lava as mãos e a faca suja de sangue e observa a morte. Após, os demais participam do processo retirando o couro e cortando as partes. Busca-se aproveitar o máximo possível, desde o couro, as vísceras até os ossos. A carne costuma ser distribuída entre os participantes que contribuíram com o abate. Os melhores cortes são destinados ao churrasco. Pode ser pensada, também, como uma atividade multiespécie (TAUSSIG, 2018), já que envolve outros animais, como os cachorros, que participam do ato se</p>
--------------------	---

Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

alimentando do sangue e das partes que não serão destinadas ao consumo humano. Em alguns casos, as vísceras são destinadas à alimentação dos porcos, com exceção de cortes como o coração e o fígado. Pode contar, ainda, com a participação dos animais do mato, como corvos e sorros, que podem se alimentar das carcaças e ossos que são colocados no campo, após o abate.

Nem todo/a campeiro/a é o *sangrador*, participando da carneada em outras tarefas. O ato é marcado por um aprendizado contínuo, no qual quanto mais experiências de *carnear* mais ágil e habilidoso o carneador se torna. Por fazer a mediação entre a vida e a morte, o carneador torna-se *sangrador* após longo tempo de prática. Outros já trazem a vocação e aprendem a *sangrar* já nas primeiras carneadas. Embora de diferentes maneiras, o fato é que ele vai sendo afetado pela experiência da morte. Inicialmente como uma “adrenalina”, em que “não sente pena”, o passar do tempo faz com que comece a pensar na morte e o ato requer outras atitudes de respeito e cuidado com animal que se tornará carne (CALDEIRA, 2021).

Além da faca carneadeira, existem outros diferentes tipos de faca que transitam entre os domínios da casa e do campo. Uma boa faca, *de bom corte e fio*, não é fácil de encontrar. Além disso, a escolha envolve aspectos como a beleza, o material do qual ela é feita, a durabilidade, a resistência e o conforto para as mãos de quem a maneja. Pode-se dizer que a faca “escolhe” o seu dono, passando a acompanhá-lo nos diferentes manejos. A “boa faca” é aquela que realiza com eficiência a ação ao qual ela foi destinada. Seja para cortar um arreio, em caso de acidente com o cavalo, seja para sangrar ou courear um animal, e até mesmo para cortar o churrasco, quando acionada, deve fazer um “*serviço bem feito*”. Nesse sentido, as “boas facas” são feitas pelos melhores artesãos cuteleiros, reconhecidos pelas habilidades manuais na confecção destas ferramentas cortantes. Considera-se que o cuteleiro artesão, por participar de todos os processos na feitura da faca, imprime uma qualidade diferenciada ao artefato. Além disso, a relação direta com consumidor faz com que se crie vínculos de confiança, pois o cuteleiro busca atender o seu gosto, bem como o consumidor tem a certeza de que foi feita para atender o desejo dele. Uma faca feita a mão é um artigo considerado “de luxo”, com qualidade superior às facas compradas em lojas, vistas como de qualidade duvidosa, embora muitas delas possam “surpreender” quem as adquire.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

<p>Agricultura de cercado</p>	<p>O cercado é um “espaço delimitado por uma cerca – geralmente utilizado na campanha para a lavoura” (SCHLEE, 2019a: 226). O “cercado” tem sua existência em função da presença de animais domésticos como galinhas, porcos, cavalos, bois, ovelhas e cabras, bem como animais asselvajados como javalis, lebres e preás. Por isso, o entorno é feito com cercas de arames, bambus e outros materiais.</p> <p>É o local onde se produz grãos, como o milho e o feijão, tubérculos como a batata-doce, a abóbora e a mandioca entre outros alimentos voltados para o consumo de humanos e de outros animais. De acordo com Dona Vanda, em Piratini, <i>“Feijão a gente planta. O milho a gente planta. A gente colhe abóbora e verduras. Então, a gente só compra coisas de mercado”</i>. Conforme Amilton Camargo, no Quilombo Corredor dos Munhós, em Lavras do Sul, as famílias plantam: <i>“milho, feijão, tudo que... hortaliça, tudo que é pra consumo próprio mesmo, pra subsistência mesmo, não é pra vendas (...). Tem lavoura de milho, mandioca, batata, é... Que a gente chama de produto de cercado. São as coisas, assim, mais grossas, pra alimentação mesmo. Produção de cercado que é mandioca, batata, essas coisas que a gente produz ali.”</i></p> <p>Tal riqueza de alimentos é fator de cobiça dos bichos que estão tanto no campo quanto no mato. Assim, além da cerca, colocam-se espantalhos, redes e outras estratégias para dificultar o acesso de bichos que a cerca não impede, tais como pássaros, ouriços, tatus. O animal doméstico que consegue cercar as barreiras e entrar no cercado é chamado de “chacareiro” ou “roceiro”. Nesse caso, uma das estratégias acionadas é o uso de <i>cangas</i> ou <i>cangalhas</i>, que dificultam ainda mais o acesso. Entretanto, nos casos em que estas estratégias não surtam efeitos, o animal deverá ser trocado de campo, ou mantido “a sogá”, que é ficar preso por uma corda, ou até mesmo ser vendido. Tanta cobiça se dá pelo fato de que, para além dos cultivos existentes, é o local onde os pastos estão verdes por não estarem sendo consumidos. Nesse sentido, o cercado é, também, uma reserva de pastos, os quais, após a retirada dos cultivos, serão liberados para consumo, principalmente dos animais “fracos”, que estão amamentando ou que precisam de um engorde mais rápido. A presença dos animais, por sua vez, alimenta e nutre a terra pelo esterco e pela urina, fazendo com que a mesma se renove para a próxima plantação.</p>
-------------------------------	---



Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>O cercado está, assim, emaranhado com as lidas caseiras e campeiras enquanto um fator de autonomia e vitalidade (DIAS, 2021). Cuidar da terra e receber dela os alimentos que nutrem os corpos de humanos e bichos constitui o movimento que dá vitalidade aos seres vivos e ao ambiente. Nesse emaranhado de relações estão envolvidos outros fatores, como a incidência da luz solar e das chuvas. Nos finais de tarde, quando o serviço na fazenda estava feito, Seu Beto descia do cavalo, colocava umas botas de borracha e se dirigia ao cercado. “<i>Eu venho para cá à tardinha. Venho, planto um pouco. No outro dia venho e planto mais um pouco. É pela própria natureza que a gente colhe aqui. Não tem remédio.</i>” Portanto, há uma relação de reciprocidade entre os humanos, os bichos e a terra, em que se trabalha, cuida e nutre a terra, que, por sua vez, produz alimentos em retribuição. Mas para retribuir, o solo tem que ser respeitado, ou seja, não receber “<i>remédios</i>” – defensivos químicos. Trabalha-se a terra ao passo que ela retribui com suas potencialidades, em um processo de “<i>negociação</i>” entre as necessidades de consumo e o que a terra pode oferecer (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997; LIMA, 2020).</p> <p>No cercado, chamado, por vezes, de “<i>roça</i>”, misturam-se diferentes cultivos e vidas, remetendo estes manejos às práticas agrícolas Guarani. Ao etnografar essas práticas na comunidade Guarani <i>Yyguá Porã</i>, às margens do Rio Camaquã, na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, a antropóloga Cristiane Feijó (2015), demonstra o quanto a organização destes espaços estão relacionados à cosmovisão desses povos, sendo a roça um entrecruzamento de relações e reciprocidades entre humanos, divindades e plantas-sementes. Tais relações, segue a autora, alimentam não somente os corpos, mas todo o mundo <i>Mbya</i> Guarani, envolvendo relações de trocas com os rios, com as matas, com os animais, com os minerais, com as sementes, etc, constituídos, por sua vez, pelos espíritos de seus “<i>donos</i>”, divindades do panteão Guarani. É assim que o cercado, ou a roça, operam como espaços de trocas de vitalidades que nutrem os corpos-espíritos dos modos de viver e habitar das populações tradicionais.</p>
Cultivo tradicional de erva-mate	<p>Historicamente, a exploração comercial da erva-mate (<i>Ilex paraguariensis</i> A. St. Hil.) foi responsável por um dos principais ciclos da economia brasileira, quando estimulou o surgimento e o desenvolvimento de diversas localidades na região Sul brasileira. O cultivo e a exportação de erva-mate foi essencial para a manutenção das reduções Guarani, desde o século 17, por meio do manejo dos</p>

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

	<p>ervais nativos na região platina. Atualmente, o cultivo dessa espécie ainda representa importante potencial econômico, sociocultural e ecológico à região. Conforme as pesquisas da Embrapa (PENTEADO JUNIOR; GOULART, 2019), a erva-mate é o principal produto florestal não madeireiro da economia na região Sul do Brasil. A espécie ocorre naturalmente nos estados do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, no sul do Mato Grosso do Sul e no extremo sul de São Paulo. Consumida na forma de chimarrão e de infusão, especialmente nos estados do Sul do país, a cada dia aumenta o interesse do mercado internacional pelas propriedades da erva-mate, como teor de cafeína, teobromina e saponina.</p> <p>Existe um amplo espaço para ocupar neste mercado, mas é possível, também, desenvolver novos produtos tendo a erva-mate como matéria-prima, como infusões, energéticos, cosméticos e produtos de limpeza. Crescem as oportunidades do mercado de erva-mate e melhorias no sistema de produção podem auxiliar o produtor a se tornar mais competitivo.</p> <p>A prática do cultivo e do manejo de erva-mate oferece, ainda, uma alternativa econômica entre grupos Guarani (Mbya), no Rio Grande do Sul, como foi possível visualizar na Terra Indígena Pacheca, em Camaquã, na Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, que realizada a produção tradicional.</p>
--	--

**14. Plantas, mapas e croquis**

--

**15. Documentos inventariados**

<b>15.1. Documentos escritos, desenhos e impressos em geral</b>
---

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 1: Tosquia a martelo.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora Flávia Rieth.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			



Imagem 2: Caminhos da lã.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora Flávia Rieth.



<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

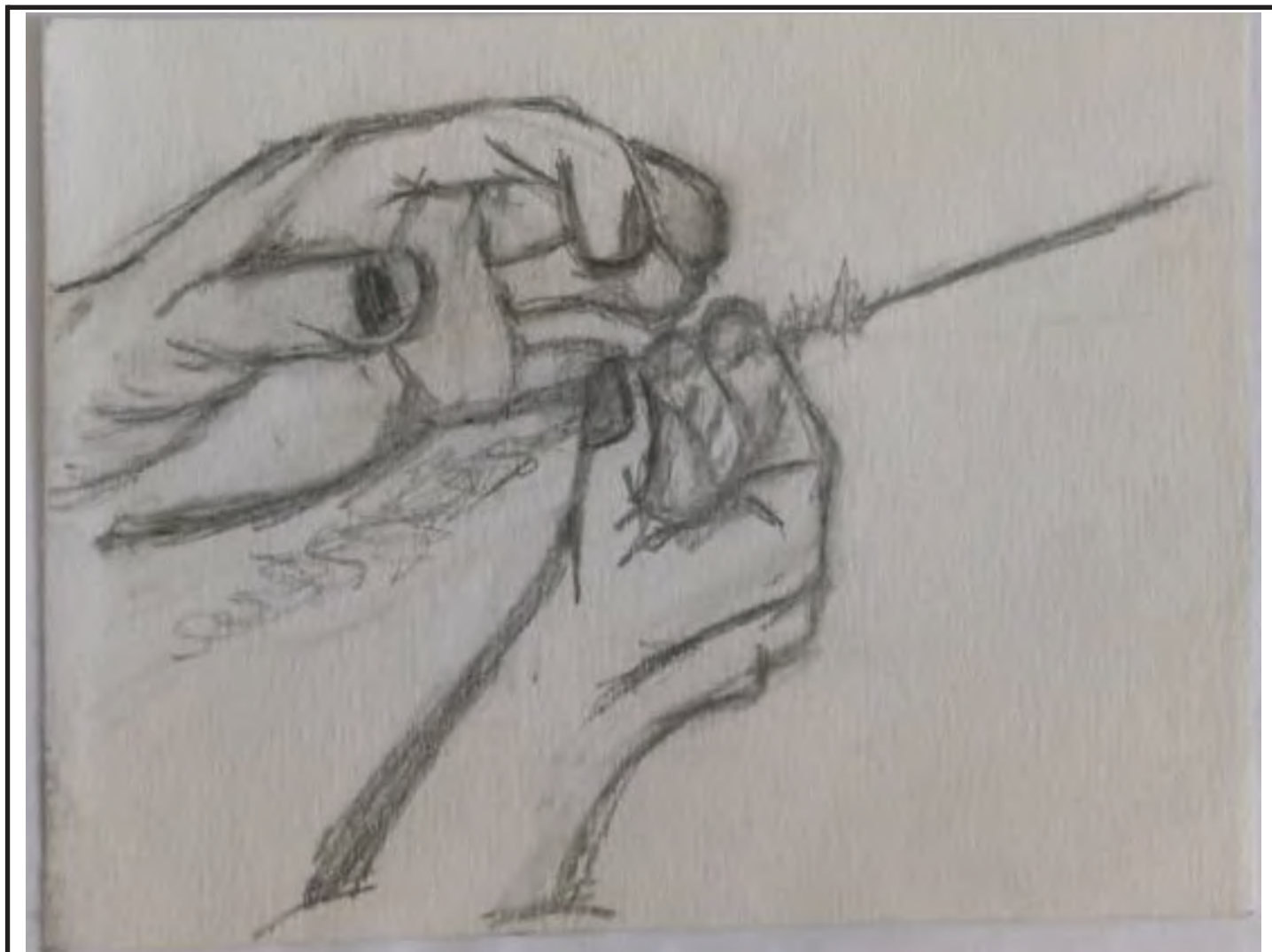


Imagem 3: Fazendo o fio.

Fonte: Acervo do INRC Lida Campeira. Autora Flávia Rieth.

**15.2. Registros sonoros e audiovisuais**

**15.3. Registros fotográficos**

Para mais informações sobre os Registros Fotográficos ver Ficha “Anexo: Registros Audiovisuais”.

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

## 16. Observações

### 16.1. Aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento

A pesquisa do INRC Lida Campeira identificou que a comercialização da lã é um tema carente de estudos que identifiquem com maior profundidade o sistema econômico e produtivo laneiro no Rio Grande do Sul, bem como sua relação com a região platina. Conforme a pesquisa, as cooperativas de lã adquirem uma parte da produção, que é comercializada no Uruguai, de onde parte para o mercado internacional, especialmente na China. Contudo, as pesquisas indicam que essa lã é exportada como lã uruguaia. Outro ponto que necessita ser refletido é a presença das barracas de lã que operam na região, sobre as quais existem dados esparsos e difusos. Destaca-se que alguns trabalhos que abordam a ovinocultura e o artesanato em lã refletem sobre aspectos dessas questões, porém, ainda são necessárias informações oficiais e sistematizadas, que lancem luz sobre a cadeia produtiva laneira, enquanto parte fundamental do bem cultural artesanato em lã.

### 16.2. Identificação de outros bens mencionados nesta ficha

O ofício do esquilador - A atividade compõe a *lida campeira*, executada pelo esquilador, juntamente a um grupo de trabalhadores organizados em “*comparsa*”. A *comparsa* é, geralmente, composta por esquilador, agarrador (encarregado de pegar a ovelha para a esquila), cancheiro (realiza a limpeza do ambiente), descascarreador (faz a limpeza das patas, barriga e traseira, as partes mais sujas do animal), atador do velo, levantador que alcança o velo para o embolsador que coloca a lã nos sacos e organiza os velos enfardados. Essa configuração, em relação ao número de integrantes, dá-se de acordo com o tamanho do rebanho a ser esquilado, ficando, em alguns casos, mais de uma função a cargo de uma mesma pessoa.

### 16.3. Outras observações

Em termos de recomendações relacionadas à salvaguarda da *lida campeira*, é indispensável considerar as transformações que vive a Pampa brasileira. Ocorre que, essa região, correspondente, em linhas gerais, ao quadrante sul do Rio Grande do Sul, vem se constituindo em uma nova fronteira agrícola em expansão, mediante a conversão de grandes extensões de campos naturais. O avanço das plantações de espécies florestais e, sobretudo, da soja, constitui a expressão mais saliente disso. Hoje a soja marca presença em quase toda a diversidade ambiental do estado, adentrando o coração do bioma Pampa, em tradicionais áreas anteriormente dedicadas à pecuária.

Portanto, nessa região, onde durante séculos a criação de bovinos e ovinos foi o carro chefe do setor agropecuário, a soja é, atualmente, a atividade preponderante na maior parte de seus municípios (IBGE, 2020). Algumas das poucas exceções ficam exatamente em municípios do Alto Camaquã, onde as contingências do meio geográfico impõem

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

limitações à agricultura intensiva e fazem confinar as áreas mais extensas e contínuas de campos nativos remanescentes do bioma Pampa. É nessa zona onde se concentram, em nítido caráter residual, os municípios nos quais a criação de bovinos e de ovinos ainda permanece como atividade agropecuária preponderante, como Pinheiro Machado e Caçapava do Sul, por exemplo.

Assim, singularidades seculares da Pampa, como é o caso da *lida campeira*, vão se tornando residuais como o próprio Pampa, frente à crescente conversão do bioma em áreas dedicadas à moderna agricultura. De modo que, hoje, quando esse processo se acelera a níveis inéditos, a diversidade “natural” do Pampa é substituída de vez por uma nova diversidade, definida agora pela especialização agrícola, distinguindo as paisagens da soja, do arroz, do fumo, do eucalipto, da mineração etc. e, residualmente, as da pecuária extensiva, onde ainda podem ser percebidas algumas expressões resilientes dessa antiga diversidade das relações entre paisagens e práticas de acordo com a diversidade da própria natureza local.

O Alto Camaquã, enquanto área de remanescentes, aparece como espécie de conservatório, também, de algumas dessas antigas singularidades. É assim que as velhas especificidades de lidar “*nas pedras*”, “*em campos lisos*” ou em “*campos dobrados*” encontram, em alguma medida, sua razão de ser. Trata-se de relíquias cuja existência, já residual, não se explica fora da, também, residual materialidade que as abriga: a da Pampa que remanesce por marginal, ou seja, cuja conservação é produto de seus próprios limites funcionais-produtivos para outras atividades que não a pastoril.

Podemos falar, nesse sentido, em um caráter de relicário dessas manchas de vegetação nativa, manifesto tanto no sentido etimológico da palavra, enquanto sinônimo de resto ou resíduo (remanescente da Pampa), quanto no sentido mais usual, enquanto local que abriga coisas valiosas, heranças. Um relicário, aliás, chama atenção para a indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre o tangível e o intangível, enfim, entre o ambiente e a vida que o anima, dado que um relicário (uma forma, um suporte) guarda relíquias (artefatos, saberes-fazeres, práticas, falas, jeitos etc.).

O reconhecimento institucional do Pampa como um dos biomas brasileiros pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se deu apenas em 2004, na esteira do processo de supressão, como um evidente sintoma reativo. Ocorre, no entanto, que as metamorfoses do Pampa não se amortizam pela dimensão ambiental, da perda de biodiversidade. Não se trata, somente, da substituição dos campos nativos por lavouras. Se trata da supressão de formas, mas, também, de conteúdo, de objetos, de relações sociais singulares, de natureza e de cultura. Trata-se da minguagem de espécies e de ecossistemas, bem como de componentes históricos, arqueológicos, paisagísticos e etnográficos. Por isso, se inicialmente o reconhecimento do Pampa veio através de uma abordagem, digamos, ecológica, de atenção, sobretudo, ao seu patrimônio “natural” e biológico, o momento atual aponta para a importância de outras de suas dimensões. O contexto mundial de crise e alertas ambientais que dá eco ao tema da biodiversidade, tem o seu

<b>Ficha de Identificação: Ofícios e Modos de Fazer</b>	RS	Alto Camaquã e Entorno	Bagé	2021	F60	5
			Caçapava do Sul Canguçu Encruzilhada do Sul Lavras do Sul Pinheiro Machado Piratini Santana da Boa Vista			

correspondente cultural que, frente à massificação das paisagens numa sociedade, cada vez mais, global, dá eco a um crescente apego cultural ao que é próprio e distintivo.

No mundo, as tendências globalizadoras geradoras de recursos genéricos e de caráter deslocalizável são confrontadas pela revitalização experimentada pelas identidades locais dos territórios, onde estão ancorados recursos patrimoniais específicos, de caráter singular e irrepetível (PÉREZ; SALINAS, 2008). Do esquecimento e da marginalidade, esses tipos de paisagens, lugares de trabalho e habitação, espaços de sociabilidades, de expressões orais e rituais singulares, passam agora, ainda que lentamente, a ser vistos como potenciais recursos identitários em que podem se apoiar, inclusive, processos de desenvolvimento (PÉREZ, 2008).

Ao se falar na Pampa remanescente, é oportuno falar na paisagem-vida pastoril remanescente. Seria dizer, além de um patrimônio “natural” ou biológico, estaríamos falando de um patrimônio territorial, em sentido amplo, e/ou um patrimônio agrário, em sentido estrito. Enquanto patrimônio territorial, seria falar na paisagem-vida pastoril como um legado de vidas sociais precedentes no devir histórico que reúnem elementos naturais e os acréscimos artificiais oriundos desse processo, e que se constitui em elemento de identidade social ao refletir, em sua fisionomia, os modos e condições de vida da sociedade que a moldou e a molda (VALCÁRCEL, 1998).

Já enquanto patrimônio agrário, seria chamar atenção para o legado relacionado, especificamente, à herança histórica da exploração agropecuária, no sentido trazido por Pérez (2008), neste caso, notadamente a da pecuária extensiva. Herança esta, manifesta tanto em sua face material, traduzida nos sistemas de objetos relacionados à produção, quanto em sua face etnográfica, expressa em ofícios, artefatos, identidades etc. Seria pensar a paisagem e a vida pastoril como testemunhas (i)materiais de uma atividade que faz parte da história da sociedade gaúcha e platina, cuja expressão pode ser encontrada em elementos como aperos, edificações, habitats, costumes, ofícios, rituais, tradições orais etc. (PÉREZ, 2008).

### 17. Identificação da Ficha

<b>Questionários analisados</b>	Ver item “3. Executantes”	
<b>Pesquisador(es)</b>	Andreia Nunes Sá Brito, Daiane Loreto de Vargas, Daniel Vaz Lima, Felipe Leindecker Montebiano, Flávia Rieth, Leonardo Sapucaia, Mateus Fernandes da Silva, Miriel Bilhalva Herrmann, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Supervisor</b>	Flávia Rieth, Vagner Barreto Rodrigues	
<b>Redator</b>	Miriel Bilhalva Herrmann	Data
<b>Responsável pelo inventário</b>	Flávia Rieth	12/2021